

LITERATURA PARA VESTIBULAR - FUVEST 2020

ANÁLISE E RESUMO DAS OBRAS

GERALDO CHACON

2019

APRESENTAÇÃO

Esta obra tem como principal finalidade apresentar, de modo condensado e organizado, informações que auxiliem estudantes na resolução das questões e testes das provas vestibulares.

Insistimos que nosso trabalho não substitua a leitura das obras originais, mas prepara o estudante para compreender melhor os textos originais. A leitura das obras originais é imprescindível, indispensável para quem pretende envolver-se no prazer das peripécias, na cumplicidade das emoções presentes nas narrativas e nos sentimentos profundos da poesia. Há obras, porém, que apresentam dificuldades para estudantes, assim como para os leitores comuns, notadamente esses que deixam a nossa literatura para dedicar-se aos romances estrangeiros da moda. Em ambos os casos, recomendamos que antes seja feita a leitura de nossos trabalhos, para que a leitura do original possa acontecer com mais facilidade. A leitura das obras originais é imprescindível pelo próprio prazer que se desfruta ao contato com uma obra de arte e porque estará melhor preparado para as provas e para a vida, aquele que o fizer.

É bom, também, lembrar que nosso trabalho não é apenas resumo, mas um guia de leitura, um roteiro comentado, com várias informações e esclarecimentos sobre o estilo do autor, da sua época e notas de vocabulário e de figuras de linguagem. É isso que tem despertado o interesse de vários professores e profissionais da área, de várias partes do país. Já recebemos comentários elogiosos e sugestões de professores de São Paulo, Rondônia, Amapá, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Goiás. Aproveitamos essas linhas para agradecer-lhes o apoio e pedir desculpas pelas imperfeições que este trabalho ainda apresenta. Gradativamente vamos procurar corrigi-las, esperando contar com suas sugestões e críticas.

Geraldo Chacon

Copyright ©by Geraldo Chacon 2019

Capa: Foto da capa: Chacon

Preparação de originais e diagramação: Geraldo Chacon

Revisão: Janice Rugani

SUMÁRIO

POEMAS ESCOLHIDOS DE GREGÓRIO DE MATOS	07
A RELÍQUIA	25
QUINCAS BORBA	37
O CORTIÇO.....	59
CLARO ENIGMA	77
ANGÚSTIA.....	89
SAGARANA.....	107
MAYOMBE	119
MINHA VIDA DE MENINA	145
QUADROS SINÓPTICOS :	
Barroco	24
Modernismo 2ª fase	76
Modernismo 3ª fase	162

POEMAS ESCOLHIDOS

de

Gregório de Matos Guerra



APRESENTAÇÃO

Gregório de Matos jamais publicou um livro ou uma página sequer e nem mesmo nos deixou manuscritos, mas mesmo assim, tornou-se o principal representante da poesia barroca no Brasil. Sua obra permaneceu inédita durante muito tempo, tendo sua fama ficado restrita à Bahia, onde os poemas circulavam em cópias manuscritas.

Como não há nenhum poema escrito e assinado por ele, ou seja, como não há qualquer texto autógrafo, nem estudos documentais que comprovem a autenticidade de suas composições, acredita-se que, entre os poemas até agora relacionados, notadamente os satíricos, encontram-se poemas de outros autores. Mereceu o apelido “Boca do Inferno” por causa de sua veia satírica, dotada de forte senso do pitoresco, de poderosa força crítica pessoal e social, caracterizando-se principalmente pela irreverência e obscenidade.

Além de fixar, de forma pessoal, a estética barroca, não fica preso aos moldes estabelecidos, rompendo os limites ou adaptando-os com sua tropicalidade, com sua sintaxe menos lusa e com seu linguajar popular, onde tanto podem entrar palavras indígenas, quanto africanas ou termos lusitanos alterados pelo falante mestiço. Na sua poesia lírica, usa o jogo de palavras para a pesquisa das emoções raras, a busca da unidade sob a diversidade. Encontra-se nela, também, o sentimento do pecado e o desejo de pecar, assim como o anseio pelo perdão.

PUBLICAÇÕES PÓSTUMAS

1829 – Primeira publicação de alguns poemas em antologia de Januário da Cunha Barbosa.

1881 – Sai a primeira coletânea de poemas satíricos.

1923 a 1933 – O restante da obra é publicado.

1967 – James Amado organiza e publica a melhor e mais completa coleção de sua poesia.

O BOCA DO INFERNO

Gregório de Matos Guerra nasceu na Bahia, mas fez seus estudos superiores em Portugal, onde se formou em Direito (1661) na cidade de Coimbra. Durante esse período, tomou conhecimento da poesia barroca de Gôngora e de Quevedo e já principiou a sua fama de poeta incômodo. Foi advogado em Lisboa, tendo se casado com a filha de um desembargador. Desempenhou a função de procurador da Bahia e juiz em Portugal, mas caiu em desgraça com o rei. Ou isso, ou a morte da esposa, ou a combinação das duas coisas, fez com que ele voltasse ao Brasil. Aqui, levou uma vida boêmia, de viola em punho, improvisando e cantando seus versos, advogando as poucas causas que lhe apareciam e vivendo com poucos recursos, porque tudo que herdara foi gasto numa vida de farras. Durante algum tempo, exerceu em Salvador, o cargo de vigário geral e tesoureiro-mor, mas perdeu de novo por causa de sua teimosia em não usar a batina.

O poeta adota uma vida andarilha e sem pouso certo, podendo estar um dia abrigado na casa de um religioso e outro na casa de uma prostituta ou de um senhor de engenho. É nesse período que desempenha seus dotes de violeiro, cantando modinhas e lundus para divertir seus seguidores na noite baiana. Seus versos correm de boca em boca, espalhando-se no tempo e no espaço através da tradição popular. Suas sátiras agridem a tudo e a todos, e aquelas dirigidas a altas autoridades culminaram por levá-lo ao degredo em Angola.

Em 1695, regressou do exílio, mas impedido de descer na Bahia, foi para Pernambuco, onde passou seus últimos dias, dependendo da hospitalidade e caridade de fazendeiros locais. Em 1696, seu espírito inquieto encontrou repouso.

* Antes de estudarmos seus poemas, torna-se necessário conhecer os traços da estética barroca; onde e quando surgiram seus principais traços estilísticos.

BARROCO

O *Levantamento da Cruz*, é uma pintura de Peter Paul Rubens, um dos mais exuberantes artistas barrocos. Nessa obra, podemos notar várias características barrocas como: tensão, dinamismo, dramaticidade, sinuosidade, complexidade e exagero.



CONTEXTO HISTÓRICO

O século XVII foi um período marcado por contestações e fanatismo, por insegurança e agitação. Ao movimento reformista, sucedeu-se a reação da Igreja Católica numa tentativa de conter a heresia protestante, gerando um fortalecimento da Santa Inquisição em toda a península ibérica. A Europa angustiava-se com problemas graves: Guerra dos Trinta Anos, luta entre burguesia mercantil e a velha aristocracia na Inglaterra. Como se isso não bastasse, a Inglaterra sofria ainda com os conflitos entre o puritanismo calvinista e o anglicanismo oficial, e o confronto entre o parlamento e o rei, levando à Guerra Civil e, em sequência, à ditadura de Cromwell.

Portugal, com a morte de D. Sebastião e ausência de um herdeiro português, viu-se constringido ao domínio espanhol. Os portugueses viviam num clima de desânimo, alimentando o mito de que seu rei não morrera, mas apenas perdera a memória, ficando perdido no deserto da África. A qualquer hora poderia voltar e reconduzir Portugal à glória. É o mito do Sebastianismo.

A Igreja Católica, através de seus sermões e de uma arte encomendada, ameaçava os fiéis com a morte e com o fogo do inferno. A Santa Inquisição investigava e prendia as pessoas suspeitas de heresia. Era normal a tortura, para arrancar as confissões almejadas, e a morte nos casos de culpabilidade comprovada. Para se ter uma ideia do que eram esses julgamentos é bom ver o filme *O Nome da Rosa* com base no livro homônimo de Umberto Eco.

Para melhor compreenderem o espírito que alimentava as pessoas dessa época, imaginem um homem que viveu culturalmente a experiência inovadora do século XVI, admirando o corpo, a vida na terra, a cultura racional e profana, sentindo-se importante, sendo constringido pela cultura religiosa do século XVII a voltar a viver e a pensar como na Idade Média: desprezo pelo corpo, valorização do sofrimento, medo da morte e do pecado, teocentrismo.

Por causa disso o homem agita-se entre esses dois polos a que pretende chegar, ou que deseja fundir: a recuperação de uma visão de mundo teocêntrica e medieval sem perder de todo certas conquistas do antropocentrismo renascentista. O homem barroco atira-se à lama para alcançar as estrelas e deseja agarrar a lua sem querer tirar os pés do solo.

Não nos pode espantar que o século XVII faça surgir um homem inseguro, desequilibrado, dominado pela desilusão, dúvida e ansiedade. Tudo nesse período trama contra a alegria de viver do Renascimento, tudo depõe contra aquele sentido de ordem e equilíbrio que tinha caracterizado a arte

do período anterior. Não nos pode espantar também o fato de que a arte barroca (século XVII) seja dinâmica, lúdica, sinuosa e rebuscada.

Para finalizar, gostaríamos de citar aqui a opinião de H. W. Janson, que não concorda com uma crença generalizada de que o Barroco seja o espírito da Contra-Reforma, já que ele vigorou também nos países protestantes. Para justificá-lo podemos exemplificar com o grande músico barroco J. S. Bach, que não é católico. Para Janson “Houve muitas interligações, mas não as entendemos ainda muito bem. E até que elas sejam evidentes, devemos encarar o estilo barroco como uma das várias características fundamentais (um Catolicismo revigorado, o Estado absolutista, o novo papel da Ciência) que distinguem o período de 1600/1750 do que acontecera antes.”

ORIGEM

Em virtude das polêmicas sobre o berço da estética barroca, preferimos transcrever o que diz Afrânio Coutinho em sua *Introdução à Literatura no Brasil*: “Segundo este último (Hatzfeld), é a Espanha a pátria do Barroco, dela se tendo difundido para o resto da Europa, a Itália em primeiro lugar, o que explica o fato de ter sido na Espanha, que a arte barroca se apresentou mais típica.”

Afrânio Coutinho registra ainda: “O fato de ter sido na Itália, na fase final de Miguel Ângelo (o Juízo Final é de 1541), que surgiram as primeiras manifestações barrocas, explica-se perfeitamente pela espanholização intensa por que passava a Itália sob o domínio ibérico. Leo Spitzer, a esse respeito, afirmou que o Barroco historicamente surgiu na Itália, mas foi preconcebido na Espanha.”

Podemos então concluir, resumidamente, que o espírito do barroco teve sua origem na Espanha, mas as primeiras manifestações estéticas conscientes ocorreram na Itália.

DATAS INICIAIS

Em Portugal, estabeleceu-se o ano de 1580 como início do Barroco. Esta data ficou marcada pela morte do maior escritor clássico, Camões, e também pela perda da autonomia de Portugal, que passou para o domínio espanhol.

No Brasil, aceita-se convencionalmente o ano de 1601, marcado pela publicação de *Prosopopeia* de Bento Teixeira, como o início do Barroco entre nós.

CARACTERÍSTICAS

O Barroco pode ser visto como uma tendência rebelde do Classicismo. Enquanto os artistas clássicos valorizavam a linha reta, o equilíbrio e a harmonia de formas, é frequente encontrarmos nas obras dos artistas barrocos a curva, o retorcimento, a exuberância de formas, a instabilidade, o desequilíbrio. Se em diversas criações do Classicismo podemos vislumbrar a expressão de uma euforia vital, de uma alegria de viver, não raro percebemos nos trabalhos barrocos a presença de uma angústia vital, de uma preocupação com a morte.

Na pintura, por exemplo, é muito comum a presença de uma caveira. Podemos encontrar ainda, roupas rasgadas ou frutas que começam a estragar-se, representando tudo isso a fragilidade da matéria, a efemeridade do corpo, que nada é perto da alma que é eterna e deve ser salva pela virtude. Essa insistência na transitoriedade, na passagem rápida do tempo, leva o homem do século XVII a um impasse, a um conflito, que gera tensão, mas que jamais se resolve satisfatoriamente. Ou o homem busca Deus e despreza totalmente os prazeres mundanos, para salvar sua alma (ascetismo), ou deixa de lado as proibições religiosas e busca satisfazer os prazeres da carne (hedonismo). Podemos encontrar as duas decisões na arte barroca, sendo um bom exemplo a poesia de Gregório de Matos que num poema convida a mulher a aproveitar a vida antes que o tempo passe (*carpe diem*), mas em outro pede perdão a Deus por ter pecado. Duas figuras de linguagem muito frequentes na literatura desse período são a **antítese** (jogo dos contrários) e a **hipérbole** (exagero), talvez por representarem bem esse conflito e essa tensão.

A sinuosidade das artes plásticas pode ser encontrada na literatura através da **inversão** constante dos termos da oração. O escritor do século XVII prefere sempre a ordem inversa ou indireta, mais coerente com a intensidade emocional, com um certo transtorno interior. Notem as frases que construímos no nosso cotidiano quando estamos apressados ou emocionalmente conturbados.

O escritor barroco em vez de dizer: “Fábio, a vaidade nesta vida é (como se fosse uma) rosa.” prefere empregar o hipérbato “É a vaidade, Fábio, nesta vida, rosa.”

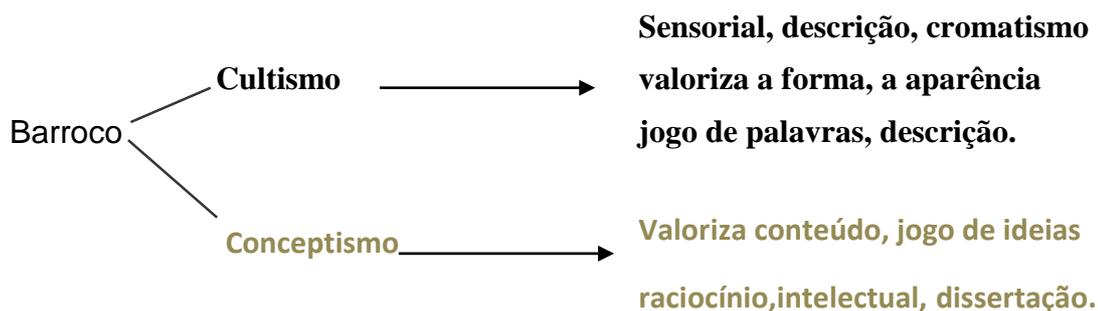
Outros traços estéticos que podemos encontrar nas produções barrocas são: religiosidade, subjetivismo, dramaticidade, dinamismo, vocabulário rico (exuberância) e abuso no emprego de figuras de linguagem.

DUALIDADE ESTILÍSTICA

O Barroco pode apresentar duas maneiras bem distintas de se expressar. Uma delas, valorizando o aspecto sensorial, tendo como características fundamentais o descritivismo plástico, a fartura de cores (policromia) e a preocupação exagerada com os pormenores.

A outra vertente dá realce à intelectualidade, tendo como principais aspectos o jogo de raciocínio, o interesse dissertativo, com o consequente emprego de argumentos. Ao primeiro dá-se o nome de **CULTISMO** ou **GONGORISMO**, pois seu fundador foi o poeta espanhol Gôngora. Ao segundo, chama-se **CONCEPTISMO** ou **QUEVEDISMO**, pois seu criador foi Quevedo, também escritor espanhol.

Não é raro que encontremos as duas linhas estéticas numa mesma obra. Por exemplo, em Vieira que é confessadamente conceptista podemos encontrar um jogo cultista e em poetas cultistas não é difícil depararmos com um jogo de ideias próprio do Conceptismo.



Leia os textos seguintes e procure identificar qual dos dois estilos predomina em cada um deles:

A UMA BELA CRUELDADE FORMOSA

Madrigal¹

A minha bela ingrata
 Cabelo de ouro tem, fronte de prata,
 De bronze o coração, de aço o peito;
 São os olhos luzentes,
 Por quem choro e suspiro,
 Desfeito em cinza, em lágrimas desfeito,
 Celestial safiro;
 Os **beijos**² são rubis, perlas os dentes,
 A lustrosa garganta
 De mármore polido,
 A mão de jaspe, de alabastro a planta;
 Que muito, pois, Cupido,
 Que tenha tal rigor tanta lindeza,
 As feições milagrosas,
 Para igualar desdéns a formosuras,
 De preciosos metais, pedras preciosas,
 E de duros metais, de pedras duras?

(Jerônimo Baia, em *Fênix Renascida*, 2a ed., 1746, vol.III, p.216, apud. Massaud Moisés p.165)

Soneto

Pequei, Senhor: mas não porque hei pecado,
 Da vossa Alta Piedade me despido:
 Antes, quanto mais tenho delinquido,
 Vos tenho a perdoar mais empenhado.

¹ Forma poética concisa exprimindo um pensamento galante e que em geral se destina a ser musicada; surgiu no sXIV no Norte da Itália e teve sua época de maior difusão no sXVI por toda a Europa

² A palavra beijo em lugar de lábio era normal e elegante, sendo assim empregada, pelo menos, até o século XVIII, pois a encontramos no poeta Gonzaga ao descrever sua amada.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma Ovelha perdida, já cobrada,
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, Ovelha desgarrada;
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa Ovelha a vossa glória.

(**Matos**, Gregório de, in *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial*. dir. de S. Buarque de Holanda, SP, Perspectiva, 1979, p.81)

PINTURA DE UMA BELEZA

Vês esse sol de luzes coroado?
Em pérolas a Aurora convertida?
Vês a Lua de estrelas guarneçada?
Vês o Céu de Planetas adorado?

O Céu deixemos: vês naquele prado
A Rosa com razão desvanecida?
A Açucena por alva presumida?
O Cravo por galã lisonjeado?

Deixa o prado; vem cá, minha adorada,
Vês desse mar a esfera cristalina
Em sucessivo aljôfar desatada?

Parece aos olhos ser de prata fina?
Vês tudo isto bem? pois tudo é nada
À vista do teu rosto, Caterina.

(in *Gregório de Matos* (estudo e antologia), de Maria de Lourdes Teixeira, Melhoramentos, SP, 1977, p.151)

* Fácil perceber que o primeiro e o terceiro poemas se concentram na descrição da beleza da mulher, mantendo-se por isso preso à preocupação com o visual, a descrição, ao passo que o segundo apresenta um raciocínio malandro, típico de quem pecou muito e, na hora de morrer, argumenta que deve ser salvo porque no livro sagrado está escrito que Deus vai sentir mais alegria por receber uma ovelha desgarrada do que pela que não saiu do rebanho.

Aproveitando a ocasião vamos comentar o terceiro texto. Trata-se de um soneto, construído com versos decassílabos, organizados em dois quartetos e dois tercetos, valendo-se do estilo cultista. O enaltecimento da beleza feminina é tema frequente da literatura lusa desde as cantigas de amor da Idade Média. O que é típico do estilo barroco é o emprego de certas comparações que se tornaram repetitivas: rosa, pérolas, cravos, sol.

INTRODUÇÃO À POESIA DE GREGÓRIO DE MATOS

Interessa-nos saber inicialmente o que é lírica e o que é lirismo. O termo vem do grego *lyra*, instrumento musical de corda que os antigos utilizavam para acompanhar-se em suas canções.

Na literatura, o termo lira foi utilizado para designar um tipo de estrofe de composição poética, provavelmente inventada pelo italiano Bernardo **Tasso**³. Na Antiguidade, portanto, versos e música nasciam juntos e assim coexistiram até a Idade Média. No Trovadorismo, ainda encontramos os poemas líricos, cantados pelos jograis e menestrelis, só que acompanhados de alaúde ou saltérios e não mais da lira. Apesar disso, continuam chamando-se “líricos”. Já no Humanismo, em Portugal, a poesia divorciou-se da música, e o Renascimento confirmou tal separação. Mesmo não mais sendo cantada, nem acompanhada por instrumento musical, continuamos a chamar de lírica aquela poesia marcada pelo “eu”, pelo subjetivismo. É, como bem a define o crítico Massaud **Moisés**⁴: “a poesia da confissão ou poesia da emoção. De onde o seu relativo alcance: através da confissão dos seus estados íntimos, o poeta comunica sentimentos acessíveis a toda a gente. Tal coincidência é que induz, erroneamente, a vislumbrar universalidade na poesia lírica”.

TEMÁTICA PREDOMINANTE

- *Carpe diem*, ou seja, aproveite o momento, o instante que passa.
- Exaltação da beleza da mulher amada.
- A fragilidade da vida humana, o seu caráter mortal, efêmero.
- Pedido de perdão a Deus pelas faltas cometidas.
- A inutilidade da vaidade.
- O amor a Deus e o desejo de fundir-se com Cristo.
- Crítica aos vícios e defeitos alheios.

ANTOLOGIA COMENTADA

A MARIA DOS POVOS, SUA FUTURA ESPOSA

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos e boca o Sol, e o dia:

Enquanto com gentil descortesia

³ Pai do poeta Torquato Tasso.

⁴ Recomendamos o estudo das páginas 305 a 310 do *Dicionário de Termos Literários*, da Ed. Cultrix.

O ar, que fresco Adônis te **namora**⁵,
Te espalha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo **trota** a **toda**⁶ a ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh não aguardes, que a madura idade,
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Criando sinuosidade com a sintaxe: Vejam na primeira estrofe como o artista barroco valoriza a curva, a complexidade. Vamos fazer três leituras desse quarteto, sendo a primeira para colocar em ordem direta para diminuir a sinuosidade, outra para colocar os termos elípticos e a última para esclarecer as metáforas.

1ª Discreta e formosíssima Maria, enquanto estamos vendo em tuas faces a qualquer hora a rosada Aurora, em teus olhos, o Sol, e boca, o dia.

2ª Discreta e formosíssima Maria, enquanto estamos vendo em tuas faces a qualquer hora a rosada Aurora, estamos vendo em teus olhos a qualquer hora o Sol, e estamos vendo em tua boca a qualquer hora o dia.

3ª Discreta e formosíssima Maria, enquanto estamos vendo em tuas faces a qualquer hora um avermelhado que nos faz lembrar o rosado da Aurora, estamos vendo em teus olhos a qualquer hora um brilho tão grande que faz lembrar o sol e em tua boca dentes tão claros que nos lembram a claridade do dia.

Comentários: Soneto lírico-amoroso de postura hedonista. O apaixonado convida a mulher amada a aproveitar o momento presente, em que é jovem e bela, pois o tempo extinguirá tudo isso. É a temática do *carpe diem*. Flor, no décimo primeiro verso, é metáfora de juventude e beleza. As pisadas do tempo podem ser interpretadas como as marcas da idade: rugas e cabelos brancos.

Pequei, Senhor

Pequei, Senhor: mas não porque hei pecado,
da vossa Alta Piedade me despido:
Antes, quanto mais tenho delinquido,
vos tenho a perdoar mais empenhado.

⁵ O ar que à semelhança de um Adônis, jovem grego arquétipo da beleza masculina, te namora.

⁶ Temos aqui um jogo aliterativo com o fonema consonantal “T”, tempo **trota** toda.

Se basta a vos irar tanto pecado,
a abrandar-vos sobeja um só gemido:
que a mesma culpa, que vos há ofendido,
vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma Ovelha perdida, já cobrada,
glória tal e prazer tão repentino
vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, Ovelha desgarrada;
cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
perder na vossa Ovelha a vossa glória.

Comentários: Soneto com versos decassílabos. Este poema se constrói todo sobre uma oposição básica **homem pecador X Deus bondoso**. Ovelha perdida é metáfora de pecador, pois o poeta tomou como ponto de partida para sua argumentação o texto bíblico em que Cristo diz que Deus terá maior alegria pela entrada no céu de um pecador convertido do que pela entrada de muitos cristãos que sempre andaram no bom caminho, explicando isso por meio da parábola do pastor que sente a mesma alegria ao recuperar uma ovelha que fugira do redil. A argumentação tem um jeito maroto, fazendo-nos lembrar de que ele era advogado.

A argumentação do poeta advogado, em causa própria, tem como base o seguinte silogismo:

Premissa maior - Senhor, vós sentis glória pela recuperação de uma alma perdida.

Premissa menor - Eu sou uma alma perdida.

Conclusão - Senhor, mantenha sua glória salvando-me.

Há toda uma postura de humildade do homem, ao pedir perdão, mas subjaz uma espécie de argumentação malandra, como se ele dissesse: “Agora, meu Deus, você não vai perder essa glória deixando-me ir para o inferno, não é?”.

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Que és terra Homem, e em terra hás de tornar-te,
Te lembra hoje Deus por sua Igreja,
De pó te faz espelho, em que se veja
A vil matéria, de que quis formar-te.

Lembra-te Deus, que és pó para humilhar-te,
E como o teu **baixel**⁷ sempre fraqueja
Nos mares da vaidade, onde peleja,
Te põe à vista a terra, onde salvar-te.

Alerta, alerta pois, que o vento berra,
E se assopra a vaidade, e incha o pano,
Na proa a terra tens, amaina, e **ferra**⁸.

⁷ O mesmo que barco.

⁸ Ferra está aí no sentido de lançar âncora, parar, ganhar segurança.

Todo o lenho mortal, **baixel humano**⁹
Se busca a salvação, tome hoje terra,
Que a terra de hoje é porto soberano.

Comentários: Na primeira quarta-feira depois do Carnaval, o cristão vai à missa e o sacerdote esfrega um pouco de cinza em sua testa. Esse gesto ritualístico marca o início da Quaresma, tempo de penitência, e simboliza a fragilidade do corpo, da matéria, da vida humana terrena, que um dia também vai se decompor e virar cinza. O soneto desenvolve poeticamente as palavras de alerta que os sacerdotes costumam dizer aos fiéis, na quarta-feira de cinzas. Esse poema é uma síntese do Sermão da quarta-feira de cinzas, do padre Antônio Vieira, orador português, contemporâneo de Gregório de Matos. A figura de linguagem fundamental que estrutura todo o texto é a metáfora “...és terra”. A metáfora consiste numa comparação implícita.

A CRISTO CRUCIFICADO ESTANDO O POETA NA ÚLTIMA HORA DE SUA VIDA.

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja lei protesto de viver,
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso, constante, firme, e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida **anoitecer**¹⁰,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai manso Cordeiro.

Mui grande é o vosso amor, e meu delito,
Porém pode ter fim todo o pecar,
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar.

Comentário: Esse soneto não emprega o raciocínio malandro que vimos em outro, mas como aquele envolve o desejo de ser perdoado, de se salvar, só que com atitude humilde e sincera. O que nos espanta é o que diz aí, como título, o organizador dos poemas, sobre o poema ter sido composto poucas horas antes do poeta falecer, como se ele tivesse podido estar presente na ocasião. Tudo é possível, mas muito pouco provável e menos ainda provado.

Vou propor ao leitor, principalmente se você for jovem, desses que adoram internet, uma pesquisa. Já ouvi ou li em algum lugar que Gregório de Matos, quando estava morrendo foi atendido por um padre que foi confessá-lo e esse padre saiu do lugar escorraçado pelo poeta, saiu assustado, de cabelo em pé. Pesquise, será lenda? Outra história que me ocorre à

⁹ Lenho e baixel, são metáforas do homem, enquanto corpo, portanto sujeito à passagem do tempo que conduz infalivelmente à morte.

¹⁰ Eufemismo de “vejo-me morrer”.

lembrança é de alguém explicando que realmente isso ocorreu, mas não que o poeta não quisesse confessar, mas o problema foi que esse padre escorraçado tinha demonstrado pouca inteligência e ou conhecimento. Como Gregório de Matos não suportava gente assim, botou-o para fora, mas confessou-se com o outro que ocorreu depois. Lembre-se sempre de que Gregório virou uma lenda e assim devemos considerar com cuidado tudo o que dissermos sobre ele.

É a vaidade, Fábio, nesta vida,

É a vaidade, Fábio, nesta vida, Rosa,
que da manhã **lisonjeada**¹¹,
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa¹² rompe, arrasta presumida.

É planta, que de abril favorecida,
Por mares de soberba desatada¹³,
Florida galeota empavesada,
Sulca **ufana**¹⁴, navega destemida.

É nau enfim, que em breve ligeireza,
Com presunção de **Fênix**¹⁵ generosa,
Galhardias apresta, alentos preza:

Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa
De que importa, se aguarda sem defesa
Penha¹⁶ a nau, **ferro**¹⁷ a planta, tarde a rosa?

Releitura e interpretação, buscando uma ordem mais direta:

1ª Mas de que importa ser planta, ser rosa, nau vistosa, se penha aguarda a nau sem defesa, ferro a planta, tarde a rosa.

2ª Mas de que importa ser planta se o ferro aguarda a planta sem defesa, Mas de que importa ser rosa se a tarde aguarda a rosa sem defesa, Mas de que importa ser nau vistosa, se a penha aguarda a nau sem defesa.

3ª De que importa a beleza ou a vaidade da rosa se ela murcha, da barca se naufraga, da planta se será cortada? Nau, rosa e planta são metáforas de vida, assim como penha, ferro e tarde simbolizam a morte. Interessante notar que nesse poema não encontramos antítese explícita, mas a base do poema é a antítese **vida X morte**.

¹¹ Lisonjeada pode ser entendido como elogiada, favorecida.

¹² Airosa está significando “cheia de ar”, “cheia de vida”, elegante.

¹³ Temos aqui um exemplo de hipérbole, figura de linguagem que se caracteriza pelo exagero.

¹⁴ Abre sulcos no mar com orgulho.

¹⁵ Ave mitológica que depois de morta e queimada, podia renascer das próprias cinzas.

¹⁶ Penha é o mesmo que pedra, aqui é metonímia de naufrágio. A pedra é a causa, e o naufrágio é a consequência, o efeito.

¹⁷ Ferro é a matéria-prima com que se faz o instrumento de corte: machado, foice etc. A planta está bonita, mas vem o machado e a corta, matando-a.

BUSCANDO A CRISTO

A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos,
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas cobertos,
Pois para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa, pra chamar-me.

A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.

Comentários: Como todos os demais poemas vistos até agora, este também é um soneto, poema de forma fixa, composto de 14 versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos. Quanto à métrica os versos são decassílabos. O esquema de rima utilizado foi ABBA, ABBA, CDC, DCD, recebendo a designação de “rimas interpoladas” as primeiras e as segundas de “rimas alternadas ou cruzadas”. A repetição sistemática de “A vós” no início de cada verso é uma figura de linguagem denominada anáfora. Observem também que o autor emprega o paralelismo sintático: “pregados pés”/ “cravos preciosos” // “quero unir-me” / “quero atar-me”.

Não se pode deixar de notar também o emprego de antíteses: “receber-me” « “castigar-me”, “estais abertos” « “estais cravados”, “perdoar-me” « “condenar-me”. Essa postura do homem como figura insignificante, humilde, perante um Deus poderoso, ao mesmo tempo terrível e generoso, capaz de perdoar os pecados do homem e livrá-lo do fogo eterno, pode ser vista como o resultado das pregações contra reformistas.

O REPOUSO DE SÍLVIA

À margem de uma fonte que corria,
Lira doce dos pássaros cantores,
A bela ocasião das minhas dores
Dormindo estava ao despertar do dia.

Mas como dorme Sílvia, não vestia
O céu seus horizontes de mil cores;
Dominava o silêncio sobre as flores,

Calava o mar e rio não se ouvia.

Não dão parabém à bela aurora
Flores canoras, pássaros fragrantés,
Nem seu âmbar respira a rica Flora.

Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,
Tudo a Sílvia festeja e tudo a adora:
Aves cheirosas, flores ressonantes.

Paráfrase do poema: Amanhecia e a minha amada, Sílvia, dormia à margem de uma fonte. Porque ela dormia, o céu não apresentava suas cores, nem o mar ou rio faziam ruído e havia silêncio sobre as flores, mas foi só Sílvia abrir os olhos para o mundo se encher de sons e cheiros, comemorando-a.

- Em “lira doce” encontramos sinestesia, figura de linguagem que consiste numa interpenetração do campo sensorial, ou uma confusão de nossos sentidos, pois lira é um elemento visual e tátil, enquanto doce é gustativo, ligado ao paladar.
- “A bela ocasião das minhas dores” é perífrase de amada.
- É frequente no Barroco o emprego de verso bimembre: “Aves cheirosas / flores ressonantes”; “Flores canoras / pássaros fragrantés”; “calava o mar / e o rio não se ouvia”.
- Notem que predomina o **hipérbato** (ordem inversa dos termos da oração): “dormindo estava” em vez de estava dormindo; “não vestia o céu”, em lugar de o céu não vestia; “Dominava o silêncio”; etc.
- “Os dois diamantes” é **metáfora** para os olhos da amada, em virtude de seu brilho. Essa é uma das mais desgastadas metáforas da estética barroca.
- Observem que os adjetivos estão trocados em “Flores canoras, pássaros **fragrantés**¹⁸” (as flores é que exalam fragrância e os pássaros é que são cantores) e em “Aves cheirosas, flores ressonantes”, provocando um estranhamento no leitor, gerando uma espécie de quiasmo. Esse jogo (ludicidade) é um traço característico do Barroco, notadamente do cultismo neste poema, por prevalecer a sensorialidade.

“Flores **canoras**”
X
“pássaros **fragrantés**”

Romance¹⁹ dedicado a uma crioulinha chamada Cipriana, por alcunha²⁰ - Supupema

Crioula da minha vida,
Supupema da minha alma,

¹⁸ Fragrante é o mesmo que cheirosa.

¹⁹ **Romance:** Composição poética de origem popular espanhola, de temática lírica ou histórica, geralmente em versos de sete sílabas, como esses do poeta baiano.

²⁰ **Alcinha:** É o mesmo que apelido, apodo.

bonita como umas flores
e alegre como umas páscoas.
Não sei que feitiço é este
que tens nessa linda cara,
a gracinha com que ris,
a esperteza com que falas.
O garbo com que te moves,
o **donaire**²¹ com que andas,
o asseio com que te vestes
e o **pico**²² com que te **amanhas**.²³
Tem-me tão enfeitado,
que a bom partido tomara
curar-me por tuas mãos,
sendo tu a que me matas.
Mas não te espante o remédio,
porque na víbora se acha
o veneno na cabeça,
de que se faz a **triaga**.²⁴
A tua cara é veneno
que me traz enfeitada
esta alma que por ti morre,
por ti morre, e nunca acaba.

Não acaba porque é justo
que passe as amargas **ânsias** ²⁵
de te ver zombar de mim,
que a ser morto não zombaras.
Tão infeliz sou contigo
que a fim de que te agradara
fora o Bagre e fora o Negro
que tinha as pernas inchadas.
Claro está que não sou negro,
que a sê-lo tu me buscaras;
nunca meu pai me fizera
branco de **cagucho**²⁶ e cara
Mas não deixes de querer-me
porque sou branco de **casta**,²⁷
que se me tens cativado
sou teu negro e teu **canalha**.²⁸

Comentário: É de se notar que, em função do tipo de destinatário ou receptor da mensagem, o poeta se vale de uma linguagem mais descontraída, mais “brasileira”, digamos. Mesmo assim, há uma elevação da mulher desejada à condição de musa, de beldade.

²¹ **Donaire:** O mesmo que elegância, graça. Pode significar também adorno ou enfeite.

²² **Pico:** Chiste, graça, malícia, sabor picante ou ácido.

²³ **Amanhar:** Cultivar, preparar, amaciar. É como se ele dissesse: “Você se arruma no maior pique!”

²⁴ **Triaga:** O mesmo que teriaga, remédio de composição complicada, empregado pelos antigos contra mordida de qualquer animal venenoso.

²⁵ **Ânsias:** Aflição, angústia, desejo ardente.

²⁶ **Cagucho:** Termo não dicionarizado. Nem o Google conhece.

²⁷ **Casta:** Subentende-se raça, camada social hereditária, cujos membros pertencem à mesma raça, profissão ou religião.

²⁸ **Canalha:** Gente vil, reles, infame, ralé. Parece-nos aqui que está mais no sentido de criado, submisso.

Soneto satírico contra o governador da Bahia.

Senhor Antão de Sousa de Meneses²⁹,
Quem sobe a alto lugar, que não merece,
Homem sobe, asno vai, burro parece,
Que o subir é desgraça muitas vezes.

A fortunilha autora de **entremezes**³⁰
Transpõe em burro o Herói, que indigno cresce.
Desanda a roda, e logo o homem desce,
Que é discreta a fortuna em seus reveses.

Homem (sei eu) que foi Vossenhoria,
Quando o pisava da fortuna a roda,
Burro foi ao subir tão alto clima.

Pois vá descendo do alto, onde jazia,
Verá, quanto melhor se lhe acomoda
Ser homem em baixo, do que burro em cima.

Candido, Antonio e J. Aderaldo Castello, *Presença da Literatura Brasileira*. SP: Dif. Europeia do Livro, 1971, I, p.82)

TORNA A DEFINIR O POETA OS MAUS MODOS DE OBRAR NA GOVERNANÇA DA BAHIA,
PRINCIPALMENTE NAQUELA UNIVERSAL FOME QUE PADECIA A CIDADE.

Que falta nesta cidade? ... Verdade.
Que mais por sua desonra? ... Honra.
Falta mais que se lhe ponha? ... Vergonha.
O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade, onde falta
Verdade, honra, vergonha.

Quem a pôs neste **socrócio**³¹? ... Negócio.
Quem causa tal perdição? ... Ambição.
E o maior desta loucura? ... Usura.
Notável desventura
De um povo néscio e sandeu,
Que não sabe que o perdeu
Negócio, ambição, usura.

Quais são meus doces objetos? ... Pretos.
Tem outros bens mais maciços? ... Mestiços.

²⁹ Em alguns livros esse verso aparece assim: Sôr Antônio de Sousa de Meneses”.

³⁰ Comédias praticadas por jograis da Idade Média. Pequena peça de teatro, burlesca e jocosa, de um só ato.

³¹ Socrócio – aperto, ambição; furto.

Quais destes lhe são mais gratos? ... Mulatos.
Dou ao Demo os insensatos,
Dou ao demo o povo asnal,
Que estima por cabedal
Pretos, mestiços, mulatos.

Quem faz os círios mesquinhos? ... Meirinhos.
Quem faz as farinhas tardas? ... Guardas.
Quem as tem nos aposentos? ... Sargentos.
Os **círios**³² lá vêm aos centos,
E a terra fica esfaimada,
porque os vão atravessando
Meirinhos, guardas, sargentos.

E que justiça a resguarda? ... Bastarda.
É grátis distribuída? ... Vendida.
Que tem, que a todos assusta? ... Injusta.
Valha-nos Deus, o que custa
O que El-Rei nos dá de graça,
Que anda a justiça na praça
Bastarda, vendida, injusta.

Que vai pela clerezia? ... **Simonia**³³.
E pelos membros da Igreja? ... Inveja.
Cuidei, que mais se lhe punha? ... **Unha**³⁴.
Sazonada **caramunha**³⁵!
Enfim, que na Santa Sé
O que se pratica, é
Simonia, inveja, unha.

E nos frades há **manqueiras**³⁶? ... Freiras.
Em que ocupam os serões? ... Sermões.
Não se ocupam em disputas? ... Putas.
Com palavras dissolutas
Me conluo na verdade,
Que as lidas todas de um frade
São freiras, sermões, e putas.

O açúcar já se acabou? ... Baixou.
E o dinheiro se extinguiu? ... Subiu.
Logo já convalesceu? ... Morreu.
À Bahia aconteceu
O que a um doente acontece:
Cai na cama, e o mal lhe cresce,
Baixou, subiu, e morreu.

³² Círios “ sacos de farinha (a grafia correta deveria ser sírios).

³³ Simonia - venda de coisas sagradas.

³⁴ Unha - roubalheira; avareza; tirania, opressão.

³⁵ Expressão ambígua e difícil; o que mais se aproxima é “reclamação ou queixa já antiga, madura”.

³⁶ Manqueiras - Vícios, defeitos; doença infecciosa no homem e em certos animais.

BARROCO: Era Clássica II

Predominante no século XVII.

Portugal: De 1580 a 1756.

Brasil: De 1601 a 1768.

CONTEXTO HISTÓRICO

1. De 1580 a 1640, Portugal perde autonomia e fica sob domínio espanhol.
2. A partir de 1640, inicia-se a Restauração, com a retomada do trono por D. João IV.
3. Forte influência do movimento contra-reformista.
4. Economia brasileira baseada na cultura da cana-de-açúcar.
5. Centro cultural da colônia: Bahia.

ORIGEM

Itália.

DATA INICIAL

Portugal: 1580 - Morte de Camões, domínio espanhol.

Brasil: 1601 - Publicação do poemeto épico *Prosopopeia*, de Bento Teixeira.

CARACTERÍSTICAS

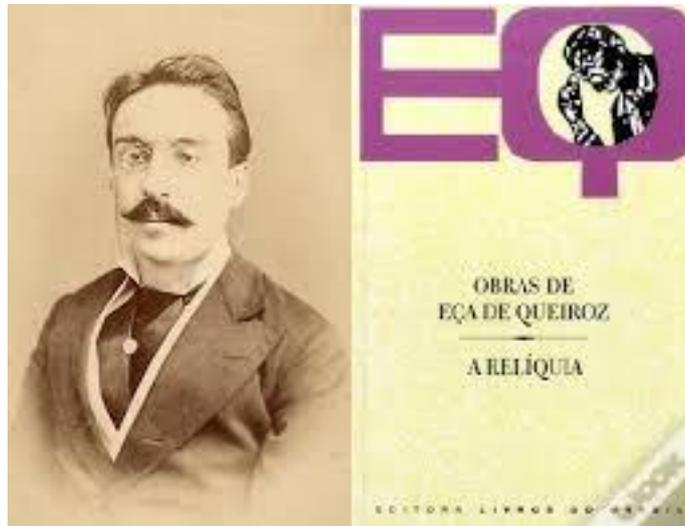
- Sentimento de brevidade ou efemeridade da vida.
- Preferência pelas curvas, formas retorcidas (hipérbato).
- Conflito: Teocentrismo medieval X Antropocentrismo renascentista (antítese).
- Religiosidade: sentimento de pecado e busca do perdão.
- Desequilíbrio, visão pessimista e desencantada da vida.
- Gosto pela metáfora e pelas repetições sistematizadas como anáfora, anadiplose e epizeuxe.
- Atração pela exuberância, pelo detalhismo, pelo ornamentalismo.
- Abuso no emprego de figuras de linguagem, principalmente da metáfora.

AUTORES E OBRAS

PORTUGAL: PADRE ANTÔNIO VIEIRA (1608/1697).

BRASIL: GREGÓRIO DE MATOS GUERRA (1633/1696) e MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA (1636/1711), *Música do Parnaso* (1705), primeira obra publicada em vida por autor nascido na colônia.

A RELÍQUIA



Eça de Queirós

APRESENTAÇÃO

O romance *A relíquia* não tem a virulência de *O crime do padre Amaro*, nem é tão bem construído quanto *A ilustre casa de Ramires*, mas é muito divertido. Nele a ironia corrosiva, sarcástica e bem-humorada alcança momentos hilários. Certa vez, influenciei um amigo, também professor, a ler essa obra e qual a minha surpresa, no dia seguinte, ao deparar com ele, a sós, dando risadas com a leitura das trapalhadas do Teodorico e beatices de sua tia.

O romance *A relíquia* pertence à segunda fase desse autor, caracterizada por uma ironia corrosiva, crítica, por uma mordacidade penetrante. O olhar devastador que Eça de Queirós lança sobre a vida de uma beata e sobre o clero é impiedoso, sem se tornar pesado e sério, mas caricato e divertido, funcionando mais como a ação de um cartunista.

ENREDO CONDENSADO

Decidi compor, nos vagares deste Verão, na minha quinta do Mosteiro (antigo solar dos condes de Lindoso), as memórias da minha Vida – que neste século, tão consumido pelas incertezas da Inteligência e tão angustiado pelos tormentos do Dinheiro, encerra, penso eu e pensa meu cunhado Crispim, uma lição lúcida e forte. (p.1491)

Assim, em primeira pessoa, apresenta o narrador Teodorico o seu relato. Recorda que em 1875, foi mandado, pela tia D. Patrocínio das Neves, do Campo de Sant'Ana, onde moravam, em uma viagem para Jerusalém, em romagem ou romaria. Diz que testemunhou miraculosamente escandalosos acontecimentos e que voltou, vendo ocorrer grandes mudanças em seus bens e moral. E é isso que pretende contar, por motivos puramente espirituais.

Comentário: O leitor pode apostar que aqui vai ironia e da grossa. É só lembrar-se de que o subtítulo da obra *O crime do padre Amaro* é “Cenas da vida devota”, mas o que se vê depois? São padres bebendo e comendo gulosamente e falando mal da vida alheia, são beatas mesquinhas ou cheias de luxúria. Agora, provavelmente, a romaria não será muito de rosários e sacrifícios.

O narrador compara as terras do Oriente com as de Portugal, que ganham em qualidade, porque, segundo ele: *Jerusalém é uma vila turca, com vielas andrajosas, acaçapadas entre muralhas cor de lodo, e fedendo ao sol sob o badalar de sinos tristes e o Jordão, fio de água barrento e peço³⁷ que se arrasta entre areais, nem pode ser comparado a esse claro e suave Lima que lá baixo, ao fundo do Mosteiro, banha as raízes dos meus amieiros³⁸...* (p. 1492)

Para quem deseja descrições da Terra Santa, ele aconselha que leia a obra JERUSALÉM PASSEADA E COMENTADA, do alemão Topsisius, que fez a peregrinação em sua companhia e sempre se refere a ele como o “ilustre fidalgo lusitano”.

Revela que Topsisius põe muitas mentiras em sua boca e que ele não se incomoda, mas pretende contestar uma delas só, a de que transportava dois embrulhos de papel durante toda a peregrinação, que, segundo o alemão, eram os ossos de seus antepassados.

Diz que deseja negar isso e contar a verdade, não pelo medo que possa ter da Igreja, mas pelo que possa pensar dele a Burguesia Liberal, pois *só da Burguesia Liberal, omnipresente e onnipotente, se alcançam, nestes tempos de semitismo e de capitalismo, as coisas boas da vida, desde os empregos nos bancos até as comendas da Conceição.* (p.1493)

Comentário: Temos aqui, já na introdução do relato, a visão crítica de Eça amalgamada com o seu estilo irônico.

Capítulo I

“Meu avô foi o padre Rufino da Conceição”, explica que sua avó era uma doceira e seu pai, também de nome Rufino, era afilhado de N. S. da Assunção. Em 1853, um ilustre bispo de Corazim (Galileia) veio à casa do cônego Pita, em Évora, onde seu pai costumava tocar violão. Expertamente seu pai fez publicar no jornal *Farol* uma crônica elogiando os sacerdotes. O bispo tomou-se de amizade por ele e isso aumentou quando soube de quem era filho. Deu-lhe um relógio de prata e conseguiu que fosse nomeado diretor da Alfândega de Viana.

Comenta o narrador que nascera em uma sexta-feira de Paixão, tendo sua mãe morrido no dia seguinte. Mais tarde, em uma noite de entrudo³⁹, morreu também seu pai e ele, com sete anos, foi viver na casa da tia Patrocínio, a quem chamam de Titi.

Apenas completei nove anos, a Titi mandou-me fazer camisas, um fato⁴⁰ de pano preto, e colocou-me, como interno, no colégio dos Isidoros, então em Santa Isabel. (p.1500)

No internato, o narrador faz amizade com Crispim, “filho da firma Teles, Crispim & Cia, donos da fábrica de fiação à Pampulha⁴¹”. Todo mês, a criada Vicência vinha buscá-lo para passar um domingo com a Titi. Ao seguir para o Campo de Sant’Ana, onde moravam, desciam pelo Chiado. Aí, o narrador sempre parava em frente a uma

³⁷ Mal que faz definhar os vegetais. Na frase, peço está empregado metaforicamente para significar um rio pobre, reduzido, sentido esse que é reforçado pela expressão “se arrasta”.

³⁸ Árvore ornamental, da família das betuláceas.

³⁹ Era uma festa popular que se realizava três dias antes da quaresma. Origem do nosso carnaval.

⁴⁰ Roupas, veste, vestuário.

⁴¹ Metonímia, com forte dose de ironia crítica, pois o menino é filho dos donos da firma e não da firma, é claro. A linguagem figurada tem a função de denunciar que a importância da pessoa está mais na sua condição socioeconômica do que em seus próprios valores.

loja para admirar um quadro que apresentava uma *mulher loura, com os peitos nus, recostada numa pele de tigre, e sustentando na ponta dos dedos, mais finos que os do Crispim, um pesado fio de pérolas.* (p.1501)

Em casa, a Titi perguntava pelos conhecimentos de religião e o obrigava a rezar as orações e dizer os mandamentos. Era comum, aos domingos, a presença de dois padres, que sempre vinham jantar: o padre Casimiro, de cabelo encaracolado, procurador da Titi; padre Pinheiro, moreno e triste, que sempre ficava ao espelho examinando a língua como para ver se tinha alguma doença. Ao ser levado para o colégio, pela criada Vicência, ouvia dela que a Titi a tinha tirado da Misericórdia, que a Titi era doente do fígado e que tinha muitas moedas de ouro numa bolsa de seda verde, além de grossa herança que lhe deixara o comendador Godinho, tio dela e de sua mãe. Sozinho, no colégio, à noite, pensava nos braços gordos e brancos de Vicência.

Um dia, ofendido por um rapaz, brigou, surrando-o. *Fui temido. Fumei cigarros. O Crispim saíra dos Isidoros; eu ambicionava saber jogar a espada. E o meu alto amor pela Vicência desapareceu um dia, insensivelmente, como uma flor que se perde na rua.* (p.1502)

Passam-se os anos. O rapaz vai continuar seus estudos em Coimbra. A Titi fornece-lhe um papel com a oração de S. Luís Gonzaga, para conservar a pureza e a castidade. A vida na hospedagem das Pimentas, no entanto, faz com que o narrador conheça as delícias da vida e deixe de lado a oração de S. Luís. Embora viva na farra, o homem feito e barbudo, que foi apelidado de Raposão, escreve a cada quinze dias uma carta humilde e piedosa, em que fala da severidade dos seus estudos, dos seus jejuns e orações e outras mentiras. Por isso, quando ia passar o verão com a Titi, em Lisboa, o narrador sofria ao ter que fazer muitas orações, deixar de fumar e ficar fechado em casa. Os padres continuavam aparecendo aos domingos, agora com mais uma companhia, o Margaride, ex-delegado e juiz, que se aposentara, rico por morte de seu mano Abel. Era um homem corpulento e solene, já calvo, com um carão lívido, onde se destacavam as sobranceiras cerradas, densas e negras como carvão. Margaride elogiava o rapaz, despertando sua simpatia. Ambos saíram a passeio, num dia de agosto, e o Margaride apresentou ao narrador um seu parente afastado, primo do comendador Godinho. Chamava-se Xavier e vivia num casebre, na Rua da Fé, com uma espanhola, Cármen, com quem tinha três filhos. Certo dia, o narrador vai visitá-los e fica impressionado com a pobreza em que vivem. Xavier, a escarrar sangue, pede ao narrador para interceder por ele junto a Titi: *Tu é que lhe devias falar, Teodorico! Tu é que lhe devias dizer... Olha para essas crianças. Nem meias têm...*(p.1504)

Teodorico, porém, não encontra coragem de pedir nada. Xavier, então, põe no jornal um anúncio, pedindo esmola, e assina Xavier Godinho, para ver se a velha faz alguma coisa. Quando lê no jornal, a Titi diz ao narrador: “Que se aguente... Cá para mim, homem perdido com saias, homem que anda atrás de saias, acabou... Não tem o perdão de Deus, nem tem o **meu!**”⁴² Tal declaração deixa o narrador aterrado a tal ponto que, logo que pode, corre ao seu quarto e pega “a carta deliciosa da Teresa, a fita que conservara o aroma da sua pele, e a sua fotografia”, deitando fogo a tudo.

Certo dia, Teodorico encontra na rua um dos seus colegas de farra, o Silvério, apelidado Rinchão, que o convida a ir até a casa de uma sua amiga, Ernestina. Ele vai e lá fica conhecendo Adélia, que tinha *braços tão brancos e macios, que entre eles a morte mesma deveria ser deleitosa.* (p.1507) Adélia faz-lhe cócegas ao pescoço e o beija na boca. O tempo passa e Teodorico chega tarde para o chá em casa de Titi, que se encontra furiosa: “Quem quiser viver aqui há-de estar às horas que eu marco! Lá deboches e porcarias, não, enquanto eu for vivia! E quem não lhe agrada, rua!” Olhando para as pratas do comendador, em que estava servido o chá, pensou o narrador que não podia desagradar à rica Titi. “Por isso, mais tarde, quando ela penetrou no oratório para cumprir o terço, já eu lá estava, de rojo, gemendo, martelando o peito, e suplicando ao cristo de **ouro**⁴³ que me perdoasse ter ofendido a Titi”.

Submetendo-se sempre, o narrador consegue terminar os estudos e formar-se em Direito. Para premiá-lo, a Titi compra-lhe uma égua e dá permissão para que possa sair e ficar na rua até nove e meia, e, mais tarde, como ele se comporta bem, estende esse privilégio até onze horas, quando ela fecha as portas e reza o terço. Teodorico, no entanto, mal se vê fora de casa, corre ao jogo ou aos braços de Adélia, que agora é mantida pelo rico comerciante Eleutério Serra. Sabe, no entanto, que deve esconder toda e qualquer aventura de sua Titi,

⁴² Essa declaração deixa evidente que a rica e mesquinha tia não vai ajudar ninguém e pode deixar de proteger o Teodorico, motivo que o leva a reforçar seu comportamento bajulador e aviltante.

⁴³ A especificação do material de que é feito o Cristo evidencia o caráter falso e hipócrita da relação da tia com a religiosidade.

para quem o amor é coisa suja: *E quase achava a Natureza obscena por ter criado dois sexos.* (p.1512) *Por isso agora as minhas precauções eram tão apuradas que, para evitar me ficasse na roupa ou na pele o delicioso cheiro da Adélia, eu trazia na algibeira bocados soltos de incenso com que se purificava, antes de entrar em casa, levando a velha a farejar regalada: Jesus, que rico cheirinho a igreja!* (p.1513)

Certo dia, em que estava a caminho dos braços de Adélia, Teodorico teve a infelicidade de encontrar-se casualmente com Dr. Margaride. Precisou mudar seus planos e acompanhar o aposentado, através de quem fica sabendo, ao conversar, que ele tem um rival no testamento da Titi, Jesus Cristo. Antes do sobrinho conquistá-la, ela havia decidido a deixar toda a sua herança para irmandades de sua simpatia e padres de sua devoção. Teodorico resolve lutar pela sua herança, indignado: *Pois quê! Não bastavam ao Senhor os seus tesouros incontáveis; as sombrias catedrais de mármore, que atulham a Terra e a entristecem; as inscrições, os papéis de crédito que a piedade humana constantemente averba em seu nome...?* (p.1517) Como estratégia, estabelece o plano de adorar a Cristo e sua chaga de tal modo que à Titi não consiga saber se tem mais mérito o sofrimento de Jesus ou a adoração do sobrinho. Já, nesse mesmo dia, para impressioná-la, entra de rastros no oratório, gemendo e chorando, preocupado com a salvação de sua alma. Ela fica muda, impressionada. Ele, deixa-se ficar coçando os joelhos e pensando nas mulheres que teria, tão logo a tia morresse e lhe viesse às mãos todo seu dinheiro.

Em parte, porque Teodorico chega cansado de tanta peregrinação pelas igrejas, em parte porque a fortuna da tia demora a lhe cair no bolso, Adélia deixa de ser a amante carinhosa. E, certo dia, o narrador a surpreende com outro rapaz, Adelino, que ela explica ser seu sobrinho. Adélia pede ao narrador oito libras de ouro e ele fica desesperado, pois a velha não lhe daria tanto dinheiro. Felizmente, ele vê Justino, o tabelião da Titi, sair sorrateiro de uma rua suspeita. Procura-o e insinua que o viu perto do Largo dos Caldas, onde mora um seu amigo doente em estado de miséria. Pede o dinheiro e diz que é para ajudar o coitado. Justino, pálido e aterrorizado, dá-lhe o dinheiro. Dias depois, Mariana, criada de Adélia procura o narrador e diz que Adelino é o novo amante querido de sua patroa. O dinheiro que Teodorico teve de arrumar era para comprar roupa para o rapaz e para se divertirem. Duas vezes tenta conversar com a amante, mas ela não o atende. Na última, Adelino atende à janela e quando informa de quem se trata, Adélia grita com furor lá do fundo: “Atira-lhe para cima dos lombos o balde de água suja!” É o fim do relacionamento.

No fim de setembro, Teodorico encontra-se com seu amigo Silvério, o Rinchão, e morre de inveja ouvindo suas histórias de aventuras amorosas em Paris. Passa o narrador a sonhar com uma viagem a Paris, mas o passeio que se lhe apresenta é para outras terras. Um dia a velha tia comunica: *Teodorico! Tenho estado aqui a consultar com o Senhor Padre Casimiro. E estou decidida a que alguém que me pertença, e que seja do meu sangue, vá fazer por minha intenção uma peregrinação à Terra Santa...* (p.1528)

Inicialmente, o rapaz ficou aborrecido por ir a lugares ermos e sem atrativos para ele, mas logo mudou sua disposição ao pensar que teria que passar por lugares civilizados e cheios de mulheres antes de lá chegar, para buscar uma relíquia para Titi. Finalmente, chega o dia de partir, uma manhã de domingo, 6 de setembro. A tia estende-lhe a mão magra e lívida, a que ele dá um beijo baboso, embora sua vontade seja dar-lhe uma boa mordida.

Capítulo II

*Foi num domingo e dia de S. Jerônimo que meus pés latinos pisaram, enfim, no cais de Alexandria, a terra do Oriente, sensual e religiosa*⁴⁴. (p.1534)

Desce também Topsisius, ilustre doutor alemão, que louva o Egito e invoca o deus Ftás. Topsisius era um tipo espigado, magro e pernudo, de nariz agudo e pensativo, parecia uma cegonha, com óculos de ouro na ponta do bico. Chegando ao Hotel das Pirâmides, Teodorico conhece Alpedrinha, português infeliz, que de desgraça em desgraça acabou seus dias no Egito como carregador de bagagens. Em pouco tempo, Teodorico, por indicação de Alpedrinha, conhece uma mulher de olhos azuis-claros, cabelos crespos. *Por causa de sua meiguice e do seu riso de ouro, quando lhe fazia cócegas, eu pusera-lhe o nome galante e cacarejante de Maricoquinhas. (...) E só para não me afastar do calor das suas saias, eu renunciei a ver o Cairo, o Nilo, e a eterna Esfinge, deitada à porta do deserto, sorrindo da Humanidade vã...* (p.1538)

⁴⁴ Paradoxo, pois condensa duas declarações antagônicas, já que a ideia de terra religiosa deveria excluir a de sensualidade, pelo menos na visão católica.

Chega o dia de partir para Jerusalém e a Maricoquinhas dá sua camisa de rendas ao narrador: “Dou-ta, Teodorico! Leva-a, Teodorico! Ainda está amarrotada da nossa ternura!... Leva-a para dormires com ela a teu lado, como se fosse comigo... Espera, espera ainda, amor! Quero pôr-lhe uma palavra, uma dedicatória!” Ela corre à mesa, pega papel e escreve: “Ao meu Teodorico, meu portuguesinho possante, em lembrança do muito que gozamos!” Como o narrador não sabe onde colocar tal presente, Alpedrinha tem a ideia de pegar um papel pardo e fazer um leve embrulho que Teodorico leva apertado ao peito.

Teodorico tem um sonho em que se misturam as imagens de Adélia e de Mary (a Maricoquinhas) e em que lhe aparece o Diabo: “Depois o Diabo contava-me como brilhavam, doces e belas, na Grécia, as religiões da Natureza. Aí tudo era branco, polido, puro, luminoso e sereno: uma harmonia saía das formas dos mármore, da constituição das cidades, da eloquência das academias e das destrezas dos atletas: por entre as ilhas da **Iónia**⁴⁵, flutuando na moleza do mar mudo como cestas de flores, as Nereidas dependuravam-se da borda dos navios para ouvir as histórias dos viajantes; as musas, de pé, cantavam pelos vales; e a beleza de Vénus era como uma condensação da beleza da Helénia.

Mas aparecera este carpinteiro de Galileia – e logo tudo acabara! A face humana tornava-se para sempre pálida, cheia de mortificação: uma cruz escura, esmagando a Terra, secava o esplendor das rosas, tirava o sabor aos beijos: – e era grata ao deus novo a fealdade das formas. (p.1545) Quando em seu sonho é apanhado pela Titi em Campo de Sant’Ana em companhia do Diabo, Teodorico é acordado por Topsisius para avisar que estão chegando a Jafa, na Palestina. Chegam a Jerusalém e Teodorico reclama que a cidade é pior do que Braga, em Portugal, por não ter qualquer diversão. Topsisius propõe que no domingo partam para as margens do Jordão, onde pretende fazer estudos sobre Herodes.

Teodorico chega ao refeitório do Hotel do Mediterrâneo e fica maravilhado com uma branca e sardenta mulher, que é comparada à fortíssima deusa Cibele por Topsisius. Ao lado dela sentou-se um pesado sujeito calvo e de barbas grisalhas, a quem logo o narrador chamou de Hércules. Após o café a mulher beijou a mão cabeluda do barbaça e desapareceu levando consigo o aroma, a luz e a alegria de Jerusalém. Pouco depois, Teodorico descobre que o Hércules é um escocês, negociante de curtumes. A moça, sua filha, chamava-se Ruby, nome radiante de pedra preciosa, rubi.

Visitando os lugares sagrados, Teodorico aborrece-se com o exagero de pessoas vendendo relíquias e lembranças. Um de seus espantos ocorre ao encontrar, no “santuário sublime onde a Cristandade guarda o túmulo do seu Cristo”, três turcos barbudos e graves a escarrar pelo chão. Pote, seu guia, informa que são soldados muçulmanos policiando os altares cristãos, para impedir que os fanáticos cristãos de várias vertentes se dilacerem. O narrador comenta: *Então saudei com gratidão esses soldados de Maomet que, para manter o recolhimento piedoso em torno de Cristo morto, serenos e armados velam à porta, fumando*⁴⁶. (p.1562)

No segundo dia, Topsisius foi peregrinar no monte das Oliveiras e Teodorico, por se sentir dolorido e não poder montar a cavalo, ficou no hotel. Pote leva Teodorico para ver *A Rosa de Jericó* executar a famosa dança da *Abelha*, mas são informados pela gorda Fatmé que a moça havia sido requisitada para dançar para o príncipe louro que viera do país dos germanos. Para compensar, ela promete que virá uma branca circassiana, mais airosa que os lírios que nascem em Galgala. Vem a mulher e o narrador confessa: “Espreguicei-me, tímido de desejo”. Mas ao levantar o véu que lhe cobre o rosto, a figura que se vê é *um carão cor de gesso, escaveirado e narigudo, com um olho vesgo, e dentes podres que negrejavam no langor néscio do sorriso... Pote pulou do divã, injuriando Fatmé: ela gritava por Alá, batendo nos seios, que soavam molemente como odres mal cheios.* (p.1557)

Teodorico volta ao hotel, morrendo já de saudades de sua terra, onde poderia ter melhor sorte com as mulheres. Senta-se e escreve para sua tia uma mentirosa carta, em que fala de suas orações e peregrinações.

No outro dia cedo, partiram para o Jordão. No caminho, Topsisius conta-lhe a história de Herodíades e S. João Batista. Teodorico banha-se nas águas do Jordão: *Ao princípio, enleado de emoção beata, pisei a areia reverentemente como se fosse o tapete dum altar-mor (...). Depois ri, aproveitei aquela bucólica banheira entre árvores; Pote atirou-me a minha esponja; e ensaboei-me nas águas sagradas, trauteando o fado da Adélia.* (p.1565)

⁴⁵ Nesta, como em outras palavras, mantivemos a grafia lusitana original, como estava no texto consultado.

⁴⁶ Como sempre, a fina ironia de Eça de Queirós se faz presente no discurso do narrador.

No domingo, Topsisius parte a estudar as ruínas de Jericó, enquanto Teodorico fica preguiçosamente à porta da tenda, tomando café. O narrador depara com uma árvore de espinhos que lhe atrai a atenção e pensa levar dela um pedaço, oferecendo-o à tia como relíquia. Mas logo, foi assaltado por um medo de que aquilo pudesse ter algum tipo de virtude transcendente e inesperadamente produzir na velha uma melhora do fígado. Não, pois ele sente que só começará a viver, quando a velha começasse a morrer. Topsisius, finalmente, argumenta que a coroa de espinhos de Cristo foi feita de uma outra planta que não aquela robusta árvore, convencendo Teodorico a levar o ramo que havia pensado. *Falara o alto saber germânico! Puxei o meu navalhão sevilhano, decepei um dos galhos. E (...) eu recolhi às tendas, em triunfo, com a minha preciosidade.* (p.1569) Pote trança o galho, dando-lhe a forma exata da coroa de Cristo e o embrulha num pacote de papel pardo.

Capítulo III

Topsisius acorda Teodorico Raposo no meio da noite e convida-o a fazer a santa Páscoa na casa de Gamaliel, que é amigo de Hilel, e um amigo seu. Pela madrugada, quando já se aproximavam de Betânia, depararam com soldados romanos, desses que aparecem nas gravuras da Paixão. Gente alegre passava correndo para os lados da verde estrada que sobe de Betânia. Alguém grita que já está vindo a caravana da Galileia. Passa toda uma multidão de peregrinos, alguns levam doentes cujos olhos procuravam ansiosamente as muralhas da Cidade Santa, onde todo o mal se cura.

Chegam à casa de Gamaliel, que os recebe hospitaleiramente. Três outros hóspedes discutem sobre a improvável castidade de Cristo e sobre os milagres que ele realizou. Um deles, Gad, defende o Senhor, enquanto os outros dois sempre criticam e atacam: *...quando Rabi Jeschoua, desprezando a Lei, dá à mulher adúltera um perdão que tanto cativa os simples, cede à frouxidão da sua moral e não à abundância da sua misericórdia.* (p.1586)

Só no final do debate, esclarecido por Topsisius, é que Teodorico fica sabendo que o Rabi Jexua é o mesmo Jesus de sua religião. Nisso, chega um escravo e diz a Gamaliel: “Amo, o Rabi está no Pretório!” Seguem todos para o Pretório, onde a multidão comprimia-se. O narrador vê um magistrado e indaga a Topsisius de quem se trata. O germano informa: “Um certo Pôncio, chamado Pilatos, que foi prefeito em Batávia”.

Quando, finalmente, vê **Jesus**⁴⁷, espanta-se Teodorico por não sentir êxtase, nem terror. *Jesus estava de pé, com as mãos cruzadas e frouxamente ligadas por uma corda que rojava no chão. Um largo albornoz de lã grossa, em riscas pardas, orlado de franjas azuis, cobria-o até aos pés, calçados de sandálias já gastas pelos caminhos do deserto e atadas com correias.* (p.1593)

Depois que tudo cessa, os levitas se afastam, e até Gamaliel desaparece, ficando apenas no pátio uma porção de mulheres. O narrador admira aquelas filhas de Jerusalém, cheias de graça e morenas.

Foi necessário que o alemão o arrastasse dali, quase à força, para o conduzir ao Calvário. Revivem todo o martírio. Quando tudo termina, Topsisius diz: – *Teodorico, a noite termina, vamos partir de Jerusalém!... A nossa jornada ao Passado acabou... A lenda inicial do Cristianismo está feita, vai findar o mundo antigo! Eu considereei, assombrado e arrepiado, o douto historiador. Os seus cabelos ondeavam agitados por um vento de inspiração. E o que levemente saía dos seus finos lábios retumbava, terrível e enorme, caindo sobre o meu coração:*

– *Depois de amanhã, quando acabar o Sabat, as mulheres de Galileia voltarão ao sepulcro de José de Ramatha, onde deixaram Jesus sepultado... E encontram-no aberto, encontram-no vazio!... Desapareceu, não está aqui!... Então Maria de Magdala, crente e apaixonada, irá gritar por Jerusalém – ‘ressuscitou, ressuscitou!’ E assim o amor de uma mulher muda a face do mundo, e dá uma religião mais à humanidade!”* (p.1631)

Os dois partem a cavalo. Teodorico alegra-se de poder voltar à sua individualidade e ao seu século.

⁴⁷ O narrador apresenta os fatos sempre como se fosse uma realidade e não uma representação, uma teatralização.

Capítulo IV

Ao outro dia, que fora um radioso domingo, levantámos de Jericó as nossas tendas; e caminhando com o Sol para ocidente, pelo vale de Cherith, começámos a romagem de Galileia. (p.1633)

Teodorico, sempre bocejando de tédio, passa por Betel e chega a Jerusalém, e ouve de Pote as novidades locais. A que mais desperta seu interesse é a de que se abrira *para alegria de Sião, ao pé da porta de Herodes, deitando sobre o vale de Josafat, um café com bilhares, chamado o Retiro do Sinai!* (p.1636) Propôs a Pote que fossem a essa maravilha logo após o jantar.

Em certo momento de dúvida, o narrador consulta seu companheiro de viagem se pode mesmo dizer à Titi que aquela coroa de espinhos, que leva consigo, é a mesma de Cristo. Topsisius responde: *As relíquias, D. Raposo, não valem pela autenticidade que possuem, mas pela fé que inspiram. Pode dizer à Titi que foi a mesma!* (p.1637)

O narrador já se vê, em fantasia, voltando e oferecendo o presente à velha tia, *e a Titi, com fios de baba no queixo, punha-se a tremer diante da grande relíquia que eu lhe oferecia, modesto. Então, na presença de testemunhas celestes, de S. Pedro, de Nossa Senhora do Patrocínio, de S. Casimiro e de S. José, ela chamava-me “seu filho, seu herdeiro!” E ao outro dia começava a amarelecer, a definhar, a gemer... Oh delícia!* (p.1638)

Comentário: O narrador constantemente faz referência ao fato da Titi não ter sentimentos, não ter pena dos outros, não chorar. No entanto, ele não é muito diferente no seu egoísmo, na sua fixação pelo dinheiro fácil, e mesmo no sadismo com que antevê a tia morrendo.

Quando já estavam de partida, veio-lhes ao encontro o negro do Hotel, agitando um embrulho pardo em que o narrador logo reconheceu a camisinha de dormir da Mary. Em vez de ficar agradecido, Teodorico aborreceu-se, porque aquele pacote, agora, havia se tornado impertinente.

Capítulo V

Duas semanas depois, rolando na tipoia do Pingalho pelo campo de Sant’Ana, com a portinhola entreaberta e a bota estendida para o estribo, avistei entre as árvores sem folhas o portão negro da casa da Titi! E, dentro desse duro calhambeque, eu resplandecia mais que um gordo César, coroado de folhagens de ouro, sobre o seu vasto carro, voltando de domar povos e deuses. (p.1646)

A Titi recebe o sobrinho, toda orgulhosa, ouvindo-o maravilhada. Certo de seu triunfo, Teodorico conta suas orações, peregrinações, jejuns no deserto e a velha se derrete toda, dando suspiros deleitosos. O narrador pede à tia que só abra o caixote, com a fabulosa relíquia que trouxe para ela, à noite e na presença de todos. Como o padre Casimiro está doente, vem em seu lugar o padre Negrão, que é agora o padre preferido pela velha.

O rapaz receia que essa nova figura eclesiástica venha representar algum perigo, mas logo o esmaga com seu poder de quem acaba de chegar da Terra Santa. Porém, quando a Titi abriu o sagrado caixote para tirar dele a miraculosa coroa de espinhos do Senhor...

*Despregada a tábua fina, alvejou a camada de algodão. Ergui-a com terna reverência: e ante os olhos extáticos, surgiu o sacratíssimo embrulho de papel pardo, com o seu **nastrinho**⁴⁸ vermelho.*

– Ai que perfume! Ai! Ai, que eu morro! - Suspirou a Titi a esvair-se de gosto beato, com o branco do olho aparecendo por sobre o negro dos óculos.

Ergui-me, rubro de orgulho:

⁴⁸ Pequena fita estreita de algodão. O mesmo que cadaço.

– É à minha querida Titi, só a ela, que compete, pela sua muita virtude, desembrolhar o pacotinho!...

Acordando do seu langor, trêmula e pálida, mas com a gravidade dum pontífice, a Titi tomou o embrulho, fez mesura aos santos, colocou-o sobre o altar; devotamente desatou o nó de nastro vermelho; depois, com o cuidado de quem teme magoar um corpo divino, foi desfazendo uma a uma as dobras do papel pardo... Uma brancura de linho apareceu... A Titi segurou-a nas pontas dos dedos, repuxou-a bruscamente – e sobre a ara, por entre os santos, em cima das camélias, aos pés da cruz – espalhou-se, com laços e rendas, a camisa de dormir de Mary!

A camisa de dormir da Mary! Em todo o seu luxo, todo o seu impudor, enxovalhada pelos meus abraços, com cada prega fedendo a pecado! A camisa de dormir da Mary! E pregado nela por um alfinete, bem evidente ao clarão das velas, o cartão com a oferta em letra encorpada: – ‘Ao meu Teodorico, meu portuguesinho possante, em lembrança do muito que gozámos!’ Assinado, M. M.... A camisa de dormir de Mary! (pp.1659/60)

Teodorico, imediatamente é posto fora de casa, sem qualquer tipo de consideração e passa a viver em grande dificuldade econômica, até que descobre o interesse do Sr. Lino, da Câmara Patriarcal, por relíquias:

Foi, no meu intelecto de bacharel, como se uma janela se abrisse e por ela entrasse o sol! Vi inesperadamente, ao seu clarão forte, a natureza real dessas medalhas, bentinhos, águas, lascas, pedrinhas, palhas, que eu considerara até então um lixo eclesiástico esquecido pela vassoura da filosofia! As relíquias eram valores! Tinham a qualidade onipotente de valores! Dava-se um caco de barro – e recebia-se uma rodela de ouro!... E, iluminado, comecei insensivelmente a sorrir, com as mãos encostadas à mesa como a um balcão de armazém. (p.1662)

E assim, passou o narrador a viver do comércio das relíquias que trouxera da Terra Santa: “Delas comi, delas fumei, delas amei, durante dois meses, quieto e aprazido na **Pomba de Ouro**”. Como em todo comércio, por inflacionar o mercado com suas relíquias, essa mercadoria também vai perdendo o valor, tornando-se difícil o negócio.

O narrador continua fingindo religiosidade para ver se comove a Titi. O Justino vê, percebe, e lhe diz, sussurrando, certo dia, que ele está no caminho certo. Que a velha vai acabar sabendo disso e levando em consideração. Nisso, morre a Titi, mas ao contrário do que se esperava, deixa a seu sobrinho Teodorico apenas o óculo que se acha pendurado na sala de jantar.

Indignado, sozinho em seu quarto, o narrador dirige-se a uma imagem de Cristo e, em voz alta, acusa-o de o estar perseguindo e prejudicando. Subitamente, milagrosamente, a imagem deslizou para ele serenamente, crescendo até ao estuque do teto, mais belo em majestade e brilho que o Sol ao sair dos montes. Cristo, então, diz-lhe que o seu fracasso não é resultado de qualquer atuação divina, mas fruto de sua própria divisão e falsidade:

*Os teus tédios de deserdado não provêm dessa mudança de espinhos em rendas: – mas de viveres duas vidas, uma verdadeira e de iniquidade, outra fingida e de santidade. Desde que contraditoriamente eras do lado direito o devoto Raposo e do lado esquerdo o obsceno Raposo – não poderias seguir muito tempo, junto da Titi, mostrando só o lado, vestido de casimiras de domingo, onde resplandecia a virtude; um dia fatalmente chegaria em que ela, espantada, visse o lado despido e natural onde negrejavam as máculas do vício... E aí está por que eu aludo, Teodorico, à **inutilidade da hipocrisia**. (p.1669)*

Em seu longo discurso a figura divina revela que Teodorico poderá ser o que quiser, tudo que acontecer em sua vida “são obra das tuas mãos” e não das de Deus. Para terminar, a figura divina completa:

Eu não sou Jesus de Nazaré, nem outro Deus criado pelos homens... Sou anterior aos deuses transitórios; eles dentro em mim nascem; dentro em mim duram; dentro em mim se transformam; dentro em mim se dissolvem: e eternamente permaneço em torno deles e superior a eles, concebendo-os e desfazendo-os, no perpétuo esforço de realizar fora de mim o Deus absoluto que em mim sinto. Chamo-me a Consciência; sou neste instante a tua própria consciência refletida fora de ti, no ar, e na luz, e tornando ante teus olhos a forma familiar, sob a qual tu, mal-educado e pouco filosófico, estás habituado a compreender-me... Mas basta que te ergas e me fites, para que esta imagem resplandecente de todo se desvaneça.

E ainda eu não levantara os olhos – já tudo desaparecera!

Então, transportado como perante uma evidência do sobrenatural, atirei as mãos ao Céu e bradei:

– Oh meu Senhor Jesus, Deus e filho de Deus, que te encarnaste e padeceste por nós...

Mas emudeci... Aquela inefável Voz ressoava ainda em minha alma, mostrando-me a inutilidade da hipocrisia. Consultei a minha consciência, que reentrara dentro de mim – e bem certo de não acreditar que Jesus fosse filho de Deus e duma mulher casada da Galileia (como Hércules era filho de Júpiter e duma mulher casada da Argólida) – cuspi dos meus lábios, tornados para sempre verdadeiros, o resto inútil da oração. (p.1669/70)

Assim, vivendo mais autenticamente quanto lhe era possível, o narrador encontra seu antigo amigo Crispim e conta-lhe toda a verdade. O amigo, tocado, arruma-lhe um emprego na firma de fiação e um casamento com sua irmã, D. Jesuína, que, embora zarolha e já com trinta e dois anos, tinha belos cabelos ruivos e um peito sólido e suculento, além de dentes claros e um bom dote.

Ao comprar para si o antigo solar que fora de sua família e que, agora, estava nas mãos do padre Negrão, Teodorico fica sabendo que esse fingido padre, não satisfeito com o que herdara da Titi, também fizera tudo para ficar com as partes dos outros padres, já herdara o que era do falecido Casimiro e agora tinha em suas mãos o Pinheiro, que estava muito doente. Soube ainda o narrador que o Negrão tinha uma amante, a quem sustentava, e que ninguém mais era do que sua querida Adélia.

Ao saber disso, arrepende-se Teodorico de não ter tido ousadia para afirmar descaradamente, naquele maldito dia da troca dos espinhos pelas rendas, que a camisinha era de Maria Madalena: *Eis a relíquia! Quis fazer a surpresa... não é a coroa de espinhos. É melhor! É a camisa de Santa Maria Madalena!... Deu-ma ela no deserto....*

SÍNTESE DO ENREDO

O narrador e protagonista, Teodorico, relata sua vida em *flashback*. Ao ficar órfão, vai viver com sua tia Dona Patrocínio, percebendo logo que a velha é rica, beata e tem ódio ao sexo, ao amor humano. Quem frequenta sua casa, em geral, são padres (Casimiro, Pinheiro, Negrão) ou pessoas de seu interesse (Justino), mas sempre gente religiosa, que não leva a vida em “relaxações”, como diz a Titi. Percebendo isso, Teodorico finge-se beato, para agradar a velha e conseguir sua herança. Torce para ela morrer, mas a velha parece resistir ao tempo, apesar dos males do fígado.

Para garantir sua herança, a pedido da tia, Teodorico faz uma viagem à Terra Santa e traz de lá uma suposta relíquia sagrada, a coroa de espinhos, que na verdade é um ramo qualquer de uma árvore que apanhara no seu caminho. O pior lhe acontece quando a tia retira da caixa, em vez de uma coroa de espinhos, uma roupa íntima de uma mulher fácil, que ele conhecera. É posto fora de casa e vive dois meses revendendo relíquias que trouxera de sua peregrinação. Quando esse comércio declina, ele se desespera e protesta perante uma imagem de Cristo, que se move e lhe revela que é, na verdade, a expressão de sua própria consciência. Completa, ensinando-lhe que seus males resultam de suas próprias ações. Daí em diante, Teodorico torna-se mais autêntico no que diz e faz, conseguindo um bom emprego e um casamento, não perfeito, mas razoável.

ESTRUTURA DA OBRA

O romance *A Relíquia* divide-se em cinco capítulos e apresenta:

Foco Narrativo: primeira pessoa, narrador protagonista.

Tempo: O relato vale-se da técnica *flashback* ou retrospectiva. A ação se passa na segunda metade do século XIX. Duas datas são registradas explicitamente: 1853, quando o pai do narrador fez amizade com D. Gaspar de Lorena, bispo de Corazim, que lhe conseguiu boa colocação na Alfândega de Viana; e 1875, quando o narrador faz a famosa peregrinação à Terra Santa.

Espaço: Prevalece Lisboa e a Terra Santa.

Personagens:

Teodorico, protagonista e narrador, neto de padre, órfão, mantido e educado às custas da tia Patrocínio. Trata-se de um rapaz leviano, mulhengo e hipócrita, que se submete a uma vida de beatismo, de religiosidade em que não acredita, para não perder a proteção da tia, a quem deseja a morte para poder receber sua herança.

D. Patrocínio, Titi, velha beata, magra de carão chupado e esverdinhado, incapaz de fazer uma caridade, de auxiliar um sobrinho doente e faminto, mas faminta de orações e da presença de sacerdotes e pessoas beatas. O pecado, para ela, se resume em toda e qualquer diversão ou prazer, sendo o sexo, para ela, o pior de todos.

Adélia, moça bonita e interesseira, de *braços tão brancos e macios, que entre elas a morte mesma deveria ser deleitosa*. Torna-se amante de Teodorico, na esperança de que ele fique rico com a morte da tia. Desiste, porque a velha demora a morrer e arranja outro rapaz como amante. No final, torna-se amante do Negrão, padre que recebe parte da herança da D. Patrocínio.

Casimiro, padre de cabelo encaracolado, procurador da Titi; e um dos seus herdeiros.

Pinheiro, outro dos herdeiros da velha, trata-se de um padre moreno e triste, que sempre ficava ao espelho examinando a língua para ver se tinha alguma doença;

Topsius, ilustre doutor alemão, tipo espigado, magro e pernudo, de nariz agudo e pensativo, parecia uma cegonha, com óculos de ouro na ponta do bico. É o companheiro de Teodorico em sua viagem pelo Oriente.

Crispim, “filho da firma Teles, Crispim & Cia, donos da fábrica de fiação à Pampulha”, que se torna amigo de Teodorico ainda nos bancos escolares e mais tarde é quem consegue para ele uma boa colocação em sua empresa, além de sugerir e facilitar o casamento com sua irmã.

Vicência, criada de braços gordos e brancos como leite, que levava Teodorico ao colégio, fora tirada da Misericórdia pela Titi.

Outros: Justino, tabelião da Titi; Margaride, ex-juiz e delegado aposentado, frequentador da casa da velha beata; Mary, amante que Teodorico consegue no Oriente, dona da camisinha que causou tanta confusão ao narrador.

ESTILO DE ÉPOCA E ESTILO INDIVIDUAL

O estilo denominado Realismo surgiu na França, primeiro na pintura de Gustave Courbet, depois na literatura com o romance *Madame Bovary* de Gustave Flaubert. Sua variante, o Naturalismo, despontou pouco depois no mesmo país por obra de Émile Zola. Ambas as estéticas lutaram por uma retratação do mundo que não fosse fantasiosa como a romântica, procurando, ao contrário, a objetividade, a visão e interpretação racionais do mundo, como se o escritor fosse um cientista.

Eça recebe influências diversas de ambas as correntes, combinando-as de tal forma que não é conveniente classificá-lo somente como realista ou como naturalista. O melhor é referir-se a ele como um realista-naturalista, que introduziu em seu país a prosa dessa corrente, em 1875, quando publicou *O crime do Padre Amaro*. Eça já escrevia desde 1866, mas esses trabalhos iniciais não têm as características realistas nem a qualidade que passa a demonstrar a partir de 1875. Dessa primeira fase faz parte o romance *Mistério da estrada de Sintra*, feito de parceria com Ramalho Ortigão.

A segunda fase, marcada pelo Realismo-Naturalismo, inicia-se com o *Crime do Padre Amaro*. Em seguida, escreveu *O primo Basílio* e focaliza a medíocre burguesia na figura do casal Jorge e Luísa.

O detalhismo minucioso com que apresenta aspectos cotidianos e atos sem heroísmo é próprio da estética realista, assim como a crítica à burguesia. Da influência do Naturalismo de Zola, podemos ver refletida nos romances de Eça a temática da sexualidade, notadamente no relacionamento do Padre Amaro com Amélia e na atração mórbida de Dona Felicidade pelo Conselheiro Acácio.

Pertencem ainda a essa fase polêmica de crítica agressiva os romances *Os Maias* (crítica à aristocracia) e *A Relíquia* (crítica ao beatismo).

PRINCIPAIS TRAÇOS ESTILÍSTICOS

- Prosa admirável pela flexibilidade, graça e ironia ferina;
- visão pessimista da sociedade portuguesa;
- visão crítica, mordaz e demolidora contra seus contemporâneos e as instituições portuguesas de seu tempo;
- capta e denuncia caricaturalmente as fraquezas do clero e das beatas, realçando-lhes a cretinice e o ridículo;
- linguagem dotada de naturalidade e fluência, antideclamatória, próxima da oralidade.
- Um traço curioso em *A relíquia* é que o escritor abandonou o uso constante de estrangeirismos, tais como: *chic*, *toilette*, *shake-hands*, como fazia em *O primo Basílio*. Outra curiosidade é que neste romance, em especial, já não proliferam tanto os termos e expressões em latim, como em *O crime do Padre Amaro*.

PRINCIPAIS TEMAS

Crítica o beatismo, revelando a contradição entre a prática externa da religiosidade (orações, missas, visitas a igrejas ou lugares santos) e a vivência interior (Titi e o sobrinho não amam o próximo e são egoístas);
critica a prática de venda de relíquias e denúncia da falsidade dos comerciantes a criar e inventar falsas relíquias;
denuncia a contradição entre o que pregam e o que fazem os padres;
mostra desvios de uma sexualidade mal compreendida e mal orientada (para a Titi, o maior pecado é o sexo);
critica o culto da aparência e da convenção.

Bibliografia consultada:

Queirós, Eça de. *Obras de Eça de Queirós*, volume I. s/d, Porto: Lello & Irmão – Editores. (Exemplar usado para citação.)

... * ...

Quando puder visite:

www.geraldochacon.blogspot.com.br

www.blogdoprofessorchacon.blogspot.com.br

Youtube: A morte de Inês de Castro e <https://youtu.be/u-UBEpFoKuw> (aula sobre gênero lírico).

* No site www.agbook.com.br o leitor pode encontrar vários livros de Geraldo Chacon.

QUINCAS BORBA

Machado de Assis



Assis, Machado de. *Quincas Borba*. 1988, RJ: Garnier. (Utilizado para citações.)

APRESENTAÇÃO

Quincas Borba foi publicado por primeira vez na revista *A Estação* a partir de 1886 a 1891, recebendo após essa data a forma de livro. Em *Quincas Borba*, considerado um dos seus mais sóbrios romances, Machado de Assis abandonou o foco narrativo em primeira pessoa, optando pela perspectiva romanesca de terceira pessoa, disposto a atacar o problema do romance de estrutura objetiva.

Quincas Borba rico de humor é o romance mais objetivo de Machado. A narração torna-se objetiva, com o autor ficando acima dos personagens, resguardando a sua onisciência. Dessa maneira, a visão da realidade não fica limitada pelo ponto de vista de algum dos personagens.

O narrador onisciente, no entanto, continua tecnicamente agindo, em certos casos, como o narrador Brás Cubas com foco em primeira pessoa. Exemplo disso é a sua contínua participação, interrompendo de quando em quando o fio da narrativa para falar diretamente ao leitor. O livro é composto de duzentos e um capítulos, motivo pelo qual vamos evitar numerá-los no corpo do resumo do enredo para economizar espaço. Aparecerão numerados somente os capítulos transcritos integralmente e, às vezes, o que lhe segue para evitar alguma confusão.

“Em *Quincas Borba* os capítulos são indicados por simples numeração romana, sem qualquer título especial, as pausas revelam de modo mais evidente a liberdade ampla, sem aparente justificativa, com que vai recortando o seu texto. O capítulo II, por exemplo, conta uma dúzia de linhas tão do seu agrado, reduzida de vez em quando a meia dúzia, ou a menos de meia dúzia; o capítulo XXII, em contas limpas, não vai além de quatro **linhas**.”⁴⁹

⁴⁹ Meyer, Augusto. “O romance machadiano: o homem subterrâneo”, in *Machado de Assis, antologia e estudos*. Alfredo Bosi e Geraldo Chacon

ENREDO CONDENSADO

Capítulo 1 (na íntegra)

Rubião fitava a enseada, – eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra cousa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora! Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

*– Vejam como Deus escreve direito por linhas **tortas**⁵⁰, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...” (p.16)*

Comentário: É digno de nota que em um capítulo tão curto (traço típico de Machado) o narrador ora assume um tom bíblico (“mas em verdade vos digo”), ora assume a voz da personagem (“Que era, há um ano? Professor.”) através do discurso indireto livre, revelando ao leitor o fluxo de consciência da personagem.

Percebendo-se nesse mau pensamento, Rubião procura desviar sua atenção, observando e admirando uma canoa que passava à sua frente. Seus pensamentos se misturam: *Bonita canoa! – Antes assim! – Como obedece bem aos remos do homem! – O que é certo é que eles estão no céu!*⁵¹ (p.26)

Um criado espanhol traz o café numa bandeja de prata, metal preferido por Rubião, junto com o ouro. Tinha sido o Palha quem obrigara Rubião a aceitar criados brancos, esse espanhol e um outro na cozinha, francês, relegando seu antigo pajem crioulo para outros serviços. Rubião pergunta pelo cão e o criado responde que Quincas (o cão) está impaciente. Rubião fala que vai soltar o animal, mas antes fica admirando duas gravuras inglesas e pensando em Sofia que o levava a escolhê-las: *Estava tão bonita! Mas o que eu mais gosto dela são os ombros! Parecem de cera; tão lisos, tão brancos! Os braços também; oh! os braços! Que bem feitos!* (pp.26/7)

Em seu monólogo interior, Rubião recorda comportamento e gestos de Sofia desde que a conhecera na estação de Vassouras, quando viajava de Barbacena para o Rio, e conclui que é amado por ela. O narrador interrompe o relato, fazendo uma digressão: *... vinha com a herança na cabeça, o testamento, o inventário, cousas que é preciso explicar primeiro, a fim de entender o presente e o futuro*⁵². *Deixemos Rubião na sala de Botafogo, batendo com as borlas do chambre nos joelhos, e cuidando na bela Sofia. Vem comigo, leitor*⁵³; *vamos vê-lo, meses antes, à cabeceira do Quincas Borba.* (p.27)

Comentário: Inicia-se aqui uma retrospectiva ou *flashback* que seguirá até o capítulo 27, em que o narrador procura dar uma organização, uma ordem temporal ao relato.

outros. 1982, SP: Editora Ática.

⁵⁰ Esse pensamento não revela religiosidade, mas expressa a cultura de um homem comum a repetir frases feitas ou clichês. O que é verdadeiro, e constitui o interesse principal desse capítulo, é a denúncia do egoísmo e do interesse materialista (ou capitalista) do protagonista.

⁵¹ Vemos nesse fragmento o toque de humor irônico de Machado, revelando a atitude ridícula da personagem querendo camuflar seus sentimentos egoístas e materialistas.

⁵² Essa digressão é metalinguística, já que deixa de tratar do enunciado (relato dos fatos acontecidos) para tratar da própria enunciação, ou seja, da própria atividade de escrever.

⁵³ Outra característica das narrativas machadianas é a presença do leitor incluso, que também pode ser denominada “diálogo com o leitor”. Notamos que Machado mudou o foco narrativo (terceira pessoa), mas continua empregando os mesmos procedimentos técnicos que apareciam em *Memórias póstumas de Brás Cubas*: digressão, metalinguagem, diálogo com leitor.

Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as Memórias póstumas de Brás Cubas⁵⁴, é aquele mesmo náufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora em Barbacena. Logo que chegou, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida; mas, tão acanhada, que os suspiros do namorado ficavam sem eco. Chamava-se Maria da Piedade. Um irmão dela, que é o presente Rubião, fez todo o possível para casá-los. Piedade resistiu, um pleuris a levou.

Foi esse trechozinho de romance que ligou os dois homens. Saberá Rubião que o nosso Quincas Borba trazia aquele grãozinho de sandice, que um médico supôs achar-lhe? Seguramente, não; tinha-o por homem esquisito. (p.28)

Assim, o narrador retrocede ao ano de 1867, quando Quincas se torna herdeiro de todos os bens de seu último parente falecido. Rubião, antes de se tornar professor, tentara algumas empresas que não deram certo. Quando Quincas adoeceu, Rubião fechou sua escola de meninos para tornar-se enfermeiro do amigo durante mais de cinco meses. Certo dia o médico veio examinar o doente e confessou a Rubião que a morte era certa, mas que ele devia animá-lo para evitar aflição. Quando Rubião disse que para Quincas era fácil aceitar a morte em virtude de sua filosofia, o médico contradisse, afirmando que filosofia era uma cousa, mas morrer de verdade era outra.

Rubião achou um rival no coração de Quincas Borba, – um cão, um bonito cão, meio tamanho, pelo cor de chumbo, malhado de preto. Quincas levava-o para toda parte, dormiam no mesmo quarto. (p.28) O cão tinha o mesmo nome do dono, que assim justificava sua decisão: Desde que Humanitas, segundo minha doutrina, é o princípio da vida e reside em toda a parte, existe também no cão, e este pode assim receber um nome de gente, seja cristão ou muçulmano..., completando: se eu morrer antes, como presumo, sobreviverei no nome do meu bom cachorro. (p.29)

Quincas tenta ensinar sua doutrina a Rubião. *Para entenderes bem o que é a morte e a vida, basta contar-te como morreu minha avó. (p.30)* Quincas conta ao amigo que sua avó foi atropelada por uma carruagem puxada por mulas que se assustaram ao serem chicoteadas pelo cocheiro para atender ao chamado do patrão, que estava com fome. *A sege no meio do caminho achou um obstáculo e derrubou-o; esse obstáculo era minha avó.* Acrescenta que isso pouco interessa (podia ter sido um rato ou um poeta, como Byron), mas o que importa é que o dono da sege (princípio de Humanitas) chegou rapidamente à sua casa para jantar. As explicações de Quincas continuam:

Bem, irás entendendo aos poucos a minha filosofia; no dia em que a houveres penetrado inteiramente, ah! nesse dia terás o maior prazer da vida, porque não há vinho que embriague como a verdade. Crê-me, o Humanitismo é o remate das cousas; e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo. Olha, vês como o meu bom Quincas Borba está olhando para mim? Não é ele, é Humanitas... (p.32)

Humanitas é o princípio. Há nas cousas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível, – ou, para usar a linguagem do grande Camões:

Uma verdade que nas cousas anda,
que mora no visível e invisível.

Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vás entendendo?

A uma objeção do amigo, Quincas explica que a morte não existe:

Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se

⁵⁴ É característico de Machado também o emprego do narrador intruso, aquele que se intromete e faz questão de aparecer. Nesse fragmento, além de explicitar-se, demonstra uma relação pessoal com a obra anterior, criando um certo estranhamento já que ele não é Brás Cubas, o pseudo-autor, logo só pode ser o verdadeiro autor: Machado.

suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas. (p.32)

Dá como outro exemplo o caso das pestes, que é um suposto mal, mas que é um benefício, porque elimina os organismos fracos e incapazes e, além disso, possibilita a observação e descoberta da droga curativa ou vacina. Rubião, na sua ignorância, achava espantoso que um homem prestes a morrer tratasse tão bem de tais assuntos.

Sentindo-se melhor, Quincas decide ir ao Rio de Janeiro para resolver certos negócios. Nada adiantaram os protestos de Rubião. Quincas mandou vir um tabelião e registrou seu testamento com as formalidades de estilo, depois partiu deixando o cão com o amigo, exigindo que ele jurasse que cuidaria bem do animal. Após a partida, o cão ficou ganindo, sem dormir ou comer direito.

Quando o médico voltou, ficou espantado da temeridade do doente; deviam tê-lo impedido de sair; a morte era certa. (p.36)

Na cidade, todos riam de Rubião, por se ter transformado em “sentinela de cachorro”. Por isso, ele fugia aos olhos dos outros e olhava para o animal com fastio. Só continuava cuidando do animal alimentado pela esperança de um legado, pequeno que fosse. Quincas havia de ter-lhe deixado alguma coisa no testamento.

Sete semanas depois, Rubião recebeu uma carta do Borba em que fazia a seguinte revelação: *Ouçã, ignaro. Sou Santo Agostinho; descobri isto anteontem; ouçã e cale-se. Tudo coincide nas nossas vidas. O santo e eu passamos uma parte do tempo nos deleites e na heresia, porque eu considero heresia tudo o que não é a minha doutrina de Humanitas; ambos furtamos, ele, em pequeno, umas peras de Cartago, eu, já rapaz, um relógio do meu amigo Brás Cubas.* (p.37)

Rubião concluiu que seu amigo devia ter enlouquecido por completo. Temendo que isso invalidasse o possível legado que lhe deixaria, o ex-professor não permitiu que o médico lesse a carta, alegando que tinha uma comunicação reservada.

Capítulo XI (na íntegra)

No começo da semana seguinte, recebendo os jornais da corte (ainda assinaturas do Quincas Borba) leu Rubião esta notícia em um deles:

Faleceu ontem o Senhor Joaquim Borba dos Santos, tendo suportado a moléstia com singular filosofia. Era homem de muito saber, e cansava-se em batalhar contra esse pessimismo amarelo e enfezado que ainda nos há de chegar aqui um dia; é a moléstia do século. A última palavra dele foi que a dor era uma ilusão, e que Pangloss não era tão tolo como o inculcou Voltaire... Já então delirava. Deixa muitos bens. O testamento está em Barbacena. (p.39)

Capítulo XII em diante

Rubião lamenta a situação do cachorro que perdeu o dono. Conclui finalmente que sua obrigação acabou e resolve livrar-se do animal: *...vou dá-lo à comadre Angélica.* Algum tempo depois, veio o agente do correio trazer-lhe uma carta. Era de Brás Cubas e dizia o seguinte: *O meu pobre amigo Quincas Borba faleceu ontem em minha casa, onde apareceu há tempos esfrangalhado e sórdido: frutos da doença. Antes de morrer pediu-me que lhe escrevesse, que lhe desse particularmente esta notícia, e muitos agradecimentos; que o resto se faria, segundo as praxes do foro.*

Os agradecimentos gelaram o professor, mas a expressão “praxes do foro” restituíram-lhe o sangue e as

esperanças. Em seguida, Rubião mandou um escravo levar o cão à comadre Angélica e foi tratar do testamento. *Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás.* Fora nomeado herdeiro universal dos muitos bens do falecido, com a única condição de conservar consigo o cachorro, protegendo-o de moléstia, fuga, roubo ou morte e *quando morresse o cachorro, de lhe dar sepultura decente em terreno próprio, que cobriria de flores e plantas cheirosas; e mais desenterraria os ossos do dito cachorro, quando fosse tempo idôneo, e os recolheria a uma urna de madeira preciosa para depositá-los no lugar mais honrado da casa.* (p.41)

Rubião quase não podia crer. Esperava receber alguma coisa, mas nem sonhava herdar tudo. O professor sentia ímpetos de dançar na rua. Fica calculando, sem base, quantos contos deveria ganhar. No caminho de casa, o novo rico se questiona se vai viver no Rio, cheio de movimento, teatro e moças bonitas; ou se fica em Barbacena para *quebrar a castanha na boca aos que faziam pouco caso dele, e principalmente aos que se riam da amizade do Quincas Borba.* (p.42)

Acabou optando pelo Rio. Ao entrar em casa, chamando pelo cachorro e não o encontrando, lembra-se assustado que o havia dado. Corre à casa da comadre Angélica, temendo e fantasiando vários contratemplos, mas nada havia acontecido de ruim ao animal. Volta levando o cachorro e se senta na cadeira onde estivera quando Quincas Borba contou a morte da avó com explicações científicas. *Pela primeira vez, atentou bem na alegoria⁵⁵ das tribos famintas e compreendeu a conclusão: “Ao vencedor, as batatas!” Ouviu distintamente a voz roufenha do finado expor a situação das tribos, a luta e a razão da luta, o extermínio de uma e a vitória da outra, e murmurou baixinho: – Ao vencedor, as batatas!* (p.45)

Embora percebesse que o filósofo não era católico, Rubião mandou dizer uma missa por alma do finado, temendo as críticas que poderiam fazer por ele deixar de dar ao seu protetor os sufrágios proporcionados até aos mais miseráveis deste mundo. *Regulados os preliminares para a liquidação da herança, Rubião tratou de vir⁵⁶ ao Rio de Janeiro, onde se fixaria, logo que tudo estivesse acabado.* (p.46)

Na estação de Vassouras entraram no trem, Sofia e o marido, Palha, que logo travou conversa e amizade com Rubião. Este, sem travas na língua, desanda a falar, contando tudo sobre a herança e seus projetos. Chega a convidar o novo amigo para uma viagem à velha Europa. O esperto Palha, percebendo a ingenuidade do mineiro e a oportunidade que se lhe apresenta, aconselha: *Outra coisa. Não repita o seu caso a pessoas estranhas. Agradeço-lhe a confiança que lhe mereci, mas não se exponha ao primeiro encontro. Discrição e caras servisais nem sempre andam juntas.* (p.50)

Chegando à estação da Corte, despediram-se quase familiarmente, prometendo visitar-se. Na manhã do dia seguinte, na Hospedaria União, Rubião estava pensando em visitar o Palha à tarde, quando este apareceu, oferecendo sua casa e um advogado, contraparente seu. Rubião recusou a casa, mas aceitou o advogado e um convite para jantar nesse mesmo dia na casa do amigo.

Durante o jantar, maravilhou-se o ex-professor com a mulher do amigo mais do que durante a viagem. É que agora, Sofia deixava ver mais os olhos e o corpo, apertado em um vestido de cambraia. Além disso, mostrava as mãos bonitas e um princípio de braço. *Demais, aqui era a dona da casa, falava mais, desfazia-se em obséquios; Rubião desceu meio tonto.* (p.51)

Enquanto era realizado o inventário (complicado temporariamente por uma denúncia), Rubião frequentava muito a casa do novo amigo. A denúncia foi vencida e o inventário concluído, fato comemorado pelo Palha com um jantar.

Sofia tinha nesse dia os mais belos olhos do mundo. Parece que ela os compra em alguma fábrica misteriosa, pensou Rubião, descendo o morro; nunca os vi como hoje.⁵⁷ (p.51)

O narrador retorna ao momento do segundo capítulo, quando falou em soltar o cão, encerrando a

⁵⁵ Alegoria é a concretização de ideias, qualidades ou entidades abstratas por meio de imagens, figuras ou pessoas.

⁵⁶ O emprego do verbo “vir” indica a perspectiva espacial do narrador que vê o mundo e narra a história a partir do Rio de Janeiro.

⁵⁷ A técnica do jogo de sedução com que Sofia enlaça facilmente o ingênuo provinciano tem como principal elemento os lances dos “olhos”. A vaga percepção de estar sendo envolvido num jogo de aparências criada pela astúcia feminina pode ser vislumbrada no fato desses olhos serem comprados em alguma fábrica, portanto não é a expressão da alma verdadeira, mas algo como um vestido ou chapéu, que se compra e se usa para chamar a atenção.

retrospectiva: *Continuava a bater com as borlas do chambre. Afinal lembrou-se de ir ver o Quincas Borba, e soltá-lo. Era a sua obrigação de todos os dias. Levantou-se e foi ao jardim, ao fundo.* (p.52)

Mas que pecado é este que me persegue? pensava ele andando. Ela é casada, dá-se bem com o marido, o marido é meu amigo, tem-me confiança, como ninguém... Que tentações são estas? (p.52)

Enquanto divaga sobre seu desejo adúltero, Rubião passeia pelo jardim acompanhado pelo cão. Quincas Borba leva uma vida nem boa, nem má. O cozinheiro francês, Jean, gosta dele, mas o criado espanhol não. O dono brinca com ele às vezes, mas *há um moleque que o lava todos os dias em água fria, usança do diabo, a que ele não se acostuma.* (p.53)

Rubião passou o resto da manhã alegremente. Era domingo; dois amigos vieram almoçar com ele, um rapaz de vinte e quatro anos, que roía as primeiras aparas dos bens da mãe⁵⁸, e um homem de quarenta e quatro ou quarenta e seis, que já não tinha o que roer. Carlos Maria chamava-se o primeiro, Freitas o segundo. (p.54)

Numa curta retrospectiva, o narrador revela que Freitas viera pela primeira vez à casa de Rubião para apreciar suas rosas, que dissera serem bonitas. Freitas achara-as admiráveis, assim como julgou um primor o licor servido na ocasião. Dessa forma, o bajulador tornou-se um frequentador assíduo dos jantares de Rubião, *porque é difícil resistir a um homem tão obsequioso, tão amigo de ver caras amigas.* (p.56)

Comentário: É digno de nota o modo como o narrador assume a postura e a linguagem da personagem Freitas, valendo-se do discurso indireto livre, criando assim um texto irônico e revelador. Também devemos observar que o emprego irônico do verbo roer coloca esses homens no mesmo nível dos cães.

Certo dia, Rubião perguntou se Freitas o acompanharia em uma viagem à Europa e, surpreendentemente o bajulador disse que não, porque acabaria discordando do itinerário, pois seu temperamento triste o levaria a visitar as ruínas.

Já o outro convidado, Carlos Maria, é um tipo bem diferente do bajulador. Carlos é um galhardo rapaz de gestos lentos, jeito frio, ar superior e olhar indireto, enviezado, sem consideração para os demais. Revela um riso irônico, zombeteiro, e um ar superior. Come na casa do Rubião como se lhe tivesse prestando um favor. No domingo em que os três almoçavam juntos, Rubião *chegou a apanhar o rosto de Carlos Maria em flagrante prazer, quando tirava as primeiras fumaças de um dos charutos que ele mandara distribuir. Nisto entrou o criado com uma cestinha coberta por um lenço de cambraia, e uma carta, que acabam de trazer.* (p.53)

A cesta continha morangos e um bilhete de Sofia, intimidando Rubião a jantar com ela e o marido. Os dois amigos brincam, fazendo insinuações sobre um possível caso amoroso. Carlos Maria louva a discrição do amigo, opinando que “o maior pecado, depois do pecado é a publicação do pecado”.

Terminado o almoço, Freitas sai, enchendo antes os bolsos com seis charutos, dizendo que seriam seis dias de delícias. Rubião, lisonjeado, sugere que leve mais e ele, a seu modo, justifica a recusa: *Não; virei buscá-los depois.* (p.60)

Após a saída dos amigos, Rubião relê o bilhete a sós, atribuindo-lhe um ar de mistério. Acaba beijando o nome de Sofia.

Mais tarde, durante o jantar, Sofia apresenta quatro senhoras, curiosas, que esperavam a vinda do capitalista Rubião. Uma delas, D. Tonica, era solteirona, trinta e nove anos, dona de uns olhos pretos cansados de esperar. Chega o pai dela, o major Siqueira, sujeito chato, que se põe a falar de modo monótono e repetitivo sobre uma sua amizade antiga com um tal João das Pantorrilhas. *A alma de Rubião bracejava debaixo deste aguaceiro de palavras.* (p.62)

Nisso, chega o Palha e Rubião vê-se livre do major, que se afasta. O narrador durante dois parágrafos comenta a beleza de Sofia, ressaltando o excesso de sobrancelhas, o vestuário, e conclui dizendo que ela trazia nas

⁵⁸ Prevalece no primeiro plano das narrativas machadianas as personagens da classe dominante do Segundo Reinado, que parecem quase sempre viver na ociosidade, explorando alguém ou dilapidando alguma herança, como exemplifica Carlos Maria e não só ele, mas também Brás Cubas, Quincas Borba e Rubião.

orelhas duas pérolas verdadeiras, presente que o Rubião lhe dera pela Páscoa.

Algum tempo depois, uma das senhoras se pôs a cantar e Rubião ficou olhando para Sofia, que também olhava para ele. Todos estavam distraídos e não notaram, exceto D. Tonica, a filha do major. Desde que Rubião chegara ali, não cuidara dela mais que de atraí-lo. Seu coração fantasiou que esse mineiro rico tinha sido mandado do céu para resolver seu antigo problema de matrimônio, mas vendo aqueles olhares mútuos Foi como se Dona Tonica sentisse grasnar o velho corvo da desesperança: Nunca **mais**⁵⁹.

Sofia e Rubião vão ver a lua, que está magnífica. Convidam D. Tonica, que se recusa por ter um pé dormente. No jardim a sós, os dois ficam calados por algum tempo. *Pelas janelas abertas viam-se as outras pessoas conversando, e até os homens, que tinham acabado o **voltarete***⁶⁰. *O jardim era pequeno; mas a voz humana tem todas as notas, e os dois podiam dizer poemas sem ser ouvidos.* (p.67)

Rubião torna-se ousado e chama aos olhos de Sofia as estrelas da terra, e às estrelas os olhos do céu. Com uma diferença, continuou Rubião. As estrelas são ainda menos lindas que os seus olhos, e afinal nem sei mesmo o que elas sejam; Deus, que as pôs tão alto, é porque não poderão ser vistas de perto, sem perder muito da formosura... Mas os seus olhos, não; estão aqui, ao pé de mim, grandes, luminosos, mais luminosos que o céu... (pp.67/8)

Sofia sente-se numa situação muito delicada, principalmente por lembrar suas atenções particulares. Não podia fingir que ignorava o sentido dos galanteios. *Mas também confessar que entendia e não despedi-lo de casa, eis aí o ponto melindroso.* (p.68)

O narrador gasta quase todo o capítulo seguinte, XL, em digressões sobre lua e estrelas, entre elas destacamos: *Depois, a lua é solitária. A solidão faz a pessoa séria. As estrelas, em chusma, são como as moças entre quinze e vinte anos, alegres, palreiras, rindo e falando a um tempo de tudo e de todos.* (pp.68/9)

Voltando à ação, ao enunciado, o narrador diz que Sofia teve como saída a ideia de pedir para entrar, mas Rubião pediu que ficasse mais dez minutos. Solicita a ela que não esqueça esses dez minutos sublimes e que todas as noites fite o Cruzeiro, que ele faria o mesmo, assim, acreditava ele, os pensamentos de ambos iriam achar-se ali juntos, íntimos. Rubião aperta-lhe muito a mão e se inclina para depositar nela um beijo, quando é atraído à realidade por uns passos e uma voz. Era Siqueira, o terrível major, como sempre inoportuno. Rubião ficou confundido, mas Sofia recuperou a posse de si mesma, disfarçando com uma conversa superficial sobre um tal de padre Mendes.

Comentário: Vale a pena ressaltar que essa mesma situação pode ser encontrada em dois outros romances de Machado: *Dom Casmurro* (Bentinho e Capitu, quando surpreendidos pelos pais dela.) e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Brás e Sofia, quando Lobo Neves aparece na casinha da Gamboa.)

Sofia entra em casa, deixando Rubião sob as garras do major. O pior é que o major se põe a falar do padre Mendes, mas para Rubião não havia padre nem anedota e ele era incapaz de inventar qualquer coisa. A conversa arrasta-se penosa para Rubião até que D. Tonica vem chamar o pai para retirar-se. Apesar do chá estar servido, a moça alega que não pode ficar e se vai, pretextando dor de cabeça.

Chegando em casa, D. Tonica fica remoendo sua mágoa. *Sem conhecer o amor, tinha notícia do adultério, e a pessoa de Sofia pareceu-lhe hedionda.* (p.73)

A moça fantasia escrever ou falar pessoalmente ao Palha, contando tudo. Termina por atirar-se à cama chorando.

Rubião, ao contrário, vai feliz para casa, recordando o que aconteceu, julgando-se grosseiro por ter apertado com tanta força as mãos de Sofia. Sentiu remorsos ao pensar na estima do marido. Recordou-se também de que havia emprestado dinheiro ao Palha. Concluiu que precisava resistir. Assim pensando, seguiu até o largo

⁵⁹ Referência a famoso poema de Edgar Allan Poe em que um corvo repete insistentemente a expressão “never more”, ou seja, nunca mais.

⁶⁰ Jogo de baralho de que participam três pessoas, recebendo cada uma nove cartas.

de São Francisco, onde alugou um dos três **tílburis**⁶¹ que lá estavam. O barulho das vozes e veículos despertou um mendigo que dormia nos degraus da igreja. O homem voltou a deitar-se de olhos no céu, que também o olhava impassível, como se estivessem dialogando:

– *Afinal, não me há de cair em cima.*

E o céu:

– *Nem tu me há de escalar.* (p.77)

Rubião segue no tílburí para casa, recordando antigo episódio ocorrido com ele há muito tempo nesse mesmo caminho, numa esquina da rua dos Ourives, quando seguiu a multidão sádica, sem conseguir resistir à curiosidade, para assistir ao enforcamento de um preto.

O instante fatal foi realmente um instante; o réu esperneou, contraiu-se, o algoz cavalgou-o de um modo airoso e destro; passou pela multidão um rumor grande. Rubião deu um grito, e não viu mais nada. (p.80)

O cocheiro põe-se a falar sobre as qualidades de seu cavalo e comenta que cavalo e cachorro são os animais que mais gostam da gente. Rubião recorda-se de seu cão e, como sempre, jura cuidar ele. Sempre que pensa na fuga do cachorro, isso vem de mistura com o receio de perder os bens da herança. Nisso, ocorre ao mineiro que a alma do defunto Quincas esteja no cão para vigiá-lo. *Foi uma preta de São João d'El-rei que lhe meteu, em criança, essa ideia de transmigração.* (p.81)

Ao entrar em casa o cão o recebeu com alegria e Rubião desfez-se em carícias. A possibilidade de Quincas estar ali dava-lhe arrepios. Ao deitar-se, ainda estava dominado pela contradição: *Rubião estava admirado de si mesmo, e arrependia-se; o arrependimento era obra da consciência, ao passo que a imaginação não soltava por nenhum preço a figura da bela Sofia...* (p.82) Rubião só conseguiu dormir depois das três e meia da madrugada.

Não, senhora minha, ainda não acabou este dia tão comprido; não sabemos o que se passou entre Sofia e o Palha, depois que todos se foram embora. Pode ser até que acheis aqui melhor sabor que no caso do enforcado. (pp.82/3)

Assim o narrador intruso nos reconduz à casa do Palha, revelando o instante em que Sofia conta ao marido o episódio do jardim. Inicialmente Palha tenta camuflar o problema, mas depois passa a culpar a esposa por ter dado ocasião para o fato, ao que ela se defende protestando que estava obedecendo ao marido: *Mas você mesmo não me tem dito que devemos tratá-lo com atenções particulares?* (p. 86)

Discutem por largo tempo sobre afastar ou não o amigo de casa, até que Palha confessa está devendo ao amigo muito dinheiro. Com isso, Sofia torna-se mais transigente: *Verei como ele se comporta, e tratarei de ser mais fria... Nesse caso, tu é que não deves mudar, para que não pareça que sabes o que se deu.* (p.88)

No dia seguinte, Sofia não acordou bem-disposta, mas o marido não deu atenção às suas queixas, preocupado que estava com a leitura de assuntos de seu interesse no jornal. *Sofia suspirava; mas para o despotismo da profissão não há suspiros de mulher, nem cortesia de homem.* (p.89)

O narrador acompanha o fluxo da consciência de Sofia, que se recrimina pelo que aconteceu na noite anterior. Ela teme que o Siqueira seja indiscreto e pensa ausentar-se por uns tempos. *Nisto passou um rapaz alto, que a cortejou sorrindo e vagarosamente. Sofia cortejou-o também um pouco espantada da pessoa e da ação.* Depois, lembrou-se de tê-lo conhecido em certo baile. Era o mesmo Carlos Maria que já vimos na casa de Rubião. Pouco depois, ouviu passos que julgou ser de Carlos Maria, que voltava, mas era o carteiro a trazer-lhe uma carta da roça e que, ao sair, levou um tombo, espalhando as cartas no chão. *Sofia não pôde conter o riso.* (p.90)

Todo o capítulo seguinte (LIII) é uma digressão sobre o riso provocado pelo grotesco ou ridículo, mesmo contrastando com sentimentos sérios e tensões emocionais. Encerra com uma solicitação ao leitor: *Deixemo-la rir, e ler a sua carta da roça.* (p.91)

Quinze dias depois, estando Rubião em casa, apareceu-lhe o marido de Sofia indagando por que tinha sumido. Estava também visitando Rubião o Camacho, João de Souza Camacho. Eram quase oito horas e Rubião

⁶¹ Espécie de carruagem, mas sem capota, com dois assentos, duas rodas e puxada por apenas um animal.

comentou que logo a lua apareceria. Isso fez com que Palha não encontrasse o que dizer. Criou-se longo e embaraçoso silêncio, que foi quebrado por Camacho: “Lá vem o luar entrando”. Rubião fez um gesto de quem iria à janela, Palha fez como se fosse estrangulá-lo, mas ambos se contiveram. Rubião então comunicou: “Sabe que vou deixá-los?” A notícia provocou no Palha sentimentos contraditórios como espanto, desapontamento e pesar pela separação. Por isso, o narrador faz uma digressão comparando a alma humana a uma colcha de retalhos. O narrador conclui que o motivo dessa viagem deve ser remorso. Camacho tenta convencer Rubião a desistir dessa viagem a Minas.

O narrador apresenta-nos melhor o doutor Camacho, formado em Direito pela faculdade do Recife, voltou para a província natal, onde advogou por pouco tempo, logo fundou um jornal, mas mudou o estilo da época de estudante, acomodando-se à situação e às necessidades. Entrou para a política e conseguiu ser deputado, mas não realizou seu sonho maior, ser ministro.

Dias antes, Camacho conhecera Rubião na casa de um conselheiro. Camacho falara da luta entre conservadores e **liberais**⁶² e comentara o discurso de José Bonifácio. No dia seguinte, almoçaram juntos e Camacho informou que havia fundado um jornal político. Rubião sentia-se bem de ver-se confiante político. O segundo encontro de ambos se deu agora, pouco antes da chegada do Palha. Questionado, Rubião disse que estava com saudades de Barbacena. Palha saiu e, ao despedir, ouviu do amigo a promessa de que iria visitá-los antes de partir para Minas.

Na manhã seguinte, Rubião recebe um exemplar do jornal *Atalaia*, do Camacho, com o editorial desancando o ministério. Rubião dirigiu-se ao escritório da folha para fazer uma assinatura. No caminho, ouviu uma mulher gritar desesperadamente “Deolindo”. *Rubião ouviu o grito, voltou-se, viu o que era. Era um carro que descia e uma criança de três ou quatro anos que atravessava a rua. Os cavalos vinham quase em cima dela, por mais que o cocheiro os sofresse. Rubião atirou-se aos cavalos e arrancou o menino ao perigo. A mãe quando o recebeu das mãos do Rubião, não podia falar; estava pálida, trêmula. Algumas pessoas puseram-se a alterar com o cocheiro, mas um homem calvo, que vinha dentro, ordenou-lhe que fosse andando. O cocheiro obedeceu. Assim, quando o pai, que estava no interior da colchoaria, veio fora, já o carro dobrava a esquina de São José.* (p.100)

Rubião machucara a mão e a mãe do menino, notando isso, buscara uma bacia com água para lavar-lhe a ferida. *Rubião curou-se, atou o lenço na mão; a mulher do colchoeiro escovou-lhe o chapéu; e, quando ele saiu, um e outro agradeceram-lhe muito o benefício da salvação do filho. A outra gente, que estava à porta e na calçada, fez-lhe alas.* (p.101)

Chegando ao escritório do Camacho, Rubião contou o sucedido e quis fazer uma assinatura da folha, mas Camacho disse que o jornal ia bem de assinaturas, mas que precisava de mais dois sócios para subscrever o capital. Quando falou em mandar o jornal de graça para o amigo, Rubião demonstrou-se ressentido e propôs-se como um dos sócios que faltava. O capital era de cinquenta contos, logo cinco contos por pessoa.

Ao sair do escritório, o mineiro passou por uma mulher fina e perfumada, a quem Camacho chamou de “baronesa”. Rubião, sem saber a causa *e apesar de seu próprio luxo, sentia-se o mesmo antigo professor de Barbacena.* (p.103)

Na rua, encontrou Sofia e falaram-se acanhadamente, por pouco tempo, pois ela estava acompanhada. Depois do jantar, Rubião foi à casa de Sofia e encontrou-a com as duas mulheres que a acompanhavam: a jovem era uma prima, Maria Benedita; a mais velha era sua tia, Dona Maria Augusta, de quem recebera uma carta, naquele dia da queda do carteiro. Sofia já tentara fazer a prima estudar piano e francês, mas fracassara. Nem adiantou o argumento de que o francês *era indispensável para conversar, para ir às lojas, para ler um romance.* (p.105) Verdade é que a velha não desejava que a filha se casasse para evitar ficar sozinha. Rubião vendo que era tratado com cortesia, mas não encontrava as mesmas atenções e olhares antigos, dispôs-se a

⁶² Em 1847, D. Pedro II instalou um tipo de parlamentarismo no país e no ano seguinte, 1848, os liberais (por pretenderem redigir uma nova constituição) entraram em choque com os conservadores.

partir. Nisso, chegou Carlos Maria. Atravessando o jardim, o ex-professor ouviu de longe Carlos Maria fazer elogios à beleza de Sofia: *Como ele diz aquelas coisas tão naturalmente! pensou Rubião em casa, lembrando as palavras de Carlos Maria.* (p.107)

No dia seguinte, pela manhã, Rubião recebeu o jornal *Atalaia*, onde leu indignado a notícia de que ele salvara a vida de um menino na rua da Ajuda. Revê o acontecimento e acaba, depois de um tempo, relendo a notícia elogiosa com certa satisfação. À tarde, já estava vaidoso e recebeu com orgulho os elogios e louvações dos amigos e conhecidos. Chegou a comprar uns tantos exemplares da folha para os amigos de Barbacena.

Finalmente, Maria Benedita aceitou estudar francês e piano. Quando Carlos Maria pediu para que ela tocasse algo ao piano, a moça disse à prima que estava disposta a estudar até russo. Palha convence a velha a deixar a filha com eles e Sofia não só cuida de sua educação, como a leva às distrações todas que a cidade oferece. Maria Benedita esforça-se tanto que até Sofia chama sua atenção: “Descansa, filha de Deus!” Seus progressos rápidos em tudo chegam a provocar ciúme em Sofia, de modo que ela deixa de fazer os elogios que antes sempre fazia à moça em toda a parte.

Passam-se oito meses. Palha e Sofia mudaram-se de Santa Teresa para a praia do Flamengo. Rubião, depois de muita hesitação, tornou-se sócio do Palha em uma firma de importação, à rua da Alfândega, com o nome Palha e Companhia. Certa noite, Maria Benedita observou que Sofia pendurou-se ao ombro de Carlos Maria e valsou com ele por quinze minutos. Ela marcou o tempo no relógio de Rubião. Carlos Maria, durante a dança, faz muitos e diretos galanteios a Sofia, que fica acanhada, ao contrário de seu comportamento habitual, tão seguro. Isso, provavelmente, porque se sentia atraída pelo rapaz. Finalmente, após a valsa, Carlos Maria deixa Sofia ao lado de Maria Benedita.

Rubião, que normalmente não sente ciúmes do marido de Sofia, sofre agora com ciúme de Carlos Maria. Terminada a festa, Palha e Sofia recolhem-se ao seu lar e o narrador mostra de modo irônico o diálogo do casal, repleto de falsidades e superficialidades. *Palha beijou-lhe a espádua; ela sorriu, sem tédio, sem dor de cabeça, ao contrário daquela noite de Santa Teresa, em que relatou ao marido os atrevimentos do Rubião. É que os morros serão doentios, e as praias saudáveis.* (p.119)

Comentário: A ironia está em dizer que Sofia reclamou do Rubião, quando morava no morro, porque o lugar era doentio e, agora, ela não reclama do Carlos Maria, porque está morando na praia, que é saudável. Nisso consiste a ironia, em dizer uma coisa, mas significando outra. O leitor percebe claramente que ela reclamou de Rubião, porque não lhe despertava simpatia. Ela só o tratava bem para atender ao interesse do marido. Agora, com Carlos Maria é diferente, ela está gostando dele e aceita a sua corte por interesse próprio e não do marido. Por isso, não se sente indisposta.

Na manhã seguinte, Sofia acordou cedo, bem-disposta, e ficou na cama pensando no que Carlos Maria dissera, que passara à noite pela praia, em frente a sua casa, e ficara pensando nela. Maria Benedita, ao contrário, acordara indisposta. Sofia repreende-se por estar pensando no rapaz sedutor, mas por mais que prometa mudar de pensamento, não consegue. Também Carlos Maria lembra pensando na festa da noite anterior, na casa do Camacho. Em seu pensamento, sente-se mal e bem pelas mentiras sedutoras que dissera a Sofia, pois ele nem passara à noite pela casa dela, nem pensara nela. O que o aborrece um pouco é que seu assédio se torna uma espécie de compromisso com a mulher. O que lhe dá prazer é lembrar a inveja dos outros ao vê-lo dançar com Sofia. A inveja e a admiração dos outros é que lhe davam ainda agora uma delícia íntima.

Sentindo que dizer mentira o inferioriza, Carlos Maria decide ir à casa de Sofia e estabelecer a verdade, mas no meio do caminho desistiu. Julgou que era ir muito depressa atrás dela. Em seu passeio, cavalgando com perícia, Carlos Maria desperta admiração por onde passa, envaidecendo-se.

Naquele mesmo momento, Sofia encontrava Maria Benedita lendo os jornais da manhã e comentou que estava pensando em conseguir um casamento para ela, já tendo um noivo em vista. A moça pensou logo que devia ser Carlos Maria, sendo esse o motivo que levava Sofia a dançar e conversar tanto com ele. No entanto, Sofia estava pensando em Rubião, por sugestão do marido. Ao contrário de Maria Benedita que afastava as

desconfianças de Sofia com Carlos Maria, Rubião acordou decidido a pedir satisfações ao rapaz. Chegou a procurá-lo três vezes na rua dos Inválidos, onde morava, mas não o encontrou. Ao voltar para sua casa, Rubião recebeu a visita do major Siqueira, cuja filha fizera quarenta anos e já estava se desiludindo de encontrar o marido sonhado. O major observou que Rubião estava aborrecido e aconselhou:

– *O senhor é feliz, mas falta-lhe aqui uma cousa; falta-lhe mulher. O senhor precisa casar. E por que não? Perguntou uma voz, depois que o major saiu. Rubião, apavorado, olhou em volta de si; viu apenas o cachorro, parado, olhando para ele.* (p.126)

Comentário: O narrador cria uma certa ambiguidade, revelando que o protagonista pensa diversas vezes que certas ideias ou sugestões partem do cão ou do filósofo através do animal, mas o leitor pode conceber que por trás dessa aparência o que acontece na essência é que tal pensamento parte do próprio Rubião, que o projeta em Quincas Borba.

Rubião ficou tão distraído pensando no possível casamento, que levou o major até à rua e despediu-se sem aperceber-se disso. *As pernas tinham feito tudo; elas é que o levaram por si mesmas, direitas, lúcidas, sem tropeço, para que ficasse à cabeça tão-somente a tarefa de pensar.*⁶³ (p.127)

Assim, o protagonista fica sonhando com seu futuro casamento, imaginando-o luxuoso, com grande e pomposa festa, com louças da Hungria e cristais da Boêmia, com lustres de cristal e **vasos de Sèvres**.⁶⁴ Depois de ficar uma semana fechado em casa, Rubião saiu e encontrou o Palha no armazém. Estava de luto, pela morte da tia de sua esposa, a Dona Maria Augusta, mãe de Maria Benedita. Palha perguntou a ele por que não ia ao Flamengo, logo à noite, para ajudá-los a distraí-la? Rubião prometeu ir. Por fim, Palha toma coragem e fala que sempre teve um palpite de que Rubião iria se casar com a Maria Benedita, e pergunta se Sofia não lhe havia dito nada? Rubião fica pensando na atitude de Sofia. Quereria ela, talvez, descartar-se dele com tal casamento. Mas, se ela nada lhe comunicara, pode ser também porque não queria esse casamento. Com esse pensamento, sua alma recuperou a serenidade anterior. Para passar o tempo, até o momento de ir ao Flamengo, Rubião se lembrou de visitar o Freitas, que estava enfermo. Ficou lá umas duas horas e ao sair, deixou com a mãe do doente seis notas de vinte mil réis para ajudar nas despesas. Antes que a mulher pudesse agradecer, Rubião pegou um tálburi de aluguel e partiu, passando pela Praia Formosa, onde pediu ao cocheiro para ir devagar, para que pudesse admirar a beleza da paisagem. Passou pelo Saco do Alferes, pelo bairro da Gamboa, pelo Cemitério dos Ingleses, até chegar à Saúde, onde ainda havia casas do tempo do Rei, pobres e corroídas pelo tempo e pela intempérie. Rubião refletiu: Era tão bom não ser pobre!

Rubião desceu e seguiu caminhando ao lado do tálburi. Passou por eles uma mulher que conduzia uma criança pela mão e isso fez com que o ex-professor voltasse a pensar na constituição de uma família. Chegou a pensar na filha do major Siqueira como uma noiva possível, mas a lembrança de Sofia veio quebrar esses devaneios. Rubião entrou no tálburi e ouviu do cocheiro uma história de certo encontro suspeito de uma mulher elegante com um moço da rua dos Inválidos na casa de uma costureira na rua da **Harmonia**.⁶⁵ Rubião associou interiormente o moço a Carlos Maria e a mulher à sua amada Sofia. Depois, seguiu para casa pensando nessa conversa do cocheiro.

Ao dirigir-se à mesa de jantar, sentiu impulso de dar sua mão aos convidados para que a beijassem, mas conseguiu controlar-se antes de fazer o gesto. Mais tarde, Rubião foi visitar Sofia e encontrou-a na companhia de duas costureiras, que ali estavam para preparar os vestidos de luto. Uma delas morava na rua da Harmonia. Rubião recordou-se da história do cocheiro e ficou gelado. Sofia, que tinha saído um pouco, voltou e percebeu que ele estava com a mão gelada. Chegou a sugerir que ia lhe dar um medicamento da época, água de melissa, mas ele recusou e partiu. Antes, ouviu de Sofia que ela estava organizando uma comissão para angariar esmolas para colaborar com doentes vítimas de uma epidemia em Alagoas. Rubião pensou em participar, mas

⁶³ Machado empregou o mesmo procedimento em *Dom Casmurro*, capítulo XIII, quando as pernas de Bentinho o levam à casa de Capitu. A figura empregada aí é a prosopopeia ou personificação, que consiste em dar a animais ou seres inanimados traços e comportamentos próprios dos seres humanos.

⁶⁴ Todo esse sonho de magnificência e poder já é um desvario de Rubião, que se encaminha para a loucura.

⁶⁵ Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado já se valera de uma costureira, Dona Plácida, para encobrir os encontros adúlteros de Virgília com Brás Cubas.

Sofia disse-lhe que só havia mulheres na comissão, mas que os homens participariam com dinheiro.

Depois de algum tempo que Rubião chegara em sua casa, veio um portador com um bilhete de Sofia perguntando como ele se sentia. O mesmo rapaz levou a resposta de Rubião, mas ao sair, deixou cair uma carta, que Rubião recolheu e guardou. A letra era de Sofia e estava endereçada a Carlos Maria. As peças do quebra-cabeças começavam a se encaixar na cabeça do protagonista. Pouco depois, chegou a notícia da morte do Freitas e Rubião seguiu para o velório, acompanhando depois o enterro.

No dia da missa de sétimo dia pela morte da mãe de Maria Benedita, Rubião entregou a carta a Sofia, fazendo cena de ciúme, descontrolando-se e falando muito alto. Ela se assustou e teve medo que os ouvissem. Protestou inocência e, como prova, pediu que ele mesmo abrisse e lesse a carta, mas ele se recusou e partiu abruptamente. Sofia ficara tão nervosa que nem conseguia lembrar-se do conteúdo da carta. Abriu-a e viu que era da comissão pedindo ao rapaz uma ajuda para os doentes de Alagoas. Por causa disso, Sofia voltou a pensar em Carlos Maria, nos seus galanteios e depois no seu afastamento inexplicável.

Acabou concluindo que devia existir algum motivo para que ele resistisse à sua beleza. Procurou razões possíveis, algum gesto brusco, uma falta de atenção para com ele; lembrou-se que, uma vez, por medo de o receber sozinha, mandou dizer que não estava em casa. Sim, devia ser isso. Carlos Maria era orgulhoso; a menor desfeita aborrecia-o. Ficara sabendo que era mentira. Devia ser essa a razão.

O capítulo CVI é toda uma digressão irônica, brincalhona, e metalinguística, em que o narrador se diverte com o leitor, desfazendo a ilusão de Rubião e do leitor de que Sofia e Carlos Maria fossem personagens da história do cocheiro. A história, diz o narrador, nem era verdadeira, tinha sido apenas uma invenção do cocheiro para distrair Rubião. O resto era puro fruto do acaso, uma coincidência.

Durante alguns meses, Rubião deixou de ir ao Flamengo. Ia, no entanto, ao armazém, sendo um dia recriminado pelo sócio Palha pela ausência prolongada. Rubião desculpa-se por estar ocupado com a política, mas promete aparecer em sua casa no domingo seguinte. Quando o Palha lhe pediu que fizesse uma subscrição para Alagoas, Rubião assinou cinco contos, apesar do sócio ter achado que era muito. Para piorar, Rubião pediu-lhe mais dez contos, pois iria precisar para outros negócios. Palha, que guarda todos os bens do mineiro, recusou-se e explodiu com explicações falsas: “De que há de viver, se estraga o que possui ?” A verdade, porém, é que não quer ver ir embora um dinheiro que acabará sendo dele. Por fim, acabou cedendo.

Bem, agora é tarde, amanhã levo-lhe os dez contos. E porque os não há de ir buscar lá à nossa casa ao Flamengo? Que mal lhe fizemos nós? Ou que lhe fizeram elas? Porque a zanga parece ser com elas, visto que o vejo aqui. Que foi, para castigá-las? Concluiu rindo. (p.162)

Nessa noite, Rubião sonhou com Sofia e Maria Benedita. Sofia era a imperatriz Eugênia e Benedita era uma aia. Ambas, apenas de saia, costas nuas, eram chicoteadas pelo Palha. Rubião, indignado, mandou cessar o castigo, enforcando o Palha e recolhendo as mulheres. *Uma delas, Sofia, aceitou um lugar na carruagem aberta que esperava pelo Rubião, e lá foram a galope, ela garrida e sã, ele glorioso e dominador. Os cavalos, que eram dois à saída, eram daí a pouco, oito, quatro belas parelhas. Ruas e janelas cheias de gente, flores chovendo em cima deles, aclamações... Rubião sentiu que era o imperador Luís Napoleão; o cachorro ia no carro aos pés de Sofia... (p.163)*

Rubião recebeu o dinheiro do Palha e o aplicou em seus negócios. Uma parte, um conto e duzentos, foi entregue ao Camacho, para pagar uma conta atrasada de papel do jornal *Atalaia*. Camacho informou ao Rubião que sua candidatura havia naufragado. Para demonstrar sua revolta, Camacho lê para o amigo seu artigo que sairá no próximo número. A linguagem é retórica, pretensiosa e cheia de expressões em latim.

Os capítulos de CXII a CXIV são digressões do narrador a propósito da estrutura da narrativa, principalmente sobre o hábito antigo de resumir o capítulo no seu título, coisa que ele não faz, mas cita os antigos que já o fizeram: Bernardim Ribeiro, Cervantes, Rabelais, Fielding e Smollet.

Rubião continuava evitando ir à casa do Palha, para não se encontrar com Sofia, mas acabou vendo-a na rua. Ela fez um aceno gentil e ele se perguntou se ela não teria brio. Em seguida, foi ao banco e lá encontrou o sócio, recebendo novo convite para aparecer em sua casa na quarta-feira seguinte, pois seria comemorado o aniversário de Sofia. Depois, no armazém, Rubião pediu ao sócio a importância de dois contos de réis, com os quais comprou uma magnífica joia, um brilhante, que fez enviar a Sofia. Quando ela recebeu, abriu e olhou o presente; uma bela pedra no centro de um colar, exclamou: *Aquele homem adora-me. (p.170)* Estava

completando vinte e nove anos.

Quando chegou Rubião, Sofia viu que estava diferente “passo firme, cabeça levantada, o avesso, em suma, do antigo gesto encolhido e diminuto”. Durante o jantar, Rubião notou que Carlos Maria só dava atenção às moças, nem olhava para Sofia. Depois, a sós com ela, Rubião ouviu a explicação da carta e a notícia de que Carlos Maria iria se casar com Maria Benedita. Após as explicações, Sofia retirou-se para a sala, deixando Rubião com seu espanto. Pouco depois, ele a seguiu, pensando naquele futuro casamento. No caminho, vai observando os móveis e cristais, constatando que o Palha vive agora um pouco melhor.

Rubião encontra Maria Benedita e além de dar-lhe os parabéns pelo futuro casamento, faz-lhe ternos e carinhosos elogios, deixando a moça vermelha de tanto gosto. *O próprio Carlos Maria não era assim terno; gostava dela com circunspeção. Falava-lhe da felicidade conjugal, como de uma taxa que ia receber do destino, – pagamento devido, integral e certo.* (p.174)

Comenta o narrador que as catástrofes são úteis e até **necessárias**.⁶⁶ A esse propósito, digressivamente, insere uma micronarrativa (narrativa de encaixe) que ouvira de um padre, que poderia ser assim resumida: passa um bêbado e vê uma mulher chorando a poucos passos de uma casa incendiada. Pergunta-lhe se a casa é dela. Quando a mulher confirma, ele pede: “Dá-me então licença que acenda ali o meu charuto?”

Voltando ao relato, conta o narrador que Maria Benedita participou da comissão das Alagoas e agradou a Dona Fernanda, esposa de um deputado e prima de Carlos Maria. Inicialmente, Dona Fernanda estava interessada em casar seu primo com uma gaúcha, de nome Sonora, filha de um rico estancieiro. Como Carlos Maria resistia e como sua simpatia pela Maria Benedita aumentava, Dona Fernanda acabou tendo a ideia de casá-los. Certo dia, após a missa, na igreja de Santo **Antônio**⁶⁷, Dona Fernanda encontrou-se com o primo e falou do amor silencioso e discreto de Maria Benedita. Carlos Maria envaideceu-se por ser alvo desse amor ardoroso e abriu espaço para o namoro.

Nesse período, Sofia voltou a ser a mesma mulher atenciosa com Rubião. O narrador, interpretando as emoções do protagonista, comenta que nunca fora tão solícita nem tão dada com ele. Parecia arrependida de todo o mal causado, prestes a saná-lo, ou por afeição tardia, ou pelo próprio malogro da primeira aventura.

Em menos de um mês, foi realizado o casamento de Carlos e Benedita. Antes da cerimônia, cada um se imaginava na existência de casados. Ele vê a mulher ajoelhada, com os braços postos nos seus joelhos. Ela também se vê ajoelhada frente ao marido como se estivesse comungando. Enfim, casam-se e viajam para a Europa. Sofia não compareceu às despedidas, alegando estar doente. Fechou-se no quarto e ficou a ler um romance que lhe fora dado por Rubião. Pensava nele e recordava uma frase sua, enigmática, em que dizia que ela era a rainha de todas, isso em voz baixa. Em seguida, pediu para ela esperar que logo a tornaria imperatriz.

Coincidentemente, Sofia leu ao acaso no livro que tinha nas mãos a frase: “Ele merece ser amado”. Ao contrário de Sofia, Rubião e o Palha foram despedir-se do casal. Após as despedidas, quando voltavam, Palha comunicou a Rubião que pretendia desfazer a sociedade, pois recebera de um banco uma proposta muito boa. Assim, o Palha ia ver-se livre de um sócio, cuja prodigalidade podia trazer-lhe algum perigo.

A proposta do banco era pura mentira do Palha. Os negócios da firma iam muito bem e ele queria afastar o sócio para não ter que dividir os lucros futuros. Estava tão bem que já contratara um arquiteto para construir para si um palacete.

Dias depois, Rubião passava frente a um sobradinho modesto, na rua dos Barbonos, quando viu à janela o major Siqueira, que ali morava com a filha quarentona, Dona Tonica. Rubião entrou, conversou, ouviu as queixas do major, porque não fora convidado pelo Palha para ir a sua casa, nem mesmo por ocasião do casamento de Maria Benedita. Rubião tratou-os com simpatia e, sem ser convidado, prometeu que voltaria para jantar.

Após a partida de Rubião, Tonica pediu ao pai que em vez de comprar um novo vestido para ela, como haviam combinado, usasse aquele dinheiro para comprar e estocar algumas latas de conserva, pois assim fariam um jantar melhor quando o Rubião aparecesse.

⁶⁶ Essa tese era defendida pelo “filósofo” Quincas Borba e aqui está sendo apresentada ironicamente pelo próprio narrador.

⁶⁷ Não se pode deixar de observar que Santo Antônio é o santo casamenteiro, comemorado no dia 13 de junho, quando as moças realizam diversas simpatias para conseguir casamento.

Ainda não disse, – porque os capítulos atropelam-se debaixo da pena, – mas aqui está um para dizer que, por aquele tempo, as relações de Rubião tinham crescido em número. (p.196)

Era muito conhecido e já lhe tinham construído uma lenda, que o constituía discípulo de um grande filósofo, que lhe legara imensos bens. Além dos antigos convivas, vários novos iam todos os dias à casa dele, mostrando grande intimidade, dando ordens aos criados, pedindo charutos. Até os novos já lhe deviam dinheiro. O cachorro Quincas Borba passava pelo colo de todos. *Nenhum daqueles homens sabia, entretanto, o sacrifício que lhes fazia o Rubião. Recusava jantares, passeios, interrompia conversações aprazíveis, só para correr à casa e jantar com eles. Um dia achou meio de conciliar tudo. Não estando ele em casa às seis horas em ponto, os criados deviam pôr o jantar para os amigos. (pp.197/8)*

Certo dia, na ausência de Rubião, os convivas invadem seu gabinete para pegar seus charutos, encontrando ali uma novidade: dois bustos de mármore, dois Napoleões, o primeiro e o terceiro. Contou o criado que Rubião, tão logo recebeu esses bustos, deixara-se estar muito tempo a admirá-los, esquecido de tudo o mais.

Rubião protegia com dinheiro tanto os pseudoliteratos, quanto sociedades de todos os tipos e credos. Assinava jornais que não lia. Comenta o narrador que ele agora vive assaltado pelas fantasias como aquela de seu casamento luxuoso. E Sofia, perguntaria a leitora? Explica que ela vai bem, dorme e come largamente. Está bem relacionada após a comissão das Alagoas. O Palha revela-se mais espalhafatoso e é a mulher que o corrige. Necessidade e vocação deram a Sofia, aos poucos, o que não trouxera do nascimento nem da fortuna. Foi assim que ela cortou relações antigas, modestas, que não mais lhe interessavam.

Certo dia, Rubião foi à casa de Sofia e tentou interceder pelo major Siqueira, mas desistiu quando viu o seu ar de desinteresse pelo assunto. Convidou-a para dar um passeio a cavalo na Tijuca, mas ela se recusou, apesar de gozar o passeio a sós com ele, em sua imaginação. Rubião, que espreitava o rosto aceso de Sofia, insistiu no convite. Ela ficou firme na recusa: – *Está tonto! Fica para o domingo que vem!* (p.203)

Rubião partiu, perguntando se, então, para o outro domingo podia contar com o passeio. Após sua saída, Sofia exclamou: *Que homem aborrecido!* Depois ficou a olhar duas rosas no jardim. O narrador projeta sobre as **rosas**⁶⁸ um discurso analítico e digressivo as quais colocam a causa desse aborrecimento de Sofia nela própria, pois jura esquecer Rubião, mas não o faz.

Fez-se o passeio à Tijuca, sem outro incidente mais que uma queda do cavalo, ao descerem. Foi Sofia quem caiu, e com graça. Em casa pergunta ao marido se não ficara descomposta, se Rubião não tinha visto nada. O marido, beijando-lhe o joelho machucado insistiu que nem mesmo a ponta do pé aparecera. Depois, ao retirar-se para seu quarto, Palha ficou imaginando o espanto e inveja de Rubião, única testemunha do acidente, se ele pudesse ter visto casualmente e por um instante aquela maravilha de que ele era dono. Na terça-feira seguinte, era janeiro de 1870, Rubião causou espanto chamando à sua casa um barbeiro e cabeleireiro da rua do Ouvidor a quem pediu para que o barbeasse deixando apenas a **pera**⁶⁹ e os bigodes como Napoleão III. Após o serviço, Rubião deu ao homem uma nota de vinte mil réis e quando o barbeiro disse que não tinha troco, respondeu-lhe: *Não precisa dar troco, tire o que houver de pagar à casa, e o resto é seu.* (p.210)

Ficando só, Rubião atirou-se a uma poltrona e a devaneios de grandeza, sonhando governar um grande Estado. Ao jantar, os convidados disseram que ele estava ótimo. *Rubião era ainda dois. Não se misturavam nele a própria pessoa com o imperador dos franceses. Revezavam-se; chegavam a esquecer-se um do outro. Quando era só Rubião, não passava do homem do costume. Quando subia a imperador, era só imperador. Equilibravam-se, um sem outro, ambos integrais.* (p.212)

Rubião vai visitar Sofia, que se espanta com a mudança, mas diz-lhe que ficou melhor. Ela está de saída. Chega a carruagem e Rubião ofereceu a mão para ajudá-la a entrar. Ela aceitou a gentileza e entrou. Quando ia dizer até logo foi apanhada de surpresa. *Rubião entrara após ela e sentara-se-lhe ao lado; o lacaio fechou a portinhola, trepou à almofada, e o carro partiu.* (p.213) Sofia ficou desesperada, quis mandar o carro parar, mas Rubião parecia não entender. Quando ela falou na inconveniência de serem vistos juntos, ele simplesmente baixou as cortinas e permaneceu em silêncio. Sofia encolheu-se muito no canto, com certa repugnância. Por fim, ela rompeu o silêncio e pediu para ele descer, dizendo que iria à cidade e não podia

⁶⁸ Esse é um recurso estilístico próprio de Machado. Outro bom exemplo é o caso do coqueiro que aparece em *Dom Casmurro* e fala para Bentinho que os cantos foram feitos para os adolescentes se esconderem e namorarem.

⁶⁹ Pequena porção de barba que se deixa crescer no centro e ponta do queixo.

chegar lá com ele. Ele pareceu nada entender e demonstrou firme decisão de não descer nem aceitar que ela o deixasse em sua casa.

Repentinamente, alucinado, Rubião começa a falar de coisas não passadas como verdadeiras, encontros amorosos frutos de sua fantasia: *Querida amiga, falo-te assim, porque é preciso termos cautela; a nossa insaciável paixão pode esquecer esta necessidade. Temos facilitado muito, Sofia; como nascemos um para o outro, parece-nos que estamos casados, e facilitamos.* (p.217)

Quando, espantada e assustada, Sofia exclama o nome dele, Rubião, ele contesta: *Napoleão, não; chama-me Luís. Sou o teu Luís, não é verdade, galante criatura?* Antes de descer, Rubião tentou dar-lhe de presente um bellissimo anel de diamante que tinha no dedo e, ante sua recusa, prometeu que a faria duquesa. Logo que se separaram deu-se em ambos um contraste. Ele, na rua, voltou a ser o Rubião de sempre, como se inconscientemente procurasse afastar a personalidade emprestada, enquanto Sofia, após o susto, mergulhou num devaneio em que as referências fantasiosas do alucinado davam-lhe uma esquisita saudade.

Espalhou-se a nova mania de Rubião e após alguns meses, com a guerra franco-prussiana, as crises aumentaram. Lia os jornais, interpretando tudo segundo seus desejos. *A queda de Napoleão III foi para ele a captura do rei Guilherme, a revolução de 4 de setembro um banquete de bonapartistas* (p.221)

Todos seus convivas tinham agora suas patentes militares. Rubião via-os fardados em sua imaginação. A mesa de Rubião já estava sem prataria, quase sem porcelanas e cristais, mas nas horas de delírio ele a via suntuosa, esplêndida. Sofia o escutava e falava-lhe com interesse nos momentos de lucidez. A doença dava-lhe audácia nos momentos de crise, mas dobrava-lhe a timidez nas horas normais. Ela *não sorria, como o Palha, quando Rubião subia ao trono ou comandava um exército. Crendo-se autora do mal, perdoava-lho; a ideia de ter sido amada até à loucura, sagrava-lhe o homem.* (p.222)

Dona Fernanda informa Sofia que recebeu carta de Carlos Maria e Maria Benedita, que estão voltando da Europa. Aproveita para sugerir que coloquem Rubião em tratamento médico. Palha ficaria como curador de seus bens, enquanto estivesse em tratamento. Sofia sente despeito porque a carta de Benedita para Fernanda é mais íntima do que as que recebeu, além de confidenciar que é mãe de um filho de Carlos Maria.

No dia seguinte, a manhã veio chuvosa. *Sofia meteu a alma em um caixão de cedro, encerrou o de cedro no caixão de chumbo do dia, e deixou-se estar sinceramente defunta.*⁷⁰ (p.224) Tudo isso por causa da carta e da volta de Carlos Maria. Um raio de sol ameaçou espantar a chuva, mas como se ouvisse uma advertência do sol, que não desejava estimular a saída de Sofia, voltou a ocultar-se. A chuva caiu copiosa e Sofia resignou-se à reclusão.

À noite, Sofia tem um pesadelo em que se vê no mar, escrevendo com o dedo na água o nome de Carlos Maria. Depois aparece o próprio Carlos, dizendo-lhes as palavras de amor que já ouvira de Rubião. Estão numa carruagem que é atacada por mascarados que matam o cocheiro e apunhalam Carlos Maria. Acorda assustada e receia que o marido tivesse ouvido algum nome que ela teria dito. Disfarça e diz ao Palha: *Sonhei que estavam matando você.* No dia seguinte, o sol apareceu claro e quente. Sofia aproveitou para sair e fazer visitas. Assim, espantou os pensamentos que a afligiam. Só um incidente a aborreceu naquele dia brilhante: um encontro com Rubião. Ela estava numa livraria, quando viu que ele estava entrando. Virou o rosto e fugiu apressada antes que ele a visse. O sangue só lhe sossegou depois de estar longe da rua dos Ourives.

Dias depois, Sofia foi visitar Dona Fernanda e lá encontrou, de saída, o Rubião. Ele cumprimentou-a e partiu naturalmente. Dona Fernanda contou então que já era a quarta vez que o recebia de visita. Só na segunda dessas visitas é que ele estava alucinado. Nas demais, comportou-se normalmente. Por isso, acreditava ela que ele pudesse melhorar, então pede a Sofia que interceda ao seu marido para cuidar do coitado. Sofia atendeu, mas o Palha aborreceu-se com sua insistência. Apesar disso, alugou uma modesta casinha perto do mar, onde meteu o Rubião e o cachorro amigo. Em seus momentos de delírio, Napoleão III achava que estava nos seus paços de Saint-Cloud. Os convivas exploradores é que não gostaram da mudança, mas Palha alegou que Rubião não estava bem e necessitava de repouso por algum tempo. Talvez, ainda, tivesse que interná-lo numa casa de saúde. Todos ouviram atônitos.

⁷⁰ Esta é outra característica estilística bastante frequente em Machado, a concretização do abstrato.

Capítulo CLXVI (na íntegra)

Rubião notou que eles não o acompanharam à casa nova, e mandou-os chamar; nenhum veio, e a ausência encheu de tristeza o nosso amigo, – durante as primeiras semanas. Era a família que o abandonava. Rubião procurou recordar se lhes fizera algum mal, por obra ou por palavra, e não achou nada. (p.134)

Comentário: Nesse capítulo fica patente a ingenuidade e pureza do protagonista. Essa característica, somada aos sonhos megalomaníacos é que lhe dão um ar patético.

O deputado Doutor Falcão, que era médico, foi examinar Rubião a pedido de sua amiga Dona Fernanda. Após o exame, julgou que ele poderia ser curado, mas seria bom que mandassem fazê-lo examinar por um especialista, um alienista. Depois confidenciou que tinha feito uma descoberta, Rubião e Sofia deviam ter se amado. D. Fernanda protestou e defendeu Sofia com ardor. O médico se foi, pensando na resistência de D. Fernanda e na dedicação ao Rubião. Acaba concluindo que ela também devia ter suspirado pelo mineiro alucinado.

O casal Carlos e Benedita chegam da Europa. Voltaram porque ela estava grávida e desejava ter o filho no Brasil. Carlos Maria aceitou para não discutir com a esposa. A chegada do casal interrompe as preocupações de D. Fernanda com Rubião. Carlos Maria não gosta de ver sua mulher confidenciando a D. Fernanda sua felicidade e intimidades. Quando ficam a sós, Benedita tenta saber por que Carlos está aborrecido, mas ele alega que não houve nada, com um sorriso amarelo, que preocupa a esposa. Maria Benedita examina cada palavra dita à D. Fernanda, autora da felicidade deles, nada encontrando que explicasse a frieza do marido, nem o riso amarelo. Finalmente, acabou procurando o marido: *Você me perdoa? Daqui em diante vou ser menos tagarela.*

Carlos Maria pegou-lhe nas duas mãos, sorrindo e respondeu com a cabeça que sim. Foi como se lançasse uma onda de luz sobre ela; a alegria penetrou-lhe a alma. Dir-se-ia que o próprio feto repercutiu a sensação e abençoou o pai. (p.238)

Nisso, chegou Rubião e encontrou-os de mãos dadas. Riu-se o mineiro e exclamou: *Perfeitamente! Assim é que eu vos quero ver!* Maria Benedita, surpresa, afastou-se do marido. Rubião informou a queda do ministério, mas avisou que ele já estava organizando outro com seus **amigos**.⁷¹ Disse que colocaria Carlos numa das pastas se ele se interessasse, mas foi despedido pelo rapaz, que ficou depois olhando-o pela janela, a seguir seu rumo.

Maria Benedita revelou ao marido que se fosse real a queda do ministério, então o primo dele, Teófilo, provavelmente seria um dos novos ministros. Carlos Maria retoma a leitura de uma revista, em que havia um estudo sobre a famosa estatueta de **Narciso**⁷², do Museu de Nápoles.

Quando Rubião foi à casa de D. Fernanda, ouviu do criado que não podia subir. A senhora estava incomodada e o marido estava com ela à espera do médico. A verdade era que Teófilo não estava bem, inconformado por não ter sido nomeado ministro. Ao almoço, no outro dia, Teófilo recebeu uma carta do presidente do Conselho convocando-o para uma reunião. Foi, com a esperança de ainda ser ministro, mas todas as pastas já estavam preenchidas. Teófilo, em compensação, foi convidado para ocupar uma presidência de província e assumir o lugar de chefe da maioria na câmara. Ao regressar ao lar, Teófilo disse à esposa que tinha aceitado a presidência, mas poderia partir sozinho, pois a separação seria por apenas quatro meses. Ela concorda em ficar para não interromper os estudos do filho mais velho. Teófilo, ao partir, despediu-se emocionado de seus livros. A mulher o consolou: *Deixa estar, eu cuidarei deles, eu mesma os espanarei todos os dias. (p.248)* Outra mulher ficaria triste, por ver que ele amava tanto os livros que parecia amá-los mais que a ela. *Mas Dona Fernanda sentiu-se venturosa.*

⁷¹ Notem que Rubião funde elementos da nossa realidade histórica com os dados de sua fantasia de louco.

⁷² Narciso, personagem da mitologia grega, era tão belo que ao ver-se certo dia refletido no espelho límpido das águas, mergulhou para abraçar a própria imagem, afogando-se. Encontramos nesse trecho uma coerência caricatural entre a personalidade narcisista de Carlos Maria e o objeto de sua leitura.

Rubião, desde o dia da crise ministerial, não tornou à casa de Dona Fernanda, nada soube, nem da presidência, nem do embarque de Teófilo. (p.248) Quando voltou ao estado normal, para afastar rastros ou restos de seu estado de loucura, o mineiro saía para visitar amigos como o major ou o Camacho. Esse último tratava-o há algum tempo com frieza, fingindo-se sempre muito atarefado. Rubião partia aturdido com a frieza do outro. Que lhe teria feito?

Numa dessas visitas, ao sair, encontrou-se o Rubião com o major Siqueira, que o conduziu à sua casa. Dona Tonica estava de brincos e vestido novo. O major explicou que a filha estava contente porque iria casar-se. O noivo, Rodrigues, era um viúvo com dois filhos, um dos quais tuberculoso. Que importa? Era o noivo! Durante algum tempo, o mineiro escutou o major em silêncio. Repentinamente, brotou inteiro o Napoleão III, prometendo ao Siqueira uma condecoração. O major assustou-se porque logo chegaria o genro. Tentou despachar Rubião, que alegou estar esperando seu coche. Nisso chegou o Rodrigues a quem o velho disse: *Não é verdade que viu no Campo um coche e um esquadrão de cavalaria?* Rodrigues confirmou e a custo despediram o alucinado Rubião, que saiu gesticulando e falando a alguém que supunha levar pelo braço e que era, ao mesmo tempo, a imperatriz Eugênia e Sofia. Ambas em uma só criatura. A multidão na rua, olhava para ele e gritava impiedosa: “Ó gira! Ó gira!” Entre os moleques que gritavam estava o Deolindo a quem Rubião salvara a vida certo dia.

O pai de Deolindo chegou nesse momento e perguntou à esposa se ela não havia reconhecido, no louco, o homem que salvara seu filho. Ela diz que não. Ele se justifica: *Eu ainda quis dar o braço ao homem, e trazê-lo aqui; mas, tive vergonha; os moleques eram capazes de dar-me uma vaia. Desviei o rosto, porque ele podia conhecer-me. Coitado! Nota que não parecia ouvir nada, e seguia satisfeito creio que até ria... Que triste cousa que é perder o juízo!* (p.257) A mulher, naquele dia, só conseguiu dormir muito tarde, atormentada por um sentimento de culpa.

Enquanto o louco ia pela rua, os passantes esqueciam por segundos seus problemas e comparavam sua própria vida à do alucinado, agradecendo aos céus pela sanidade. Preferiam a sua pobre casa, mas real, ao **alcácer**⁷³ fantasmagórico.

Finalmente, Rubião foi recolhido a uma casa de saúde pelo Palha e Dr. Falcão, como o casal Sofia e Palha haviam prometido. Nessa ocasião, Palha e Sofia estavam muito ocupados com a construção de uma nova casa; um palacete em Botafogo. Rubião aceitou a internação sem resistência e prometeu ao Palha que mandaria um de seus coches novos para buscá-lo quando viesse lhe fazer visita. Sofia deveria pousar seu lindo corpo onde ninguém ainda tivesse sentado. – *Para mim, é claro, saiu pensando o Doutor Falcão, aquele homem foi amante da mulher deste sujeito.* (p.259)

Quincas Borba, o cão, ficara em casa sob os cuidados do criado. Rubião gritou e insistiu tanto que lhe mandassem o cão, que Dona Fernanda procurou satisfazer o desejo do doente. Acompanhada de Sofia, foi buscar o animal. As duas entraram na casa empoeirada e em estado de abandono. O criado trouxe o animal e D. Fernanda o acariciou. A pena que lhe dava o delírio do senhor, dava-lhe agora o próprio cão, como se ambos representassem a mesma espécie. E sentindo que a sua presença dava ao animal, uma sensação boa, não queria privá-lo do benefício. Finalmente, dando dinheiro, ordenou ao criado que lavasse o cão e o levasse à casa de saúde. Quando saíram, Sofia deu o braço à amiga e convidou-a para ver as obras do palacete de Botafogo.

Sobreveio um acontecimento que distraiu Dona Fernanda do problema de Rubião. Foi o nascimento da filha de Maria Benedita. A felicidade de uma fez com que se esquecesse da desgraça do outro. Mas foi só a jovem mãe convalescer e ela acudiu novamente ao enfermo. Certo dia, o diretor da casa de saúde comunicou a Dona Fernanda que ele esperava ver Rubião curado em uns seis ou oito meses. Animada, a gaúcha convidou Sofia a irem ver o enfermo.

Em outubro, Sofia inaugurou o palacete, com um grande baile, em que exibiu ricas joias, sendo o colar, ainda, um dos primeiros presentes do Rubião. Certo dia, Rubião fugiu do hospício e, acompanhado do cão, retornou a Barbacena. Logo que chegou à rua Tiradentes exclamou: *Ao vencedor, as batatas!*

Súbito, relampejou; as nuvens amontoaram-se às pressas. Desabou uma tempestade. Cão e homem caminharam sem sentido ou direção. Acabaram adormecendo à porta da igreja. Ao acordarem pela manhã,

⁷³ Habitação suntuoso, palácio, castelo.

estavam tão juntinhos que pareciam grudados. A comadre de Rubião reconheceu-o e procurou ajudá-lo e ao cão. O alucinado reconheceu-a também, aceitando o abrigo e o almoço. Rubião estava febril e assustou a comadre com sua falação sem lógica. Veio um médico examiná-lo, o mesmo que cuidara do finado Quincas Borba.

Rubião reconheceu-o também, e respondeu-lhe que não era nada. Capturara o rei da Prússia, não sabendo ainda se o mandaria fuzilar ou não: era certo, porém, que exigiria uma indenização pecuniária enorme, – cinco bilhões de francos.

– Ao vencedor, as batatas! Concluiu rindo. (p.268)

Morreu pouco depois, pedindo que guardassem sua coroa. *A cara ficou séria, porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a **abdicação**.*⁷⁴

CAPÍTULO CCI

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois, mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e porque antes um do que outro, – questão prenhe de questões, que nos levariam longe... Eia! Chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens. (p.269)

SÍNTESE DO ENREDO

Narrado em terceira pessoa, este romance retoma a personagem Quincas Borba e sua filosofia intitulada Humanitismo. O relato inicia-se apresentando Rubião em plena riqueza, vivendo no Rio de Janeiro. Em retrospectiva, retoma-se seu passado de medíocre professor de primeiras letras em Barbacena, Minas Gerais. Nessa época, conhece o filósofo Quincas Borba, que ficara noivo de sua irmã, Piedade. Após o falecimento desta, antes do casamento, Quincas adoece e fica sob os cuidados de Rubião. Durante a enfermidade, Quincas procura ensinar os conceitos básicos de sua filosofia ao ignaro Rubião. Quincas sente melhoras e parte para o Rio, deixando seu cão, a quem colocou sem próprio nome, aos cuidados do amigo.

Quincas falece e Rubião, ao receber a notícia, dá o cão a uma **conhecida**⁷⁵. Ao saber do testamento e da condição de que só receberia a herança se cuidasse do cão, Rubião corre à casa da mulher e pede o animal de volta, partindo em seguida para o Rio de Janeiro. Durante a viagem, conhece Cristiano Palha e Sofia, por quem imediatamente Rubião se sente atraído. Inicia-se um triângulo amoroso potencial, que se mantém durante quase toda a narrativa. Palha, interessado no dinheiro do ingênuo Rubião, faz vistas grossas aos olhares desejosos do recém conhecido e propõe sociedade ao novo rico. Rubião preso pelos olhares prometedores de Sofia, aceita. Sofia, percebendo o jogo de interesses, adota um olhar que parece dizer: *Vem à minha fonte que não sairás com sede.*

Chegados ao Rio de Janeiro, o casal cuida de tudo para Rubião, que enche Sofia de presentes, que são bem recebidos no início, mas no final ela reclama para o marido. Rubião vai perdendo dinheiro e ganhando alucinação. Imagina que é Napoleão III, a quem imita na aparência. Finalmente, é internado em um manicômio, de onde foge e, sempre com seu cão, retorna a Barbacena. Totalmente alucinado, Rubião morre e é enterrado na cidade mineira. O cão, depois de perambular alucinado pelas ruas, é encontrado morto.

⁷⁴ Vejam nesse fragmento uma característica importante do estilo de Machado, a ironia. Em vez de dizer que morreu, afirma que o protagonista assinou a abdicação.

⁷⁵ Na primeira versão da obra, que pude ler em uma página arrancada de revista daquele tempo, o cão é perdido e Rubião tem de procurá-lo. Machado, tempos depois, percebeu que seria mais interessante a doação do que a perda, por denunciar com mais força e o egoísmo e o interesse.

ESTRUTURA DA OBRA

Foco narrativo

Machado é habilidoso na utilização do narrador em primeira pessoa, mas para registrar a trajetória de Rubião optou pelo foco narrativo em terceira pessoa, mais objetivo, permitindo uma visão de fora da história, acima das personagens, como quem as vê assim como uma divindade observando suas criaturas. Isso, no entanto, não impede que mergulhe nos mais profundos sentimentos e pensamentos das suas personagens, desnudando-as para seus leitores.

Tempo

O narrador inicia sua narrativa situando o protagonista no espaço, Botafogo, bairro carioca, mas não deixa claro a data, o tempo. É um momento presente e, como num filme, o leitor pode ver o rico Rubião de chambre comparando sua vida presente, rico capitalista, com sua existência de humilde professor. É servido o café da manhã (capítulo III) e a partir do quarto capítulo, o narrador volta ao passado (flashback) e faz uma retrospectiva, sem especificar datas. Aparece explicitamente uma data que é quando Rubião manda cortar a barba de modo a ficar parecido com Napoleão III, era janeiro de 1870.

Várias vezes aparece notação do tempo, mas em relação à ação anterior, sem mencionar dia, mês ou ano: “No dia seguinte” (VIII), “horas depois” (IX), “sete semanas depois” (X), “no começo da semana seguinte” (XI), depois vem a abertura do testamento, a viagem para o Rio de Janeiro, a amizade com o Palha e o amor por Sofia e volta-se ao momento com que se iniciou o relato no primeiro capítulo: “Tudo isso passava agora pela cabeça do Rubião, depois do café, no mesmo lugar em que o deixamos sentado, a olhar para longe, muito longe. Continuava a bater com as borlas do chambre. Afinal lembrou-se de ir ver o Quincas Borba e soltá-lo. Era a sua obrigação de todos os dias. Levantou-se e foi ao jardim, ao fundo (XXVII). Na parte final da história, capítulo CLXII, encontramos a referência a um fato histórico, a queda do ministério. Período crítico da transição da monarquia para o regime republicano, compreendido entre 1880 e 1889.

Podemos afirmar que há menos preocupação com o tempo cronológico do que com o psicológico.

Espaço

O espaço principal é aquele bem conhecido pelo autor, o Rio de Janeiro, destacando-se Copacabana, Flamengo e Botafogo. O outro espaço que se apresenta para o encontro do filósofo louco com o professor mineiro, Barbacena, é também o palco para o final trágico, patético, de um Rubião também alucinado. Barbacena é a única cidade fora do Rio que foi visitada por Machado de Assis, que parece ter sido avesso a viagens.

Personagens

Quincas Borba, personagem que já aparecera nas páginas de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, misto de filósofo e de louco, criador de um sistema filosófico, Humanitismo.

Pedro Rubião de Alvarenga, professor de primeiras letras do interior de Minas Gerais, que se torna amigo de Quincas Borba ao cuidar dele quando este adocece. Rubião expressa-se segundo o senso comum da gente simples, como exemplifica expressões do tipo: “O certo é que eles (Piedade e Quincas) estão no céu” ou “Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas”. Ao se tornar herdeiro universal dos bens do alucinado

filósofo, muda-se para a corte no Rio de Janeiro, onde se torna sócio do Palha, mas com visível interesse pela mulher do “amigo”. Após a riqueza e no início da loucura era esse o aspecto físico de Rubião: “...barbas e o par de bigodes longos, uma sobrecasaca bem justa, um peito largo, bengala de unicórnio, e um andar firme e senhor...” (p.113)

Sofia, esposa do Palha, objeto do desejo de Rubião. Trata-se de uma mulher bonita, vinte oito anos, olhos bonitos, consciente do fascínio que exerce nos homens. Sente impulsos adúlteros, mas recalca seus desejos para atender à moral social.

Cristiano de Almeida Palha, marido de Sofia, trinta e dois anos, sujeito interesseiro e falso, capaz de adotar uma atitude próxima de proxeneta, mandando a mulher ser simpática a Rubião, enquanto o explora.

Carlos Maria, personagem egoísta, vaidoso, encantado de si mesmo. Rapaz de vinte e quatro anos, galhardo, senhor de si, olhar superior que emana de olhos grandes e plácidos. Vive da herança que lhe deixara a mãe.

Major Siqueira, sujeito cacete ou chato, derramado, fala demais com palavras convulsivas, volteando sempre em torno de um tema só e cuspiam ao falar.

Freitas, homem de uns quarenta e quatro anos, “era vivo, interessante, anedótico, alegre como um homem que tivesse cinquenta contos de renda”, verdadeiro parasita, vive a filar jantares e charutos na casa de Rubião, abusando na bajulação para fazer-se necessário. É interessante notar que nas narrativas de Machado de Assis abundam os homens sem profissão, que vivem de herança. O crítico Mário Matos observa agudamente: “Nunca se viu tanto herdeiro quanto em sua obra.”

Camacho, era uma pessoa de estatura média, rosto estreito, pouca barba, um princípio de calva, queixo comprido, orelhas de pavilhão largo e aberto, vestia sem luxo, mas portava roupas finas. Era um jornalista sem patriotismo, de poucas ideias e escassa cultura, mas que parecia exatamente o oposto disso tudo. Figura um tanto quanto caricaturesca e teatral.

ESTILO DE ÉPOCA E ESTILO INDIVIDUAL

O Realismo opta por personagens que representam pessoas comuns, portadores de defeitos ou imperfeições, como o egoísmo de Rubião ao pensar que fora bom que sua irmã tivesse morrido, pois se não fosse assim ele não herdaria a fortuna de Quincas Borba.

Um tema constante nas obras realistas é a infidelidade, que no Quincas Borba aparece e permanece latente, sem realizar-se efetivamente. O triângulo Rubião, Sofia, Carlos fica apenas no âmbito do desejo, porque Sofia não sente atração para corresponder aos sonhos de Rubião, e Carlos prefere um matrimônio confortável.

A ação das narrativas realistas privilegia um voltar-se para o interior, para o psicológico. A ação torna-se lenta, detendo-se em fatos do cotidiano, em hesitações interiores, normalmente egoístas, revelando de modo crítico a nossa vida social e nossas contradições.

Os escritores realistas, como Machado de Assis, procuram observar e registrar a realidade objetiva que os circunda, fazendo da ficção um espelho em que podemos nos ver, examinar e tomar consciência de nossos problemas, contradições, paradoxos, por sermos uma sociedade ao mesmo tempo cristã, burguesa e competitiva.

Machado de Assis mantém em *Quincas Borba* os traços que já mencionamos: o pessimismo, a ironia, a digressão, o emprego da metalinguagem, a presença do leitor incluso, a intertextualidade, a análise minuciosa e profunda das fraquezas humanas mais escondidas (psicologismo), a tendência à problematização ou questionamento, recusando qualquer verdade absoluta.

PROBLEMÁTICA E PRINCIPAIS TEMAS

Como já vimos, assim como em *Dom Casmurro* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, também em *Quincas Borba* encontramos a temática do adultério, embora potencial, Sofia só aparentemente procura ser atenciosa e acessível a Rubião, mudando de atitude quando ele se torna mais ousado. Já com Carlos, para quem se sentia

inclinada, Sofia nada consegue, porque o rapaz inicia sua conquista, mas logo desiste.

A temática da loucura também se faz presente, evidenciando-se na trajetória da personagem Quincas Borba e do protagonista Rubião.

Outro aspecto comum a diversas narrativas de Machado é o tratamento do matrimônio como fator fundamental para a realização da mulher (caça ao marido), realizando-se quase sempre mais de acordo com o interesse e regras sociais da época do que obedecendo a um impulso amoroso. Exemplo disso é o casamento de Sofia, alicerçado na conveniência e mantido por interesse e comodismo. Podemos notar o mesmo comportamento na união de Maria Benedita com Carlos Maria (a quem potencialmente Sofia poderia preferir para adultério, em vez de Rubião). Frases que demonstram claramente esse comportamento social estão na boca da personagem D. Fernanda: “*A questão principal é casar; não podendo ser com este, será com outro.*” “*Um marido, ainda sendo mau, sempre é melhor que o melhor dos sonhos.*” (Cap. CXVIII)

Outro tema que podemos encontrar na trajetória de Rubião é o da falsidade e hipocrisia. Por exemplo: Sofia procura atender ao interesse do marido exercendo o papel de mulher-objeto. Essa encenação agrada-a e acaba sentindo prazer em ser vista e cobiçada, mas contraditoriamente não pode satisfazer seus devaneios de adultério, pois isto é proibido pela moral social, enlaçando-se no contexto com o tema da sensualidade recalcada. Os desejos devem ser recalçados para evitar a crítica da sociedade.

Temas que ainda se fazem presentes: tudo é impostura e vaidade; prevalece na sociedade o parasitismo, de que é exemplo o Freitas; a politicalha, que pode ser vista no Camacho; e a **empulhação**⁷⁶, de que o Palha é o maior exemplo.

BIBLIOGRAFIA

Machado dedicou-se a todos os gêneros literários, destacando-se principalmente no conto e no romance.

Poesia: *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875).

Teatro: *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861), *Desencantos* (1861), *O caminho da porta* (1863), *O Protocolo* (1863), *Quase ministro* (1864), *Os deuses de casaca* (1868), *Tu só tu, puro amor* (1880), *Não consultes médico* (1896), *Lição de botânica* (1906).

Romance: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904), *Memorial de Aires* (1908).

Conto: *Contos fluminenses* (1870), *Histórias da meia-noite* (1873), *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899), *Relíquias da casa velha* (1906).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Assis, Machado de. *Quincas Borba*. 1988, RJ: Garnier. (Utilizado para citações.)

Assis, Machado de. *Quincas Borba* (Notas e orientação didática de Dirce Côrtes Riedel). 1975, RJ: Livraria Francisco Alves Editora.

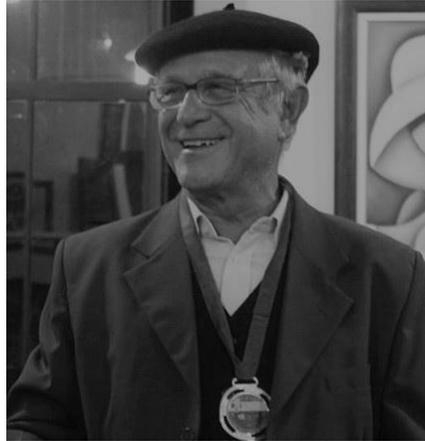
Bosi, Alfredo e outros. *Machado de Assis, antologia e estudos*. 1982, SP: Ed. Ática.

Moisés, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 1995, SP: Editora Cultrix.

Pacheco, João. *O Realismo*. 1971, SP: Editora Cultrix.

⁷⁶ Tapeação, embuste, logro, enganação.

SOBRE O AUTOR DESSE LIVRO



Geraldo Chacon nasceu em 1945, em Santa Bárbara, Minas Gerais. Aos cinco anos mudou-se para Belo Horizonte onde fez o antigo curso primário e descobriu o prazer da leitura. Leu tudo que havia na biblioteca da escola, sabia todas as histórias da carochinha. Lia os jornais que lhe passassem pela mão, gibis e revistas como *Sesinho*, que contava a história do boneco que virou gente.

Ao iniciar o ginásio, com apenas onze anos, apaixonou-se pela literatura adulta e não encontrou mais tempo para a literatura infanto-juvenil. Contou-nos uma história curiosa; toda semana passava na biblioteca para pegar os dois livros que lhe emprestavam, limite máximo permitido. Certa semana, devolveu os que levava e pediu mais, mas a funcionária disse que não havia mais, ele já tinha lido todos. Claro que a biblioteca não era grande. Ele não se conformou e protestou porque vira outros livros que as pessoas estavam devolvendo e que ele não havia lido. Mostrou então um livro que havia sido devolvido naquele instante; escuro, sem desenho na capa marrom, muito surrada. A moça então explicou que aquele não era um livro para menino, era literatura para adulto e que ele não iria entender, além disso, era uma peça de teatro. Ele ficou bravo e disse que ela não podia saber se ele iria entender ou não, falou algo sobre as coisas que sabia da vida. A moça pressupôs que ele falava de malícia, de sexo, então riu bastante e falou:

– Está bem, vou lhe emprestar, mas eu disse que é adulto não é por causa do que você está pensando. Leve!

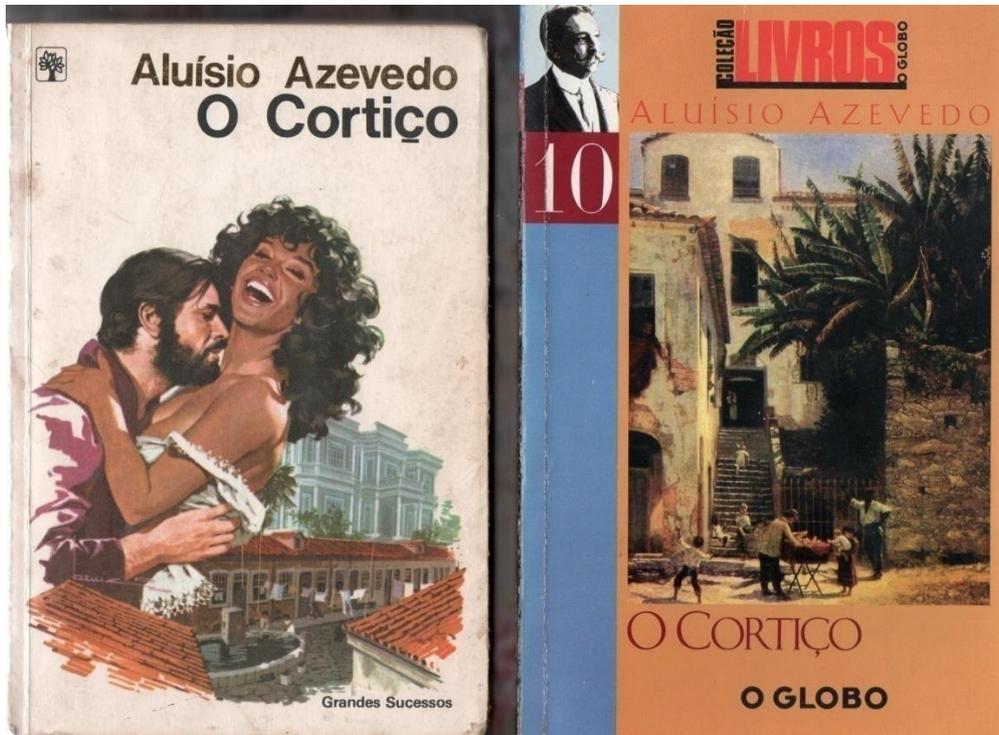
Ele assinou a ficha e saiu todo orgulhoso, nem pensou em pedir mais um livro como de costume. Saiu apenas com aquele livro, feliz por ter tal tesouro consigo, e nem mesmo esperou chegar a casa para iniciar a leitura. Foi lendo no bonde e leu a obra toda antes de descer do veículo. A peça chama-se *Lampião* e sua autora Rachel de Queiroz.

O primeiro romance que reforçou esse fascínio pela literatura de qualidade foi o romance *A Moreninha* de Macedo, que ele leu e releu várias vezes antes de devolver à biblioteca. O mesmo aconteceu com o livro seguinte, *Iracema*. Diz que não consegue entender como havia lido e relido esse livro com prazer, sem qualquer dificuldade de que se lembre.

Depois disso, fica fácil compreender que tenha se tornado professor de literatura e ator de teatro.

O CORTIÇO

Aluísio Azevedo



Azevedo, Aluísio – *O cortiço*, SP, 1981, Abril Cultural. (Obra utilizada para citação)

APRESENTAÇÃO

Nesta obra, Aluísio apurou as suas melhores características estilísticas individuais: força expressiva na reprodução da realidade cotidiana; capacidade de selecionar o pormenor pitoresco e típico; diálogos rápidos, econômicos, precisos; descrição precisa e sugestiva; engajamento de quem está atento aos graves problemas de seu tempo, como a miséria e o trabalho escravo. Para finalizar, é admirável a sua capacidade de movimentar as massas, de fixar o coletivo e sua visão panorâmica. Se no seu primeiro romance naturalista, *O mulato*, Aluísio ainda não se livrara de alguns resquícios da estética romântica, em *O cortiço*, ele consegue manter extrema objetividade, revelando o atrito do meio, o conflito de temperamentos e o agitar dos instintos estimulados pelo sol abrasador dos trópicos, conforme a crença científicista e determinista da segunda metade do século XIX.

ENREDO CONDENSADO

1

João Romão trabalhara, dos treze aos vinte e cinco anos, como empregado de um vendeiro, que, ao voltar para sua terra, deixara em pagamento de salários vencidos, a venda e mais um conto e quinhentos em dinheiro. Para economizar, dormia no balcão da venda e alimentava-se com o que lhe fornecia Bertoleza, uma quitandeira sua vizinha. Quando morreu o português com que a escrava Bertoleza era amancebada, ela procurou aconselhar-se com João Romão, pedindo-lhe que guardasse suas economias. *Quando deram fé estavam amigos.* (p.14)

Bertoleza precisava todo mês enviar vinte mil réis ao seu dono, um velho cego que residia em Juiz de Fora, como pagamento de seu aluguel. Um dia, João Romão disse que iria comprar sua liberdade e saiu muito à rua, trazendo depois de uma semana um documento que leu em voz alta para a mulher, dizendo-lhe que estava livre e não precisavam mandar mais dinheiro para o velho. *Entretanto, a tal carta de liberdade era obra do próprio João Romão...* (p.15)

Dali a três meses, morreu o velho, deixando dois filhos herdeiros que não iriam procurar uma escrava fugida que nem conheciam. Isso sossegou ainda mais o vendeiro e Bertoleza ao seu lado representava o tríptico papel de caixa, criada e amante. Com as economias próprias e de Bertoleza, o português vai gradativamente comprando todos os terrenos que ficam entre sua venda e a pedreira, aos fundos, comprando até mesmo parte da pedreira que começa logo a explorar, conseguindo um bom lucro. As primeiras três casinhas que deram início ao cortiço, foram construídas com ele próprio trabalhando de pedreiro e com muito material roubado à noite, sempre com a cumplicidade da negra Bertoleza.

Um ano e meio depois de João Romão comprar a pedreira, colocou-se à venda um sobrado que ficava à direita de seu comércio. Comprou-o um tal de Miranda, *negociante português, estabelecido na Rua do Hospício.* (p.17)

O narrador, em retrospectiva ou *flashback*, revela a vida pregressa e os motivos que levaram Miranda a mudar-se para ali. A alegação era de que a filha Zulmirinha, moça doentia, precisava de melhores ares, mas a verdade era que desejava afastar sua sensual mulher, Estela, dos caixeiros, seus empregados. Revela ainda, que após descobrir as traições da esposa, Miranda não quis separar-se por interesse econômico, mas adotou separação de quartos. Mesmo assim, em noites de muito desejo ele procurava a mulher e a possuía. Ela fingiu dormir nas duas primeiras vezes, mas depois deu uma gargalhada na cara dele e o possuiu com violência, tendo e também dando a ele um grande gozo: *E gozou-a, gozou-a loucamente, com delírio, com verdadeira satisfação de animal no cio*⁷⁷. (p.19)

Miranda e João Romão logo se desentendem porque aquele quer comprar deste um pedaço de terreno para aumentar o quintal do sobrado que é muito pequeno. João Romão recusa. *Travou-se então uma luta renhida e surda entre o português, negociante de fazendas por atacado, e o português, negociante de secos e molhados.* (p.21)

O bairro progride e o vendeiro também. Logo constrói um cortiço com noventa e cinco casinhas sob as janelas do sobrado, enraivecendo o Miranda. A venda torna-se um bazar que fornece de tudo aos moradores do lugar, até dinheiro emprestado a juros de oito por cento ao mês.

Comentário: O primeiro capítulo procura colocar em cena, descrever e traçar o perfil das personagens fundamentais que compõem o cortiço, que é verdadeiramente a personagem central, o protagonista na história. Outro destaque que devemos fazer é para as relações entre Miranda e Estela ou Romão e Bertoleza, que se realizam somente através do desejo sexual e pelo interesse econômico, jamais pelo afeto. Não há carinho amoroso, mas lubricidade animal, seguindo os cânones do Naturalismo.

⁷⁷Uma característica tipicamente naturalista é a comparação do homem com animal, também denominada zoomorfização ou caracterização zoomórfica.

E durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. (p.26) Em seguida, após fazer uma descrição do cortiço e sua ameaça ao sobrado, passa a descrever os pensamentos de raiva do Miranda, que inveja seu vizinho *que fizera fortuna, sem precisar roer nenhum chifre.* (p.26) Afinal, ele, Miranda, não passava *de um pedaço de asno comparado com o seu vizinho!*(p.27)

Para compensar essa desventura, trata de ocupar-se e ao seu dinheiro na busca de um título de nobreza. Dados os primeiros passos para a compra de tal título, deu festas.

Nessa ocasião, chegava de Minas o filho de um fazendeiro, freguês da casa comercial do Miranda. Chamava-se Henrique, tinha quinze anos e vinha terminar preparatórios para entrar na Academia de Medicina. Miranda hospedou-o em sua casa. Também convivem aí, a criadagem composta de Isaura, mulata ainda moça; Leonor, uma negrinha virgem; Valentim, filho de uma escrava alforriada por Dona Estela. Esse moleque recebia uma atenção inexplicável de Dona Estela.

Completava o pessoal o velho Botelho, parasita da casa, velho macilento, de setenta anos, antipático, com expressão de abutre, que muito especulou no tempo da Guerra do Paraguai, mas que agora não tem onde cair morto. Cheio de hemorróidas, o velho vegeta à sombra do Miranda, com quem antes tinha trabalhado sob as ordens de um mesmo patrão. Fracassado e frustrado o velho descarrega sua bÍlis contra o abolicionismo e contra o Brasil, que enriquece os portugueses. Tem admiração incontrolável por tudo que diz respeito à vida militar, odeia o moleque Valentim e só não o esgana pela necessidade de agradar à dona da casa.

Certo dia, ao voltar para casa, *descobriu Estela entalada entre o muro e o Henrique. Deixou-se ficar espiando, sem tugar nem mugir, e, só quando os dois se separaram, foi que ele se mostrou.* (p.33) Disse-lhes que estavam cometendo uma imprudência, mas que achava aquilo natural, pois entendia que *desta vida a gente só leva o que come!*...(p.33) Promete guardar sigilo e leva o rapaz para seu quarto, dando-lhe muitos conselhos:

E creia que lhe falo assim, porque sou seu amigo, porque o acho simpático, porque o acho bonito!

E acarinhou-o tão vivamente desta vez, que o estudante, fugindo-lhe das mãos, afastou-se com um gesto de repugnância e desprezo, enquanto o velho lhe dizia em voz comprimida:

– *Olha! Espera! Vem cá! Você é desconfiado!* (p.35)

Comentários: A descrição do Botelho é típica do Naturalismo, recaindo sobre aspectos desagradáveis, tanto do ponto de vista físico, quanto psíquico. Sua tendência homossexual fica sugerida na admiração apaixonada pelos militares e nos seus modos de tratar Henriquinho.

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. (...) Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saÍam mulheres que vinham dependurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

DaÍ a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas.

(...) Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra. (pp.35/6)

Como num concerto orquestral, em que determinado instrumento tem direito ao seu solo, assim também aqui, após esse retrato geral do amanhecer no cortiço, o narrador particulariza seus principais componentes. Revela a primeira mulher que se põe a lavar roupa, Leandra, apelidada “Machona”, por ser uma portuguesa feroz, berradora e ter pulsos cabeludos e grossos, mãe de três filhas, uma casada, outra separada do marido e uma donzela ainda, a Nenen, com dezessete anos, mas que sabia engomar bem e fazer roupa-branca de homem com muita perfeição.

Entra em cena a segunda lavadeira, Augusta Carne-Mole, brasileira, branca, mulher de Alexandre, mulato de quarenta anos, soldado de polícia. Tinham filhos, um dos quais, a Juju, vivia na casa da madrinha Léonie, prostituta de trinta mil réis para cima, procedência francesa, com sobrado na cidade.

A terceira lavadeira é a Leocádia, mulher do ferreiro Bruno. Trata-se de uma portuguesa com fama de leviana. Depois chega Paula, a bruxa, cabocla velha meio idiota, que benzia e cortava febres com rezas e feitiçarias. Depois seguiam-se a Marciana e sua filha Florinda, de quinze anos, pele morena, beijos sensuais, olhos luxuriosos de macaca, toda a pedir homem, mas sempre a fugir às tentativas de assédio do vendeiro João Romão. Para completar o time das lavadeiras, vem Dona Isabel, respeitada pelas demais, acompanhada de sua filha Pombinha, que era a flor do cortiço, pois escrevia para os demais as cartas de que necessitavam e lia os jornais para quem quisesse, assim como fazia as contas e o rol das lavadeiras. Pombinha tinha dezoito anos, estava noiva do João da Costa, mas a mãe ainda não a deixara casar porque nunca ficara menstruada. Não podemos nos esquecer do Albino, que realmente encerrava a fila de lavadeiras, um sujeito afeminado, com um cabelinho castanho e fino a cair-lhe *até ao pescocinho mole e fino.*(p.41) Por ter apanhado de uns estudantes, não arredava os pezinhos do cortiço, a não ser no carnaval, quando se vestia de dançarina e passava a tarde nas ruas e à noite divertia-se nos bailes dos teatros.

As lavadeiras põem-se a lavar e tagarelar. Nisso, aparece um rapaz e pergunta pela Rita Baiana, para pegar uma roupa que era para ela lavar. Todas comentam a vida leviana da Rita e de seu caso atual com o mulato Firmo. Comenta o narrador que é o mês de dezembro e o dia está muito quente. Em seguida mostra a grande movimentação na venda, com o português, a negra, mais o Manuel e o Domingos que mal conseguem atender a tanta gente que vem comprar e comer. À porta da venda, um português de seus trinta e cinco anos, forte como um Hércules, espera ser atendido pelo vendeiro.

Comentário:Podemos observar aqui, na descrição das lavadeiras uma das características de Aluísio, muito comentada pela crítica literária; a sua capacidade de lidar com as massas, com os grupos. O amanhecer no cortiço é uma das páginas mais antológicas dessa obra e pode ser encontrada em quase todos os mais tradicionais livros didáticos.

4

Meia hora depois, quando João Romão se viu menos ocupado, foi ter com o sujeito que o procurava e assentou-se defronte dele, caindo de fadiga, mas sem se queixar, nem se lhe trair a fisionomia o menor sintoma de cansaço. (p.46)

O grandalhão vem para trabalhar na pedreira e assusta João Romão ao pedir um salário de setenta mil-réis. Apesar da resistência do vendeiro, o Hércules não recua um centavo e insiste que não se pode pagar menos a um profissional da sua qualidade. Lembra ao vendeiro o acidente que matou um empregado na sua pedreira há poucos dias e afirma que tal não aconteceria se ele estivesse lá. Os dois vão ver a pedreira e o sujeito vai mostrando a João Romão quanto prejuízo está tendo por lidar com trabalhadores incompetentes. Promete que, se ele dirigir a pedreira, o aumento de lucro compensará bem o seu salário. O vendeiro pergunta se ele virá morar na estalagem e comer em sua venda. A resposta do homem sossega o dono do cortiço: *Naturalmente! não hei de ficar lá na cidade nova, tendo o serviço aqui!...*(p.53)

Quanto à comida, diz que é sua mulher que faz, mas as compras seriam feitas na venda do patrão. O vendeiro, então, concorda, percebendo que os setenta mil-réis voltariam aos seus bolsos. Só então pergunta o nome do grandão, que responde: – *Jerônimo, para o servir.* (p.53)

Comentário: Temos aqui uma verdadeira aula de discussão capitalista entre o valor do capital e do trabalho. Notem que o profissional consciente, apesar de precisar do trabalho, valoriza a sua capacidade e resiste à avareza do patrão, rebatendo com a sua qualidade e a compensação de um trabalho bem feito, em contrapartida a um assalariado mal pago, mas que não vale a pena pelos prejuízos que provoca com os acidentes e danos materiais.

5

No dia seguinte, com efeito, ali pelas sete da manhã, quando o cortiço fervia já na costumada labutação, Jerônimo apresentou-se junto com a mulher, para tomarem conta da casinha alugada na véspera. (p.54)

Todo este capítulo tem a função de fazer um retrato completo do português Jerônimo e sua mulher, Piedade de Jesus. Até os comentários maledicentes murcham, perante a dignidade desses dois. Jerônimo era *tão metódico e tão bom como trabalhador quanto o era como homem.* (p.55)

Num *flashback* revela o narrador que ele viera da terra para trabalhar na lavoura, mas desgostou-se de labutar sem cansaço ao lado de escravos e mudou-se para a cidade, onde foi trabalhar numa pedreira. Tão bem se saiu com o tempo que o patrão o converteu numa espécie de contramestre e elevou-lhe o salário. Com a morte do patrão e mudanças promovidas pelos seus sucessores, resolveu mudar-se para a pedreira de João Romão. Jerônimo era muito respeitado, não apenas pela sua força de touro, mas principalmente pela seriedade do seu caráter e pureza austera de seus costumes. Logo os resultados positivos fizeram com que o pessoal do cortiço o tratasse com respeito, e até o soldado Alexandre e o próprio João Romão, que chegou a aumentar-lhe o salário: *E começou a distingui-lo e respeitá-lo como não fazia a ninguém.* (p.57)

Piedade honra e merece o marido que tem, é católica, trabalhadeira honesta e incansável. Lavadeira tão boa que nem a mudança para tão longe faz com que perca seus fregueses. O casal mantém uma filha no colégio para que possa ter o estudo que não tiveram.

6

Amanhecera um domingo alegre no cortiço, um bom dia de abril. Muita luz e pouco calor. (p.59)

Todos se apresentavam felizes e de roupa limpa. Transparecia neles o prazer da roupa mudada, depois de uma semana no corpo. Na venda, embora cedo, muitos bebiam e conversavam alto. Bertoleza, única a permanecer suja como sempre, lá estava ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos. Um acontecimento vem revolucionar mais ainda aquela confederação de alegria, a chegada da mulata Rita Baiana. Todos, homens e mulheres vêm cumprimentá-la, abraçá-la, beijá-la. Até a bruxa Paula vem silenciosamente apertar-lhe a mão. Rita avisa que à noite vai ter festa, pois seu amante, Firmo, vem jantar com ela. Também a das Dores vai receber visita de seu homem. As demais mulheres dividem-se entre a casa de Rita e das Dores, colaborando na cozinha. Só Pombinha não vem durante o dia, pois está muito ocupada, redigindo a correspondência dos trabalhadores e das lavadeiras, serviço que ela sempre deixava para os domingos.

7

E assim ia correndo o domingo no cortiço até às três da tarde, horas em que chegou mestre Firmo, acompanhado pelo seu amigo Porfiro, trazendo aquele o violão e o outro o cavaquinho. (p.66)

Firmo era um mulato de corpo delgado e ágil como um cabrito, oficial de torneiro perito, mas vadio, gastando em um dia o que ganhava em uma semana e quando tinha sorte no jogo, ficava meses sem trabalhar como esses três últimos, que transcorreram em farras com a Rita Baiana. Ele nascera na corte, no Rio de Janeiro, e participara de diversos grupos de capoeiras. Como era comum na época, chegou a influir nas eleições, mas deixara tudo, magoado, pois jamais conseguiu o lugar de contínuo numa repartição pública. Era seu sonho um trabalho das nove às três com salário de setenta mil-réis mensais.

Comentário: Temos aqui dois problemas que infelizmente ocupam as mentes de alguns brasileiros. Atuar na campanha política, apoiando um candidato, não pelo que possa fazer pela comunidade, mas por promessas pessoais, particulares. Outro comportamento inadequado é esse sonho de um emprego cômodo, fácil, seguro, em repartição pública. O que não pensam é que esse emprego muitas vezes transforma-se em uma prisão, em uma camisa de força que leva ao enfezamento e à estagnação, impedindo o indivíduo de crescer como pessoa e como cidadão.

Os dois jantares vizinhos principiaram ruidosos, logo desde a sopa e assanharam-se progressivamente. Jerônimo e Piedade foram convidados para ambos, mas preferiram jantar em casa, a sós, como sempre. Alguns minutos depois vinha das duas casas uma algazarra infernal, a ponto de levar o Miranda a espiar várias vezes da janela do sobrado. Mais tarde, não suportando, o português explodiu para baixo sua raiva: *Vão gritar pra o inferno, com um milhão de raios! berrou ele, ameaçando para baixo. Isto também já é demais! Se não se calam, vou daqui direito chamar a polícia! Súcia de brutos!* (p.70)

Da segunda vez, seu protesto recebe réplica do mulato Firmo: *Facilita muito, meu boi manso, que te escorvo os galhos na primeira ocasião!* (p.71)

Até o esquisito velho Libório veio ao jantar de Rita. Esse mesquinho vivia chorando miséria, apanhando pontas de cigarro para fumar no cachimbo, pedindo de tudo a todos, um verdadeiro mendigo, que chegava ao extremo de roubar doce ou moedinhas das crianças que as mães mandavam à venda. Comia com ganância, a ponto de engasgar-se com pedaço de carne e quase morrer sufocado. Quem quase nada comia era o delicado Albino, pois tudo lhe fazia mal. Rita brinca com ele que deve ser gravidez. Todos brincam e ele fica amuado, choramingando. Firmo sugere que seria melhor irem para fora e todos aceitam a ideia.

Nisto, Jerônimo começa a cantar uma cantiga muito triste, acompanhando-se com sua guitarra portuguesa, mas de repente o cavaquinho do Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Jerônimo deixa sua guitarra e vem juntar-se ao grupo, acompanhado de sua mulher Piedade. Quando a baiana aparece com os ombros e braços nus para dançar, o português deixa cair o queixo. *Rita saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca, enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra titilando.*(p.77)

O narrador comenta que só a Rita tinha o segredo mágico daqueles movimentos de cobra amaldiçoada, que combinavam com o cheiro que a mulata soltava de si e que acabaram seduzindo o português Jerônimo.

Comentário: Observem como essa descrição dos movimentos de dança popular, sensual, lúbrica, em muitos casos aproxima-se de danças recentes mais populares e de forte vulgaridade.

No dia seguinte, Jerônimo largou o trabalho à hora de almoçar e, em vez de comer lá mesmo na pedreira com os companheiros, foi para casa. Mal tocou no que a mulher lhe apresentou à mesa e meteu-se logo depois na cama, ordenando-lhe que fosse ter com João Romão e lhe dissesse que estava incomodado e ficava de descanso aquele dia. (p.80)

A mulherada toda se assanha e se espanta ao ver adoecer um homem que tinha tanta saúde. É um entra e sai de mulher que já ia levar Jerônimo a protestar, quando entrou Rita Baiana. Todo ele se transformou. Rita prometeu trazer um café com **parati**⁷⁸ para lhe produzir suador. Piedade percebe o perigo, não pela inteligência, mas pelo “instinto, o faro sutil e desconfiado de toda a fêmea pelas outras, quando sente o seu ninho **exposto**⁷⁹.”

Após beber a infusão feita pela Rita e suar bastante, o português viu-se a sós com a mulata por um breve momento e passou-lhe o braço pela cintura, tentando boliná-la. A mulata pulou fora e ameaçou contar tudo à sua mulher, mas ficou só na ameaça.

Nisso ecoou na estalagem um grande alarido. Faz o narrador uma retrospectiva e revela que o Henriquinho vivia tentando a Leocádia e que o conseguira nessa tarde, ao prometer dar a ela um coelhinho todo branco. Ela aceitou e indicou um capinzal ao fundo do cortiço. Deitou-se na grama e o rapaz pôs-se a copular com ela, sempre com o coelho nas mãos. O ferreiro Bruno, marido de Leocádia, pegou-os em flagrante, mas não pôde ver a cara de Henrique, que fugiu, deixando escapar o coelho. O casal pôs-se a brigar, quebrando todos os pertences uns dos outros, sob olhares e gritos de exclamação de todo o cortiço. Só Albino, todo feminino, tentou apaziguar o marido traído, mas levou uma bofetada tão grande que desistiu. Nem o soldado Alexandre conseguiu impedir a separação. Leocádia deixou o cortiço, acompanhada de Rita Baiana, que prometeu arrumar algum lugar para ela ficar.

9

Passaram-se semanas. Jerônimo tomava agora, todas as manhãs, uma xícara de café bem grosso, à moda da Ritinha, e tragava dois dedos de parati “pra cortar a friagem”. (p.92) Assim, gradativamente, e para desespero de sua mulher, o grandalhão vai abasileirando-se e tornando-se preguiçoso e amigo dos prazeres. Piedade, em seu instinto feminil, começou a prever que seu homem assim como reformava a mesa, haveria um dia de reformar a cama.

Jerônimo sempre acha uma desculpa para falar com a baiana. Uma das mais usuais é pedir notícias de Leocádia. Rita informa que arrumou um lugar para ela na casa de umas engomadeiras do Catete, depois passou-a para uma família, a quem se alugou como ama-seca e estava para trabalhar num colégio de meninas. Em noites de samba, o cavouqueiro era o primeiro a chegar e o último a sair. Rita, ao dançar, requebrava e mexia com ele, fingindo limpar-lhe a baba no queixo com a barra da saia.

Desesperada, Piedade foi procurar a bruxa para que lhe ensinasse algum modo de prender o marido. A Paula recomendou que pegasse da água em que se banhasse e pusesse no café do marido. Também o Firmo começou a desconfiar e andava resmungando. Rita, percebendo os ciúmes do amigo, decidiu prevenir Jerônimo para tomar cuidado. No dia em que pretendia avisar o português, rebentou outro escândalo no cortiço. Marciana descobriu que sua filha Florinda estava grávida do Domingos, caixeiro do João Romão. Como a jovem é menor, todos se dirigem à venda para exigir o casamento. O vendeiro promete obrigar o caixeiro a casar-se, mas aconselha-o a fugir durante a noite, para assim deixar de pagar-lhe os salários atrasados.

No mesmo dia, à noite, a cocote Léonie visita Alexandre e Augusta, trazendo sua afilhada Juju. Os pais ficam contentes e orgulhosos de verem como a filha vem bem vestida e com os cabelos tingidos de loiro, à francesa. Pombinha chega bem tarde e abraça a cocote, demonstrando muita ternura e admiração. É convidada a ir com a mãe para jantar com Léonie.

Quando a prostituta saiu, Rita, *no pátio, beliscou a coxa de Jerônimo e soprou-lhe à meia voz:*

⁷⁸ No passado era com esse termo que metonimicamente designavam a pinga ou cachaça.

⁷⁹ Mais uma vez, encontramos aqui a aproximação do ser humano com os animais, caracterizando o texto como tipicamente naturalista.

– *Não lhe caia o queixo!... O cavouqueiro teve um desdenhoso sacudir de ombros e disse que para ele aquela para ele nem pintada e para deixar bem patente as suas preferências, virou o pé do lado e bateu com o tamanco na canela da mulata.* (p.107)

Comentário: Esse hábito, entre a camada mais popular, de beliscar e dar pontapé para demonstrar afeição já tinha aparecido em nossa literatura na obra *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

10

No outro dia a casa do Miranda estava em preparos de festa. Lia-se no Jornal do Comércio que Sua Excelência fora agraciado pelo governo português com o título de Barão do Freixal. (p.108)

Todo o sobrado agita-se em preparação para festa, enquanto o cortiço também se alvoroça, pois descobrem que o Domingos fugiu e outro caixeiro ocupa o seu lugar. Marciana bate na filha até que a moça, não suportando mais, foge do cortiço tão rápida que ninguém pôde impedi-la. Marciana vai à venda e maldiz João Romão: *Se não me deres conta de minha filha, malvado, pego-te fogo na casa! A bruxa sorriu sinistramente ao ouvir estas últimas palavras.* (p.111)

Quando soube que o Miranda tinha recebido o título de barão. João Romão nem dormiu direito, roído de inveja. Acordou nervoso, irritado. Mandou despejarem os móveis de Marciana para fora do cortiço, desocupando o número 12. As mulheres solidarizam-se com Marciana, que fica apatetada, com o olhar fixo num ponto indefinido. A casa do Miranda continua em festa. João Romão recebe na venda um convite do vizinho para ir tomar um chá. Passa um soldado e o vendeiro manda retirar Marciana para a cadeia.

A noite chegou bonita. Durante a festa costumeira na casa da Rita Baiana, Jerônimo declara seu amor aos cochichos. Firmo percebe e inicia uma briga com o português. Embora forte, Jerônimo apanha do mulato por causa de sua agilidade de capoeirista. Jerônimo arma-se de um pau e acerta a cabeça de Firmo, que se vale da navalha e rasga-lhe a barriga com um golpe certo, fugindo em seguida pelo capinzal ao fundo do cortiço. A polícia tenta entrar, mas os moradores não deixam, repelindo-a com pedras e garrafas. Quando estão nessa luta, alguém grita que o 12 está em chamas. Cada um corre a salvar o que é seu. A polícia aproveita para invadir e quebrar tudo que pode, sequiosa de vingança.

11

A Bruxa, por influência sugestiva da loucura de Marciana, piorou do juízo e tentou incendiar o cortiço. (p.126) Apesar do esforço de João Romão, ninguém descobriu o causador do incêndio. No outro dia, o português teve de comparecer à presença do subdelegado. Vários moradores foram com ele e muito reclamaram da ação dos policiais. Fica bem claro que podem matar-se dentro do cortiço, mas ninguém denuncia um ao outro, nem deseja qualquer intromissão da polícia. Exemplo disso é Jerônimo, que nem ao médico diz a causa real de seu ferimento.

Rita torna-se solícita e amorosa com o ferido, afagando seus cabelos, mesmo na frente de Piedade. No dia seguinte, o narrador concentra-se nos modos nervosos e abatidos de Pombinha. Esclarece, numa retrospectiva, que ela estivera anteriormente na casa de Léonie e fora seduzida pela cocote, que a despiu e manteve com ela uma relação homossexual forçada.

No dia seguinte à sedução, foi o dia do conflito, mas apesar do barulho, Pombinha não saiu de casa. Sentia vontade de ficar só. Retirou-se para o fundo do cortiço, quase ao meio-dia. Deitou-se na grama, sob as árvores, e dormiu. Teve um sonho estranho em que se via nua, deitada no colo de uma rosa vermelha. O sol se transformou numa borboleta, que agitou as asas, soltando uma nuvem de poeira dourada que caiu sobre a menina, levando-a ao gozo. Pombinha acordou sobressaltada e descobriu que tinha ficado menstruada.

Comentários: Esse sonho, com suas imagens poéticas, simbólicas, constitui uma das mais belas passagens deste romance. Não se pode deixar de lê-la. Aluísio vale-se de termos de botânica e de imagens simbólicas para criar erotismo, sensualidade. Várias imagens parecem decorrer de um estudo da simbologia onírica da psicanálise freudiana ou dos arquétipos junguianos, mas não, porque este romance foi publicado em 1890, ao passo que os estudos de Freud e de Jung só apareceram após a primeira década do século XX. Aluísio foi precursor. Vejam todo o texto, a que daremos um título:

O SONHO DE POMBINHA

Às onze para o meio-dia era tal o seu constrangimento e era tal o seu desassossego entre as apertadas paredes do número 15, que, malgrado os protestos da velha, saiu a dar uma volta por detrás do cortiço, à sombra dos bambus e das mangueiras. Uma irresistível necessidade de estar só, completamente só, uma aflição de conversar consigo mesma, a apartava no seu estreito quarto sufocante, tão tristonho e tão pouco amigo. Pungia-lhe na brancura da alma virgem um arrependimento incisivo e negro das torpezas da antevéspera; mas, lubrificada por essa recordação, toda a sua carne ria e rejubilava-se, pressentindo delícias que lhe pareciam reservadas para mais tarde, junto de um homem amado, dentro dela balbuciavam desejos, até ai mudos e adormecidos; e mistérios desvendavam-se no segredo do seu corpo, enchendo-a de surpresa e mergulhando-a em fundas concentrações de êxtase. Um inefável quebranto afrouxava-lhe a energia e distendia-lhe os músculos com uma embriaguez de flores traiçoeiras.

Não pôde resistir: assentou-se debaixo das árvores, um cotovelo em terra, a cabeça reclinada contra a palma da mão. Na doce tranquilidade daquela sombra morna, ouvia-se retinir distante a picareta dos homens da pedreira e o martelo dos ferreiros na forja. E o canto dos trabalhadores ora mais claro, ora mais duvidoso, acompanhando o marulhar dos ventos, ondeava no espaço, melancólico e sentido, como um coro religioso de penitentes.

O calor tirava do capim um cheiro sensual.

A moça fechou as pálpebras, vencida pelo seu delicioso entorpecimento, e estendeu-se de todo no chão, de barriga para o ar, braços e pernas abertas.

Adormeceu.

Começou logo a sonhar que em redor ia tudo se fazendo de um cor-de-rosa, a princípio muito leve e transparente, depois mais carregado, e mais, e mais, até formar-se em torno dela uma floresta vermelha, cor de sangue, onde largos tinhorões rubros se agitavam lentamente.

E viu-se nua, toda nua, exposta ao céu, sob a tépida luz de um sol embriagador, que lhe batia de chapa sobre os seios.

Mas, pouco a pouco, seus olhos, posto que bem abertos, nada mais enxergavam do que uma grande claridade palpitante, onde o sol, feito de uma só mancha reluzente, oscilava como um pêndulo fantástico.

Entretanto, notava que, em volta da sua nudez alourada pela luz, iam-se formando ondulantes camadas sanguíneas, que se agitavam, desprendendo aromas de flor. E, rodando o olhar, percebeu, cheia de encantos, que se achava deitada entre pétalas gigantes, no regaço de uma rosa interminável, em que seu corpo se atufava como em ninho de veludo carmesim, bordado de ouro, fofo, macio, trescalante e morno.

E suspirando, espreguiçou-se toda num enleio de volúpia ascética.

Lá do alto o sol a fitava obstinadamente, enamorado das suas mimosas formas de menina.

Ela sorriu para ele, requebrando os olhos, e então o feroso astro tremeu e agitou-se, e, desdobrando-se, abriu-se de par em par em duas asas e principiou a fremir, atraído e perplexo. Mas de repente, nem que se de improviso lhe inflammassem os desejos, precipitou-se lá de cima agitando as asas, e veio, enorme borboleta de fogo, adejar luxuriosamente em torno da imensa rosa, em cujo regaço a virgem permanecia com os peitos franqueados.

E a donzela, sempre que a borboleta se aproximava da rosa, sentia-se penetrar de um calor estranho, que lhe acendia, gota a gota, todo o seu sangue de moça.

E a borboleta, sem parar nunca, doidejava em todas as direções, ora fugindo rápida, ora se chegando lentamente, medrosa de tocar com as suas antenas de brasa a pele delicada e pura da menina.

Esta, delirante de desejos, ardia por ser alcançada e empinava o colo. Mas a borboleta fugia.

Uma sofreguidão lúbrica, desensofrida, apoderou-se da moça; queria a todo custo que a borboleta pousasse nela, ao menos um instante, um só instante, e a fechasse num rápido abraço dentro das suas asas ardentes. Mas a borboleta, sempre doida, não conseguia deter-se; mal se adiantava, fugia logo, irrequieta, desvairada de volúpia.

– Vem! Vem! suplicava a donzela, apresentando o corpo. Pousa um instante em mim! Queima-me a carne no calor das tuas asas!

E a rosa, que tinha ao colo, é que parecia falar e não ela. De cada vez que a borboleta se avizinhava com as suas negaças, a flor arregaçava-se toda, dilatando as pétalas, abrindo o seu pistilo vermelho e ávido daquele contato com a luz.

– Não fujas! Não fujas! Pousa um instante!

A borboleta não pousou; mas, num delírio, convulsa de amor, sacudiu as asas com mais ímpeto e uma nuvem de poeira dourada desprende-se sobre a rosa, fazendo a donzela soltar gemidos e suspiros, tonta de gosto sob aquele eflúvio luminoso e fecundante.

Nisto, Pombinha soltou um ai formidável e despertou sobressaltada, levando logo ambas as mãos ao meio do corpo. E feliz, e cheia de susto ao mesmo tempo, a rir e a chorar, sentiu o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente.

A natureza sorriu-se comovida. Um sino, ao longe, batia alegre as doze badaladas do meio-dia. O sol, vitorioso, estava a pino e, por entre a copagem negra da mangueira, um dos seus raios descia em fio de ouro sobre o ventre da rapariga, abençoando a nova mulher que se formava para o mundo.

Pombinha ergueu-se de um pulo e abriu de carreira para casa. No lugar em que estivera deitada o capim verde ficou matizado de pontos vermelhos. A mãe lavava à tina, ela chamou-a com instância, enfiando cheia de alvoroço pelo número 15. E aí, sem uma palavra, ergueu as saias do vestido e expôs a Dona Isabel as suas fraldas ensanguentadas.

– Veio?! perguntou a velha com um grito arrancado do fundo da alma.

A rapariga meneou a cabeça afirmativamente, sorrindo feliz e enrubescida.

As lágrimas saltaram dos olhos da lavadeira. (pp. 134 a 137)

12

A mãe exultou de alegria e saiu gritando a notícia para todos no cortiço. Só não mostrou a roupa de baixo suja de sangue porque a filha não deixou. Pensou logo em avisar o João da Costa e pedir-lhe para marcar logo a data do casamento.

Depois da briga de Firmo com Jerônimo, acabaram-se as noitadas alegres de violão e dança ao relento. Jerônimo estava hospitalizado. Piedade vivia amargurada. Pombinha abandonou o curso de dança e era visitada toda noite pelo noivo. Um dia, quando ela estava trabalhando em seu enxoval, apareceu o ferreiro Bruno e pediu-lhe que escrevesse uma carta à sua mulher, implorando que voltasse para junto dele, que tudo esqueceria. Vendo o homem chorar ao fazer tal pedido, Pombinha percebeu o que uma mulher era capaz de fazer e surgiu-lhe então uma ideia bem clara da sua própria força e do seu próprio valor. Sorriu. E no seu sorriso já havia garras. (p.142)

Pensou no seu casamento e pressentiu que nunca respeitaria o marido sinceramente como seu superior. Tinha sonhado tanto com aquele matrimônio, mas na véspera só não desistiu por causa da insistência de sua mãe.

Uma semana depois, Pombinha casou-se e deixou o cortiço.

13

Dona Isabel esvaziou a casa poucos dias depois do casamento da filha. Veio morar, no mesmo lugar, uma família composta de mãe viúva e cinco filhas solteiras. Comenta o narrador que na mesma rua surgiu um outro cortiço: o “**Cabeça-de-Gato**⁸⁰”. João Romão, enraivecido com tal concorrência, plantou em seus inquilinos um verdadeiro ódio aos moradores no novo cortiço, o qual respondeu com os mesmos sentimentos e logo, seus moradores apelidaram os vizinhos de “carapicus”, nome do peixe que a Bertoleza mais vendia à porta da taverna. O capoeira Firmo e seu amigo Porfiro foram morar no “Cabeça-de-Gato”.

Três meses depois, João Romão viu que o novo cortiço não o prejudicava em nada e voltou a preocupar-se com o Miranda. Desde que o vizinho surgiu com o baronato, o vendeiro iniciou uma grande transformação por dentro e por fora. Vestia-se bem, ia ao teatro, assinava três jornais e passou até a comprar e ler romances franceses traduzidos. O Miranda passou a tratá-lo de modo cortês e atencioso. Bertoleza é que continuava a mesma crioula suja. Ele subia e ela ficava lá embaixo, como uma cavalgada de que já não se precisa mais. Passou a andar triste.

Além do Miranda, aproximou-se também do vendeiro o Botelho, que logo propôs a João Romão servir de intermediário para tratar de seu casamento com Zulmira. *E desde então, com efeito, sempre que os dois se pilhavam a sós, discutiam o seu plano de ataque à filha do Miranda. Botelho queria vinte contos de réis, e com papel passado a prazo de casamento; o outro oferecia dez.* (p.149)

Enfim, o contrato foi acertado e pouco depois João Romão foi convidado a jantar no sobrado. Ao voltar e deitar-se junto da negra foi que passou a pensar no estorvo que ela seria aos seus projetos. No dia seguinte, vendo-a limpar peixes, desejou que morresse.

14

Comenta o narrador que três meses já se passaram depois “da noite da navalhada” e Firmo encontrava-se ainda com a Rita, mas ela andava fria e arredia. Um dia, a mulata faltou ao encontro com o capoeira, que saiu furioso, rondou a estalagem São Romão, mas não teve coragem de entrar. Foi beber cachaça num bar perto da praia e ouviu a notícia de que Jerônimo tinha recebido alta do hospital. Logo entendeu o motivo da ausência de Rita e espumou de ódio.

Jerônimo, logo que chegou, foi à casa de Rita tomar café. Em seguida, vieram dois sujeitos procurando por ele, Zé Carlos e Pataca. Depois de jantar, Jerônimo saiu com os dois e tramaram a morte do mulato Firmo. Após muito beberem, armaram-se de paus e foram procurar pelo capoeira no bar Garnisé.

15

Pataca entrou no bar e não viu Firmo, mas encontrou Florinda, agora amigada com um marceneiro de nome Bento, e se puseram a conversar. Nisso, surgiu Firmo bastante embriagado. Pataca o convidou a beber mais, contando-lhe que viu Rita com um sujeito na Praia da Saudade. Firmo caiu na cilada. Saíram em direção à praia e logo se encontraram com os outros dois. O mulato foi dominado e morto a pauladas. Jerônimo levou a navalha e mostrou à mulata Rita, contando tudo e convidando-a a fugir com ele. Ela aceitou e foi para a cama com ele.

⁸⁰O narrador faz alusões ao fato do verdadeiro dono do novo cortiço ser personagem política importante. Trata-se de uma referência crítica ao Conde D’Eu, que explorou esse tipo de atividade.

Enquanto isso, a mulher do português desesperava-se com a ausência do marido. Passou a noite sem dormir. De madrugada ouviu vozes abafadas e pensou que devia ser o Alexandre com a mulher, embora parecesse voz de seu homem. De manhã, o cortiço já em labuta e nada de Jerônimo aparecer. As mulheres espantam-se com o desaparecimento do português e todas têm alguma palavra a dizer, menos Rita que, no número 9, cantava alegremente, chegando de vez em quando à janela para vir soprar fora a cinza da fomalha de seu ferro de engomar.

Piedade, à tarde, sai à procura de seu homem e consegue informações sobre o que ele fizera à noite. Chegou ao cortiço desconsolada e quando pegou sua chave, foi informada de que Firmo tinha sido assassinado. Ligou as informações e concluiu que Jerônimo foi o causador dessa morte. *Afastou-se logo, com medo de falar, e foi trêmula e ofegante que abriu a porta e meteu-se no número 35.* Em casa, conclui: *“Se ele matou o Firmo, dormiu na estalagem e não veio ter comigo, é porque então deixou-me de feita pela Rita!* (p.178)

Enraivecida, cheia de ciúme, a portuguesa foi procurar a baiana e ambas travam violenta briga, pegando-se a unhas e dentes. O cortiço divide-se em dois partidos, o dos brasileiros, que torcem pela Rita, e o dos portugueses, que torcem por Piedade. Quando estavam no melhor da luta, ouviu-se na rua um coro de vozes que se aproximavam, vindas das bandas do “Cabeça-de-Gato”.

*Era o canto de guerra dos capoeiras do outro cortiço, que vinham dar batalha aos carapicus, para vingar com sangue a morte de Firmo, seu chefe de **malta**⁸¹.* (p.181)

Mal os carapicus sentiram a aproximação dos rivais, um grito de alarma ecoou por toda a estalagem e o rolo dissolveu-se de improviso, sem que a desordem cessasse. Cada qual correu à casa, rapidamente, em busca do ferro, do pau e de tudo que servisse para resistir e para matar. Um só impulso os impelia a todos; já não havia ali brasileiros e portugueses, havia um só partido que ia ser atacado pelo partido contrário. (p.182)

E assim que os dois grupos se encontraram a luta generalizou-se envolvendo até as crianças, mas um fato veio interromper também esta briga: imenso fogaréu irrompeu de uma das casas do fundo, o número 88. Agora o incêndio era para valer. A Bruxa conseguira finalmente realizar seu sonho de doida, o cortiço ia arder. Todos correram para salvar o que conseguissem. O inimigo, solidário, retira-se. A Bruxa surgiu à janela de sua casa, que parecia uma boca de fomalha acesa. Repentinamente o madeiramento ruiu, sepultando-a sob um montão de brasas. Em meia hora o cortiço seria todo cinza, mas chegou o corpo de bombeiros e apagou heroicamente as chamas, sob aplausos de alguns moradores.

Durante a confusão, João Romão, que já andava de olho no velho Libório, seguiu-o ao seu esconderijo e viu-o agonizando agarrado a algumas garrafas. O português arrebatou-as, deixando o velho entregue à morte inevitável. Ao contar o dinheiro que as garrafas continham encontrou quinze contos de réis, sete dos quais em dinheiro válido. Maldisse o governo brasileiro que vivia trocando o dinheiro. Pensou, no entanto, que poderia dar o dinheiro velho como troco aos seus clientes.

Miranda cumprimentou João Romão por ter feito seguro, pois assim, não teve prejuízo com o que aconteceu.

⁸¹O narrador proporciona um cunho épico de combate medieval com bandeira e canto de guerra a uma briga de cortiços, conferindo nobreza aos contendores.

Dias depois, João Romão inicia a reconstrução do cortiço que agora deverá chegar a mais de quatrocentas acomodações. Leocádia visita o marido no hospital e se reconcilia. Piedade torna-se feia, resmungona, preguiçosa, desleixada e passa a beber. João Romão é que está cada vez melhor, anda engravatado, joga na bolsa e toma cerveja com os capitalistas do café. Bertoleza bem que compreende sua transformação, entristecendo-se muito, mas ainda adorava-o. Tinha por ele o fanatismo irracional das caboclas do Amazonas pelo branco a que se escravizam.

Jerônimo voltara para a antiga pedreira em que já trabalhara, morando com a Rita numa estalagem da Cidade Nova. Estava completamente mudado. Tocava violão, dormia em rede, fumava cachimbo e vivia bêbado. Preguiçoso, amigo das extravagâncias, acaba por não pagar mais o colégio da filha. Piedade o procura, mas apesar de prometer pagar as dívidas, continua devendo. A menina sai da escola, vem morar no cortiço e é apelidada de Senhorinha, sendo tratada com especial carinho como a Pombinha. Um dia, Piedade e a filha vão procurá-lo. Ele muito se emociona, convida a mulher a beber, chama a Rita, e faz que as mulheres se abracem. No final, acaba desentendendo-se com a família e expulsa mulher e filha, terminando o capítulo com a Rita, sentada em seu colo, aos grandes beijos.

Piedade ao chegar a casa bebe mais e vai procurar consolo na farra. Comenta o narrador que o cortiço mudou bastante. Agora, há muitos moradores novos, gente de outros níveis, diferentes dos antigos moradores, como estudantes pobres, caixeiros de botequim, artistas de teatro, condutores de bondes, vendedores de bilhetes de loteria e por vários italianos. Há também os mascates que provocam a maior sujeira, ficando o cortiço em meio a um fedor nauseabundo de coisas podres, que empestava tudo. A construção, no entanto, superava a outra, e até a antiga placa “Estalagem de São Romão” foi substituída por “Avenida São Romão”. Até a casa alta de João Romão excede o sobrado do Miranda.

Retoma o narrador a procura de Piedade por um grupo na farra e comenta que só na casa da das Dores encontrou a portuguesa um grupo cantando e bebendo parati. Aí engraçou-se com o Pataca, que a levou para casa, ambos bêbados, e possuiu-a no chão da cozinha, sob os olhares de Senhorinha que viera ver o que os dois estavam fazendo. Piedade vomita e é levada para a cama pelo Pataca, que sai irritado porque ela não lhe fizera um café, enquanto a menina fica chorando ao lado da mãe.

João Romão passeia em seu quarto, com móveis já de casado, porque o esperto não estava disposto a comprar móveis duas vezes. Medita o vendeiro em como dar fim à negra Bertoleza, pois Zulmira já o aceitara por marido e Dona Estela ia marcar o dia do casamento.

O velho Botelho vem visitar João Romão e conta que Dona Estela colocou o problema da negra como obstáculo e estão conversando sobre como livrar-se da crioula, quando esta entra e discute com o português, que lhe propõe dar uma quitanda, mas ela recusa: *Ora essa! Quero ficar a seu lado! Quero desfrutar o que nós dois ganhamos juntos! quero a minha parte no que fizemos com o nosso trabalho! quero o meu regalo, como você quer o seu!* (p.217)

Finalmente, Botelho e o vendeiro encontram a solução, denunciar e devolver a escrava a seu dono, um tal de Freitas Melo. Botelho cobra duzentos mil-réis para fazer mais esse serviço a João Romão.

Depois desse dia, Bertoleza fez-se ainda mais concentrada e resmungona e só trocava com o amigo uma ou outra palavra inevitável no serviço da casa. O narrador comenta a prosperidade da casa comercial de João Romão e também de sua estalagem, onde já não entra qualquer um, pois exige-se carta de fiança e uma recomendação especial. Algumas pessoas, mais pobres, mudam-se para o “Cabeça-de-Gato”. Os italianos são os **primeiros**.⁸² Florinda, amigada com um despachante, voltara para o São Romão. Marciana morreu no hospício. Alexandre fora promovido a sargento. Léonie continuava a visitá-lo. Um dia, o cortiço fica alvoroçado, pois Léonie vem em companhia de Pombinha. Esta, após o casamento, manteve-se honesta, mas com o passar do tempo, foi dando asas a um novo comportamento. Primeiro enamorou-se de um boêmio de talento, libertino e poeta, jogador e capoeira. Depois vieram outros. O marido descobriu e se separou, fugindo para São Paulo, entregando-a à mãe. Um dia, Pombinha desaparece da casa da mãe. Foi assim que ela acabou juntando-se à cocote. *Agora, as duas cocotes, amigas inseparáveis, terríveis naquela inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças, dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro.* (p.223) Piedade e a **filha**⁸³ recebem ajuda de Pombinha, mesmo assim são expulsas e vão morar no cortiço vizinho.

À porta de uma confeitaria da Rua do Ouvidor, João Romão, apurado num fato novo de casimira clara, esperava pela família do Miranda, que nesse dia andava em compras. (p.225) Eles chegam e entram todos para lanchar. Depois, vem o Botelho com notícias de que um oficial matara um sargento, que lhe ousara levantar a mão. Depois que a família do Miranda se retira, o velho segreda a João Romão que ainda hoje virão buscar Bertoleza.

À tarde, na casa de João Romão aparece um homem com uma folha de papel, dizendo que veio buscar sua escrava. Bertoleza teve um impulso de fugir, mas vendo que não teria chance matou-se: Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravaria, recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgava o ventre de lado a lado. E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue. (...) Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer a João Romão respeitosamente o diploma de sócio benemérito. Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas. (p.230)

SÍNTESE DO ENREDO

Para resumir a história, podemos considerar como espinha dorsal da mesma o cortiço (Estalagem São Romão) ou a figura de seu dono, João Romão, que, através de todo tipo de privação e de exploração, conseguiu construí-lo. Muito colaborou, sem vontade própria, a escrava Bertoleza, que lhe entregou suas economias, com as quais pretendia comprar sua própria liberdade.

Um incêndio destrói o cortiço, mas João Romão sai lucrando, pois além de receber indenização do seguro, aproveitou-se da confusão para invadir a casa do velho Libório e surrupiar o dinheiro que o maníaco tinha guardado em garrafas.

João Romão constrói, então, um novo grande cortiço a que denomina Avenida São Romão. Além das casas, aluga também as tinhas para lavagem de roupa, pois há água em abundância. Enriquecido, para conseguir *status* social, pede em casamento a filha do Miranda, do sobrado. Miranda aceita, mas D. Estela, sua mulher, quer saber como fica a situação da negra que com ele vive. João Romão promete livrar-se dela. Bertoleza que tudo ouvia, entra esbravejando e diz que não vai ser tão fácil assim. João Romão consegue livrar-se dela, denunciando-a aos seus donos. Quando a polícia chega para prendê-la, ela se mata. Pouco depois, chega uma comissão de abolicionistas e entrega a João Romão o título de sócio benemérito.

⁸²Podemos ver aqui um reflexo ou influência do cientificismo evolucionista, pois há os que crescem acompanhando a evolução de João Romão e do próprio cortiço, ao passo que os menos adaptados são excluídos e devem transferir-se para o outro cortiço, “Cabeça-de-Gato”, que seria como a estalagem São Romão em seu início.

⁸³Assim como Pombinha, essa menina deverá repetir o ciclo e sair do cortiço, evoluindo e superando sua situação através da prostituição.

ESTILO DE ÉPOCA E ESTILO INDIVIDUAL

Entre as mais típicas características do Realismo-Naturalismo devemos mencionar a não idealização das personagens. A partir dessa estética, podemos encontrar predominantemente personagens vulgares em nossos romances, com imperfeições como as que estamos acostumados a perceber em nós e nas pessoas que nos rodeiam. O materialismo e o anticlericalismo são comuns na maioria dos escritores da linha realista e da tendência naturalista.

A temática é sempre contemporânea, evitando-se o medievalismo, o passado histórico. O Naturalismo continua, ao contrário do realismo machadiano, a valorizar as peripécias, a ação exterior. O racionalismo e a visão crítica são posturas fundamentais para todo artista que pretenda ser realista ou naturalista. A obra de arte deve ser uma arma de combate aos problemas sociais, às injustiças. O artista deve ser engajado. Aluísio em *O cortiço* denuncia o problema da exploração através do aluguel, assunto ainda atual, devido a escassez de moradias no Rio de Janeiro. Em *O mulato*, vale-se da pena para denunciar o preconceito racial, a visão tacanha dos provincianos e a lubricidade dos padres, revelando influência de Eça de Queirós.

Comenta João Pacheco que Aluísio deixa de lado a meiguice romântica que a tudo atribui sentimentalidade e brandura para assumir uma dramaticidade bruta, descobrindo a face rude dos homens, arrastados pelas paixões vis e dominados pela força da **sensualidade**.⁸⁴

Tendo escrito muitas vezes para publicar inicialmente em “folhetins”, o romancista maranhense fez concessões ao seu heterogêneo público. Além disso, muitas vezes escrevia premido pela pressa, sendo levado à improvisação, o que explica a desigualdade de sua obra e um certo desequilíbrio de posição, mostrando-se ora romântico, ora naturalista, para agradar a gregos e troianos.

O Naturalismo, assim como o Realismo, busca a objetividade e o racionalismo, mas acrescenta-lhe o cientificismo e o determinismo de H. Taine, que coloca o homem e suas ações como o resultado combinado de três fatores: a raça ou hereditariedade, o meio e o momento histórico.

Na escolha de personagens, não só emprega figuras vulgares, mas tem preferência por aquelas oriundas das mais baixas camadas sociais, animalizadas: *E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.* (*O cortiço*, pp.26/7). É comum, no Naturalismo, o zoomorfismo, isto é, o nivelamento ou a comparação do homem com animal. Ao contrário da estética romântica que privilegia o amor fiel e indestrutível, o Realismo prefere a temática do adultério, enquanto o Naturalismo não apenas vale-se do adultério, mas vai além, aborda taras sexuais, traições aviltantes e degradantes. Em lugar da psicologia realista, o Naturalismo preocupa-se mais com a fisiologia. Quanto à ação, o Naturalismo valoriza mais a exterior do que a interior, aproximando-se, pelo menos nisso, do Romantismo. Suas descrições, no entanto, revelam uma preferência não pelo que é belo e grandioso ou heroico, mas pelo que é feio, desagradável, repugnante, nauseabundo. Exemplo disso é o destaque para descrições de comida azeda, vômito, odores da transpiração, hálito de aguardente ou de fumo.

ESTRUTURA DA OBRA

O romance está dividido em 23 capítulos e apresenta uma narrativa de estrutura simples, com as sequências tradicionais. Podemos dizer que, embora seu conteúdo seja revolucionário por ser oposto à ideologia da época e por denunciar o código social vigente, sua estrutura é ainda conservadora. Também tradicional é a preocupação com a movimentação exterior, com a peripécia, numa continuidade da estética romântica. Aluísio revela-se um mestre no registro da ação exterior, na fixação de cenas coletivas, como na briga dos dois cortiços e na sequência movimentada dos bombeiros a combater o incêndio. Aluísio revelou uma qualidade de imagens e de colorido, tão marcante, que frequentemente nos leva a associar à linguagem cinematográfica.

A novidade está na linguagem mais próxima da fala, numa mestiçagem linguística de rara riqueza, como bem

⁸⁴Pacheco, João - *A Literatura Brasileira, vol. III - O Realismo*, SP, MCMLXXI, Ed. Cultrix, p.134.

aponta a crítica: “... a língua de Azevedo, em sua plurivalência de nacionalidades, mostra como o francês, o italiano, português de Portugal, o falar do cortiço, o falar dos salões se mesclam constituindo conjuntos que integralizam a língua brasileira num sentido mais amplo. Sua língua é mestiça como seus personagens e se espalha pelo simples e pelo **complexo**⁸⁵”.

FOCO NARRATIVO

O narrador vale-se da terceira pessoa para revelar o mundo do cortiço, sugerindo assim maior objetividade. Trata-se de um narrador onisciente e que, várias vezes, emite juízo de valor sobre ações ou comportamentos das personagens, como, por exemplo, quando comenta o fato de João Romão só pensar em acumular riqueza, deixando até de comer ovo, de que tanto gosta, só para vender e ganhar dinheiro: “Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular, de reduzir tudo a moeda.” (p.23)

O narrador expressa-se numa linguagem ágil e descontraída que, sem chegar aos piores barbarismos, vale-se frequentemente de um modo de falar mais popular:

“Parece que tem fogo no rabo!”

“sem precisar roer nenhum chifre”, notadamente quando reproduz os pensamentos das personagens em discurso indireto livre:

“não passava afinal de um pedaço de asno comparado com o seu vizinho! (p.27),

ou em discurso direto: “– Sim, sim, sim, contanto que te musques (desapareças) por uma vez! (de uma vez, ou definitivamente)”, “– Contanto que despache o beco! (saia do caminho)” (p.87)

TEMPO

Pela presença de uma escrava, sabemos que a história desenvolve-se num período anterior a 1888 (da abolição da escravatura). Prevalece o tempo cronológico, como em *O mulato*, e assim como nesse romance, aparece *flashback* que retoma momentos passados para esclarecer certas ações ou situações.

ESPAÇO

O espaço em que se movimentam as personagens é o Rio de Janeiro, principalmente o bairro do Botafogo, que aparece no começo de seu desenvolvimento.

Há uma clara oposição significativa entre o espaço horizontal, representado pelo cortiço, abrigando toda sua miséria, e o espaço vertical do sobrado, sugerindo vida de melhor condição social e econômica.

PERSONAGENS:

João Romão, português ambicioso, avaro, dono e explorador do cortiço. Era um homem baixo, atarracado, de cabelos à escovinha.

Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego, que vivia amancebada com um português. Fazia quitanda e vendia angu, peixe frito e iscas de fígado.

Miranda, português bem sucedido no comércio de tecidos por atacado, dono do sobrado. Valoriza a posição social e principiou sua carreira com o dote recebido ao casar com Estela.

Estela, mulher do Miranda, adúltera, pretensiosa e com fumaças de nobreza.

⁸⁵in Sant’anna, Affonso Romano de - *Análise estrutural de romances brasileiros*, RJ, 1984, Editora Vozes, p.116.

Zulmirinha, filha do Miranda, moça pálida, magrinha, com pequeninas manchas roxas nas mucosas do nariz, pálpebras e lábios. Destaca-se ainda que ela tinha pés pequenos, quadril estreito, mas os olhos grandes e negros eram vivos e maliciosos. A mãe a despreza por achar que é filha do Miranda e este a detesta porque tem certeza de que não é o pai.

Henrique, filho de um rico fazendeiro de Minas. Jovem delicado de quinze anos, cheio de acanhamento, que fica morando na casa do Miranda.

Botelho, velho macilento, de setenta anos, antipático, com expressão de abutre, cheio de hemorroidas, que vegeta à sombra do Miranda.

Rita Baiana, mulher livre que se recusa a casar. Mulata assanhada, gosta de dança e quando aparece é assim descrita: “No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas.” (p.61)

Firmo, mulato amante de Rita Baiana, delgado de corpo e ágil como um cabrito, farrista de primeira, andava quebrando-se nos seus movimentos de capoeirista. Magro, mas forte, não tinha músculos, tinha nervos.

TEMÁTICA

O tema condutor do fio narrativo é o problema de moradia, a vida miserável no cortiço, que tanto conduz a história quanto serve de cenografia para todo o desenvolvimento do drama humano coletivo. Com esse fio temático, enlaçam-se numa verdadeira tapeçaria outros temas como o da exploração do homem pelo homem, da bestialização do indivíduo pela miséria, da influência do meio sobre o homem e, até mesmo, temas menores mas ainda atuais, infelizmente, como a ineficácia da polícia: “...nesse tempo a polícia não se mostrava muito por aquelas alturas”. (p.16)

BIBLIOGRAFIA

Romances: *Uma lágrima de mulher*, 1879; *O mulato*, 1881; *Memórias de um condenado (A condessa Vésper)*, 1882; *Mistério da Tijuca (Girândola de amores)*, 1882; *Casa de pensão*, 1884; *Filomena Borges*, 1884; *O coruja*, 1885; *O homem*, 1887; *O esqueleto*, 1890; *O cortiço*, 1890; *A mortalha de Alzira*, 1894; *Livro de uma sogra*, 1895; *O touro negro* (ed. póstuma), 1954.

Contos: *Demônios*, 1893; *Pegadas*, 1897.

Teatro: *A flor de lis*, 1882; *Casa de Orates*, 1882; *Fritzmac*, 1889.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Azevedo, Aluísio – *O cortiço*, SP, 1981, Abril Cultural. (Obra utilizada para citação)

Azevedo, Aluísio – *O mulato*, SP, 1992, Ed. Ática.

Menezes, Raimundo de – *Aluísio Azevedo, uma vida de romance*, SP, 1958, Liv. Martins Ed.

Pacheco, João – *A Literatura Brasileira*, vol. III - O Realismo, SP, MCMLXXI, Ed. Cultrix.

Sant’anna, Affonso Romano de – *Análise estrutural de romances brasileiros*, RJ, 1984, Editora Vozes.

QUADRO SINÓPTICO

MODERNISMO - Segunda fase

I - DATAS LIMITES E DENOMINAÇÕES

* **Portugal:** De 1927 a 1940, denominado *Presencismo*, porque a data inicial ficou marcada pela publicação da revista *Presença*, fundada por José Régio e Branquinho da Fonseca.

* **Brasil:** De 1930 a 1945, Neo-Realismo ou Geração de 30. O marco inicial pode ser tomado também como o ano de 1928, pois neste ano foi publicada a obra *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, que já apresenta os traços estéticos que caracterizam a segunda fase de nosso Modernismo. O ano de 1930 tornou-se importante tanto pela revolução que colocou Getúlio no poder, quanto pelo lançamento de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e do primeiro livro de poesia dessa geração: *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade.

II - CONTEXTO HISTÓRICO

1. Queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque (1929).
2. Revolução de 30 (Fim da República Velha).
3. Revolução Constitucionalista (1932).
4. Governo de Vargas (1930 a 1945).
5. Estado Novo (1937).
6. Segunda Guerra Mundial (1939/45).

III - CARACTERÍSTICAS

Portugal

1. Continuidade da primeira fase: Pessoa, Sá-Carneiro e Almada-Negreiros são vistos como modelos a serem seguidos.
2. Busca de originalidade e crítica à falta de sinceridade.
3. Afirmação da superioridade da “literatura viva” sobre a “literatura livresca”.
4. Valorização do que é espontâneo e individual sobre o social.

Brasil

1. Seriedade.
2. Engajamento político-social.
3. Denúncia das injustiças sociais.
4. Retrato dos sofrimentos dos oprimidos.
5. Predomínio da prosa regionalista.
6. Destaque para os romances nordestinos
7. Análise psicológica e concisão.

IV - AUTORES

Portugal: José Régio, Miguel Torga, Branquinho da Fonseca, Adolfo Casais Monteiro.

Brasil: (PROSA) José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Dyonélio Machado. (POESIA) Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes .

.....

CLARO ENIGMA

Carlos Drummond de Andrade



BIOGRAFIA POÉTICA

Carlos Drummond de Andrade nasceu no quadrilátero ferrífero, na cidade de Itabira, Minas Gerais, em 1902, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1987. Sua família era ligada às tradições dos povoadores de sua região, constituída principalmente por mineradores e fazendeiros. Por isso, mais tarde, o poeta daria a uma de suas obras o título *Fazendeiro do ar*. Veja como sua memória registra sua cidade natal na sequência de poemas intitulada “Lanterna mágica”, em *Alguma poesia*:

IV - ITABIRA

*Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.
Na cidade toda de ferro
as ferraduras batem como sinos.
Os meninos seguem para a escola.
Os homens olham para o chão.
Os ingleses compram a mina.
Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável.*

(In *Reunião*, José Olympio, RJ, p.9)

Drummond estudou em Belo Horizonte, no Colégio Arnaldo, onde conheceu Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Mello Franco, que seriam amigos e companheiros de atividade política e vida intelectual. Abandonou os estudos por motivo de saúde, mas retornou à vida escolar, em 1918, ingressando no Colégio Anchieta, da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo (RJ), de onde foi expulso no ano seguinte, depois de um problema com seu professor de Português. Sobre o incidente, disse ele: *A saída brusca do colégio teve influência enorme no desenvolvimento dos meus estudos e de toda a minha vida. Perdi a Fé. Perdi tempo. E sobretudo perdi a confiança na justiça daqueles que me julgavam. Mas ganhei vida e fiz alguns amigos*

inesquecíveis. A cidade de Nova Friburgo também ficou filmada em sua “Lanterna mágica” de modo subjetivo e na concisão de um único verso:

VI - NOVA FRIBURGO

Esqueci um ramo de flores no sobretudo.

(In *Reunião*, José Olympio, RJ, p.9)

Drummond formou-se em Farmácia, mas acabou ingressando no funcionalismo público e dedicando-se ao jornalismo e à literatura. Iniciou-se no Modernismo em Belo Horizonte, no grupo de *Revista*. Também Belo Horizonte foi projetada na “Lanterna mágica”:

I - BELO HORIZONTE

Meus olhos têm melancolias,
minha boca tem rugas.
Velha cidade!
As árvores tão repetidas.

Debaixo de cada árvore faço minha cama,
em cada ramo dependuro meu paletó.
Lirismo.
Pelos jardins versailles
ingenuidade de velocípedes.

E o velho fraque
na casinha de alpendre com duas janelas dolorosas.

(In *Reunião*, José Olympio, RJ, p.7)

O poeta mudou-se mais tarde para o Rio de Janeiro, onde fixou residência até seus últimos dias. Em 1977, Drummond foi escolhido como o maior poeta vivo do mundo. Em 1987, perdeu sua filha querida, Maria Julieta, vítima de câncer. Já doente, o poeta apresenta-se a partir de então muito abatido, desolado mesmo. Uma dúzia de dias depois, em 17 de agosto, Drummond despediu-se de nosso mundo, deixando inéditas, para publicação póstumas as obras: *O avesso das coisas*, *Moça deitada na cama*, *O amor natural* e *Farewell*.

ESTILO DE ÉPOCA E ESTILO INDIVIDUAL

Carlos Drummond de Andrade fez parte da segunda fase ou geração do Modernismo, surgida na década de trinta. Por isso mesmo, esta fase pode ser denominada “Geração de 30”, ou “Pós-Modernismo”. Outra denominação que se lhe pode dar, quando se fala da prosa desse período, é a de Neo-Realismo, pela quantidade de traços estéticos semelhantes. Assim como o Realismo e o Naturalismo, os ficcionistas modernistas da segunda fase valorizam a temática contemporânea e uma visão mais objetiva e crítica das relações sociais. Também valorizam a preocupação com a forma e focalizam o homem vulgar com seus defeitos e covardias, ou seja, em vez do herói romântico sempre vencedor, temos o anti-herói, o homem derrotado. A poesia desse período é mais diversificada, apresentando tanto a concisão bem humorada e oswaldiana da primeira fase de Drummond, em *Alguma Poesia*, quanto a poesia social e engajada de *A rosa do povo*, do mesmo poeta, ou de *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, que em geral produzia uma poesia intimista, subjetiva, musical. Podemos encontrar ainda o lirismo amoroso de Vinícius de Moraes e o surrealismo, que convive harmoniosamente com a religiosidade na poesia de Jorge de Lima e Murilo Mendes.

O poeta de Itabira estreou oficialmente em 1930, com *Alguma poesia*, mantendo ainda certos traços estilísticos próprios da fase heroica do movimento modernista. Leia um exemplo dessa linha poética, transcrito de *Brejo das Almas*:

O PASSARINHO DELA

*O passarinho dela
é azul e encarnado.
Encarnado e azul
são as cores do meu desejo.*

*O passarinho dela
bica meu coração.
Ai ingrato, deixa estar
que o bicho te pega.*

*O passarinho dela
está batendo asas, seu Carlos!
Ele diz que vai-se embora
sem você pegar.*

(In *Reunião*, José Olympio, RJ, p.34)

Drummond foi um poeta marcado por uma evolução constante. Na década de 40, compôs poemas que deixavam claro o seu engajamento, o seu compromisso com o momento histórico. Por volta da década de 50, numa postura neomodernista, interioriza-se e procura uma linha estetizante, isto é, interessa-se pelo aprimoramento da forma e da linguagem.

Outro aspecto estilístico desse poeta é que tanto apresenta composições populares de imediato entendimento, quanto poemas requintados, sofisticados, intelectualizados e de técnica apurada, difíceis para o leitor médio, exigindo um leitor culto e atento. Inspira-se notadamente na rotina, no cotidiano, manifestando sua observação e o resultado dela às vezes com angústia e pessimismo, outras vezes com humor e ironia, mas sempre com uma mirada que denuncia um sentir a um só tempo simples e profundo.

Quando organizou sua *Antologia Poética*, em 1962, Drummond evitou uma organização cronológica, preferindo uma seleção e estruturação temática, conforme ele mesmo declara na abertura da obra.

Ao organizar este volume, o autor não teve em mira, propriamente, selecionar poemas pela qualidade, nem pelas fases que acaso se observem em sua carreira poética. Cuidou antes de localizar, na obra publicada, certas características, preocupações e tendências que a condicionam ou definem, em conjunto. A Antologia lhe pareceu assim mais vertebrada e, por outro lado, espelho mais fiel.

Escolhidos e agrupados os poemas sob esse critério, resultou uma Antologia que não segue a divisão por livros nem obedece a cronologia rigorosa. O texto foi distribuído em nove seções, cada uma contendo material extraído de diferentes obras, e disposto segundo uma ordem interna. O leitor encontrará assim, como pontos de partida ou matéria de poesia: 1) O indivíduo; 2) A terra natal; 3) A família; 4) Amigos; 5) O choque social; 6) O conhecimento amoroso; 7) A própria poesia; 8) Exercícios lúdicos; 9) Uma visão, ou tentativa de, da existência.

Algumas poesias caberiam talvez em outra seção que não a escolhida, ou em mais de uma. A razão da escolha está na tônica da composição, ou no engano do autor. De qualquer modo, é uma arrumação, ou pretende ser.

(Andrade, Carlos Drummond de – *Antologia poética*, RJ, José Olympio, 1983p.viii.)

Drummond foi um poeta marcado por uma evolução constante. Na década de 40, compôs poemas que deixavam claro o seu engajamento, o seu compromisso com o momento histórico. Por volta da década de 50, numa postura neomodernista, interioriza-se e procura uma linha estetizante, isto é, interessa-se pelo aprimoramento da forma e da linguagem. Nessa fase, constrói sonetos perfeitos, admiráveis e admirados.

Ao ler *O Sentimento do Mundo*, o estudante deve levar em conta esses temas já explicitados pelo poeta.

Apesar da grande variedade de temas e formas em sua poesia, Drummond destacou-se na modernidade

poética brasileira por instalar na poesia a concretude das formas, entretecida com a forte análise da razão. Para empregar a conceituação de Ezra Pound, seus poemas apresentam mais casos de logopeia (poesia de raciocínio), complementada pela fanopeia (poesia visual) do que melopeia (musicalidade). Revela, o poeta mineiro, mais propensão a duvidar, negar e destruir do que construir, como ressalta Alfredo Bosi ao transcrever esses versos: “e a poesia mais rica / é um sinal de menos”.

O mundo de que procura fazer o retrato indagativo é visto em tons cinzentos, de modo irônico, ácido, que muitas vezes envereda para o tédio e o desprezo da existência. *Sentimento do mundo* assim como *A rosa do povo*, são os livros mais preocupados com a problemática social, revelando forte engajamento com a situação política (não partidária).

Drummond tanto apresenta poemas populares de imediato entendimento (como “Infância”), quanto poemas requintados, sofisticados, intelectualizados e de técnica apurada, difíceis para o leitor médio, exigindo um leitor culto e atento. Embora esse tipo de poema possa ser encontrado em *Alguma poesia* (como “Casamento do céu e do inferno” ou “Cota zero”), o seu espaço privilegiado é o livro *Claro enigma*. Inspira-se o poeta mineiro principalmente na rotina, no cotidiano, manifestando sua observação e o resultado dela às vezes com angústia e pessimismo, outras vezes com humor e ironia, mas sempre com uma mirada que denuncia um sentir a um só tempo simples e profundo. Por isso, na sequência de poemas sobre lugares (Lanterna mágica), em *Alguma poesia*, ele assim se expressa sobre a Bahia:

VIII - BAHIA

É preciso fazer um poema sobre a Bahia...

Mas eu nunca fui lá.

(In *Reunião*, José Olympio, RJ, p.10)

Já que partimos para o exemplo, vejamos um outro, em que o poeta faz um retrato irônico do cotidiano de uma pequena cidade do interior. Seu poema é como que um *flash*, um instantâneo que resgata na aparência de um momento fugidio a essência eterna do viver interiorano:

CIDADEZINHA QUALQUER

*Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.*

*Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.*

*Devagar... as janelas olham.
Êta vida besta, meu Deus.*

(Andrade, Carlos Drummond de – *Antologia poética*, RJ, José Olympio, 1983, p.34.)

APRESENTAÇÃO

Vários acontecimentos, desde a publicação de *A rosa do povo*, e anteriores ao lançamento de *Claro enigma*, devem ser lembrados aqui: o fim da guerra mundial e da ditadura de Getúlio Vargas, a Constituição de 1946, a presidência de Eurico Gaspar Dutra e o retorno de Vargas à presidência, em 1951, eleito, desta vez, pelo povo em eleição direta e democrática, embora essa democracia seja fruto de conchavos, mais do que conquista de uma luta popular. Nesse mesmo ano, 1951, Drummond publica, além do livro em prosa, *Contos de aprendiz*, o livro de poesia *Claro enigma*, que tem sido apontado pela crítica como um marco inicial da terceira fase da poesia drummondiana. A primeira fase começa com *Alguma poesia*. A segunda, poesia social, tem seu ponto culminante em *A rosa do povo*.

Claro enigma é aberto por uma epígrafe, verso de Paul Valéry, que parece demonstrar esse desejo de romper com a poesia engajada, que vinha fazendo: "*Les événements m'ennuient*", ou seja, os acontecimentos me aborrecem, me causam tédio.

Em *Claro enigma* notamos uma preocupação maior com a poesia formal, uma retomada do soneto clássico, do verso decassílabo. A maioria dos poemas apresenta versos metrificados e apenas um quarto do todo valeu-se do verso livre. A irreverência da primeira fase é substituída por uma dignidade sóbria e aumenta a busca existencial do "eu poético" e a escavação da condição humana, uma funda perquirição do "estar no mundo". O arrefecimento da ironia parece encontrar como substitutivo um estado de paz resignada, feito de um maior entendimento e aceitação do mundo e da vida.

O livro apresenta 42 poemas, elaborados numa sintaxe predominantemente clássica, em que por vezes encontramos elementos arcaizantes. A coloquialidade se rarefaz e praticamente desaparecem os poemas de denúncia social.

Os poemas foram organizados e distribuídos pelo autor em 5 partes:

- I - ENTRE LOBO E CÃO (18 poemas)
- II - NOTÍCIAS AMOROSAS (7 poemas)
- III - O MENINO E OS HOMENS (4 poemas)
- IV - SELO DE MINAS (5 poemas)
- V - OS LÁBIOS CERRADOS (6 poemas)
- VI - A MÁQUINA DO MUNDO (2 poemas)

ANTOLOGIA COMENTADA

I - ENTRE LOBO E CÃO

TEXTO 1: A INGAIA⁸⁶ CIÊNCIA

*A madureza, essa terrível prenda
que alguém nos dá, raptando-nos, com ela,
todo sabor gratuito de oferenda
sob a glacialidade de uma estela,*

⁸⁶Do provençal "gai", que significa alegre, divertido, derivou gaio e gaia. Criando um neologismo, com a anexação do prefixo "in", negativo, o poeta coloca a "ciência" (aqui como sinônimo de madureza, experiência da idade) como algo que pode significar acréscimo em algum sentido, mas, infelizmente, não é nada divertido ou alegre, pois nos priva da ilusão, já que ficamos sabendo o preço tanto do amor quando do lazer.

*a madureza vê, posto que a venda
interrompa a surpresa da janela,
o círculo vazio, onde se estenda,
e que o mundo converte numa cela.*

*A madureza sabe o preço exato
dos amores, dos ócios, dos quebrantos,
e nada pode contra sua ciência*

*e nem contra si mesma. O agudo olfato,
o agudo olhar, a mão, livre de encantos,
se destroem no sonho da existência.(p.18)*

Comentário: Classificada como “TENTATIVA DE EXPLORAÇÃO E DE INTERPRETAÇÃO DO ESTAR-NO-MUNDO”. Observem que a segunda estrofe, embora não apresente um advérbio de negação, está toda construída com índices negativos: a venda que impede de ver, o círculo que nada tem (vazio), e o mundo convertido em uma cela (prisão). O poema como um todo, no entanto, apesar de seu cunho realista, não é nihilista, pois procura o belo da idade, malgrado suas limitações e a amargura proporcionada pela compreensão disso. A corrosão, menos manifesta em *Claro enigma*, pode ser encontrada no último verso: “se destroem no sonho da existência”.

TEXTO 2: UM BOI VÊ OS HOMENS

*Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
e **correm**⁸⁷ de um para outro lado, sempre esquecidos
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes
não sei que atributo essencial, posto que se apresentem nobres
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,
até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam
nem o canto do ar nem os segredos do feno,
como também parecem não enxergar o que é visível
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.
Toda a expressão deles mora nos olhos - e perde-se
a um simples baixar de cílios, a uma sombra.
nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fragilidade,
e como neles há pouca montanha,
e que secura e que reentrâncias e que
impossibilidade de se organizarem em formas calmas,
permanentes e necessárias. Têm, talvez,
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem
perdoar a agitação incômoda e o translúcido
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme
(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no campo
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade (pp.25/6)*

Comentário: Esse poema não aparece na Antologia, mas podia muito bem aparecer classificado como “TENTATIVA DE EXPLORAÇÃO E DE INTERPRETAÇÃO DO ESTAR-NO-MUNDO”. É interessante que, deslocando a ótica para uma possível e provável mente bovina, o poeta revela a fragilidade do homem e seu comportamento absurdo, não sem uma sensação de pena e de crítica desolada.

⁸⁷Emprego de anadiplose, figura que consiste em repetir a última palavra da frase ou verso no início do que se segue.

TEXTO 3: MEMÓRIA

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão. (p.27)*

Comentário: “Memória” aparece na Antologia como “UMA, DUAS ARGOLINHAS”, mas também caberia com pertinência em “AMAR-AMARO” ou “TENTATIVA DE EXPLORAÇÃO E DE INTERPRETAÇÃO DO ESTAR-NO-MUNDO”. É um poema de beleza simples, tão singelo quanto sua estrutura. É composto de tercetos, construídos com versos redondilhos menores, empregando esquema de rima AAB.

TEXTO 4: OFICINA IRRITADA

*Eu quero compor um soneto duro
como poeta algum ousara escrever.
Eu quero pintar um soneto escuro,
seco, abafado, difícil de ler.*

*Quero que meu soneto, no futuro,
não desperte em ninguém nenhum prazer.
E que, no seu maligno ar imaturo,
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.*

*Esse meu verbo antipático e impuro
há de **pungir**⁸⁸, há de fazer sofrer,
tendão de **Vênus**⁸⁹ sob o pedicuro.*

*Ninguém o lembrará: tiro no muro,
cão mijando no caos, enquanto **Arcturo**⁹⁰,
claro enigma⁹¹, se deixa surpreender. (p.42)*

Comentário: Aparece como “POESIA CONTEMPLADA” na Antologia. Trata-se de um soneto metalinguístico, construído segundo os padrões clássicos: 14 versos decassílabos, com esquema de rima: ABAB, ABAB, ABA, AAB. Revelando conformidade com a temática, a linguagem desse poema apresenta-se

⁸⁸Ferir, furar, picar.

⁸⁹Divindade mitológica da Antiguidade dotada de rara beleza. Deusa do amor, tomada aqui pela visão tradicional e consagrada de símbolo de feminilidade, beleza, delicadeza. Essa imagem destoa dolorosamente com “pedicuro”, que nos transmite a ideia de vulgaridade e sofrimento.

⁹⁰Estrela alfa do boieiro, que durante muito tempo ficou oculta aos olhos dos astrônomos.

⁹¹É a expressão que dá título ao livro. Temos aqui um típico exemplo de oxímoro, espécie de antítese concentrada, que reúne num só enunciado dois pensamentos que se excluem mutuamente, gerando um paradoxo, pois o substantivo “enigma”, portador da qualidade, pressupõe o contrário de sua qualidade em si, “claro”. Se é enigma, como poderia ser claro? Se claro, não deveria ser enigma. Essa figura de linguagem foi muito praticada pela estética barroca, no século XVII.

áspera e corrosiva. Veja o que diz o crítico Antonio Candido a esse respeito: “À maneira de Graciliano Ramos no romance, Drummond, na poesia, não procura ser agradável, nem no que diz, nem na maneira por que o diz. Talvez seja esta uma das causas que dão ao seu verso o aspecto seco e anti-melódico. Mas é preciso considerar também que a sua maestria é menos a de um versificador que a de um criador de imagens, expressões e seqüências, que se vinculam ao poder obscuro dos temas e geram diretamente a coerência total do poema, relegando quase para segundo plano o verso como uma unidade autônoma.”⁹²

TEXTO 5: AMAR (de II - NOTÍCIAS AMOROSAS)

*Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,⁹³
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?*

*Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?*

*Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.*

*Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.*

*Amar a nossa falta mesma de amor, e na segura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.(pp.49/50)*

Comentários: Poema em versos livres em que, como em outros poemas sobre o amor, Drummond volta a liberar a forma.

Esse sentimento, o amor, é o instrumento que permite captar o mundo, apesar do que há nele de misturado, confuso ou impuro.

Há nesse poema, em vez da sintaxe bem amarrada dos demais textos formais de *Claro enigma*, uma sintaxe frouxa, construída com enumerações e sintagmas não progressivos.

Apesar dos desenganos e fadiga do mundo, o amor se renova através de suas próprias decepções, de seu anseio ou incompletude.

⁹²Candido, Antonio - *Vários escritos* - SP, Livraria Duas Cidades Ltda, 1970, p.121/2.

⁹³Nesses três versos encontramos “anáfora”, figura de linguagem que consiste em repetir no início do verbo a mesma palavra. Notem que nos dois versos seguintes encontraremos “epizeuxe”, também figura de repetição, só que no final do verso.

TEXTO 6: QUINTANA'S BAR (De III - O MENINO E OS HOMENS)

Num bar fechado há muitos, muitos anos, e cujas portas de aço bruscamente se decerram, encontro, que eu nunca vira, o poeta Mário Quintana.⁹⁴

*Tão simples reconhecê-lo, toda identificação é vã. O poeta levanta seu copo. Levanto o meu. Em algum lugar – **coxilha**⁹⁵? montanha? vai rorejando a manhã.*

*Na total de incorporação das coisas antigas, perdura um elemento mágico: estrela-do-mar – ou **Aldebarã**⁹⁶?, tamanquinhos, menina correndo com o arco. E corre com pés de lã.*

*Falando em voz baixa nos entendemos, eu de olhos cúmplices, ele com seu talismã. Assim me fascinavam outrora as feitiçarias da preta, na cozinha de **picumã**⁹⁷.*

*Na conspiração da madrugada, erra solitário – dissolve-se o bar – o poeta Quintana. Seu olhar devassa o nevoeiro, cada vez mais densa é a bruma de **antanho**⁹⁸.*

Uma teia se tecendo, e sem trabalho de aranha. Falo de amigos que envelheceram ou que sumiram na semente de avelã.

Agora voamos sobre tetos, à garupa da bruxa estranha. Para iludir a fome, que não temos, pintamos uma romã.

*E já os homens sem província, despeta-se a flor aldeã. O poeta aponta-me casas: a de **Rimbaud**⁹⁹, a de **Blake**¹⁰⁰, e a gruta camoniana.*

*As amadas do poeta, lá embaixo, na curva do rio, ordenam-se em lenta **pavana**¹⁰¹, e uma a uma, gotas ácidas, desaparecem no poema. É há tantos anos, será ontem, foi amanhã? Signos criptográficos ficam gravados no céu eterno - ou na mesa de um bar abolido, enquanto, debruçado sobre o mármore, silenciosamente viaja o poeta Mário Quintana.*

Comentário: Poema em prosa que, por isso mesmo, combina bem com o poeta celebrado, pois Quintana foi o mestre da poesia em prosa, aproximando-se muitas vezes do provérbio ou do ditado popular.

TEXTO 7: EVOCAÇÃO MARIANA (de IV - SELO DE MINAS)

*A igreja era grande e pobre. Os **altares**¹⁰², humildes.
Havia poucas flores. Eram flores de horta.
Sob a luz fraca, na sombra esculpida
(quais as imagens e quais os fiéis?)
ficávamos.*

*Do padre cansado o murmúrio de **reza**¹⁰³
subia às tábuas do forro,
batia no púlpito seco,
entranhava-se na onda, minúscula e forte, de incenso,
perdia-se.*

*Não, não se perdia...
Desatava-se do coro a música deliciosa*

⁹⁴Poeta gaúcho, contemporâneo de Drummond. Quintana iniciou sua carreira literária em 1940, com *A rua dos cataventos*. Escreveu, ainda: *Sapato florido*, *Espelho mágico*, *O aprendiz de feitiçeiro* e *Quintanares*.

⁹⁵Campina com elevações arredondadas, contínuas. Essa paisagem gaúcha típica lembra o poeta Quintana, assim como as montanhas se associam a Drummond, pois sua cidade natal, Itabira, fica encravada no meio de montanhas, no quadrilátero ferrífero de Minas Gerais.

⁹⁶Nome empregado tradicionalmente para designar a estrela alfa de Touro.

⁹⁷Teia de aranha enegrecida pela fuligem, muito comum nas casas do interior que têm fogão de lenha.

⁹⁸Antigamente, nos tempos idos, outrora. Pode também significar “no ano passado”.

⁹⁹Poeta francês, simbolista, autor de “Bateau Ivre”, em cuja poesia encontramos a vertigem do espírito.

¹⁰⁰Poeta inglês da segunda metade do século XVIII, romântico, autor de *Canções da Inocência*, 1789.

¹⁰¹Dança da corte de provável origem espanhola, praticada no século XVI.

¹⁰²Temos aqui um caso de zeugma, figura de linguagem que consiste na omissão de termo já expresso: “Os altares (eram) humildes”.

¹⁰³Encontramos aqui uma inversão “o murmúrio de reza / do padre cansado”, em que o termo regido (do padre cansado) troca de lugar com o termo regente (o murmúrio de reza), caracterizando um tipo especial de inversão denominado “anástrofe”.

*(que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da morte, nas campinas do ar)
e dessa música surgiam meninas – a alvura mesma –
cantando.*

*De seu peso terrestre a nave libertada,
como do tempo atroz imunes nossas almas,
flutuávamos
no canto matinal, sobre a treva do **vale**¹⁰⁴. (pp.75/6)*

Comentário: Poema em versos livres. Não encontramos aqui uma visão mística, religiosa, mas uma recuperação estética pelos olhos e pelos ouvidos. É a beleza da igreja barroca, a pureza da música, assim como a fragilidade das pessoas, que ferem a sensibilidade do poeta ao evocar essa lembrança, que fica registrada no espírito como cartão postal ou fotografia querida, amarelecida pelo tempo.

TEXTO 8: ENCONTRO (de V – OS LÁBIOS CERRADOS)

*Meu pai perdi no tempo e ganho em sonho.
Se a noite me atribui poder de fuga,
sinto logo meu pai e nele ponho o olhar, lendo-lhe a face, ruga a ruga.*

*Está morto, que importa? Inda madrugada
e seu rosto, nem triste nem risonho,
é o rosto antigo, o mesmo. E não enxuga
suor algum, na calma de meu sonho.*

*Ó meu pai arquiteto e fazendeiro!
Faz casas de silêncio, e suas roças
de cinza estão maduras, orvalhadas*

*por um rio que corre o tempo inteiro,
e corre além do tempo, enquanto as nossas
murcham num sopro fontes represadas. (p.107)*

Comentário: O pai, que a memória traz em sonho, vem acompanhado com o que é bom, deixando para trás o que pudesse ser desagradável (suor algum). Não podemos deixar de notar uma implícita comparação de dois planos, o do lugar indefinido e indefinível em que está o pai, onde as roças são orvalhadas, úmidas; e o espaço da realidade tangível, em que está o poeta, em que as roças murcham ao sopro de um vento provavelmente quente e seco.

texto 9: Fragmentos de A MÁQUINA DO MUNDO (de VI - A MÁQUINA DO MUNDO)

*E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco*

*se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas*

*lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes*

¹⁰⁴Observem a riqueza sonora desse verso, conseguida principalmente pelo emprego de aliteração ou coliteração: “no canto matinal, sobre a treva do vale”.

e de meu próprio ser desenganado,

*a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.*

*Abriu-se majestosa e circumspecta,
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável*

*pelas pupilas gastas na inspeção
contínua e dolorosa do deserto,
e pela mente exausta de mentar*

*toda uma realidade que transcende
a própria imagem sua debuxada
no rosto do mistério, nos abismos.*

*Abriu-se em calma pura, e convidando
quantos sentidos e intuições restavam
a quem de os ter usado os já perdera*

*assim me disse, embora voz alguma
ou sopro ou eco ou simples percussão
atestasse que alguém, sobre a montanha,*

*a outro alguém, noturno e miserável,
em colóquio se estava dirigindo:
“O que procuraste em ti ou fora de*

*teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,*

*olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,*

*essa total explicação da vida,
esse nexo primeiro e singular
que nem concebes mais, pois tão esquivo*

*se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo.”*

.....

*baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.*

*A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,*

*se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas. (pp.121 a 124)*

Comentários:

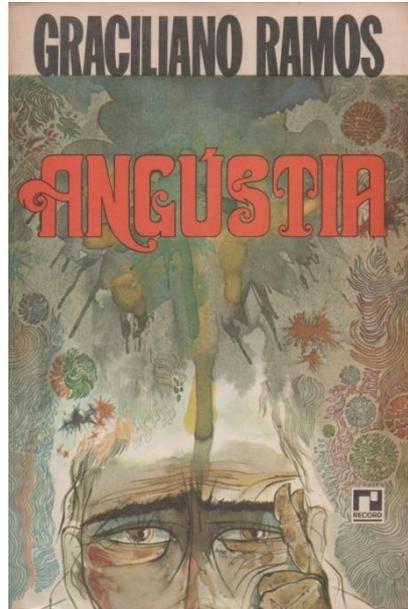
Poema em versos decassílabos brancos, que lembram Camões tanto pela métrica quanto pela referência ao momento quando, em *Os Lusíadas*, Tétis revela a Vasco da Gama a máquina do mundo, que lhe permite ver como funciona o universo.

Enquanto ao Gama interessava conhecer o “mundo” fisicamente, ao poeta mineiro atrai a indagação metafísica, interessa compreender o “estar no mundo”, mas em vez de resolver o enigma e torná-lo claro, o poeta moderno prefere não olhar e manter a opacidade do mundo, desistindo de sua constante escavação, renunciando ao esforço de compreender.

Podemos dizer que preferiu continuar a ser visto como poeta e não como filósofo. O poeta questiona, levanta problemas. O filósofo explica, resolve.

ANGÚSTIA

Graciliano Ramos



APRESENTAÇÃO

Peço licença aos leitores, mas quero fazer uma apresentação bem subjetiva e pessoal. As primeiras obras de Graciliano que me caíram nas mãos foram *Vidas secas* e *São Bernardo*. Amei as duas e jamais consegui decidir, para mim mesmo, qual delas é a melhor. Os contos me pareceram pesados demais, muito pessimistas, dolorosos mesmo e só voltei a reler um deles, que desperta todo meu sentimento, “Minsk”. Pérola de beleza, apesar da dor que transmite. Nunca me interessei por *Angústia*, objeto desse nosso estudo. Por isso, quando ainda fazia o curso de Letras na USP, espantou-me um dia ler em uma das obras do professor e crítico Massaud Moisés que, para ele, *Angústia* era a obra-prima de Graciliano. Anos mais tarde, comentei meu espanto com uma ex-colega de faculdade, professora de colégio importante, Cláudia Stella Mans, que revelou ter a mesma opinião do nosso mestre Massaud. Como sempre respeitei essas duas pessoas, dispus-me a ler o livro, mas não consegui. Empacava nas primeiras páginas sem encontrar interesse que me levasse adiante.

Assim, o livro voltou para a estante, onde passou a acumular poeira. Acredito que todo livro tem seu dia de leitura. Se não é hoje, será amanhã ou o ano que vem. Não costumo forçar, a não ser que a vida me force. E foi o que aconteceu. Creio que foi em 1987, quando voltei a lecionar no Colégio Bandeirantes e dividia as turmas de terceiro colegial com uma professora, que, ao fazer a lista de obras a serem lidas pelos alunos, elegeu *Angústia*. O coordenador daquela época sabia da minha dificuldade. Ele olhou-me ironicamente, esperando minha oposição. Não me opus, aceitei a sugestão e iniciei a leitura ao mesmo tempo que meus alunos. Muitos estavam, como eu, achando a leitura difícil e desestimulante, até que certo dia apareceu um aluno entusiasmado porque havia terminado a leitura e ao retomar o primeiro capítulo notou que tudo estava muito entrelaçado, com fatos do final do relato mencionados abruptamente na primeira página. Só então, certas referências apareciam carregadas de significado. Ele não chegou a colocar assim, eu é que vislumbrei isso, e antes que ele esclarecesse tudo, pedi-lhe silêncio e discrição para que eu e os demais pudéssemos passar pelo mesmo processo de descoberta.

Outros alunos, que presenciaram o diálogo, passaram a ler o livro com maior interesse. Engraçado que, só isso, já fez com que passássemos a ter maior motivação e maior prazer na leitura. Hoje comparo esse livro a

um cilindro, ou seja, a sua circularidade faz com que após a leitura da última página, possamos iniciar a leitura da primeira e ir realmente sabendo o que está acontecendo a cada passo. Por isso, aconselho você a parar aqui o estudo desse livro e partir para a leitura do original, voltando depois a ler este nosso estudo, porque talvez aqui eu acabe quebrando sua possível expectativa, amarrando informações veladas (do início) com sua causa (no final).

ENREDO CONDENSADO

Levantei-me há cerca de trinta dias¹⁰⁵, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios.

Há criaturas que não suporto. Os vagabundos¹⁰⁶, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, não vão gemer peditórios: vão gritar, exigir, tomar-me qualquer coisa.

Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos. Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se. É uma espécie de prostituição. Um sujeito chega, atenta, encolhendo os ombros ou estirando o beijo, naqueles desconhecidos que se amontoam por detrás do vidro. Outro larga uma opinião à toa. Basbaques escutam, saem. E os autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como as mulheres da Rua da Lama.

Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagreceram. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. As escoriações das palmas cicatrizaram.¹⁰⁷

Impossível trabalhar. Dão-me um ofício, um relatório, para datilografar, na repartição. Até dez linhas vou bem. Daí em diante a cara balofo de Julião Tavares aparece em cima do original, e os meus dedos encontram no teclado uma resistência mole de carne gorda¹⁰⁸. E lá vem o erro. Tento vencer a obsessão, capricho em não usar a borracha. Concluo o trabalho, mas a resma de papel fica muito reduzida. (p.7)

Assim, empregando foco narrativo em primeira pessoa, um narrador que ainda não conseguimos identificar, vai patenteando seus pensamentos. Paulatinamente, os fragmentos de lembranças e reflexões vão construir perante o leitor a vida e a psicologia do protagonista-narrador. À noite ele se senta à mesa, mas seu pensamento viaja longe do artigo que lhe pediram para o jornal. Vitória resmunga na cozinha e ratos remexem latas e embrulhos. Fica duas horas sem conseguir escrever nada a não ser um nome: Marina. A partir das letras desse nome, escreve: ar, mar, rima, arma, ira, amar. Lembra-se de uma porção de caras de pessoas e das contas que precisa pagar: o aluguel da casa para o Dr. Gouveia, a conta de luz, o Moisés das prestações para quem assinou uma promissória de quinhentos mil-réis. Refugia-se o narrador no álcool e no cigarro, mas quando bebe e fuma muito sente que sua tristeza aumenta. Voltam a girar em sua cabeça as caras de pessoas, entre elas a de Julião Tavares.

Comentário: O narrador atira-nos nomes como se já os conhecêssemos. Vitória, por exemplo, deve ser sua empregada. Marina, pelo jogo com as letras, é mulher que ocupa muito sua mente, talvez amada. Julião Tavares é a figura que parece mais desagradável e a que mais se repete. Diferentemente do romance *São Bernardo*, em que o narrador Paulo Honório está escrevendo sua história e de *Grande sertão: veredas*, em que Riobaldo está contando verbalmente a um interlocutor, em *Angústia* ficamos com a sensação de estarmos dentro da cabeça da personagem, vendo seus pensamentos no momento mesmo em que eles estão se processando.

¹⁰⁵ Esse é o tempo transcorrido após o final do livro, ou seja, o protagonista termina o relato em um estado febril, delirando. Na releitura, fica-se com uma forte sensação que essa primeira página é verdadeiramente o final da história.

¹⁰⁶ Influenciado por um outro vagabundo, que aparece no desfecho da narrativa, e que pode representar perigo para o protagonista em seu remorso e sentimento de culpa pelo que praticou.

¹⁰⁷ No desfecho, por um “acidente” que vamos evitar revelar, uma corda praticamente rasga as mãos do protagonista.

¹⁰⁸ Tanto o antagonista Julião Tavares quanto a sensação de carne gorda e mole sob as mãos também estão relacionados com o desfecho da narrativa.

O narrador diz que, se pudesse, largaria tudo e recomeçaria suas viagens. Trabalha todo dia das nove ao meio-dia e das duas às cinco, considerando essa vida estúpida uma vida de **sururu**¹⁰⁹. Pensa de novo em Marina. Imagina-se morto, cadáver magríssimo com os dentes arreganhados. Volta a lembrança de Julião Tavares.

*À medida que o carro se afasta do centro sinto que me vou desanuviando. Tenho a sensação de que viajo para muito longe e não voltarei nunca. Do lado esquerdo são as casas da gente rica, dos homens que me amedrontam, das mulheres que usam peles de contos de réis. Diante delas, Marina é uma **ratuína**¹¹⁰. Do lado direito, navios. (p.10)*

Recorda que há quinze anos era diferente. O seu quarto ficava no primeiro andar, fazia muito calor. Dividia o quarto com um estudante de medicina, o Dagoberto. A dona da pensão, Aurora, ficava de olho nos hóspedes que comiam demais e também nos que atrasavam o pagamento. O protagonista retorna à cidade. Passa pelos fundos do tesouro. *É ali que trabalho. Ocupação estúpida e quinhentos mil-réis de ordenado. (p.11)*

O bonde roda para oeste, dirige-se ao interior. Tenho a impressão de que ele me vai levar ao meu município sertanejo. E nem percebo os casebres miseráveis que trepam o morro, à direita, os palacetes que têm os pés na lama, junto ao mangue, à esquerda. Quanto mais me aproximo de Bebedouro mais removo. Marina, Julião Tavares, as apoquentações que tenho experimentado estes últimos tempos, nunca existiram. (p.11)

Recorda-se o narrador de sua infância na fazenda do avô Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, velhíssimo e a fazenda decadente. Recorda-se também de seu pai, Camilo Pereira da Silva, fazendo cigarros na rede, inativo.

Após a morte do avô, foram morar na vila e ele foi matriculado *na escola de seu Antônio Justino, para desasnar, pois, como disse Camilo quando me apresentou ao mestre, eu era um cavalo de dez anos e não conhecia a mão direita. Aprendi leitura, o catecismo, a conjugação dos verbos. O professor dormia durante as lições. E a gente bocejava olhando as paredes, esperando que uma réstia chegasse ao risco de lápis que marcava duas horas. Saíamos em algazarra. Eu ia jogar pião, sozinho, ou empinar papagaio. Sempre brinquei só. (p.13)*

Comentário: O espaço físico delinea-se como que acidentalmente por referências que despontam aqui e ali, sem parar para fazer uma descrição como as que podem ser encontradas em romances como *Ubirajara* ou *Bom-Crioulo*. Depois de ruídos de ratos e resmungos de Vitória, temos o carro e o bonde. Então, essa personagem está em movimento e o que apresenta maior interesse não é o movimento exterior, como nos dois romances anteriormente citados, mas o interior, os pensamentos. Podemos perceber uma pessoa atormentada por problemas econômicos, ressentida contra aqueles que têm aquilo que lhe falta; dinheiro.

*Uma chavinha renitente açoita as folhas da mangueira que ensombra o fundo do meu quintal (...) qualquer coisa desagradável persegue-me sem se fixar claramente no meu espírito. (p.13) Sob a neblina da chuva quase não consegue ver as roseiras da casa vizinha. Procura escrever um artigo para não descontentar o Pimentel. Felizmente a ideia do livro que me persegue às vezes dias e dias desapareceu. (p.13) Lembra-se de conhecidos já falecidos. A chuva, a peneira oculta a casa vizinha. Pensa que se Marina fosse banhar-se ali, não seria vista por ele. Lembra-se o narrador de como gostava de tomar banho de chuva quando era menino. Por associação, lembra-se do pai a enfiá-lo na água para aprender a nadar. Puxava-o para cima e deixava-o respirar um instante. Em seguida repetia a tortura. Se eu pudesse fazer o mesmo com Marina, afogá-la devagar, trazendo-a para a superfície quando ela estivesse perdendo o fôlego, prolongar o suplício um dia inteiro... (p.15) Entre vários fragmentos de recordações várias, ele se lembra da *figura sinistra de seu Evaristo enforcado e os homens que iam para a cadeia amarrados de cordas. (p.16) Entre as lembranças voltam a escola, as roseiras e a casa vizinha. Foi entre essas plantas que, no começo do ano passado, avistei Marina pela primeira vez, suada, os cabelos pegando fogo. (p.16) A lembrança provoca-lhe desejo. Volta a recordar-se do pai e de vozes inexplicáveis que lhe causavam medo quando menino: “Um alarido, um queixume,**

¹⁰⁹ Molusco bivalve típico de Alagoas, importante na alimentação do povo dali.

¹¹⁰ Regionalismo. Significa prostituta reles.

clamor enorme, sempre no mesmo tom. (p.17) Termina dizendo que tem se esforçado para voltar a ser criança e como resultado mistura fatos atuais a coisas antigas.

Comentário: Agora o narrador está em sua casa. O espaço continua aparecendo como que acidentalmente no discurso do narrador, que não para para descrever, mas vai inserindo o quintal, o muro, a mangueira, todos elementos importantes para o relato. Continuam os fragmentos juntando-se de maneira aparentemente alucinada, na cabeça de uma pessoa desequilibrada talvez por algo que a atormenta e que evita (“qualquer coisa desagradável persegue-me sem se fixar claramente no meu espírito”). O leitor pode, no entanto, observar que predominam imagens e lembranças que se associam a morte e a última acrescenta a ideia de corda, ou seja, uma morte por enforcamento.

O narrador recorda-se da morte do pai, dos pés aparecendo sob o lençol, que só cobria o corpo do defunto enorme. A casa sendo invadida pelos outros para cuidar do enterro: *Rosenda lavadeira, padre Inácio, cabo José da Luz, o velho Acrísio.* O narrador tenta chorar, mas não consegue sentir a morte de quem o afogava nas águas do poço da Pedra. Está com catorze anos, conhece a mão direita e sabe os verbos. Sua maior emoção nesse dia, é ser acordado por Rosenda que lhe levou uma xícara de café. Com isso chorou: ... *até hoje, que me lembre, nada me sensibilizou tanto como aquele braço estirado, aquela fala mansa que me despertava.* (p.19) No dia seguinte, os credores passaram a mão no que puderam. O menino passou a noite com medo da alma de Camilo Pereira da Silva.

Seu Ivo, silencioso e faminto, vem visitar-me. (p.20) A narrativa retoma o presente. O narrador evita receber o seu Ivo. De onde está, olha por sobre o muro, vendo a mangueira e *um homem triste que enche dornas¹¹¹ sob um telheiro, uma mulher magra que lava garrafas.* (p.20) O narrador fala de um número enorme de pessoas: do barbeiro André Laerte que discute com o negociante Filipe Benigno, do seu Batista e de D. Conceição, mulher de Teotoninho Sabiá, do Carcará e do juiz de Direito que conta histórias de onça ao vigário.

O sino da igreja bate a primeira pancada das ave-marias.

Não, não é o sino da igreja, é o relógio da sala de jantar. Oito e meia. Preciso vestir-me depressa, chegar à repartição às nove horas. Apronto-me, calço as meias pelo avesso e saio correndo. Paro sobressaltado, tenho a impressão de que me faltam peças do vestuário. Assaltam-me dúvidas idiotas. Estarei à porta de casa ou já terei chegado à repartição? Em que ponto do trajeto me acho? Não tenho consciência dos movimentos, sinto-me leve. Ignoro quanto tempo fico assim. Provavelmente um segundo, mas um segundo que parece eternidade. Está claro que todo o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os outros, um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luís da Silva qualquer. Mexo-me, atravesso a rua a grandes pernadas.

Tenho contudo a impressão de que os transeuntes me olham espantados por eu estar imóvel. (p.23)

A partir da ideia de imobilidade, passa a pensar no pai morto e imóvel no túmulo. Imagina o pai no purgatório pagando o pecado da preguiça, causa de tantas vezes ter aguentado fome. Começa a andar depressa com medo de já terem fechado o ponto e não poder trabalhar. Segue pensando em defuntos.

Comentário: Novamente o protagonista apresenta um nítido estado de desequilíbrio emocional, psicológico. Pela primeira vez, porém, ele se identifica: Luís da Silva. É interessante pensar que o nome longo e pomposo do avô, foi reduzido no filho Camilo e, no neto, então podemos dizer que além de encurtado, foi reduzido quase a substantivo comum “um Luís da Silva qualquer”. Esse estado de hesitação entre o mundo real objetivo e o mundo subjetivo fantasioso foi explorado pelo autor através de Paulo Honório em *São Bernardo*, que também faz um balanço de sua vida em momento de decadência e depressão. Vamos continuar sintetizando o relato só que empregando o mesmo foco narrativo da obra e utilizando os mesmos termos.

¹¹¹ Grande vasilha de madeira, redonda, usada para pisar uvas.

Este mês fiz um sacrifício: dei uns dinheiros ao Moisés das prestações para amortizar a minha conta. Vou atrasar o aluguel. Dr. Gouveia que espere. O Moisés avisou-me que os produtos eram caros. Mas eu estava na pindaíba e precisava adquirir os trapos para Marina. Quando atraso, Moisés foge de mim. Como paguei, o constrangimento acabou. Sentamos no bar para conversar. Ele comenta o jornal. Nunca vi ninguém ler com tanta rapidez, passando o dedo pelas colunas. Prega a revolução e traz os bolsos cheios de folhetos incendiários, mas esconde-se quando aparece o chefe de polícia. Eu me alegro ao poder conversar com ele, porque andava muito solitário, tanto que ficava grato quando os passageiros me pisavam os pés, nos bondes, só porque falavam atenciosos comigo: “Perdão! Faz favor de desculpar”. Entra o Dr. Gouveia e peço a Moisés para escaparmos. Dois minutos depois estamos num banco da Praça Montepio. Vejo namorados atracados e tremo de indignação. Cães! Penso que vi Marina entre as ramas de umas árvores. Ilusão. Conto a Moisés minha vida de fazenda em fazenda, como mestre de meninos. Depois o serviço militar. Evito contar algumas coisas, como minha chegada difícil em Maceió, dormindo em banco de praça, sendo incomodado pelo guarda, de quem acabava ganhando algum dinheiro ao contar minha situação.

Trago um romance entre os meus papéis. Compus um livro de versos, um livro de contos. Sou obrigado a recorrer aos meus conterrâneos. Até que me arranje, até que possa editar as minhas obras. (p.28)

Depois a procura de emprego pelas repartições na caça ao pistolão. *Afinal, para se livrarem de mim, atiraram-me este osso que vou roendo com ódio. (p.28)* Lembra-se e narra ao amigo como seu avô soltou um cangaceiro da cadeia. Diz que seus relatos vêm misturados com ficção: *Difícilmente poderia distinguir a realidade da ficção.*

A minha criada Vitória anda em cinquenta anos, é meio surda e possui um papagaio inteiramente mudo. Vitória gosta de ler nos jornais os nomes dos navios que chegam e dos que saem. Não gasta nada do salário que recebe. Enterra tudo perto da cerca da horta. Da minha cadeira vejo-lhe o cocó grisalho, escavando a terra, fingindo tratar dos canteiros. Nem à noite ela descansa, durante os cinco dias após receber o pagamento. Depois a agitação passa e ela volta ao normal. Assustei-me quando ela começou a pegar meu dinheiro. Escolhi as palavras, disse-lhe que talvez tivesse perdido o dinheiro pela casa e que se ela encontrasse guardasse para mim. Ela disfarçou e trouxe as moedas. *“Estão aqui. Não sei quando o senhor quer tomar jeito. A vida inteira perdendo dinheiro!” Guardo algumas pratas e deixo o resto em cima da mesa. Não há perigo. Receio é que Vitória se engane nas contas e me traga mais que o que tirou. (p.33)*

Em janeiro do ano passado eu estava no quintal, fumando e lendo um romance idiota. *Os livros idiotas animam a gente. Se não fossem eles, nem sei quem se atreveria a começar. (p.33)* Eu estava debaixo da mangueira, de onde via através da cerca baixa o banheiro da casa vizinha, paredes meias com o meu, algumas roseiras e um vulto que se mexia, mas não era a senhora idosa como antes. Era uma sujeitinha vermelhaça, de olhos azuis e cabelos tão amarelos que pareciam oxigenados. Não havia nada interessante nela. Devia ser moradora nova. Cabelos pegando fogo e a cara pintada. Lambisgoia, falei comigo mesmo. Depois notei que ela me observava. Encabulei. Sou tímido.

Sei que sou feio. Olhos baços e boca muito grande, além de um nariz grosso. Depois perguntei a Vitória pela senhora idosa e fui informado de que havia morrido. No dia seguinte, era sábado e não havia serviço à tarde, voltei a sentar-me à sombra da mangueira. A coisinha loura tornou a aparecer. Comecei a lembrar de meus casos com mulheres, como quando convidei a D. Aurora e sua neta para ir ao cinema. Na sala de projeção a neta de d. Aurora meteu a minha perna entre as dela. A moça tinha as pernas frias. Aquela que estava ali cortando os ramos das roseiras devia ser quente demais. Lembrei-me de uma mulher que havia no Cavalo Morto que amava aos gritos: *Rasga, diabo! Vai fazer isso com tua mãe, peste!* Teve também a alemãzinha bonita, que tinha as unhas pintadas. Aquilo arranhava docemente. Foi a primeira mulher de jeito com quem me atraquei. Bonitinha, Berta. Era engraçada, lourinha, gordinha, voz suave, apesar dos rr.

A mocinha, no lado de lá da cerca, não me dava atenção. Perua. Cabelos de milho, unhas pintadas, beiços vermelhos e o pernão aparecendo. (p.38) Deitei-me cedo, mas não consegui dormir. Pensava no cabelo e na perna da vizinha. *Aquilo devia ser uma pimenta. Passei a noite imaginando cenas terríveis com ela. No outro dia levantei-me aperreado. (p.39)*

Ainda não disse que moro na Rua do Macena, perto da usina elétrica. Ocupado em várias coisas, frequentemente esqueço o essencial. (...) Não esperem a descrição destas paredes velhas que dr. Gouveia me aluga, sem remorso, por cento e vinte mil-réis mensais, fora a pena de água. (p.39)

Comentário: Já havíamos chamado a atenção para o fato de que o narrador não interrompia seu relato para fazer descrição do espaço físico, que aparecia de vez em quando como que acidentalmente, como agora aparecem as “paredes velhas” da casa. Já o endereço aparece de modo acintoso. O que desperta a nossa atenção, no entanto, não é explicitar o endereço, mas sim a expressão “ainda não disse” e pouco depois “não esperem”, indicando pela primeira vez que ele está se dirigindo a um interlocutor (no caso, nós leitores).

*Afinal, para a minha **história**¹¹², o quintal vale mais que a casa. (p.39) Foi ali que vi Marina pela primeira vez e ali nos tornamos amigos. Certamente começamos por olhares, movimentos de cabeça e sorrisos. Depois, palavra puxa palavra e criamos intimidade. Logo notei que era frívola e tinha inclinações imbecis ou safadas, como quando me disse que eu devia mandar fazer um *smoking*. Ou então, quando elogiou d. Mercedes que chamou a atenção de todo mundo na igreja por causa de sua roupa. D. Mercedes é uma espanhola madura da vizinhança, amigada, que passa os dias olhando-se no espelho ou polindo as unhas. Quando eu criticava a mulher *bicha feia e velha, um couro, um canhão*, Marina logo a defendia: *Que couro, que nada! D.Mercedes é uma senhora vistosa, bem conservada, muito distinta. E rica. Tem filha no colégio e manda dinheiro ao marido. Vejam*¹¹³ que miolo e que tendências. Eu, se não fosse um idiota, tinha logo cortado relações com aquela criatura.*

Certo dia, vendo-me enfiado na leitura, Maria indagou sobre o livro e como não respondi, disse: *Eu também estou lendo um livro interessante, da biblioteca das **moças***¹¹⁴. *Muito penoso. (p.43)*

Quando entro em casa, minha criada está resmungando: *Franguinha assanhada. Cochichando com um homem no escuro! Cabrita enxerida. (p.43) Só então noto que já anoitecera. Muitas vezes ficamos conversando até tarde. Penso na vizinha, estúpida. Lê notas sociais, estúpida. Penso no dinheiro enterrado de Vitória. A quanto subiria sua fortuna? Penso na Marina espiando os móveis de d. Mercedes.*

*Para o diabo. Aqui me preocupando com aquela burra! Unhas pintadas, beijos pintados, biblioteca das moças, preguiça, admiração a d. Mercedes – total: **Rua da Lama***¹¹⁵. *Acaba na Rua da Lama, sangrando na **pedra-lípes***¹¹⁶. *Vamos deixar de besteira, seu Luís. Um homem é um homem. (p.45)*

Foi por aquele tempo que Julião Tavares deu para aparecer aqui em casa. Lembram-se dele. Os jornais andaram a elogiá-lo, mas disseram mentira. Julião Tavares não tinha nenhuma das qualidades que lhe atribuíram. Era um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor. (...) Cumprimentava-me de longe fingindo superioridade.(...) Linguagem arrevesada, muitos adjetivos, pensamento nenhum. (p.45) Conheci numa festa de arte no Instituto Histórico, onde entre as apresentações de piano e declamações de poesia ele apareceu fazendo um discurso furioso e patriótico. Na saída, deu-me um encontrão, segurou-me para eu não cair e acabamos saindo juntos. Conversamos, apresentamo-nos. Ele era de família rica. Tavares & Cia, negociantes, donos de prédios, eram uns ratos. Esse Julião, literato e bacharel, tinha os dentes miúdos, afiados e devia ser um rato, como o pai. Reacionário e católico. Livrei-me dele, pegando o primeiro bonde, mas dias depois fez-me uma visita.

¹¹² Primeira referência explicitamente metalinguística. O texto que até aqui comportava-se como uma transposição imediata e direta dos pensamentos do narrador, agora revelam uma intenção do próprio em organizar sua narrativa, compondo-a como um romance. Porém, ainda não forneceu dados que nos permitam saber o “como” isso se dá: escrevendo? Gravando? Vamos continuar a leitura e observar se novos elementos aparecem.

¹¹³ Novamente aparece o leitor. Quando há essas colocações, podemos dizer que se trata de leitor incluso, ou diálogo com o leitor.

¹¹⁴ Tipo de leitura igual a essas novelinhas vulgares que se vendem em banca de revistas, na linha de *Sabrina e Bianca*.

¹¹⁵ Zona, rua onde há vários prostíbulos.

¹¹⁶ Vitríolo azul (sulfato de cobre).

Habituei-me a escrever, embora nunca tenha estudado. Sou um ignorante. Escrevi duzentos sonetos que julgo não terem qualidade. Mesmo assim, na pensão de d. Aurora, o meu vizinho Macedo ofereceu por um deles cinquenta mil-réis. Desde então tenho vendido poemas para moços ingênuos. Assim, o antigo volume está reduzido a um caderno de cinquenta folhas amarelas e roídas pelos ratos. Trabalho num jornal, onde escrevo crítica encomendada por políticos. Além disso, recebo de casas editoras de segunda por traduções de livros idiotas desses que Marina aprecia. Foi essa vida rotineira que Julião veio perturbar. Sua visita atrasava meu trabalho. As visitas de Moisés, seu Ivo e Pimental em nada me incomodavam. Continuava escrevendo como se estivesse sozinho. Julião, não, atrapalhou-me a vida e separou-me dos meus amigos.

Moisés defendia suas posições revolucionárias, que foram refutadas por Julião: *História! Esta porcaria não endireita. Revolução no Brasil! Conversa! Quem vai fazer revolução? Os operários? Espere por isso. Estão encolhidos, homem. E os camponeses votam com o governo, gostam do vigário.* (p.49)

Ivo escancarava a boca e estirava os braços musculosos de uma força inútil. Talvez houvesse também alguma inteligência perdida por detrás daqueles olhos mortos pela cachaça. Outra coisa inútil que nos apareceu era muito diferente: gordo, bem vestido, perfumado e falador, tão falador que ficávamos enjoados com as lorotas dele. Não podíamos ser amigos. Era amável em demasia. Só casca. Antes, sem ele, nossas conversas eram naturais. Não temos papas na língua. Quando eu lia um livro ruim, protestava: *Que sujeito burro! Puta que o pariu! Isto é um cavalo.* Julião Tavares veio tornar impossíveis expansões assim. Comecei a odiar Julião Tavares. Tudo nele era postiço, tudo dos outros.

Agora eu já conhecia mais ou menos d. Adélia e seu Ramalho, pais de Marina. Uma tarde, depois de muitos rodeios, falando sobre a carestia, d. Adélia acabou pedindo-me para conseguir um emprego para Marina. Seu Ramalho chegou a tempo de ouvir o final da conversa e protestou, alegando que a filha só queria saber de pintar a cara e comprar sapato. *História, murmurou seu Ramalho com desânimo. Aquela não dá para nada. O homem que casar com ela faz negócio ruim.* (p.57)

Depois de uma semana, consegui emprego numa loja, mas quando contei, Marina demonstrou não gostar de tal serviço. Disse-lhe que se não queria estava acabado, pois só me empenhara porque a mãe dela tinha pedido e porque lhe queria bem. Ela estendeu-me a mão em agradecimento. O contato daquela pele quente acendeu meus desejos brutais.

Apertei-lhe a mão, mordi e como ela só protestasse com palavras, mas sem sair do lugar, arranquei umas estacas podres da cerca e *puxei Marina para junto de mim, abracei-a, beijei-lhe a boca, o colo. Enquanto fazia isto, as minhas mãos percorriam-lhe o corpo. Quando nos separamos, ficamos comendo-nos com os olhos, tremendo. Tudo em redor girava. E Marina estava tão perturbada que se esqueceu de recolher um peito que havia escapado da roupa.* (p.64) Ela se pôs a choramingar e convenceu-me de sua inocência. Falei em casamento, ela se acalmou, mas aceitou o pedido sem muito entusiasmo. Seu Ramalho a chamou. Antes que entrasse, pedi que ela voltasse ali à meia-noite quando todos estivessem dormindo.

Muda-se para a vizinhança uma família estranha. As três filhas não saem de casa e o pai sai, mas nunca fala com ninguém, olhando sempre para os próprios pés. Seu Ramalho, Marina, d. Mercedes, todos ficam muito curiosos e logo aparecem boatos de que o homem transava com as filhas. Colocam-lhe o apelido de Lobisomem. Marina encontra-se todas as noites com Luís, mas defende sua virgindade com unhas e dentes. Insiste que o namorado deve oficializar seu pedido de casamento e alega que não tem roupa. Ele promete que falará no dia seguinte e que lhe dará suas economias para fazer o enxoval, mas preocupa-se com os gastos:

– *É o diabo, Marina. Vamos ver se arranjamus isto com simplicidade.* (p.71)

No outro dia retirei quinhentos mil-réis do banco e fui à casa vizinha. Comunicou a d. Adélia sua intenção e

pediu que transmitisse ao marido: *Explique a seu Ramalho. Esse negócio de pedido de casamento é muito pau, não tenho jeito.*(p.71) Luís entrega o dinheiro a Marina, que o recebe sem constrangimento. Ele interpreta essa naturalidade como identificação com ele. Marina fala em casamento com “decência”, mas Luís contrapõe que pretende um casamento com “modéstia”, deixando-a trombuda.

Alguns dias depois Marina me chamou para mostrar os objetos que tinha comprado. Não era quase nada: calças de seda, camisas de seda e outras ninharias. (p.74) E assim, todo o dinheiro dele se vai, liquidando a sua conta no banco, para comprar roupas, móveis. Marina exige que ele também se transforme, trocando desde o paletó até o sapato. Luís gasta mais dinheiro na compra de um presente para Marina: um relógio-pulseira e um anel. Para pagar suas despesas normais durante o mês o protagonista espera pedir dinheiro emprestado a Moisés.

Ao chegar à Rua do Macena recebi um choque tremendo. Foi a decepção maior que já experimentei. À janela da minha casa, caído para fora, vermelho, papudo, Julião Tavares pregava os olhos em Marina, que, da casa vizinha, se derretia para ele, tão embebida que não percebeu a minha chegada. Empurrei a porta brutalmente, o coração estalando de raiva, e fiquei em pé diante de Julião Tavares, sentindo um desejo enorme de apertar-lhe as goelas. (pp.77/8)

Comentário: Em uma nota anterior chamamos a atenção para o fato de que o narrador comentou que ao datilografar aparecia a cara de Julião Tavares e sentia no teclado uma resistência de carne mole e gorda. Agora, encontramos uma referência mais explícita a evento que ainda vai se realizar. É também nesse exato momento que se instaura o conflito central e Julião revela-se como o antagonista de Luís da Silva.

Luís pergunta irritado a Julião se tem algum negócio com ele, mas está tão furioso que não chega a ouvir o outro que se põe numa falação infundável. Falar é o seu forte. Luís sem dar-lhe atenção põe-se a recordar da fazenda do avô, cheia de cobras, as quais ele matava a pedradas. *Certo dia uma cascavel se tinha enrolado no pescoço do velho Trajano, que dormia no banco do copiar*¹¹⁷. *Eu olhava de longe aquele enfeite esquisito.*(p.79)

Entre os pensamentos de Luís, surge a lembrança de que Julião tinha acabado de sofrer um processo por ter deflorado uma moça. Lembra-se também, sem saber o porquê, de seu pai, na fazenda, vestido de vaqueiro. Julião vai embora e Luís toma duas doses de aguardente, saindo depois para a rua, nervoso. Passou por Marina que estava à janela, sem falar com ela, que exclama: *Não matei seu boi não, moço. Me largue.*(p.71)

Luís vai ao cinema, mas nem presta atenção ao que acontece na tela. *Nunca presto atenção às coisas, não sei para que diabo quero olhos.*(p.81) Ao sair encontra Moisés lendo um jornal e diz-lhe para largar aquilo, que não presta: *A linguagem escrita é uma safadeza que vocês inventaram para enganar a humanidade, em negócios ou com mentiras* e complementa: *Uma criança mete a gente num chinelo, Moisés; qualquer imbecil mete a gente num chinelo, Moisés.* (p.82)

Depois de separar-se do amigo, vai a um bar e convida uma prostituta magra a sentar-se com ele. Lembra-se de que ainda dispõe de uma nota de vinte mil-réis e manda servir um petisco à mulher, que repete o prato. Terminado o café, vão para a casa da mulher, que logo tira a roupa, revelando uma carcaça comida pelo **treponema**¹¹⁸. Repara o narrador que na mesinha da cabeceira essências ordinárias disfarçavam um cheiro forte de esperma. Enquanto conversa com a mulher sobre sua vida dura e mal paga, Luís aperta no bolso a caixinha com os presentes para Marina. Pensa na admiração da noiva pela d. Mercedes, que é sustentada pelo amante. Vê-se traído no futuro e decide romper com Marina. Pensa ele que é uma magnífica solução: *Liberdade, liberdade completa.*(p.85) Põe-se até a cantar. Ao sair deixa dez mil-réis, que a prostituta recusa alegando que não fizeram nada e que, além disso, ela tinha jantado à custa dele. Luís se exalta: *A senhora é relógio para trabalhar de graça? A senhora tem obrigação de andar nua diante de mim? Duas horas de chateação, de conversa mole! A senhora é relógio? A senhora não é relógio.* (p.85)

A mulher recebeu o dinheiro, espantada. Julgou-me doido, suponho. Realmente as últimas palavras me haviam tornado furioso. (p.86)

¹¹⁷ O mesmo que alpendre, varando contígua à casa.

¹¹⁸ Um tipo de bactéria, causadora da sífilis e da boubá.

Marina me explicou muito direitinho que eu não tinha razão. O que tinha era falta de confiança nela. Chorou, e fiquei meio lá, meio cá, propenso a acreditar que me havia enganado.

– *Posso obrigar uma pessoa a não olhar para mim? Posso furar os olhos do povo?* (p.86)

Luís acaba aceitando as desculpas, mas observa que, durante o período em que fica com Marina, na casa dela, a moça demonstra-se muito fria e distante. Fala na pressa que tem de casar-se logo e ela alega que ainda faltam coisas. Ele pede para ela fazer uma lista, apesar de alertar que está sem dinheiro. Mesmo assim, ela pede coisas absurdas, com um risinho perverso, fazendo com que ele não se contenha ao pedir tapetes e tapeçarias.

Sem, dar atenção às tapeçarias e tapetes, compra tudo fiado com o tio de Moisés, apesar do amigo avisá-lo que os preços eram horríveis. *Assim, acabei de encalacrar-me. Marina recebeu os panos friamente, insensível ao sacrifício que eu fazia, aquela ingrata.* (p.88). Além disso, Luís nota que a moça não está usando o relógio nem o anel que ele dera antes. As entrevistas no quintal, à noite, sob a mangueira, parecem-lhe agora coisas muito antigas. Despede-se dela, que nada faz para que fique mais um pouco. Sai resmungando:

– *Escolher marido por dinheiro. Que miséria! Não há pior espécie de prostituição.* (p.89)

*Por que foi que aquela criatura não procedeu com franqueza? Devia ter-me chamado e dito: – ‘Luís, vamos acabar com isto. Pensei que gostava de você, enganei-me, estou embeijada por outro. Fica zangado comigo?’ E eu teria respondido: – ‘Não fico não, Marina. Você havia de casar contra a vontade? Seria um desastre. Adeus. Seja feliz.’ Era o que eu teria dito. Sentiria despeito, mas nenhuma **desgraça** teria acontecido.*¹¹⁹ (p.89)

O namoro cai numa rotina tediosa. Toda tarde a mesma coisa, mas pela manhã Marina ia para a janela e *enxeria-se com Julião Tavares*. Uma vez por semana, Luís largava do serviço antes do meio-dia e flagrava os dois. Julião, que está de relações cortadas com ele, vira as costas e se vai. O narrador reclama com a sogra, mas d. Adélia alega que são coisas da mocidade, que com o casamento passa. Luís alega que desse jeito Marina nunca vai arrumar casamento. D. Adélia fica chocada e faz a observação de que ele tem um compromisso apalavrado. Luís é direto e franco na resposta: *D. Adélia, olhe para a minha cara. A senhora me acha com jeito de corno?* (p.91)

Luís procura afastar-se daquela gente, refugiando-se em suas atividades corriqueiras, como o trabalho e a leitura. Sobre sua obrigação de ler e comentar romances, reclama que assim o gosto que se tem pela leitura desaparece: *Mas quando aquilo se torna obrigação e é preciso o sujeito dizer se a coisa é boa ou não é e porque*¹²⁰, *não há livro que não seja um **estrupício***¹²¹.” (p.91) A atenção do relato volta-se para o interior doméstico, com Luís descrevendo seu problema com os ratos. O fedor de ratos mortos no armários dos livros. *Os miseráveis escolhiam para sepultura as obras que mais me agradavam.* (p.92) Também de fora da casa vem incômodo: *O gato amava nos telhados, gato ordinário.*¹²² *Uns miados estridentes, indiscretos: – ‘Rasga, diabo!’ Marina, quando se excitava, enrolava-se como uma gata e miava. Miava baixinho, para não acordar a vizinhança.* (p.92) Também o irrita o som do ranger dos armadores de rede, vindo da casa vizinha, onde imagina Marina dormindo nua por causa do calor.

Pouco a pouco cria-se uma grande distância e em um mês tornam-se inimigos. Pensa Luís que não faltam mulheres e passa a procurar outras. Sente-se atraído por uma datilógrafa de olhos verdes que tem encontrado ocasionalmente várias vezes. Cumprimentam-se já de tanto se encontrarem, mas de uma hora para outra perde contato com a jovem e não mais a vê. Fica só fantasiando a seu respeito. Comenta o narrador que Julião já é

¹¹⁹ Aqui encontra-se mais um índice do que vai acontecer depois, no desfecho, em consequência do conflito estabelecido. Sabemos que vai ser uma “desgraça”, só precisamos acompanhar pela leitura a sequência dos fatos para descobrir qual será ela e como se efetuará.

¹²⁰ Mantivemos a grafia original da edição consultada, embora esteja incorreta, porque nesse caso em que está implícita a ideia de “por que motivo” ou “por que razão”, o termo não deveria estar junto “porque”, mas separado.

¹²¹ O mesmo que asneira, asnice, asnidade, tolice, coisa complicada ou de grandes dimensões, estrovenga.

¹²² Diversas vezes, em diversas situações, sempre que aparece sexo ou sensualidade erótica, o narrador assume uma postura de muito preconceito, julgando os atos como coisa suja, errada.

frequentador assíduo da casa de Marina, deixando seu Ramalho aborrecido a ponto de procurar Luís e dizer-lhe: *Não se case, seu Luís. É o conselho que lhe dou.*(p.94) Refugiado em sua casa, vista como lugar sujo e decadente do qual fica pensando sair, mas não faz nada para mudar-se como que atraído para tudo que acontece na casa vizinha. Acompanha tudo pela audição. Fica ouvindo o ruído de talheres, conversas e risos, enquanto anda pelo corredor e observa um cano na parede: *O cano estirava-se como uma corda grossa bem esticada, uma corda muito comprida. Eu andava para cima e para baixo, o ouvido atento aos mais insignificantes rumores da casa vizinha. Preocupava-me sobretudo o silêncio.*¹²³ (p.97) É que o silêncio para ele é interpretado como sinal de que Julião e Marina estão na safadeza, para usar sua própria linguagem.

Comentário: A ideia de corda (cano, cobra) repete-se insistentemente revelando que não é acidental, mas deve ter um caráter especial. O leitor já sente que algo deverá acontecer e elucidar o mistério dessa atenção especial que é dada a tal fator, como se fosse (no caso de linguagem cinematográfica) um *close* constante em determinado objeto. Essa insistência, essa repetição é chamada de *leitmotiv*.

Luís procura desviar seu pensamento para outras coisas como os crimes depois da revolução de 1930 e fatos insignificantes do seu cotidiano. Ivo roubara-lhe uns pratos, a datilógrafa que desaparecera, a magricela da Rua da Lama que agora estava no hospital com doença venérea. Seu pensamento, no entanto, acaba voltando-se para seu rival: *O que ficava era aquela gordura que se derramava pelas paredes.* E fixa seu olhar com insistência no cano esticado na parede como se fosse uma corda.

Aos domingos, Luís vê Julião levar Marina ao cinema. Fica imaginando o passeio dos dois, nos mínimos detalhes. A todo instante, em seu longo monólogo, o narrador pergunta-se por onde andaria a datilógrafa. Lembra-se de seu tempo de miséria, de suas fantasias malucas de como conseguir dinheiro, de sua procura por qualquer tipo de emprego. Depois, a pensão de D. Aurora, com a cama cheia de pulgas e os ossos do esqueleto do estudante Dagoberto. A atração pelas mulheres que passavam na rua, com seus odores fortes e ele de narinas muito abertas.

D. Rosália era casada, mas eu não conhecia o marido dela, caixeiro-viajante que andava sempre no interior. Conhecia a voz. (p.104) Luís passa a relembrar as noites em que o homem voltava e transava ruidosamente com a mulher, não permitindo que ele dormisse. *Parecia-me que o meu quarto se enchia de órgãos sexuais soltos, voando.* Lembra-se de seu temor fantasioso de que Julião entrasse em sua casa e roubasse em sua ausência o que ainda lhe restava. Por isso quase não saía. Sonha reatar com Marina. *Que me importava que Marina fosse de outro? As mulheres não são de ninguém, não têm dono.* (p.105) Reclama das pulgas e, entre suas lembranças e sonhos, recorda que d. Rosália dissera que *Marina dera com os burros na água.* Pergunta-se sobre o que isso significa, mas parece não querer entender realmente o que seja. Retorna à fornicação exagerada de d. Rosália com o marido e diz que desejava apertar o pescoço do homem. *Os meus dedos continuariam crispados, penetrando a carne que se imobilizaria, em silêncio.* (...) *Não me lembrava de Julião Tavares.*¹²⁴ (...) *Enfim desejava matar um homem que me roubava o sono.* (p.110)

D. Adélia torna-se antipática, mas seu Ramalho, pelo contrário, torna-se íntimo de Luís, mantendo com ele na calçada longas conversas, em que entram críticas à safadeza das mulheres modernas e anedotas de vinganças terríveis do passado, coibindo as safadezas. Destaca-se a história do castigo aplicado a um negrinho que deflorara a filha de um senhor do engenho. O narrador fica vendo o rapaz mutilado, ensanguentado ali mesmo

¹²³ O narrador já comentou anteriormente que parece não ter uma visão bem desenvolvida, mas deixa grande quantidade de indícios de que sua audição é o seu sentido mais explorado e desenvolvido.

¹²⁴ Mais uma vez aparece a ideia de estrangular alguém. Notem que agora, ao lembrar-se, diz que ao ter tal pensamento, não se lembrou de Julião. Ato falho? Quer dizer, então, que agora não pôde evitar a lembrança, por associação. O leitor atento já deve ter entendido onde ele quer chegar, mas ainda não se atreve a concluir. Vai adiar a confissão até quando puder aguentar.

na calçada em que estão. Aos poucos, a figura imaginária vai deixando de ser negra e se torna um homem branco e gordo:

O homem tinha os olhos esbugalhados e estrebuchava desesperadamente. Um pedaço de corda amarrado no pescoço entrava-lhe na carne branca, e duas mãos repuxavam as extremidades da corda, que parecia quebrada. (p.115)

Chega uma companhia lírica para apresentar-se na cidade. Roupas novas e sapatos novos chegam à casa de Marina. Vem até uma modista e também seu Chico, o carteiro, que sabe cortar o cabelo de senhoras. Luís preocupado com suas dívidas, três meses de aluguel atrasado, acompanha todo o movimento. À noite, aparece Julião numa *limousine*, cuja buzina faz sair Marina, deixando na rua um cheiro de perfumes e pó-de-arroz, que se mistura com o de gasolina do veículo. Durante cinco dias a mesma coisa todos os dias. O casal vai ao teatro e Luís da Silva angustia-se pelas ruas, parando pelos botequins e tomando cachaça. *O último dia foi medonho.* O narrador sente vontade de também ir ao teatro, mas não tem dinheiro para o ingresso. Pensa em pedir emprestado, Recorda os encontros noturnos com Marina, despida sob a mangueira: *Beijara-a da cabeça aos pés, sentira nos beijos os carocinhos que se formavam na pele macia. Ela curvava-se e cobria os peitos com as mãos.* (pp.124/5) Recorda-se ainda que perto da mangueira ficava o lugar onde Vitória enterrava seu dinheiro. Imagina uma revolução futura que teria como consequência o enforcamento de Julião e Marina teria que trabalhar no asilo das órfãs.

Luís da Silva, cheio de remorso e de culpa, desenterra dinheiro da criada, prometendo-se interiormente que vai devolver o dobro. Coloca no lenço vinte e seis mil-réis em prata e num sapato duas libras esterlinas. Pergunta-se onde Vitória teria arrumado essas moedas? Tempo depois, o narrador devolve o dinheiro pagando cem por cento. Só que Luís coloca as moedas empilhadas, como num cartucho, fazendo Vitória ficar desconfiada. A agitação da mulher torna-se dolorosa. Vitória desconfia de que alguém a está roubando. Conta e reconta o dinheiro inconformada. A velha passa a noite angustiada, contando dinheiro. *Levantei-me cedo e encontrei Vitória muito velha e muito bamba.* (p.132)

As visitas de Julião à casa de Marina vão diminuindo. *Uma tarde encontrei Marina engulhando junto ao mamoeiro. Eram arrancos que a sacudiam toda, a faziam torcer-se agarrada ao tronco, o rosto contraído, muito descorado.* (p.133)

Luís não compreende a razão do vômito e ressentido pensa: *Ótimo! Está muito bem assim. Que se lixe.* No outro dia, Luís, na rua, dá uma topada em uma mulher gorda, amarela, mal vestida, grávida com uma barriga monstruosa. *Findo o primeiro momento, aquela figura me provocara cócegas na garganta e um desejo idiota de rir.* (p.135)

Depois, atenta na gravidez e perde a vontade de rir. *Na calçada um ventre extraordinário ia inchando, ventre que tomava proporções fantásticas. Os transeuntes atravessavam aquela barriga transparente, às vezes paravam dentro dela, e isto era absurdo, dava-me a ideia de gestações extravagantes.* (p.136) Em seguida, a imagem da mulher funde-se em sua imaginação com a de Marina, também de uma forma surrealista: *A bochecha era pintada, a metade da boca excessivamente vermelha, o olho único muito azul.* (p.137)

Alguns dias depois, Luís achava-se no banheiro, nu, fumando como sempre costumava fazer, enquanto alimentava suas fantasias de publicar um livro de sucesso. Comenta essa sua mania e a de acompanhar tudo o que acontece no banheiro contíguo por meio da audição.

O banheiro da casa de seu Ramalho é junto, separado do meu por uma parede estreita. (...) Seu Ramalho chega tossindo, escarra e bate a porta com força. Molha-se com três baldes de água e nunca se esfrega. Bate a porta de novo, pronto. Aquilo dura um minuto. D. Adélia vem docemente, lava-se docemente e canta

baixinho: – ‘Bendito, louvado seja...’ Marina entra com um estouvamento ruidoso. Entrava. Agora está reservada e silenciosa, mas o ano passado surgia como um pé-de-vento e despias-se às arrancadas, falando alto. Se os botões não saíam logo das casas, dava um repelão na roupa e largava uma praga: – ‘Com os diabos!’ Lá se iam os botões, lá se rasgava o pano. Notavam-se todas as minudências do banho comprido. Gastava dez minutos escovando os dentes. Pancadas de água no cimento e o chiar da escova, interrompido por palavras soltas, que não tinham sentido. Em seguida mijava. Eu continha a respiração e aguçava o ouvido para aquela mijada longa que me tornava Marina Preciosa. Mesmo depois que ela brigou comigo, nunca deixei de esperar aquele momento e dedicar a ele uma atenção concentrada. Quando Marina se desnudou junto de mim, não experimentei prazer muito grande. Aquilo veio de supetão, atordoou-me. E a minha amiga opôs resistência desarrazoada: cerrava as coxas, curvava-se, cobria os peitos com as mãos, e não havia meio de estar quieta.” (pp.138/9)

Comenta que os rumores, ultimamente, estão diminuindo, e hoje, pelo pouco que ouve, toma consciência de que ela realmente está grávida: *Estava agora ali, enojada, cuspindo, apalpando a barriga e os peitos intumescidos. Marina chora e a mãe vem perguntar o que está acontecendo. As duas conversam e Marina, ironicamente, sarcasticamente, deixa claro que está grávida: Coitadinha! Não via, não sabia. Tão inocente! Agora já sabe. Pois é. Escangalhada, com um filho na barriga. Não faça essa carinha de santa não. É o que lhe digo. Estou mentindo? Arrombada, com um moleque no bucho. Não quer ouvir não? Tape os ouvidos.* (p.143) As duas choram e o narrador diz que também tem vontade de chorar, tanto por lamentar a sorte das duas mulheres quanto pela sua própria sorte.

O estranho para o protagonista é que as mulheres sequer aludiram uma única vez a Julião Tavares, o causador de tudo. Marina acabara numa resignação estúpida e sua mãe não responsabilizara ninguém.

Julião acabara como se fosse uma viga que tombou do andaime e rachou a cabeça do passante. A viga não pode ser culpada. Ele que entrara na vida de todos sem ser chamado, fizera o dano e se mandara, receando talvez que a moça cometesse um desatino e atrapalhasse sua vida. Mas não haveria desatino, as duas eram fatalistas e queixavam-se da sorte, mas não de Julião. Luís conclui que Julião deveria morrer. Marina e a mãe não tinham culpa. Estavam absolvidas. Já via Julião cortado em pedaços, como o moleque da história que seu Ramalho lhe contara.

Seu Ivo aparece para pedir comida e sem qualquer motivo dá de presente a Luís uma peça de corda que fica sobre a mesa, alucinando o narrador. Despertando-lhe sentimentos contraditórios. Vitória põe comida para seu Ivo. Horror e lembranças se misturam na mente do narrador, mas com o tempo o horror que a corda lhe inspirava foi diminuindo. Seu Ivo come tudo e Vitória retira o prato. Luís lembra-se de Fabrício, amigo e compadre de seu pai e de José Baía. Recorda-se do tratamento dado na cadeia aos assassinos, eram mais respeitados do que os ladrões e praticantes de delitos menores. Vitória retira o prato e limpa a toalha, fazendo a corda desenrolar-se. Lembra-se o narrador de seu Evaristo que enforcou-se quando precisou pedir esmola e foi humilhado: *A corda que o sustinha, apenas visível de longe, fininha como aquela que ali estava em cima da mesa, torcia-se e destorcia-se.* (p.158) O narrador sai dos pensamentos sobre o passado e volta à realidade: *Seu Ivo dormia encostado à parede, com a boca aberta. Agarrei a corda, fiz dela um bolo, meti-a no bolso.”* (p.159)

*Julião Tavares entrava no café. Ia sentar-se longe dele, voltava-lhe as costas, mas examinava o espelho coberto de letras brancas. Luís da Silva vai ao mesmo café, senta-se perto do espelho e fica a ler os anúncios que ali havia. Juntava letras das palavras mais compridas e formava nomes novos. Esse passatempo dá-lhe uma espécie de anestesia: esquece as humilhações e as dívidas. Depois que Julião deixara de frequentar a casa vizinha, qualquer ausência de Marina, para Luís, era interpretada como sendo para encontrar-se com o rival. Seguia-a e ficava com a impressão de que também ele estava sendo seguido: *Julião Tavares me vigiava de longe, parando, escondendo-se.* Agora, no café, Luís procura no bolso um cigarro e encontra a aspereza da corda. As letras dos anúncios desaparecem e sua atenção concentra-se toda em Julião Tavares. O chefe de*

polícia também está tomando café ali perto. Luís pensa: *Que é que me podia acontecer? Ir para a cadeia, ser processado e condenado, perder o emprego, cumprir sentença. A vida na prisão não seria pior que a que eu tinha.* Examina seus sentimentos para ver se tem medo. Inicialmente, acha que não, mas finalmente conclui que tem medo de tudo: Era um medo antigo, medo que estava no sangue e me esfriava os dedos trêmulos e suados. (p.163) Encerra, dizendo que fazia receio matar um sujeito importante como Julião Tavares.

Nas horas de serviço o narrador consegue distrair-se. Era na repartição que obtinha algum sossego. Logo que se afastava da repartição, tudo mudava. Imaginava o que teria podido acontecer nas três horas em que estava trabalhando e já aterrorizava-se. Chegando em casa, Vitória dizia que ele estava magro e que precisava comer. Para evitar a conversa da criada, manda-a comprar cigarros. Come um pouco e dez minutos depois já vai para o café, onde Julião estava também na prosa. Chegam Pimentel e Moisés, que se põem a conversar com o narrador, mas este não lhes dá muita atenção. Às vezes, Luís sai repentinamente e vai até sua casa, andando pelos cômodos até ter sinais da presença de Marina. Então voltava à conversa interrompida com os amigos. Quando não encontrava Julião Tavares, detinha-se um instante à porta, depois saía pelas ruas, a procurá-lo.

Comentário: Já está demasiadamente claro que o protagonista está com uma ideia fixa, uma obsessão. O leitor já deverá ter previsto que ele pretende e espera uma ocasião para cometer o delito. Há em todo o texto elementos suficientes para concluir que a morte será por enforcamento com a corda que leva sempre consigo. Resta então esperar para ver como e quando isso será feito.

Marina caminhava depressa, virava esquinas, voltava-se, como se tivesse medo de ser perseguida. E foi realmente seguida pelo protagonista até uma casinha baixa, em que havia uma placa azul com letras brancas: *Albertina de tal, parteira diplomada.* (p.171) Luís da Silva entra em um bar próximo e tenta inutilmente estabelecer um diálogo com o comerciante. Tenta falar de política por causa de uma pichação comunista ali em frente. Enquanto toma aguardente, Luís fica imaginando o diálogo entre Marina e a parteira, assim como cada gesto das duas. Conclui: *O filho de Julião Tavares não viria ao mundo penar, cantar na escola o hino do Ipiranga, mover-se no exercício militar, curtir fome nos bancos dos jardins, amolar-se nas repartições, adular nos jornais o governo.*¹²⁵ Quando Marina sai, Luís vai ao enalço dela e procura conversar mas ela o evita, irritando-o. Ele a ofende:

– *Está bem. Ninguém tem nada com isso, não é? Vamos andando. Puta!*

Dizia-lhe o insulto, mas estava cheio de piedade. Não sentia cólera, o que sentia era desgosto. (p.180) Vão caminhando lado a lado, com ele insultando-a muitas vezes e ela implorando que a deixasse em paz, até chegarem na cidade, quando então se separam.

Descobri por acaso que Julião Tavares tinha feito nova conquista. Foram duas ou três palavras soltas na rua que me deram a revelação. (p.186) Inicialmente, pensa Luís que pode ser a datilógrafa de olhos verdes, ou então uma das filhas do lobisomem, mas segue o rival e descobre que se trata de *uma criaturinha sardenta e engraçada que trabalhava numa loja de miudezas.* (p.188)

Certa noite, debaixo de uma vontade louca de fumar, segue Julião depois deste sair da casa da nova namorada. Já é madrugada. *Julião Tavares parou e acendeu um cigarro. Porque parou naquele momento? Eu queria que ele se afastasse de mim. Pelo menos que seguisse o seu caminho sem ofender-me. Mas assim... Faltavam-me os cigarros, e aquela parada repentina, a luz do fósforo, a brasa esmorecendo e avivando-se na escuridão, endoidecia-me. Fiz um esforço desesperado para readquirir sentimentos humanos...* (p.197)

De um salto, como uma onça, o narrador pula sobre Julião e o estrangula com a corda que ganhara do seu Ivo. Depois de muito pensamento e desespero, resolve que a melhor solução é amarrar o cadáver a uma árvore,

¹²⁵ Interessante notar que em sua raiva, o narrador está falando de seus sofrimentos já passados. Está projetando no aborto a sua vida.

como se tivesse sido um suicídio. Com grande sofrimento físico e psíquico, ferindo as mãos com a corda, Luís consegue elevar o pesado corpo e deixá-lo ali. Desce da árvore, alucinado, temendo a descoberta, a prisão: *As carapanãs esvoaçavam-me em torno da cabeça e picavam-me a carne moída. Encontrei um chapéu, que não dava para mim, era pequeno demais. Atirei para longe, cheio de repugnância, o chapéu de Julião Tavares.* (p.207)

Sai dali perseguido pelos pensamentos atormentadores. No caminho encontra um vagabundo a quem pede cigarro: *Estirei a mão ensanguentada e recebi o cigarro de fumo picado que se desmanchava.* Examina sua roupa: *Estava imunda, com um rasgão no joelho, desarranjado.* Luís chega a sua casa e manda a criada sair para telefonar para sua repartição, avisando que ele está com febre e não vai trabalhar. Enquanto isso, ele procura eliminar tudo que possa incriminá-lo: terras nas unhas, a roupa suja de lama e rasgada.

Os pensamentos e as lembranças giram na cabeça do narrador como se fosse um daqueles brinquedos de parque de diversões. *A placa azul de d. Albertina escondia-se a um canto, suja de piche. Todo aquele pessoal entendia-se perfeitamente. O homem cabeludo que só cuidava da sua vida, a mulher que trazia uma garrafa pendurada ao dedo por um cordão, Rosenda, cabo José da Luz, Amaro vaqueiro, as figuras do reisado, um vagabundo que dormia nos bancos dos jardins, outro vagabundo que dormia debaixo das árvores, tudo estava na parede, fazendo um zumbido de carapanãs, um burburinho que ia crescendo e se transformava em grande clamor. José Baía acenava-me de longe, sorrindo, mostrando as gengivas banguelas e agitando os cabelos brancos.* (pp.234/5)

Comentário: Assim termina o relato de Luís da Silva, um verdadeiro delírio febril, cheio de sentimento de culpa. Se voltarmos a ler a primeira página encontraremos os principais componentes de seu drama pessoal: Marina, o objeto de seu desejo; Julião, o antagonista que rouba a mulher desejada e vítima de seu ódio assassino, as mãos já curadas e os erros no serviço. Isso é um dado muito importante porque confirma que a morte de Julião foi aceita como suicídio e que o assassino está em liberdade. Ficamos, no entanto, sem saber explicitamente como a história de Luís chegou-nos à mão. Pode ser que este livro seja aquele que ele diz estar escrevendo. Ou então, como sugerimos no início do trabalho, podemos ficar com a impressão de que estamos lendo seus pensamentos diretamente enquanto ele recorda os fatos ligados ao crime cometido, sendo o tormento dessas recordações o seu grande castigo.

SÍNTESE DO ENREDO

Luís da Silva recorda acontecimentos de sua vida passada. Todos os acontecimentos da infância têm a ver com morte ou pessoas já falecidas. O avô Trajano, o pai Camilo e pessoas conhecidas.

Entre as figuras que despontam nas recordações, duas são insistentes e estão ligadas a fatos mais recentes em sua vida: Marina e Julião Tavares. Aos poucos, vamos descobrindo que Marina tornou-se sua vizinha e o conquistou. Chegou a pedi-la em casamento, mas a união não se realizou porque entrou em cena Julião Tavares, gordo e rico, que roubou Marina de Luís, mas também não se casou com ela. Depois de engravidá-la, Julião parte para novas conquistas, abandonando-a como se fosse um brinquedo pelo qual tivesse perdido o interesse. Marina aborta. Luís insulta-a e põe-se a seguir Julião que já está seduzindo outra moça pobre. Certo dia, quando o gordo comerciante volta da casa da namorada, é seguido por Luís, que traz consigo uma corda. Tomado de raiva e indignação, Luís estrangula Julião com a corda, deixando-o depois pendurado em um galho de árvore como se tivesse sido suicídio. Após o crime, Luís recolhe-se a sua casa e fica doente, febril, delirando. Um mês depois, recupera-se e é o momento em que começa sua narrativa.

ESTRUTURA DA OBRA

Foco narrativo - Graciliano que tão bem utilizou o foco narrativo em terceira pessoa para construir a saga de uma família de nordestinos em *Vidas Secas*, retomou como em *São Bernardo* o foco em primeira pessoa, construindo um narrador e uma narrativa de elevada complexidade e forte envolvimento, pois o fluxo de consciência do protagonista e narrador, Luís da Silva, faz com que o leitor passe por um intenso sentimento de angústia. O embaralhar dos fragmentos de lembranças, sensações, reflexões e sentimentos obrigam o leitor a um constante exercício da atenção, para não perder o fio da meada. O narrador, a certa altura, como que alerta o destinatário para isso: “Há nas minhas recordações estranhos hiatos. Fixaram-se coisas insignificantes. Depois um esquecimento quase completo. As minhas ações surgem baralhadas e esmorecidas, como se fossem de outra pessoa. Penso nelas com indiferença. Certos atos aparecem inexplicáveis”. (p.110)

Tempo - Os fatos acontecem durante o primeiro governo de Vargas, pois o narrador faz referências aos crimes após a revolução de 1930: “Muitos crimes depois da revolução de 30. Valeria a pena escrever isto? Impossível, porque eu trabalhava em jornal do governo.” (p.98). Predomina o tempo psicológico, pois o que prevalece durante toda a leitura é a ação interior, os pensamentos do protagonista. O enredo arrasta-se moroso, de modo bastante aborrecido e aborrecedor, confirmando o título da obra. O próprio protagonista como que define o tempo psicológico, mostrando que sua duração pelas sensações da personagem (ou do leitor durante a leitura) difere do tempo objetivo registrado pelo relógio: “Provavelmente um segundo, mas um segundo que parece eternidade”.

No entanto, informações espalhadas aqui e ali permitem saber que os fatos primordiais aconteceram no intervalo de um ano: “Foi entre essas plantas que, no começo do ano passado, avistei Marina pela primeira vez, suada, os cabelos pegando fogo.” (p.16) A recordação de tudo, a partir do primeiro capítulo, inicia-se um mês depois da recuperação de Luís da Silva após ter assassinado Julião Tavares: “Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente.” O conhecimento com Marina deu-se um ano antes: “Em janeiro do ano passado...” (p.33)

Espaço - A ação acontece na capital de Alagoas, Maceió. Além de ruas, cafés e casa de prostituição, predomina o espaço doméstico, onde se pode notar um cheiro de decadência. A casa tem paredes sujas e com reboco descascado, deixando ver o cano de água. Os cômodos estão infestados de ratos e a cama de pulgas.

Ação - Predomina a ação interior, o que provoca certa morosidade, com a leitura arrastando-se por duas ou mais páginas entre uma ação externa e outra. Um exemplo disso é quando o seu Ivo atira um rolo de cordas na mesa de Luís. Podemos relacionar três ações externas, cinematográficas, fundamentais: 1. Vitória serve comida ao Ivo. 2. Vitória tira a louça. 3. Vitória limpa a toalha da mesa. Todas elas são referenciadas pelo narrador em uma frase curta, mas os pensamentos e sensações que o assaltam entre uma dessas linhas e a seguinte ocupam às vezes duas páginas.

Personagens principais:

Luís da Silva, protagonista e narrador, intelectual frustrado, sempre a sonhar que vai escrever e ficar famoso com suas obras literárias. Odeia os ricos e fala com grande desprezo dos pseudo-intelectuais. Complexado, tímido, acha-se feio e não consegue lidar com o prazer e a sexualidade que vê nos outros, julgando tudo sórdido e animalesco. Ele, no entanto, vive carregado de desejos a cheirar os odores das mulheres na rua e pensando indecências como ele mesmo diz.

Trajano, avô do protagonista, foi fazendeiro dos tempos antigos. Valente e rico, mas terminou seus dias esclerosado e em estado de decadência econômica.

Camilo, pai do protagonista, sujeito rude que para ensinar o filho a nadar enfiava-o na água, segurando por um braço, até quase afogar. Era preguiçoso e é acusado pelo narrador de ser responsável por muita fome que passou.

Marina, vizinha, namorada do protagonista. Moça vaidosa e superficial, interesseira e vazia. “Era uma sujeitinha vermelhaça, de olhos azuis e cabelos tão amarelos que pareciam oxigenados. Cabelos pegando fogo e a cara pintada.” Deixou-se seduzir por Julião sem qualquer resistência.

Julião Tavares, antagonista de Luís da Silva. “Era um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor.” “Cumprimentava-se de longe fingindo superioridade. Linguagem arrevesada, muitos adjetivos, pensamento nenhum.” Era literato e bacharel, tinha os dentes miúdos, afiados e devia ser um rato. Reacionário e católico. Aproveitando-se de sua condição econômica, o gordo rico seduz as moças pobres e depois as abandona, até que é assassinado por Luís Tavares.

Moisés, figura interessantíssima, judeu que não sabe cobrar, morre de vergonha de ter que cobrar o amigo Luís, quando este atrasa os pagamentos, por isso foge dele, evitando-o na rua. É um sujeito de ombros estreitos, corcunda, dentes que se mostram num sorriso parado, voz silabada, socialista e pessimista, vive a anunciar desgraças.

Vitória, criada de Luís da Silva, velha de cinquenta anos, cheia de pelancas no pescoço engelhado, como o pescoço de um peru. Tem pelos no buço e duas verrugas escuras. É terrivelmente feia. Tem mania de esconder todo o dinheiro que pega, seu ou do patrão.

D. Adélia, mãe de Marina, mulherão sardento, pessoa humilde, que desculpa as falhas da filha dizendo que é coisa da mocidade.

Seu Ramalho, pai de Marina, sujeito calado, sério, asmático, eletricista da Nordeste. É quem mais censura o comportamento da filha

Discurso: O narrador faz mais uso do discurso direto do que do indireto:

Direto: “Moisés fala em políticos reacionários. Encho-me de ferocidade:

– Malandros! Ladrões!” (p.27)

Indireto: “Agora, depois de receber o cobre, declarou-me que as mercadorias já tinham sido pagas.” (p.25)

Indireto livre: O discurso indireto livre que era praticado com intensidade em *Vidas secas*, em *Angústia* diminui de importância perante a captação do fluxo de consciência e dos monólogos interiores do protagonista.

ESTILO DE ÉPOCA E ESTILO INDIVIDUAL

Já vimos o quanto Graciliano Ramos é importante para o Modernismo no Brasil. Graciliano ultrapassa a tendência puramente regionalista da sua geração, privilegiando um aspecto generalizante e universal a partir de suas perspectivas psicológicas. Em sua obra não há espaço para sentimentalismo ou otimismo, e o seu texto revela um narrador analista que age como cientista procurando dissecar e observar criticamente a realidade humana, partindo do individual para compreender o social. Seus enredos nascem do nexo entre as personagem, a paisagem e a realidade socioeconômica. Seu realismo, no sentido comum do termo, não é orgânico, nem espontâneo, mas crítico. Sua escrita nasce sob o signo do conflito. Seu personagem (anti-herói) é sempre um problema, pois não aceita o mundo, nem as pessoas ou a si mesmo.

O estilo de Graciliano é sempre conciso, seco, de vocabulário econômico, de sintaxe rigorosa. Esse rigor e o profundo mergulho na análise psicológica das personagens faz com que o associemos sempre a Machado de Assis. A concisão e o perfeccionismo, assim como a análise psicológica colocam-no acima dos demais regionalistas de 30.

A sintaxe de Graciliano privilegia a frase sintética, com poucos termos acessórios, valorizando as orações simples e os períodos coordenados. “Cheguei-me à mesa, bebi mais um trago de aguardente e tomei o caminho da rua.” (p.81) “E afastei-me, sentei-me na cama, sem tirar o chapéu.” (p.83)

A linguagem coloquial (conquista da primeira fase modernista) é eleita como a mais adequada ao texto

literário, alcançando em *Angústia* um elevado nível de dureza, coerente com a psicologia do narrador, chegando diversas vezes ao calão, ao nível chulo. Exemplos da linguagem empregada pelo narrador:

Coloquial: “Não matei seu boi não, moço. Me largue”, “estou embeijada por outro”.

Regionalismo: Certo dia uma cascavel se tinha enrolado no pescoço do velho Trajano, que dormia no banco do **copiar**.

Linguagem objetiva: É traço estético característico fundamental do estilo de Graciliano a linguagem concisa, seca, sem derramamentos verborrágicos: “A mulher recebeu o dinheiro, espantada. Julgou-me doido, suponho. Realmente as últimas palavras me haviam tornado furioso.” (p.86)

TEMÁTICA

Dos temas centrais se entrelaçam na composição da narrativa, a leviandade e fraqueza moral da mulher e o poder de corrupção do dinheiro. A visão um tanto determinista da influência do cinema e da leitura de romances sentimentaloides, que muda as mulheres sérias do passado em mulheres vaidosas, fáceis, sensuais e irresponsáveis. Essa tese é defendida pelo narrador e se faz presente, mas não se deve dizer que, necessariamente, representa o ponto de vista do autor.

Crítica à intelectualidade, notadamente à linguagem escrita como meio de poder e de dominação: “A linguagem escrita é uma safadeza que vocês inventaram para enganar a humanidade, em negócios ou com mentiras” e complementa: “Uma criança mete a gente num chinelo, Moisés; qualquer imbecil mete a gente num chinelo, Moisés”. (p.82)

Encontra-se também a crítica à leitura obrigatória. O gosto que se pode ter pela leitura desaparece quando esta se torna obrigatória: “Mas quando aquilo se torna obrigação e é preciso o sujeito dizer se a coisa é boa ou não é e porque, não há livro que não seja um estropício.” (p.91)

Outro tema que percorre a narrativa é a dificuldade de encontrar a felicidade amorosa: “O amor para mim sempre fora uma coisa dolorosa, complicada e incompleta”. (p.106)

BIBLIOGRAFIA

Graciliano produziu diversos gêneros: contos, crônicas, romances, memórias e ficção infantil. O romance é o gênero em que mais se destacou e ganhou prestígio.

Romances: *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Vidas Secas* (1938) e *Angústia* (1936).

Memórias: *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953).

Contos: *Insônia* (1947) e *Alexandre e Outros Heróis* (infantil) (1962).

Crônicas: *Linhas Tortas* (1962).

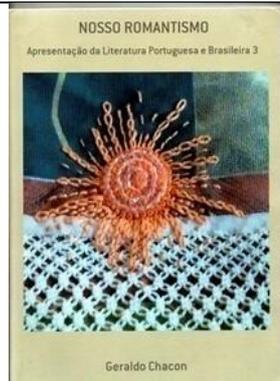
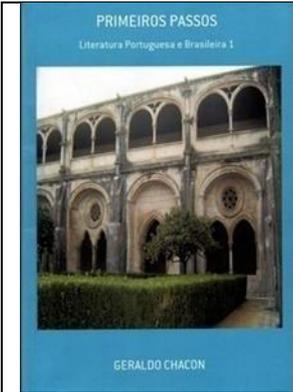
Viagens: *Viagem* (1954).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Ramos, Graciliano. *Angústia*. RJ, 1987, Record. (Utilizado para citações.)

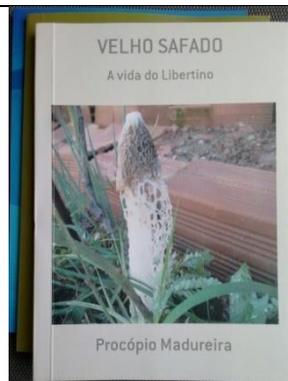
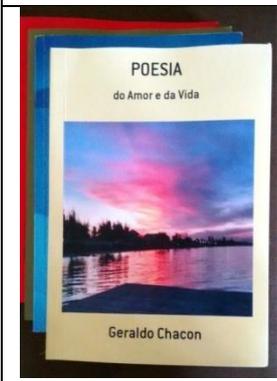
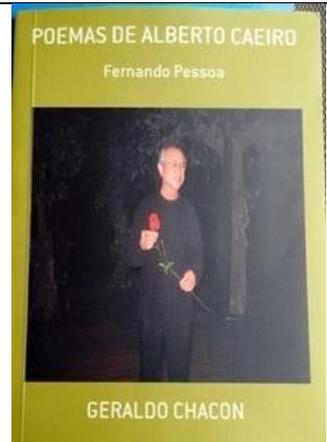
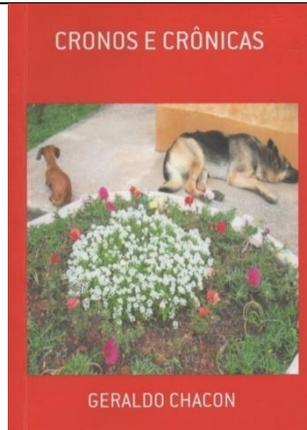
.....
Visite: <http://www.geraldochacon.blogspot.com.br>

Veja no Youtube alguns vídeos como: A morte de Inês de Castro, Gênero Lírico, interpretados por Chacon.



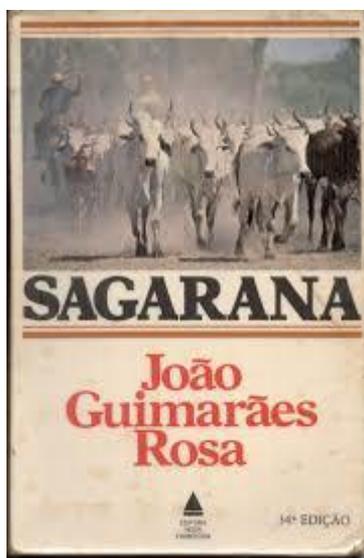
Esses são 7 volumes da série ALPB que podem ser comprados na www.agbook.com.br

Outras obras do autor que também estão disponíveis no mesmo site.



SAGARANA

Guimarães Rosa



Rosa, João Guimarães – *Sagarana*, RJ, 1984, Ed. Nova Fronteira. Utilizado para citação.

APRESENTAÇÃO

Em carta a João Condé, atendendo a um pedido deste, disse Guimarães Rosa que ao iniciar a composição de *Sagarana*, trabalhou com a intenção de colocar nele sua concepção-do-mundo, mas com arte, histórias que sendo adultas e que tivessem ao mesmo tempo algo daquelas da Carochinha. Procurou esquecer todos os passados limites e regras porque, segundo ele, “na panela do pobre, tudo é tempero” e “um rio sem margens é o ideal do peixe”. Ao escolher o espaço disse que podia escolher milhares, mas preferiu o pedaço de Minas Gerais por ser mais seu. Acrescenta que o livro foi escrito no quarto, em que ficou “horas de dias”, quase sempre na cama, escrevendo a lápis, durante sete meses de exaltação. Depois esperou durante sete anos tudo aquilo descansar. Em cinco meses do ano de 1945 retrabalhou os textos que foram publicados em 1946.

CONTOS CONDENSADOS E COMENTADOS

O Burrinho Pedrês

A fazenda do Major Saulo está em clima de agitação. Prepara-se a saída de uma boiada. O burrinho Sete-de-Ouros está esquecido a um canto, já aposentado de tão velho. Sete-de-Ouros já teve muitos nomes: Brinquinho, Rolete, Chico-Chato e Capricho; mudava de nome, sempre que mudava de dono. Vivera muitas aventuras, mas agora gozava seu descanso na fazenda da Tampa, do Major Saulo. Faltavam cavalos para conduzir os vaqueiros, pois alguns deles tinham fugido à noite e ainda não tinham sido encontrados. O velho burro lambia um resto de sal perto da varanda, todo sossegado, quando foi visto pelo Major que logo ordenou que fosse preparado para a viagem.

Os boiadeiros partem conduzindo a boiada. O vaqueiro Manico, contrariado, vai no burrinho, sofrendo as gozações dos colegas. Francolim é o braço direito do Major, que o chama de “mulato mestre meu secretário”. Ele alerta o Major para uma briga entre Badu e Silvino, por causa da namorada do Silvino que o trocou pelo Badu. A vingança poderia ocorrer durante a viagem. O Major Saulo parece não dar a mínima, mas como

quem não quer nada, mineiramente vai perguntando, recolhendo informações e analisando os dois rivais. Enquanto viajam, vão cantando ou contando casos, de onças e de bois, como a história do boi **Calundu**.¹²⁶

Num ponto do caminho, aproveitando um momento de distração, Silvino ataca um touro contra Badu, num instante em que ele está desmontado. Badu consegue escapar do animal com agilidade. Francolim, por ordem do Major, troca de montaria com Manico por algum tempo, mas entra no povoado já em seu cavalo, o que conseguiu só depois de alegar ao Major Saulo que não ficaria bem entrar montado em um burrinho, já que ele era o capataz.

Entregues os bois, os homens recebem folga. Major Saulo não voltará com os vaqueiros, por isso passa o comando a Francolim, dizendo-lhe que estava certo sobre Badu e Silvino, e que acha que este último realmente vai tentar matar o outro. Pede que tome todo cuidado e vigie Silvino o tempo todo.

Todos vão beber, Badu parece exceder-se. É o último a montar e só deixaram para ele o burrinho. Enraivecido, bêbado, mas sem outra saída, monta o burrinho e vai atrás dos outros. A noite é de breu, de total escuridão, e os vaqueiros seguem em fila indiana.

Quando se aproximam de um pequeno córrego, por onde passaram de dia com a maior facilidade, um deles lança sinal de alerta. O aviso de perigo não é por causa do piado do pássaro João Corta Pau, mas porque os cavalos estranham o terreno pantanoso. Chovera na cabeceira do rio e houve inundação. Todos temem a enchente. Resolve-se que o Badu deve seguir primeiro, porque está no Sete-de-Ouros: *O burrinho é quem vai resolver: se ele entrar n'água, os cavalos acompanham, e nós podemos seguir sem susto. Burro não se mete em lugar de onde ele não sabe sair!* (p.73)

Sete-de-Ouros seguiu e os demais foram atrás. Entram nas águas com cautela, menos Juca e Manico, que ficaram. O burrinho seguia firme e heróico, calmo e decidido, carregando o Badu, que de tão bêbado, só se agarrava ao pescoço do animal, sem tomar conhecimento do perigo. Um torvelinho forte e confuso de águas separou-os, confundiu-os e atirou-os de cima das montarias. Na confusão, Francolim salvou-se agarrando-se ao rabo do burrinho, que foi o único animal a alcançar o outro lado em segurança. Lá chegando, escoice o caronista imprevido e continua em seu retorno para casa. Dessa forma, graças a Sete-de-Ouros, somente Francolim e Badu se salvaram. Foram os únicos sobreviventes da viagem trágica, em que oito vaqueiros morreram afogados. Assim, encerra-se o conto e a aventura de um anônimo e humilde herói;

*Folgado, Sete-de-Ouros endireitou para a coberta. Farejou o cocho. Achou milho. Comeu. Então, rebolcou-se¹²⁷, com as espojadelas obrigatórias, dançando de patas no ar e esfregando as costas no chão. Comeu mais. Depois procurou um lugar qualquer, e se acomodou para dormir, entre a vaca **mocha**¹²⁸ e a vaca malhada, que ruminavam, quase sem bulha, na escuridão.* (p.79)

Comentário: O burrinho pode ser visto como a alegoria de qualidades como paciência, humildade, sabedoria e experiência de vida.

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE LALINO SALÃTHIEL ou A VOLTA DO MARIDO PRÓDIGO¹²⁹

Nove horas e trinta, e todo mundo dando duro nos trabalhos de cavar e transportar a terra. À dez horas o calor aumenta, com o sol batendo forte nas pedras de uma mineração nas proximidades de Belo Horizonte. Seu Marra fiscaliza e feitora. De vez em quando também pega no pesado, mas sempre com os olhos na estrada. Passa o caminhão da empresa e desce dele o Lalino Salãthiel (Laio). *Agora seu Marra fecha a cara. Lalino Salãthiel vem bamboleando, sorridente. Blusa cáqui, com bolsinhos, lenço vermelho no pescoço, chapelão, polainas, e, no peito, um distintivo, não se sabe bem de quê. Tira o chapelão: cabelos pretíssimos, com as ondas refulgindo de brilhantina borora.* (p.84)

¹²⁶Acontece muito nas obras de Guimarães Rosa aquilo que o crítico Tzvetan Todorov denominou “narrativa de encaixe”. Sempre aparecem outras narrativas encaixadas na narrativa maior.

¹²⁷O mesmo que “revirou-se”.

¹²⁸Vaca sem chifres seja porque foram cortados ou porque nasceu sem eles.

¹²⁹“Pródigo” significa perdulário, gastador, esbanjador, dissipador. Aqui a palavra se reveste também da conotação que ganhou a partir do texto bíblico, sobre o filho pródigo, ou seja, aquele que volta para casa.

Vê-se logo que é um sujeito malandrão, esperto, de bem com a vida, seguro de si, um tanto irresponsável. Laio chega sempre atrasado e engana o chefe, seu Marra, e seus amigos, de forma que com pouco trabalho e muitas histórias e bajulações acaba ganhando seu dia.

Laio é casado com Maria Rita ou Ritinha, por quem sente muita ternura. Mas dia, querendo realizar suas fantasias de aventuras no Rio, resolve partir. Vende o carroção, o burrinho e as apólices do Estado. Procura o Ramiro espanhol, que andava de olho em sua mulher, e pede mais um conto “emprestado”, insinuando que vai partir e não mais voltar, deixando a mulher sozinha. O outro, interessado, fornece o dinheiro e Lalino parte para o Rio, sem nem mesmo despedir-se da mulher.

Um mês depois, Maria Rita ainda vivia chorando, em casa. Três meses passados, Maria Rita estava morando com o espanhol. Passam-se seis meses sem quaisquer notícias de Laio. *As aventuras de Lalino Salãthiel na capital do país foram bonitas, mas só podem ser pensadas e não contadas, porque no meio houve demasia de imoralidade.* (p.100) Acabado o dinheiro, Laio resolve voltar: *E se eu voltasse p'ra lá? É, volto! P'ra ver a cara que aquela gente vai fazer quando me ver...* (p.101)

Comentário: Como o leitor pode notar, Lalino não engana somente aos outros, mas também a si mesmo.

Lalino volta e pede pra falar com Maria Rita. A cara do espanhol não foi nada boa, mas permitiu que ele falasse com a Ritinha, desde que fosse na sua frente. O malandro sentiu que, se o espanhol deixava, era porque não teria qualquer chance com a mulher. Então falou que só queria o violão. Ramiro entregou e ele se foi, dizendo que outra hora mandava alguém para pegar suas roupas e outras coisas. Consegue emprego com o pai de seu amigo Oscar; o Major Anacleto. Consegue também ganhar a simpatia do irmão do major, Tio Laudônio. Assim, acaba trabalhando como cabo eleitoral do Major, protegido por um guarda-costas, o Estêvão.

Certo dia, sentindo-se mais seguro, Laio pede a Oscar que converse com Ritinha. Oscar, ao vê-la, tenta conquistá-la para si próprio, mas não consegue seduzi-la. Ritinha confessa que vive com o espanhol, mas não se esquece nunca do marido: *...o Laio é que é meu marido, e eu hei de gostar dele, até na horinha d'eu morrer!* (p.121) Oscar mente para Laio, dizendo-lhe que não há mais jeito de conseguir Ritinha de volta.

A campanha política continua, cheia de intrigas, muitas delas provocadas por Laio. Entre umas e outras, assim meio distraidamente, Laio alerta o major para o fato de que espanhóis não votam, porque são estrangeiros.

Um dia o major recebe o pedido de Ritinha para abrigá-la. É que abandonara o espanhol. O Major ficou furioso ao ver Laio bebendo com a gente da oposição. Fica bravo e grita: *Agora vai dar tudo com os burros n'água, só por causa daquele cafajeste! Mal-agrado! E logo agora, que eu ia proteger o capeta, fazer as pazes dele com a mulher, mandar os espanhóis para longe... Mas, vai ver! Me paga! Leva uma sova de relho, não escapa!* (p.127). Que nada, o Major vence as eleições, os espanhóis acabam sendo expulsos pelo Major Anacleto.

Comentário: Laio é o pícaro moderno, o macunaíma mineiro, ou seja, o sujeito malandro, esperto, que maneja os acontecimentos sempre de acordo com seu interesse, agindo de maneira divertida, conseguindo conquistar e enganar as pessoas. Um outro precursor seu pode ser o popular Pedro Malasarte.

SARAPALHA

Tapera de arraial. Ali, na beira do rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu. (p.133)

Só ficaram por ali, vítimas da malária, os primos Ribeiro e Argemiro. uma negra velha, e suas conversas.

Quando a crise vem, nem sempre pegando os dois ao mesmo tempo, eles transpiram muito, tremendo e delirando. Argemiro, entre tremores de maleita, recorda seu amor pela mulher do primo Ribeiro, a quem sempre respeitou.

A primeira vez que Argemiro dos Anjos viu Luisinha, foi numa manhã de dia-de-festa-de-santo, quando o

arraial se adornava com arcos de bambu e bandeirolas, e o povo se espalhava contente, calçado e no trinquê, vestido cada um com a sua roupa melhor... (p.153)

Argemiro resolve desabafar, e confessa ao Primo que amara sua mulher, Luisinha, que fugira com outro homem. Apesar de nunca ter faltado com o respeito, é assim mesmo expulso pelo parente, que parece, em seu ódio e ciúme, não levar em conta nem a doença e nem a amizade que sempre lhe fora dedicada.

Argemiro retira-se em plena crise febril e o conto termina com sua excitada visão e suas sensações:

Ir para onde?... Não importa, para a frente é que a gente vai!... Mas, depois. Agora é sentar nas folhas secas, e aguentar. O começo do acesso é bom, é gostoso: é a única coisa boa que a vida ainda tem. Pára, para tremer. E para pensar. Também.

Estremecem, amarelas, as flores da aroeira. Há um frêmito nos caules rosados da erva-de-sapo. A erva-de-anum crisca as folhas, longas, como folhas de mangueira. Trepidam, sacudindo as suas estrelinhas alaranjadas, os ramos da vassourinha. Tirita a mamona, de folhas peludas. – Mas, meu Deus, como isto é bonito! Que lugar bonito p'ra gente deitar no chão e se acabar!... É o mato, todo enfeitado, tremendo também com a sezaõ. (p.154)

DUELO

Turíbio Todo, nascido à beira do Borrachudo, era seleiro de profissão, tinha pelos compridos nas narinas, e chorava sem fazer caretas; palavra por palavra: papudo, vagabundo, vingativo e mau. Mas, no começo desta estória, ele estava com a razão. (p.157)

Certo dia, voltando de uma pescaria antes do previsto, pegou sua mulher na cama com outro, vendo quem era o valentão, não fez nada. Voltou pé ante pé, porque o outro era bom no tiro, ex-militar, capaz de lhe acertar um balaço na testa a duzentos metros, mesmo com o alvo mal iluminado e em movimento. *Turíbio Todo não ignorava isso, nem que Cassiano Gomes era inseparável da parabellum, nem que ele, Turíbio, estava, no momento, apenas com a honra ultrajada e uma faquinha de picar fumo e tirar bicho-de-pé. (p.159)*

Voltou mais tarde, não demonstrou nada à esposa. Pelo contrário, conversou, riu muito, se mexeu muito, e foi dormir bem mais cedo do que de costume.” No outro dia, selou o cavalo e saiu, passando pela casa de Cassiano Gomes, que estava à janela de costas para a rua. Meteu-lhe uma bala na cabeça. Antes de deixar a vila, ficou sabendo que matara um irmão de Cassiano, recém chegado e uito parecido com ele. Com medo, fugiu para longe, sempre perseguido pelo rival. A perseguição dura meses, com muitas negaças e artimanhas de ambas as partes. Um dia, Turíbio nota que o perseguidor desistiu. Retrocede também e vai até sua casa. Fica sabendo que o outro está com problemas de coração. Se fizer esforço, pode morrer só disso. Diz então à sua mulher, que vai fugir, cansando o outro, matando-o do coração. Ela, logo que pode, conta tudo ao amante. Este, irritado, pensa que Turíbio disse isso para que ele desistisse, então decide mais firmemente retomar a perseguição logo que melhorar. Mas era exatamente isso que o outro queria.

Cassiano consulta um boticário, que lhe dá pouco tempo de vida. Ele, então, vende tudo que tem e recomeça a perseguição. Turíbio vai para São Paulo e Cassiano morre no arraial do Mosquito, onde foi socorrido por um timpim chamado Vinte-e-Um, pai de três filhos, sendo que um nasceu morto, outro morreu antes de um ano e o último estava para morrer. Cassiano ajuda o pobre caipira, pagando médico e remédio para seu filho doente. Além disso, ao morrer, deixa-lhe todo seu dinheiro: *Aí, tomou uma cara feliz, falou na mãe, apertou nos dedos a medalhinha de Nossa Senhora das Dores, morreu e foi para o Céu. (p.182)*

Turíbio fica sabendo da morte do rival e resolve voltar para o lar. No caminho de retorno ouviu um tropel e viu chegar um caipira miudinho. Viajaram junto por um bom tempo. Num trecho do caminho, Turíbio tremeu ao ouvir o capiau dizer:

– *Seu Turíbio! Se apeie e reza, que agora eu vou lhe matar!*

– *Que é? Que é?... Tu está louco?!...*

Mas o caguinxo estava sério e pálido, e sua mão direita segurava uma garrucha velha, de dois canos, paralelos, sinistros.

(...)

Então Turíbio Todo, encarando-o, fez figura e fez voz.

– Deixa de unha, cachorro, que eu te retalho na taca!...

– Não grita, seu Turíbio, que não adianta... Peço perdão a Deus e ao senhor, mas não tem outro jeito, porque eu prometi ao meu compadre Cassiano, lá no Mosquito, na horinha mesma d'ele fechar os olhos... (p.187)

E assim acaba a perseguição. Turíbio *pendeu e se afundou na sela, com uma bala na cara esquerda e outra na testa*, enquanto Timpim Vinte-e-Um fugia a galope.

Comentário: Esse conto faz-nos pensar em um jogo de xadrez, com cada adversário muito atento aos lances do outro, examinando todas as possibilidades antes de mover cada pedra. Impossível não recordar também os filmes de faroeste americano e ver aqui uma paródia, pois não há heroísmo, nem valentia, mas um jogo de negaças, com os dois contendores, morrendo vítima da astúcia do outro. Interessa ainda notar que é traço característico de Guimarães Rosa destacar as figuras aparentemente insignificantes como o Timpim, o burrinho Sete-de-Ouros, ou o pequenino Manuel Fulô, que ainda vamos conhecer no conto “Corpo Fechado”.

MINHA GENTE

Quando vim, nessa viagem, ficar uns tempos na fazenda do meu tio Emílio, não era a primeira vez. Já sabia que das moitas de beira de estrada trafegam para a roupa da gente umas bolas de centenas de carrapatinhos, de dispersão rápida, picadas milmalditas e difícil catação; que a fruta mal madura da cagaiteira, comida com sol quente, tonteia como cachaça; que não valia a pena pedir e nem querer tomar beijos às primas; que uma cilha bem apertada poupa dissabor na caminhada; (...) que, quando um cavalo começa a parecer mais comprido, é que o arreio está saindo para trás, com o respectivo cavaleiro; e, assim, longe outras coisas. Mas muitas mais outras eu ainda tinha que aprender. (p.191)

Assim, o personagem-narrador apresenta-se ao leitor e inicia sua narrativa. Vai omitir seu nome, todo o tempo, mas demonstra que é um homem culto que vai passar uns tempos na fazenda de seu tio, Emílio. José Malvino, empregado da fazenda, é que o fora buscar na estação. Encontra Santana, inspetor escolar, com quem gosta de jogar xadrez. Jogam durante a viagem, e conversam, demonstrando ambos terem bons conhecimentos literários. Santana deixa-os para visitar um arraial. continuam até a fazenda do tio em que o narrador é bem recebido pelo tio e pela prima, Maria Irma.

Já estou aqui há dois dias. Já reví tudo: pastos, algodão, pastos, milho, pastos, cana, pastos, pastos. (...) De seis anos atrás, lembrava-me do tio, e péssima figura fazia ele na minha recordação; mole para tudo, desajeitado, como um corujão caído de oco do pau em dia claro, ou um tatu-peba passeando em terreiro de cimento. (p.203)

Recorda-se, então que o tio queria vender um bezerro e recebeu um fazendeiro que viera só para comprá-lo, mas ficam horas fazendo um jogo negaceado, trocando os papéis. Quem viera para comprar falava que estava interessado em vender e vice-versa. Ele saiu, virou, mexeu e voltou horas depois, encontrando os dois na mesma lenga-lenga. A negociação só se efetuou mesmo muito tempo depois: *E o homem foi embora. E meu tio visitou o homem, dali a dois dias. E o homem voltou à fazenda do meu tio. E, no fim do mês, o vitelo foi vendido e comprado, sendo que, por pouco mais, teria chegado a velho boi. (p.204)*

Tio Emílio por essa ocasião está às voltas com a **política**¹³⁰, e o narrador só pensa na prima, que sempre se esquivava dele, valendo-se de pilhérias e indiretas.

Certo dia Maria Irma recebe a visita de Ramiro, noivo de Armanda. Isso provoca ciúmes no narrador. Quando interpela a prima, ela se defende, alegando que Ramiro noivo de Armanda, sua amiga. O narrador confessa abertamente seu amor, mas Maria Irma diz que não acredita. O relacionamento dos dois vira um verdadeiro jogo, fazendo o narrador se lembrar da partida jogada com Santana. Aborrecido, o narrador parte da fazenda numa espécie de pirraça com a prima. Vai na casa do tio Ludovico. Algum tempo depois, recebe duas cartas. Numa, o tio convida-o para celebrar a vitória obtida nas eleições. Na outra, Santana convida-o para uma partida de xadrez por correspondência.

¹¹⁹. O narrador recorda uma frase de seu amigo Santana, que julgamos interessante transcrever aqui no rodapé, para não quebrar o ritmo do resumo: “Raspe-se um pouco qualquer mineiro: por baixo, encontrar-se-á o político...” (p.206)

Aproveitando o convite do tio, o narrador faz o que tanto estava querendo, volta à fazenda para rever Maria Irma, e é apresentado a Armanda. Maria Irma, numa espécie de provocação, banca o cupido e deixa-os a sós. Eles saem caminhando e isso muda o destino do narrador: *Nossas mãos se encontraram, de repente, e eu senti que ela também estremeceu. (...) E foi assim que fiquei noivo de Armanda, com quem me casei, no mês de maio, ainda antes do matrimônio da minha prima Maria Irma com o moço Ramiro Gouveia, dos Gouveias da fazenda da Brejaúba, no Todo-Fim-É-Bom.* (p.238)

Comentário: É interessante a descrição do espaço físico e a recriação dos traços típicos do mineiro do interior. É genial também o final do relato, em que o nome dado à fazenda dos Gouveias, funde-se metalinguisticamente com o encerramento da narrativa, produzindo efeito de humor e poesia.

SÃO MARCOS

Naquele tempo eu morava no Calango-Frito e não acreditava em feiticeiros. (p.241) Assim como o conto anterior, esse também é relatado em primeira pessoa. O narrador-personagem é José, mais comumente chamado de Izé. Comenta o narrador que morar onde mora e não acreditar em feitiçaria é um paradoxo. Maior contra-senso seu é não crer em feiticeiros, mas aceitar uma porção de superstições, como bater na madeira e andar com amuleto contra picada de cobra.

Há na região um bruxo, de nome João Mangolô, de quem o narrador faz pouco caso. Num de seus passeios pela mata, ao passar pela casa do feiticeiro Mangolô, esquecendo o pedido de sua cozinheira, Sá Nhá Rita Preta, Izé zombou do preto:

- Ó Mangolô!
- Senh'us'Cristo, Sinhô!
- Pensei que você era uma **cabiúna**¹³¹ de queimada...
- Isso é graça de Sinhô...
- ... Com um balaio de rama de **mocó**¹³², por cima!...
- Ixe!
- Você deve conhecer os mandamentos do negro... Não sabe? "Primeiro: todo negro é cachaceiro..."
- Oi, oi!...
- "Segundo: todo negro é vagabundo".
- Virgem!
- "Terceiro: todo negro é feiticeiro." (p.245)

João Mangolô entrou, batendo a porta. O narrador continua seu caminho, dando boas risadas. Pouco depois, encontrou-se com Aurísio Manquitola. Conversam sobre feitiçaria e sobre a arma que uma foice é. O narrador pergunta se nem oração de São Marcos serviria para proteger alguém da foice. E diz ao Aurício o início da oração milagrosa e proibida: "Em nome de São Marcos e de São Manços, e do Anjo-Mau, seu e meu companheiro..." (p.247) Aurísio pulou para a beira da estrada com aquilo. O narrador seguiu seu caminho até encontrar um bosque de bambus. Recorda um duelo de versos travados com um desconhecido, a quem acaba chamando de "Quem Será":

...foi logo que eu me cheguei aos bambus. Os grandes colmos jades, envernizados, lisíssimos, pediam autógrafo; e alguém já gravara, a canivete ou ponta de faca, letras enormes, enchendo um entrenó:

*'Teus olho tão singular
Dessas trançinhas tão preta
Qero morer eim teus braço
Ai fermosa marieta'*¹³³

*E eu, que vinha vivendo o visto mas vivando **estrelas**¹³⁴, e tinha um lápis na algibeira, escrevi também, logo*

¹²⁰. Árvore de madeira preta e dura, boa para serviços de engenharia e construção civil.

¹²¹. Termo de origem tupi que tanto pode designar cesto, quanto um tipo de algodão. Aqui, ironicamente, o narrador refere-se aos cabelos brancos do velho Mangolô.

¹²². Não se pode deixar de notar o registro linguístico de um falante que ainda não domina a gramática e a língua escrita.

abaixo:

Sargon
Assarhaddon
Assurbanipal
Teglattphalasar, Salmanassar
Nabonid, Nabopalassar, Nabucodonosor
Belsazar
Sanekherib.

*E era para mim um poema esse rol de reis leoninos, agora despojados da vontade sanhuda e só representados na poesia. (...) Só, só por causa dos nomes*¹³⁵. (p.252/3)

Sentindo sono, encostou-se numa árvore e adormeceu. Quando acordou, estava tudo escuro, negro como breu. A ideia de que podia ser um eclipse é abandonada, quando pela audição reconhece que toda a vida animal está agitando-se como sempre. Ele era um observador atento e constante da natureza. Tinha os sentidos bem abertos para receber dela seus sinais. Compreendeu rapidamente que estava cego. Começou a rezar a oração de São Marcos, e saiu a correr. Seu instinto ou a oração, empurrou-o, mesmo cego, na direção da casa de João Mangolô. Entrou agarrou o feiticeiro pela garganta quase estrangulando. Nisso, tudo clareou. O homem estava fazendo feitiço para ele, uma espécie de vudu, pois tinha um retrato dele na mão. O feiticeiro explica: – *Não quis matar, não quis ofender... Amarrei só esta tirinha de pano preto nas vistas do seu retrato, pra Sinhô passar uns tempos sem poder enxergar... olho que deve de ficar fechado, para não precisar de ver negro feio...* (p.268)

CORPO FECHADO

Dois homens conversam. Um é culto, letrado, médico. Outro é o pequeno Manuel Fulô, homem simples do interior, metido a valente, falador, contador de casos de valentia, mas na verdade é um medroso. Durante a conversa, fala-se dos valentes que já passaram por ali, desde José Boi, Adejalma, Miligido, João do Quintiliano até o temível Targino, o valentão do momento. O médico diverte-se com as estórias e paga-lhe cerveja para incentivar.

Há duas coisas que Manuel Fulô mais ama na vida: sua inseparável mula, a Beija-Flor, sábia e mansa; e sua noiva, a “*das Dor*”. Há um tal Toniquinho das Águas, sabedor das feitiçarias para fechar o corpo de um sujeito contra tiro ou facada. Esse tal Toniquinho tinha uma sela cobiçada por Manuel, que vivia querendo comprá-la, mas o Toniquinho também cobiçava a mula. Assim, o negócio nunca se realizava, porque cada um deles se recusava a vender, só querendo comprar o que era do outro.

Estavam o médico e Manuel conversando, quando entrou o valentão Targino:

– *Escuta, Mané Fulô: a coisa é que eu gostei da das Dor e venho visitar sua noiva amanhã... Já mandei recado, avisando a ela... É um dia só, depois vocês podem se casar... Se você ficar quieto, não te faço nada... Se não... – E Targino, com o indicador da mão direita, deu um tiro mímico no meu*¹³⁶ *pobre amigo, rindo, rindo, com a gelidez de um carrasco mandchu. Então, sem mais cortêsias, virou-se e foi-se.* (p.293)

*Eu*¹³⁷ *perdi o peso do corpo, e estava frio. Me mexia todo, sem querer. Manuel Fulô oscilou para o balcão, mas não pôde segurar o copo; passou a mão no suor da testa...* (p.293)

Os dois conversam e Manuel diz que podem entregar a sua Beija-Flor para o Toniquinho. Em troca, Toniquinho fecharia o corpo de Manuel. Todo o vilarejo se esconde na hora fatídica. O valentão Targino vai cumprir sua promessa, quando é enfrentado por Manuel Fulô, com sua faquinha. O valentão atira, mas nada consegue e o pequeno acaba vencendo Targino. Ao acabar com o outro, Fulô ainda proclama imponente:

¹²³. É notável a carga poética e a musicalidade dessa frase, reforçada pela aliteração.

¹²⁴. Podemos encontrar aqui, metalinguisticamente, o traço estilístico que mais se destaca em Rosa, a experimentação com a linguagem, procurando revigorá-la, criando uma língua só sua, mágica, fundamental. Para Rosa a palavra não é um mero signo arbitrário e seco, como afirmam os linguistas modernos, mas um mundo cabalístico de possibilidades encantadas e encantatórias.

¹²⁵. Destacamos em negrito para chamar a atenção do leitor para o relato em primeira pessoa, situando o narrador como personagem-testemunha dos acontecimentos.

¹²⁶. Idem à anterior.

Conheceu, diabo, o que é raça de Peixoto?!

Manuel Fulô fez festa um mês inteiro, e até adiou, por via disso, o casamento, porque o padre teimou que não matrimoniava gente **bêbada**¹³⁸. (p.300)

CONVERSA DE BOIS

Que já houve um tempo em que eles conversavam, entre si e com os homens, é certo e indiscutível, pois que bem comprovado nos livros das fadas carochas. Mas, hoje-em-dia, agora, agorinha mesmo, aqui, aí, ali e em toda a parte, poderão os bichos falar e serem entendidos, por você, por mim, por todo o mundo, por qualquer filho de Deus?! (p.303) Manuel Timborna acredita que sim e conta uma história para comprovar: *Só se eu tiver licença de recontar diferente, enfeitado e acrescentado ponto e pouco...* (p.303)

Manuel Timborna jura que os animais falam, principalmente os bois. Diz que esta história foi contada a ele por uma irara, de nome Risoleta, que só contou para conseguir a liberdade, pois tinha sido presa por ele. A história gira em torno do carreiro Agenor Soronho que transportava o corpo do pai de seu guia, o menino Tiãozinho. O cadáver do homem vai sobre uma carga de rapaduras, dentro do carro-de-boi. Agenor era mau e judiava do menino, que ia chorando, enquanto os bois discutiam aquela situação:

– O homem é um bicho esmochado, que não devia haver. Nem convém espiar muito para o homem. É o único vulto que faz ficar zozzo, de se olhar muito. É comprido demais, para cima, e não cabe todo de uma vez, dentro dos olhos da gente.

– Mas eu já vi o homem-do-pau-comprido correr de uma vaca... de uma vaca. Eu vi. (p.308)

São quatro parselhas de bois: Buscapé e Namorado, Capitão e Brabagato, **Dansador**¹³⁹ e Brilhante, Realejo e Canindé, que puxam o carro, transportando além das rapaduras o cadáver do pai de Tiãozinho. Tiãozinho vai chorando, com muita raiva de seu Agenor Soronho, que não respeitava o seu pai, pois ele sempre ia à sua casa e transava com sua mãe, descaradamente.

Soronho .identificando-se com ele: *Mhu"! Hmoung! Boi... Bezerro-de-Homem.... Mas, eu sou o boi Capitão? Não há nenhum boi capitão... Mas, todos os bois. Não há bezerro-de-homem! Todos Tudo... Tudo é enorme... Eu sou enorme! Sou grande e forte... Mais do que seu Agenor Soronho! posso vingar meu pai... Meu pai era bom. Ele está morto dentro do carro... Seu Agenor Soronho é o diabo grande... bate em todos os meninos do mundo...* (p.334)

Os bois percebem que Soronho está dormindo e decidem derrubá-lo. Tramam que, quando Tiãozinho der um grito, todos devem dar um arranco rápido para frente. Assim acontece e o homem cai, passando uma das pesadas rodas sobre seu pescoço. Morreu na hora, sem ao menos dar um grito. A viagem continua.

E talvez dois defuntos dêem mais para a viagem, pois até o carro está contente – renhein... nhein... – e abre a goela do chumaço, numa toada triunfal.” (p.338)

A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA

Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Esteves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto” que está no presente momento participando dum leilão arranjado pelos matutos grosseiros “de atrás de igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici.” (p.341) Augusto entra na brincadeira e arremata a prostituta Tomázia, apelidada Sariema, agredindo um pobre caipira que estava gostando dela. Sai, levando-a, mas ao ver suas pernas finas e sua magreza, despreza-a: *Você tem perna de manuel-fonseca, uma fina e outra seca!*(p.345)

Dona Dinorá, mulher de Matraga, temia o marido por ser duro e meio doido, agindo por impulso, sem pensar. Ela manda Quim Recadeiro chamá-lo para viajarem para casa, mas o marido não atende: *Desvira, Quim e dá o recado pelo avesso: eu lá não vou!... Você apronta os animais, para voltar amanhã com Siá Dionóra mais a*

¹²⁷. Tanto a forma “bêbedo” quanto “bêbado” são corretas.

¹²⁸. Deveria ser “dançador”, mas Rosa grafava “dança” também com “s”, porque, segundo ele, o “s” sugeria mais o movimento sinuoso de uma dança.

menina, para o Morro Azul. (p.345)

Quim leva as duas para o Morro Azul no dia seguinte, mas no caminho a mulher aceita o convite de Ovídio Moura e foge com ele levando a filha. Simultaneamente, os capangas abandonam Nhô Augusto, porque ele está cheio de dívidas e não os pagou. Por isso, passaram a trabalhar para o Major Consilva. Quim traz as duas notícias desagradáveis. Matruga procurando vingar-se vai até a fazenda do Major Consilva, sendo recebido e espancado pelos jagunços até parecer morto.

E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major – que soía¹⁴⁰ ser um triângulo inscrito numa circunferência –, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto. Mas recuaram todos, num susto, porque Nhô Augusto viveu-se, com um berro e um salto, medonhos. (p.352) O corpo rolou barranco abaixo, desaparecendo pelo abismo, sumindo nas moitas. Ninguém teve nem coragem de descer para verificar.

Acontece que, milagrosamente, Matruga não tinha morrido e foi recolhido e salvo por um casal de pretos velhos. Em seu sofrimento e delírio, Matruga chorou como criança. Chamaram um padre para confessá-lo. Matruga converte-se, transformando-se em um santo, seguindo os conselhos do padre. *Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua¹⁴¹. (p.356)*

Matruga ficou bom de todo e partiu para umas terras suas, distantes. Levou os velhos. Caminharam sempre à noite, escondendo-se, até chegarem ao Tombador. Aí, o convertido trabalha constantemente, o dia inteiro. Reza o terço com os velhos, evita festas. O tempo passa, e um dia chega ao arraial um conhecido, que lhe conta como Quim Recadeiro morreu valentemente, lutando por ele na fazenda do Major Consilva. Conta também que a sua filha se tornou prostituta. Nhô Augusto irrita-se, mas não abandona seu propósito e para fortificar-se proclama: *P'ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!* (p.361)

Também passa pelo vilarejo o terrível e famoso seu Joãozinho Bem-Bem com seu bando de jagunços. Nhô Augusto com modos amáveis, hospitaleiros e seguros, dá-lhes pouso e comida. Seu Joãozinho reconhece um homem valente de longe, e não entende a rezação de Matruga. Admira-o, vê que ele atira bem e convida-o a entrar para o bando. Matruga sente uma tentaçãozinha, mas recusa. Lamentando a recusa, Joãozinho parte com seu bando. O jagunço Tim Tatu-tá-te-vendo puxa uma cantiga brava de tempo de revolução:

*O terreiro lá de casa
não se varre com vassoura;
Varre com ponta de sabre,
bala de metralhadora¹⁴²... (p.371)*

Uma manhã, depois de um período de muita chuva, Nhô Augusto saiu para o terreiro e desconheceu o mundo, sentiu que era a manhã mais bonita que ele já pudera ver. Na altura do céu passou um bando de maitacas, em arribação. Outros pássaros se lhes seguiram. Matruga também resolve partir: *Adeus, minha gente, que aqui é que mais não fico, porque a minha vez vai chegar, e eu tenho que estar por ela em outras partes!* (p.375)

Parte num jumento e segue até chegar ao arraial do Rala-Coco. O lugar está alvoroçado pela presença de Joãozinho Bem-Bem e seu bando. Matruga e o jagunço alegram-se pelo reencontro. O bando está para castigar uma família pela morte traiçoeira de um dos jagunços, o Juruminho, por um rapaz dali e que fugira. Seu Joãozinho renova o convite a Matruga, pondo-lhe nas mãos o rifle carregado, que tinha sido do jagunço morto.

Nesse instante entra um velho, pai do rapaz fugitivo, arrastado pelos homens de Joãozinho Bem-Bem. O velho implora pela família, em nome de Jesus Cristo e da Virgem Maria. Matruga, atingido nos seus sentimentos religiosos, interfere em favor do velho. Joãozinho protesta:

– *Você está caçoando com a gente, mano velho?*

– *Estou não. Estou pedindo como amigo, mas a conversa é no sério, meu amigo, meu parente, seu Joãozinho*

¹²⁹. Pretérito perfeito do verbo soer, raramente é empregado. Significa ter por costume, costumar.

¹³⁰. Daqui sai o título do conto.

¹³¹. Esse conto foi magistralmente adaptado para cinema por Nelson Pereira dos Santos e a cantiga acima aparece, musicada por Geraldo Vandré.

Bem-Bem.

– *Pois perdido nenhum desse atrevimento eu até hoje nunca que ouvi nem atendi!...*

O velho engatinhou, ligeiro, para se encostar na parede. No calor da sala, uma mosca esvoaçou.

– *Pois então... e Nhô Augusto riu, como quem vai contar uma grande anedota – ... Pois então, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto...*

Joãozinho Bem-Bem se sentia preso a Nhô Augusto por uma simpatia poderosa, e ele nesse ponto era bem assistido, sabendo prever a viragem dos climas e conhecendo por instinto as grandes coisas. Mas Teófilo Sussuarana era bronco excessivamente bronco, e caminhou para cima de Nhô Augusto. Na sua voz:

– *Epa! Nomopadrofilhospritosantamêin! Avança, cambadas de filhos-da-mãe, que chegou minha vez!* (p.383)

Segue-se um belo combate entre Matraga e o bando, com Nhô Augusto, possesso, atirando, pulando e gritando palavrões como há muito não fazia. *Três dos cabras correram, porque outros três estavam mortos, ou quase, ou fingindo.* Augusto e Joãozinho vão para a rua numa dança ligeira, de sorriso na boca e de faca na mão, para o ajuste final:

– *Se entregue, mano velho, que eu não quero lhe matar...*

– *Joga a faca fora, dá viva a Deus, e corre, seu Joãozinho Bem-Bem...*

– *Mano velho! Agora é que tu vai dizer: quantos palmos é que tem, do calcanhar ao cotovelo!...*

– *Se arrepende dos pecados, que senão vai sem contrição, e vai direitinho para o inferno, meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!...*

– *Úi, estou morto...* (p.384)

Matraga, em molambos e excessivamente ferido, é socorrido pelas pessoas, que zombam de Seu Joãozinho Bem-Bem. Ele protesta e não deixa, dizendo para respeitar: *esse aí é o meu parente seu Joãozinho Bem-Bem*". *Matraga e Joãozinho terminam como amigos, ambos respeitando no outro a valentia, a coragem. O preto velho agradece: Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim... P'ra que foi que foram inventar arma de fogo, meu Deus?!... (p.386)*

Antes de morrer, Nhô Augusto reconhece João Lomba, um velho conhecido e meio parente. Pede-lhe que ponha a bênção em sua filha:

Põe a bênção¹⁴³ na minha filha... seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!

Depois, morreu. (p.386)

Comentário: Como todos os demais contos de estreia de Guimarães Rosa, este também é bastante longo, aproximando-se da novela. Podemos dividi-lo em três partes nitidamente reconhecíveis e que poderiam assim ser denominadas:

- I. O homem mau, o lobo. Augusto egoísta, canalha e covarde, abusa de sua posição e maltrata os pobres.
- II. O santo coitado, o cordeiro. Augusto convertido, incapaz de uma violência, vivendo para o trabalho e para a oração.
- III. O santo valente, o leão justiceiro. Augusto Matraga luta valentemente pela justiça, protegendo os desvalidos contra a ira de Seu Joãozinho Bem-Bem.

ESTRUTURA DA OBRA

O livro *Sagarana* apresenta nove contos, narrados em terceira pessoa, com exceção de *Minha Gente*, *São Marcos* e *Corpo Fechado*. Essas narrativas já apresentam a tendência do autor para a pesquisa e criação de uma linguagem pessoal e original, partindo do substrato regional e acrescentando-lhe neologismos criados a

^{132.} Mantivemos a grafia do texto, sem acento, mas não se esqueça que toda paroxítona terminada em ditongo deve ser acentuada: órfão, bênção, móveis, sábio.

partir de seus conhecimentos de latim, grego, tupi, etc. Assim como o próprio título da obra, **Sagarana**, em que funde o termo tupi **rana**, que significa “parecido com” ou “semelhante a” com **saga**, termo de raiz germânica, que significa “narrativa heróica lendária ou histórica”, produzindo assim uma nova palavra que pode ser decodificada como “narrativas parecidas com lendas”.

Os contos podem ser organizados e classificados conforme certos temas ou assuntos:

- personagens em processo de crescimento, evolução ou transformação: "*Duelo*" (Timpim), "*Corpo Fechado*" (Manuel Fulô) e "*Hora e Vez de Augusto Matraga*".
- contos alegóricos, com animais humanizados: "*O Burrinho Pedrês*" e "*Conversa de Bois*".
- valorização da esperteza, da sagacidade mineira: "*A Volta do Marido Pródigo*" e "*Minha Gente*".
- a noção de travessia que transforma protagonista em herói: "*O Burrinho Pedrês*" e "*A Hora e Vez de Augusto Matraga*".
- valorização da natureza e das sensações: "*Sarapalha*" e "*São Marcos*".
- a força da magia e feitiçaria praticada pela gente simples do sertão: "*São Marcos*" e "*Corpo Fechado*".

ESTILO DE ÉPOCA E ESTILO INDIVIDUAL

Guimarães Rosa pertence à terceira fase do Modernismo, também denominada Neomodernismo ou Geração de 45, já que essa fase teve seu início no ano de 1945, data marcada pelo fim da ditadura Vargas e da guerra mundial. O termo Neomodernismo, empregado por alguns na designação desse período, deve-se ao fato de, nesse momento histórico de redemocratização do país, os escritores se darem o direito de realizar novas pesquisas estéticas, de experimentarem novas realizações no campo da literatura. As mais importantes são a sondagem interior de Clarice Lispector e a recriação linguística e o regionalismo universalista de Guimarães Rosa.

Rosa realizou uma verdadeira alquimia verbal, tomando uma língua já desgastada pelo uso de séculos e transformando-a em ouro puro. A língua em si é viva e dinâmica, modificando-se a todo momento numa evolução que pode ter ritmo variado, ora mais rápido, ora mais lento, mas jamais interrompida. Podemos crer que o escritor um dia se imaginou um povo inteiro a modificar a língua de seu tempo, valendo-se de toda sua cultura e de seus conhecimentos de várias línguas estrangeiras, tanto vivas quanto mortas. Ele se tornou um verdadeiro laboratório linguístico, onde o popular se funde ao erudito, criando neologismos, recuperando arcaísmos, valendo-se de regionalismos, sem deixar de lado outros recursos como a **onomatopeia**: *E talvez dois defuntos dêem mais para a viagem, pois até o carro está contente - renhein... nhein... - e abre a goela do chumaço, numa toada triunfal.* (p.338)

Além disso, valeu-se de recursos poéticos como aliteração, assonância, coliteração e diversas outras figuras de linguagem, enriquecendo sua frase e eliminando a linha divisória entre a prosa e a poesia.

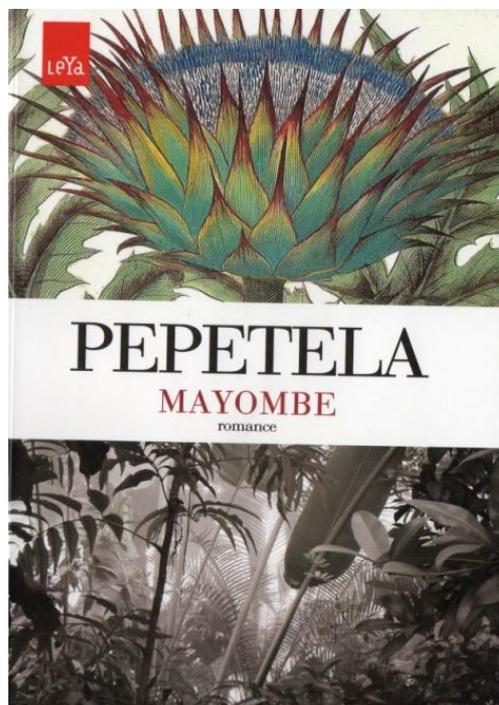
Vejamos alguns recursos empregados por Rosa nos contos:

- **Presença de aliterações e assonâncias** conferindo musicalidade, aproximando prosa e poesia: *Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando... Dansa doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito... Vai, vem, volta, vem na vara, vai varando...* (p. 24) “*Em noite de roça, tudo é canto e recanto. E há sempre um cachorro latindo longe, no fundo do mundo.* (p.212), *manhã maravilha... gritos de galos e berros de bezerras* (p.218), *bronze-e-brasa* (p.220) Em alguns momentos, essa técnica chega a virtuosismo como o seguinte exemplo em que podemos encontrar métrica e ritmo próprios da poesia popular com verdadeiros versos redondilhos menores: *As ancas balançam, e as vacas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estralos de guampas¹⁴⁴, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão...* (p.37) Vejamos esse fragmento, transcrito na forma de verso redondilho menor (5 pés), releia agora, mas em voz alta, procurando sentir o ritmo e toda a riqueza sonora atingida pelo escritor:

¹³³. O mesmo que chifres.

MAYOMBE

Pepetela¹⁴⁵



Pepetela. *Mayombe*. Ed. LeYa, SP, 2013. Utilizado para citações.

APRESENTAÇÃO

Romance sensacional que nos envolve com narrativas bélicas cinematográficas, criadas intencionalmente porque, no final na narrativa, coloca na boca do protagonista a expressão “é um filme”, quer dizer, até a personagem constata essa característica estilística. No entanto, nem todo leitor se deixa prender por esse aspecto, outros há que desejam a preocupação social, a denúncia das injustiças desse mundo dominado pelo consumismo, mas também esse tipo de leitor será satisfeito pelas longas discussões entre os personagens engajados pela luta de libertação. Há, finalmente, o leitor que se amarra na sensualidade, nas histórias de amor e de sexo e também esse será cativado pela sexualidade assumida da professora Ondina.

Mayombe é uma história que mergulha fundo na organização dos guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola, abordando suas dúvidas, contradições, e convicções. A epopeia mostra guerrilheiros que lutam no interior da floresta confrontam-se não só com os inimigos, mas também com as diferenças culturais e étnicas.

A obra se inicia com uma dedicatória que é, ao mesmo tempo, uma proposição, como na epopeia camoniana: *Aos guerrilheiros do Mayombe, que ousaram desafiar os deuses abrindo um caminho na floresta obscura, Vou contar a história de Ogun, o Prometeu africano.*

¹⁴⁵ Mayombe, que dá título, ao romance é o nome de uma região montanhosa da África, que se estende por vários países, entre os quais Angola, na província de Cabinda. E "Pepetela" significa cílios ou pestana, em uma das línguas africanas de Angola, sendo uma referência a um dos sobrenomes do autor.

ENREDO CONDENSADO

Capítulo I – A MISSÃO

O rio Lombe brilhava na vegetação densa. Vinte vezes o tinham atravessado. Teoria, o professor, tinha escorregado numa pedra e esfolara profundamente o joelho. O Comandante dissera a Teoria para voltar à Base, acompanhado de um guerrilheiro. O professor, fazendo uma careta, respondera:

– Somos dezasseis. Ficaremos catorze. (p.13)

Matemática que resolvera a questão: era difícil conseguir-se um efetivo suficiente. De mau grado, o Comandante Sem Medo deu ordem de avançar. Vinha por vezes juntar-se a Teoria, que caminhava em penúltima posição, para saber como se sentia. *O Professor escondia o sofrimento. E sorria sem ânimo. À hora de acampar, alguns combatentes foram procurar lenha seca, enquanto o Comando se reunia. Pangu-A-Kitina, o enfermeiro, aplicou um penso no ferimento do professor. O joelho estava muito inchado e só com grande esforço ele podia avançar. (p.13)*

Assim, um narrador em terceira pessoa, inicia o relato, descrevendo o jantar desse grupo, o entardecer e o local da ação; uma selva com grandes árvores e cipós grossos. *Só o fumo podia libertar-se do Mayombe e subir, por entre as folhas e as lianas, dispersando-se rapidamente no alto, como água precipitada por cascata estreita que se espalha num lago. (p.13)*

Em seguida, sem transição ou explicação, o foco narrativo muda para a primeira pessoa, narrador-personagem. O único dado é o título que aparece agora e vai se repetir durante todo o relato.

EU, O NARRADOR, SOU TEORIA.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. (p.14)

Retomando a narrativa em terceira pessoa, conta-se que o Comissário Político, pede a Teoria que volte ou espere ali, para seu bem, que em três dias eles voltam, mas Teoria não aceita. O Comissário analisa a situação com o Comandante e com o Chefe de Operações. O Chefe de Operações ouvia a conversa dos outros, pensando na chuva que iria cair e na casa quente em Dolisie, com a mulher a seu lado. O Comissário Político acaba concordando que Teoria vá com o grupo. Provavelmente o Comandante Sem Medo tinha alguma ideia na cabeça quando defendeu a ida de Teoria. Em breve acordariam com a chuva miudinha que primeiro molharia a copa das árvores e começaria a cair das folhas só depois que tivesse parado de chover. Assim é o Mayombe, que pode retardar a vontade da Natureza. O professor dormiu pouco. Teoria insistira, da mesma maneira que impusera ao Comando a obrigatoriedade de ele fazer guarda como os outros guerrilheiros, apesar de seu posto de professor da Base o libertar dessa tarefa. Teoria era mestiço e agora nem pareciam notar isso. Esse era o seu segredo. Só Sem Medo adivinhara. Sem Medo recebeu esse nome quando foi promovido a Chefe de Secção, por ter resistido sozinho a um grupo inimigo. Teoria sentia que o Comandante também tinha um segredo. E era esse segredo de cada um que os fazia combater. Por que Sem Medo teria abandonado o curso de Economia, em 1964, para entrar na guerrilha? Por que o Comissário abandonara o pai velho e viera? O Chefe de Operações abandonara os Dembos. Milagre abandonara a família. Muatiânvua, o marinheiro, abandonara os barcos para agora marchar a pé. E por que ele, Teoria, teria abandonado a mulher e a posição que podia facilmente adquirir?

Pode ser que junto à consciência política, havia alguma razão subjetiva. Raia o dia. *O Mayombe não deixava*

penetrar a aurora, que, fora, despontava já. As aves nocturnas cediam o lugar no concerto aos macacos e esquilos. E as águas do Lombe diminuíam de tom, à espera do seu manto dourado. À frente, descendo o Lombe, a menos de um dia de marcha, devia estar o inimigo. (p.17)

EU, O NARRADOR, SOU TEORIA.

Novamente, em primeira pessoa, o narrador Teoria relembra seu amor por Manuela a quem abandonara, grávida, para entrar na luta, para ser aceito sem discriminação por ser um mestiço. Manuela amigou-se com outro. Teoria reflete sobre seu problema: *Criança ainda queria ser branco, para que os brancos me não chamassem negro. Homem, queria ser negro, para que os negros me não odiassem. (p.18)*

Comentário: O leitor agora já percebe que sempre que houver o título o foco narrativo será de primeira pessoa. Em seguida, retoma-se o foco em terceira pessoa.

Os homens vão lavar-se antes do desjejum. Sem Medo foi lavar-se perto do Comissário, com quem se põe a conversar, primeiro sobre aquela expedição que estão fazendo contra exploradores de madeira. O plano não agrada ao comissário porque não sabem muito bem o que vão fazer, nem conhecem o número dos inimigos. Comentam que os seus chamam ao povo de traidor, mas surge uma dúvida: *É o povo daqui que é traidor ou somos nós incapazes? Ou as duas coisas?(P.20)*. Por isso, Sem Medo conclui: *Sobretudo agora que somos fracos, que temos um efectivo ridículo, devemos ser prudentes. Os nossos planos têm de ser perfeitos. (p.20)*

Até eles chegava o cheiro de **matete** para o **mata-bicho**. Comentam sobre o fato de o Das Operações sempre colaborar com o Comandante, mas buscar sempre prejudicar o Comissário. Conversam também sobre a questão das tribos: *Eu sou kikongo? Tu és kimbundo? Achas mesmo que sim? (P.21)*. Acabam concordando que pertencem à minoria que já esqueceu de que lado nasce o Sol na sua aldeia. *E foram tomar o matete. (p.21)*

EU, O NARRADOR, SOU TEORIA.

Os meus conhecimentos levaram-me a ser nomeado professor da Base. Ao mesmo tempo, sou instrutor político, ajudando o Comissário. (. . .) Os outros podem esquivar-se, podem argumentar quando são escolhidos. Como o poderei fazer, eu que trago em mim o pecado original do pai-branco? (pp.21/2)

Lutamos¹⁴⁶ informou ao Comandante que o chefe de grupo **Verdade**¹⁴⁷ acha que deviam apanhar os trabalhadores da exploração e fuzilá-los, porque agem para os colonialistas. Muatiânvua comenta que os trabalhadores são cabindas, e é por isso que Lutamos se chateia, mas são traidores, mesmo que fossem quimbundos ou de outra tribo.

Chegam ao local em que estão cortando as árvores e atacam de surpresa, mas o branco que estava no caminhão consegue escapar. Os trabalhadores se entregam facilmente. Os guerrilheiros destroem o buldozer que era utilizado para carregar os troncos no camião. Quebram o que podem, apanham a serra e recuam com os trabalhadores, planejando voltar à estrada para fazer uma emboscada contra os soldados inimigos. Antes de sair do local, Ingratidão do Tuga colocou três minas perto do buldozer. *Quando as minas estavam bem camufladas, Sem Medo escreveu num bocado de papel:*

¹⁴⁶ Nome de guerra, espécie de apelido ou codinome.

¹⁴⁷ Os nomes verdadeiros desaparecem, substituídos pelos nomes de guerra. Aqui no Brasil também, temos esse costume nos grupos de capoeira, quando o praticante em seu batizado vai receber seu primeiro cordão.

SACANAS COLONIALISTAS,
VÃO À MERDA, VÃO PARA A VOSSA TERRA.
ENQUANTO ESTÃO AQUI,
NA TERRA DOS OUTROS,
O PATRÃO ESTÁ A COMER A VOSSA MULHER
OU IRMÃ, CÁ NAS BERÇAS!

E deixou o bilhete bem à vista, no meio do terreno minado. Os guerrilheiros sorriam. – O sacana que quiser ler, vai pelo ar – disse o Das Operações.(pp.31/2)

Os guerrilheiros contavam com a convicção de que no dia seguinte, os trabalhadores depois de soltos iriam dizer que os eles tinham voltado ao Congo e mais tarde se os soldados caíssem numa emboscada que preparavam, faria pensar que vários grupos atuavam ali. Nunca perceberão que é o mesmo grupo, disse Sem Medo. Alcançaram um lugar propício para descansar. *Almoçaram ali mesmo, os guerrilheiros e os trabalhadores. As gamelas foram passadas de mão em mão. Um trabalhador tinha um maço de cigarros, que distribuiu pelos guerrilheiros. As palavras soltaram-se, deitados perto do Lombe, e só então os trabalhadores descobriram que Lutamos também era de Cabinda. Pronto, pensou Sem Medo, viram que há um deles entre nós, já têm confiança. O tribalismo às vezes ajuda.* (pp.33/4)

“EU, O NARRADOR, SOU MILAGRE.

Nasci em Quibaxe, região kimbundo, como o Comissário e o Chefe de Operações, que são dali próximo. Bazukeiro, gosto de ver os camiões carregados de tropa serem travados pelo meu tiro certo. Penso que na vida não pode haver maior prazer. A minha terra é rica em café, mas o meu pai sempre foi um pobre camponês. E eu só fiz a Primeira Classe, o resto aprendi aqui, na Revolução. Era miúdo na altura de 1961. Mas lembrome ainda das cenas de crianças atiradas contra as árvores, de homens enterrados até ao pescoço, cabeça de fora, e o tractor passando, cortando as cabeças com a lâmina feita para abrir terra, para dar riqueza aos homens. Com que prazer destruí há bocado o buldozer! Era parecido com aquele que arrancou a cabeça do meu pai. (p.34) Continua contando que fugiu de Angola para Kinshasa com a mãe. Depois retorna e entra para o MPLA. Reclama que o MPLA expulsa os melhores, só porque eles não deixam se dominar pelos **kikongos**¹⁴⁸ que o invadiram. Lamenta serem forçados a fazer guerra numa região alheia, onde não falam a sua língua e o povo é contra-revolucionário. (Mantivemos aqui a grafia da obra consultada.)

Caminharam toda a tarde, e os prisioneiros não tentaram fugir, embora várias ocasiões se tivessem apresentado durante a caminhada. Quando pararam, o Comissário fez um longo discurso contra o colonialismo, dizendo que eles só queriam combater os estrangeiros exploradores, que não eram bandidos, que entregariam aos trabalhadores tudo que era deles: *O que é vosso, os machados, as catanas, os canivetes, os relógios, o dinheiro, tudo o que é vosso, vocês vão levar convosco.* Continuou *Somos soldados que estamos a lutar para que as árvores que vocês abatem sirvam o povo e não o estrangeiro. Estamos a lutar para que o petróleo de Cabinda sirva para enriquecer o povo e não os americanos.* (p.36)

Teoria também participa, assim como Lutamos que fala em **fiote**¹⁴⁹. Os trabalhadores contaram o que sabiam dos quartéis da Região e do que pensavam as populações. Sem Medo escutava, mas também ficava atento aos comentários dos guerrilheiros, divididos em dois grupos: os kimbundos, à volta do Chefe de Operações, e os outros, que não eram kimbundos, mas kikongos, umbundos e destribalizados como o Muatiânvua, filho de pai umbundo e mãe kimbundo. Mundo Novo era de Luanda, de origem kimbundo, mas os estudos ou talvez a permanência na Europa tinham-no libertado do tribalismo. Mantinha-se isolado. Quando se deitaram, o Comissário perguntou a Sem Medo qual a sua opinião. Falas que nem um padre – disse Sem Medo. E por causa dessa associação, conta ao amigo sua experiência triste no seminário, com padres que os maltratavam, até que se revoltou contra tudo aquilo pecando com uma criada. Depois, sofrendo por não poder confessar, e por se sentir perdido que decidiu que o Inferno não existia, não podia existir, senão estaria condenado. *Ou negava, matava o que me perseguia, ou endoidecia de medo. Matei Deus, matei o Inferno e matei o medo do*

¹⁴⁸ Idioma falado pelos bacongos, que são o terceiro maior grupo étnico de Angola. Vivem principalmente no noroeste angolano. Ver civilizacoesafricanas.blogspot.com

¹⁴⁹ O **fiote** ou **ibinda** é uma compilação de diversos dialetos das oito tribos que compõem os cabindas.

Inferno. Aí aprendi que se devem enfrentar os inimigos, é a única maneira de se encontrar a paz interior. (p.38) Depois disso, foram dormir.

No outro dia, depois do mata-bicho ou desjejum, soltaram os trabalhadores, devolvendo-lhes o que lhes pertencia, menos uma nota de cem escudos que tinham retirado dos bolsos do mecânico, e que fora entregue a Ekuikui para guardar. Durante a noite desaparecera, alguém a roubara. Os trabalhadores se vão, pouco depois, os guerrilheiros discutem como farão a seguir uma emboscada aos soldados inimigos e analisam a questão do dinheiro roubado. *Bem – disse Sem Medo, sorrindo –, então temos de deixar os trabalhadores ganharem um bom avanço. Entretanto, vamos aproveitar para ver este caso dos cem escudos. Isto é grave, pois pode desmentir tudo o que dissemos. Quer dizer que, afinal, somos mesmo bandidos, que roubamos o povo. O sacana que ficou com o dinheiro é um contrarrevolucionário, além de ser um ladrão barato, pois sabotou toda a boa impressão que podíamos ter causado aos trabalhadores.* (p.39)

Enquanto começava a revista, deu-se um tensa discussão sobre a vergonha de ser revistado, se era justo ou não e nesse debate, no momento em que Lutamos estava se vestindo, Sem Medo deu um salto, sobre o grupo do fundo e segurou o braço de Ingratidão do Tuga, que deixou a nota de cem escudos cair. Tiram-lhe a arma e ele fica sob a vigilância até voltarem à base, onde será julgado. Como os trabalhos já estão muito longe, decide-se devolver a nota de cem, após a emboscada. *Eu penso que o melhor é depois do ataque tentarmos contactar o povo – propôs Teoria. Temos o nome dele e do kimbo¹⁵⁰, talvez consigamos lá chegar e entregá-lo.* (p.41)

Comissário se oferece como voluntário para ir sozinho e devolver o dinheiro, mas Sem Medo não admite e dá ordem para avançar. Os homens demonstram cansaço, estavam fora da Base há quatro dias e a comida estava no fim, pois tiveram de a repartir com os trabalhadores. Por isso, depois de uma hora de marcha, Sem Medo mandou parar à beira do rio para pescar. Vendo Teoria esfregar o joelho, o Comandante Sem Medo acendeu um cigarro e após perguntar como ia o joelho, iniciou um relato de uma briga quando garoto. Um outro menino, maior e mais forte dera-lhe uma surra. Durante dias, sentiu-se um covarde, um fraco, mas depois decidiu que iria enfrentar o outro, mesmo que apanhasse, e apanhou, apanhou muito, mas não desistira até que o outro cansou de lhe bater. Sem Medo conclui: *Ele acabou por dizer: ganhaste, desisto. Depois disso ficámos amigos... A partir daí compreendi que não são os golpes sofridos que doem, é o sentimento da derrota ou de que se foi covarde. Nunca mais fui capaz de fugir.* (p.42)

Entendendo o motivo desse relato, Teoria confessa que sente medo e que é isso que o leva sempre a se oferecer como voluntário em ações arriscadas. Tem medo de recusar e ser criticado por ser mestiço. Sem Medo disse: *Há coisas que uma pessoa esconde, esconde, e que é difícil contar. Mas, quando se conta, pronto, tudo nos aparece mais claro e sentimo-nos livres. É bom conversar. Esse é dos tais problemas que pode destruir um indivíduo, se ele o guarda para si. Mas podes ter a certeza de que todos têm medo, o problema é que os intelectuais o exageram, dando-lhe demasiada importância.* (p.43)

Sem Medo continua sua lição, mostrando a Teoria que ele dá muita importância ao que os outros pensam dele. E conclui: *Hoje, tu já não tens cor, pelo menos no nosso grupo de guerrilha estás aceite, completamente aceite. Não é dum dia para o outro que te vais libertar desse complexo de cor, não. Mas tens de começar a pensar que já não é um problema para ti. Talvez sejas o único que tem as simpatias e o respeito de todos os guerrilheiros, isso já o notei várias vezes.* (p.44) Acrescenta ainda que guardar para si esses sentimentos é coisa para escritor, que depois coloca tudo no papel. Os normais precisam conversar com os amigos, “quando se não é escritor, é preciso desabafar, falando¹⁵¹”. Sem Medo ainda lhe diz que o maior problema dele é o complexo racial. Em seguida, atendendo ao Comissário, Sem Medo e Teoria foram ajudar a fazer o almoço. Depois de almoçar, voltaram a avançar.

Encontraram uma montanha pela frente às duas da tarde. A subida foi difícil, paravam muito para retomar o fôlego. Às quatro horas, começou a chover. As botas ficaram mais pesadas com a lama. Às cinco horas atingiram o alto da montanha, exaustos. A descida foi pior do que a subida. Às seis horas escureceu e ainda não tinham descido. Deixaram-se cair numa espécie de clareira e ali se atiraram ao chão de qualquer jeito, dormindo ou apenas se abandonando à letargia até o amanhecer.

¹⁵⁰ O mesmo que aldeia, povoado.

¹⁵¹ Interessante essa frase por ser uma citação metalinguística e traduz um pensamento do próprio autor, por isso colocamos entre aspas.

EU, O NARRADOR, SOU MILAGRE, O HOMEM DA BAZUKA

Viram como o Comandante se preocupou tanto com os cem escudos desse traidor de Cabinda? O Comandante é kikongo. Ora, o fiote e o kikongo são parentes, é no fundo o mesmo povo. Por isso ele estava tão furioso por se ter roubado um dos seus. Por isso ele protege Lutamos, outro traidor. E viram a raiva com que ele agarrou o Ingratidão? Porquê? Ingratidão é kimbundo. Os intelectuais têm a mania de que somos nós, os camponeses, os tribalistas. Mas eles também o são. Há o tribalismo justo, porque se defende a tribo que merece. E há o tribalismo injusto, quando se quer impor a tribo que não merece ter direitos. Foi o que Lenine quis dizer, quando falava de guerras justas e injustas. É verdade que todos os homens são iguais, todos devem ter os mesmos direitos. Mas nem todos os homens estão ao mesmo nível; há uns que estão mais avançados que outros. São os que estão mais avançados que devem governar os outros, são eles que sabem. Mas, o que se vê agora aqui? São os mais atrasados que querem mandar. É como esse parvo do Comissário, que não percebe nada do que se passa. Deixa-se levar pelo Comandante, está sempre contra o Chefe de Operações. Como posso suportar ver pessoas que não sofreram agora mandarem em nós, até parece que sabem do que precisamos? (p.47)

Comentário: Para manter o clima, reduzimos a reflexão de Milagre, mas mantendo o foco narrativo em primeira pessoa.

Ao acordar, só beberam leite porque a comida estava molhada. Restava o arroz pouco e poucas latarias. O chão tornou-se um pântano escorregadio. Avançaram até chegar perto da estrada quando ouviram duas explosões, os tugas tinham saltado com as minas que eles haviam colocado. O Chefe de Operações foi à procura do melhor lugar para a emboscada. Era já meio-dia, quando avançaram para o local escolhido. Logo os inimigos deveriam voltar transportando os feridos das minas. Inexplicavelmente, demoraram horas até aparecerem. Os primeiros soldados apareceram na curva da estrada. O grupo da frente entrou na zona de morte, avançou até passar pelo Comandante. Sem Medo contou setenta soldados inimigos. Quando todos estavam no campo de mira, Sem Medo disparou, visando os que estavam à sua frente, a menos de quatro metros. Todos atiraram. Imediatamente crepitaram as **pépéchás**¹⁵² com o seu barulho de máquina de costura. Milagre, expondo-se perigosamente, bazukou uma moita de onde os inimigos faziam fogo. A ação dele fez parar o fogo inimigo e os seus amigos aproveitaram para recuar até ficarem ao abrigo dos tiros adversários. Um dos guerrilheiros foi ferido e tratado por Pangu-AKitina. Muatiânvua não foi visto e se preocuparam. Lutamos e Ekuikui ofereceram-se para ir resgatá-lo. Teoria não se ofereceu, e Sem Medo pensou que ele estava fazendo progressos, em outra altura teria de ser voluntário, por afirmação.

O Comandante deixou partir os dois voluntários que encontraram Muatiânvua, já de volta para o local de recuo. Explicou a Sem Medo que se atrasou por ter ficado contando os mortos, para o Comunicado de Guerra! Havia 16 corpos na estrada. Sem Medo ordena a partida e avançam pelo mato, Lutamos à frente abrindo caminho com a **catana**¹⁵³. Às seis horas, acamparam à beira do rio Lombe. Voltaram a retirar a arma do Ingratidão do Tuga.

Não fizeram guarda à noite, porque a mata era impenetrável. O inimigo não sabia onde estavam, por isso os obuses de morteiro caíam longe. Os morteiros, aliás, eram utilizados apenas para levantarem o moral dos soldados tugas. O barulho dava-lhes consciência do seu poderio, protegia-os do seu próprio medo. O Comissário veio sentar-se ao lado do Comandante e do Chefe de Operações e retomou o problema da devolução do dinheiro do trabalhador. Como fazer para o devolver? Sem Medo acha que devem deixar pra lá. O comissário justifica sua preocupação alegando que é importante, porque as consequências podem ser muito positivas. Assim evita uma sombra. Um trabalhador foi roubado e soube-o. Os outros também souberam. Supõe que o povo vai dizer, que os do MPLA trataram bem os trabalhadores, mas quando puderam, roubaram o que levavam de valor.

¹⁵² Metralhadoras, o que se deduz pela comparação do som dos tiros com o barulho da máquina de costura.

¹⁵³ Facão ou faca comprida.

Sem Medo julga que é muito arriscado porque os caminhos devem estar sendo patrulhados. Comissário insiste, justificando que o risco é menor do que a importância da coisa. Depois de muito discutirem, Sem Medo decide que a maior parte do grupo deve retornar à Base, deixando a maior parte da comida que sobra, já que no segundo dia chegarão à Base. Enquanto isso, dos seis que ficarão, dois vão com o Comissário devolver a nota de cem, enquanto ele com e mais dois camaradas ficarão perto da aldeia, para proteger os amigos em caso de necessidade.

O Chefe de Operações partiu às sete horas para a Base. Sem Medo e dois guerrilheiros seguiram com o Comissário, Lutamos e Mundo Novo. Não se aproximam muito. Sem Medo diz ao Comissário que o Das Operações insistiu muito para que desconfiassem do Lutamos. Depois, o Comissário, Lutamos e Mundo Novo procuraram a aldeia. Passaram a noite na mata próxima e foram acordados no outro dia pelas *primeiras vozes que se libertavam do espaço limitado da sanzala, para se irem combinar ao orvalho que avivava o verde das folhas*. (p.57) Pelo caminho aproximam-se dois homens a que não conseguem ver as feições, mas Lutamos percebe que falavam do combate. O Comissário faz sinal aos companheiros, indicando-lhes que nada fizessem.

Algum tempo depois, apareceu o rosto inteligente do mecânico. Vinha com outro trabalhador, o velho que tinha uma perna defeituosa. O Comissário explica ao mecânico que veio trazer o seu dinheiro, mas o mecânico não aceita e diz que oferece o dinheiro para o MPLA. Dizem aos guerrilheiros que eles estavam correndo grande risco. Falam do combate e dizem que dois angolanos morreram na luta. Comentaram que os portugueses estavam furiosos, principalmente com as minas e, por isso, fizeram mil perguntas a eles e colocaram um espião da Pide na aldeia.

Despediram-se e se separaram, mas os guerrilheiros se ocultaram e observaram para se certificarem de que os trabalhadores não os iam trair. Tranquilizados, embrenharam-se na mata e se encontraram com os outros três. Quando contaram tudo a Sem Medo, ele gargalhou e comentou: *Realmente... vir tão longe, arriscar tanto, para continuar com o dinheiro no bolso...* (p.59)

Partiram apressadamente, afastando-se da zona perigosa. O almoço foi feito em dez minutos porque eram só restos de sardinha em lata. Prosseguiram a marcha, cortando caminho. A noite encontrou-os em marcha, mas decidiram continuar, ansiosos para dormirem sob um teto. Graças ao sentido de orientação de Lutamos não se perderam nas curvas do Lombe. Às dez horas da noite chegaram à Base. Tinham caminhado dezesseis horas sem parar. O Comissário conta aos outros o que se passara, enquanto o Comandante fuma um cigarro inteiro sem parar. O julgamento de Ingratidão do Tuga realizou-se no dia seguinte. Julgamento em que participavam todos os guerrilheiros da Base. O Comissário procura condenar Ingratidão com a pena de fuzilamento, por roubar bens do povo e por sabotar as relações entre o Movimento e o Povo, ao passo que o Chefe de Operações procura defender o acusado:

– *Acho que o Camarada Comissário é muito duro. Não devemos esquecer a atitude desse povo contra o MPLA. Muitos camaradas já morreram, por traição do povo. Por isso os guerrilheiros não gostam do povo de Cabinda. Isso os leva a cometerem crimes. Está errado, eu sei. (. . .). Um erro é menor, se há razões anteriores que levam as pessoas a cometerem esses erros.* (pp.60/1)

Sem Medo toma a palavra e diz ao Comissário que ele é jovem e, por isso, inflexível. Pede que veja o caso com um pouco de calma. Dá vários exemplos anteriores de indivíduos que apesar dos crimes graves, tiveram suas penas atenuadas. Em seguida, examina o caso de Ingratidão: *Combatente no Norte de 61 até 65. Combatente em Cabinda desde essa data. Há dez anos que combate o inimigo. (. . .) Não é justo fuzilar um combatente com dez anos de luta, quando outros criminosos ficam **indemnes**¹⁵⁴, embora o seu crime teoricamente mereça esse castigo.* (pp.61/2)

Comissário continua insistindo na condenação e o tom de voz sobe perigosamente. No calor da discussão, Sem Medo interrompe o Comissário, mas o que diz é refutado por este alegar ser ele um sentimental e acrescenta alterado que não acredita que tivesse coragem de mandar fuzilar um traidor. Sem Medo vai às nuvens, aperta as mãos, cujos nós se tornam brancos. Os lábios tremem, ele fala baixo, dominando-se a custo:

– *Fica sabendo, camarada Comissário, que eu já executei um traidor. Não só tomei a decisão, sozinho, como o executei, sozinho. E não foi a tiro, pois o inimigo cercava o sítio onde estávamos. Foi à punhalada! Já*

¹⁵⁴ Impunes.

espetaste o punhal na barriga de alguém, Comissário? Já sentiste o punhal enterrar-se na barriga de alguém? Poderia ter evitado fazê-lo, mas todos evitavam, não houve voluntários. (pp.62/3)

Sem Medo continua seu discurso emocionado, afirmando que foi a responsabilidade mais difícil de assumir, tanto que os maiores combatentes viravam-se para não ver, os mais duros combatentes tapavam os olhos com as mãos. Por fim, engasgou-se e calou-se. O Comissário notou as lágrimas que enevoavam os olhos do comandante. Cada palavra tinha soado como uma bofetada. Encerra o debate o Das Operações que afirma não terem eles autoridade para condenar à morte um guerrilheiro. Podem propor, mas quem decide é a Direção.

Comentário: Até esse momento, é o episódio mais emocionante da leitura. Impossível o leitor não se sentir envolvido e comovido.

EU, O NARRADOR, SOU MILAGRE. MILAGRE.

Vejam a injustiça. Eu, Milagre, vim de Quibaxe, onde os homens atacavam o inimigo só com catanas e a sua coragem, eu vim de longe, o meu pai foi morto, a cabeça levada pelo tractor, para ver agora um dos nossos, amarrado, seguir para o Congo, amarrado, porque ficou com cem escudos dum traidor de Cabinda! Eu, Milagre, nasci para ver isto! Ingratidão foi condenado a seis meses de cadeia. E quantos traidores não são castigados, são mesmo aceites? Lutamos foi castigado? Tentou avisar os trabalhadores que íamos prendê-los, tentou sabotar a missão, foi castigado? E Ekuikui, que guardou o dinheiro em vez de o entregar logo, foi ele castigado? Só um dos nossos é que foi. (. . .) É esta a injustiça a que assistimos, sem poder fazer nada. Quando mudará isto? Oh, Nzambi¹⁵⁵, quando mudará isto? (pp.63/4)

Comentário: Nesse desabafo o leitor percebe a postura partidária desse narrador, mas não pode estar seguro de que a condenação tenha sido por preconceito ou por ideal de luta e justiça.

Capítulo II – A BASE

O Mayombe tinha aceitado os golpes dos machados, que nele abriram uma clareira que era invisível aos aviões que vasculhavam a mata, tentando ver a presença dos guerrilheiros. As casas construídas nessa clareira eram escondidas pelas árvores. O capim do telhado foi trazido de longe. Um monte escavado na lateral servia de forno para o pão. Os paus das paredes criaram raízes e as cabanas tornaram-se fortalezas. E os homens, camuflados de verde, confundiam-se com a folhagem. *Assim foi parida pelo Mayombe a base guerrilheira.* (p.67)

O lugar onde os frutos eram guardados recebeu o nome de «Casa do Partido». O «comunismo» engordou os homens, recuperando-os dos sete dias de marchas forçadas e de emoções. Fazendo um paralelo com o mito grego de Zeus e Prometeu, mostra a luta do homem para se manter na floresta. Zeus, afinal, não era invencível, graças a Prometeu que dá aos homens a inteligência e força de se afirmarem homens em oposição aos deuses. *Assim é Ogun, o Prometeu africano.* (p.68)

Três dias depois da missão, chegou à Base um grupo de oito guerrilheiros. Todos jovens, entre os dezessete e os vinte anos. Tinham atravessado clandestinamente o rio Congo, de Kinshasa para Brazzaville, e recebido um treino militar de um mês.

Sem Medo reclama que são poucos e inexperientes, um é praticamente um menino. Mundo Novo comenta que o mais miúdo é da família do camarada André. Sem Medo diz que só mandam quem não é parente, mas esse menino veio porque a família está em desgraça: *Desses assuntos entre kikongos estou bem informado, porque também pertença à família...* (p.69) Estavam na casa do Comando, lugar de reunião, antes de ouvirem a emissão de rádio do MPLA. O menino ouvia timidamente num canto. Entendia mal o português, falava era kikongo e francês, e a personalidade do Comandante intimidava-o: eram vagamente parentes e tinha ouvido falar muito dele. A barba farta e a cabeleira descuidada do Comandante, a sua cabeça grande, o tronco forte, a

¹⁵⁵ Nzambi é a divindade que criou a terra e todos os seres vivos. Depois da criação decidiu viver junto com todos os seres por ele criados.

voz firme, tudo nele ajudava a intimidar. Sem Medo perguntou se ele tinha nome de guerra. Como a resposta foi negativa, iniciou-se logo as sugestões e discussões para se batizar o novato. Finalmente decidiram por Vewê, o cágado. Batizaram todos os outros e ouviram a emissão. Quando na casa de Comando só ficaram os responsáveis, Sem Medo lamentou que só lhes mandavam mais bocas e não comida. Por isso recomendou ao Comissário que fosse à cidade cuidar do assunto e disse: *Se um de nós não vai, bem podemos morrer de fome, que os civis do exterior não se preocuparão. É assim esta guerra!* (p.70)

O Chefe de Operações ficou contrariado, pois queria ir a Dolisie passar uns dias com a mulher. O Comissário contesta que Sem Medo é quem deveria ir, pois há três meses que não sai. Sem Medo recusa e se justifica: *se eu fosse, iria partir a cara ao meu primo André, que nos manda estes caga-fraldas e não a comida.* (p.70) Comissário propôs o Das Operações, mas o Comandante diz que não, porque é preciso levar o Ingratidão para a prisão e o Das Operações era capaz de o deixar fugir, por ser parente dele. O Das Operações sorriu com meia boca, esgar que lhe ficou colado aos lábios. O Comissário exultou com isso: havia criado uma barreira entre os dois. Momentos depois, censurou-se por ficar feliz com o que se passou. Para se absolver, aceitou a missão. No outro dia parte o Comissário com um pequeno grupo e Sem Medo dirigiu-se com os novos recrutas para uma clareira, obrigando-os a uma série de exercícios e dando explicações sobre os rudimentos da guerrilha. O Chefe de Operações foi caçar. Mundo Novo, que tinha estudado na Europa, acompanhou os novatos por estar de folga. Lutamos está à toa, era habitual nas fugas à escola, mais ainda quando o Comissário estava ausente. Já tinha sido castigado por não estudar, mas não mudava. Assim se justificava: *Não é um que não quer estudar que vai estragar tudo. Eu nasci na mata, gosto é de caçar, de andar de um lado para o outro, fazer a guerra. Mas não gosto nada estudar. Já aguentei, aprendi a ler e a escrever. Sei mesmo fazer contas de multiplicar! Para mim já chega. O Comissário mobilizou-me, o ano passado estudei mesmo. Mas agora já chega, o Comissário já não consegue mobilizar-me mais.* (p.73)

O Comandante havia feito uma pausa nos exercícios e se aproximou a tempo de ouvir a conversa, advertindo Lutamos: *Quem não quer estudar é um burro e, por isso, o Comissário tem razão. Queres continuar a ser um tapado, enganado por todos... As pessoas devem estudar, pois é a única maneira de poderem pensar sobre tudo com a sua cabeça e não com a cabeça dos outros. O homem tem de saber muito, sempre mais e mais, para poder conquistar a sua liberdade, para saber julgar. Se não percebes as palavras que eu pronuncio, como podes saber se estou a falar bem ou não? Terás de perguntar a outro. Dependes sempre de outro, não és livre. Por isso toda a gente deve estudar, o objectivo principal duma verdadeira Revolução é fazer toda a gente estudar.* (p.75)

Na sequência adverte também o camarada Mundo Novo por ser ingênuo e crer que existe quem estude só para o bem do povo. É esse idealismo, que faz cometer muitos erros. Nada é desinteressado. Quando interrogado se não crê mesmo que haja alguém totalmente desinteressado, Sem Medo diz que o Comissário é em certa medida um desinteressado. Mas julga que é temporário. Ninguém é perpetuamente desinteressado. Perguntam: *Nem Lenine?* Ele diz que não sabe, que só pode falar dos homens que conheceu. Acredita que haja homens para quem só conta o bem dos outros e menciona Che Guevara, **Henda**¹⁵⁶, para só dar exemplo.

Mundo Novo olhou-o de frente, seus olhos se iluminaram e disse firme: *Para se lutar duma maneira coerente, é necessário um mínimo de optimismo, de confiança nos homens. Estou a pensar em mim e tu estás a pensar em ti, Comandante! Eu tenho confiança. Se tu não fores optimista, não poderás combater.* (p.76)

Sem Medo não se conforma como pode um novato lhe falar assim, se nem viu a verdadeira guerra e já é capaz de dizer que resistirá mais do que ele. Mentalmente censura quem vem da Europa com a ideia que o estudo do marxismo é uma poção mágica que os fará perfeitos na prática. Olhando o olhar firme de Mundo Novo, o Comandante o admira e pensa que talvez alguns precisem dessa fé para poder prosseguir duro caminho revolucionário. Reflete que todos temos um lado egoísta que pretendemos esconder. Séculos de economia individual construíram homens egoístas. Negá-lo é fugir à verdade. Enfim, o homem atual é egoísta. Por isso, é necessário mostrar-lhe sempre que o pouco conquistado não chega e que se deve prosseguir. Lutamos fora-se embora, para o lado do rio. Os novos guerrilheiros tinham parado as cambalhotas e esperavam o Comandante, que encerrou a conversa e foi cuidar nos novatos.

¹⁵⁶ José Mendes de Carvalho, mais conhecido por Hoji-ya-**Henda** (nome de guerra significando Leão do Amor), foi um comandante das FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) morto em combate. É hoje um herói nacional angolano e patrono da juventude angolana.

EU, O NARRADOR, SOU MUNDO NOVO

*Recuso-me a acreditar no que diz Sem Medo. Lá está ele, no meio dos jovens, rastejando contra o solo duro e húmido do Mayombe, enrouquecendo com os gritos e imprecções que blasfema, ensinando o que sabe, entregando-se aos alunos, e diz que o faz interesseiramente. Sem Medo é um desinteressado, a terceira camisa que tinha ofereceu-a ao guia, que acabou por fugir com ela. Se diz interesseiro. É pela vaidade de mostrar o que muitos escondem, é uma afirmação de personalidade. Eu não sou egoísta, o marxismo-leninismo mostrou-me que o homem como indivíduo não é nada, só as massas constroem a História. Se fosse egoísta, agora estaria na Europa, como tantos outros, trabalhando e ganhando bem. Sem Medo está errado. Mas como fazer-lhe compreender que a sua atitude anarquista é prejudicial à luta? Lá está ele, e ri quando um se fere, e zanga-se quando um hesita. No entanto, com que remorsos se revolveria no leito se um recruta se ferisse **gravemente!**¹⁵⁷ (pp.78/9)*

O Comissário corria à procura do responsável, André. Este marcara encontro num bar, mas não apareceu. Na manhã do dia seguinte, o Comissário estava na casa de André às sete horas, mas este já saíra. O Comissário mandou Verdade ficar no escritório, à espera, e partiu procurando por toda parte, mas nem rasto de André. Por fim, foi à escola do Movimento, em que Ondina ensinava. Pensou no seu pessoal sem comida. Sentiu raiva. Ingratidão tinha ido para a cadeia. Esperou por Ondina, perguntando a quem passava por André. Ondina avisada de sua chegada saiu da sala. Ela mostra-se amuada, aborrecida e ele explica sua situação. Mesmo assim, ela não muda.

Ondina viera há um ano de Angola. Estudara mais que ele. Mesmo depois de noivarem, isso sempre foi uma barreira. Se não acabasse com esses complexos, o amor deles falharia, dissera um dia Sem Medo. Mas o Comissário só tivera experiência com prostitutas, a desvantagem era grande em relação a Ondina que já conhecera outros homens. A primeira vez que fizeram amor foi provocada por ela, que comandou, enquanto ele se afligia, se inibia. A impressão de que o amor é melhor com uma **quitata**¹⁵⁸ custou a abandoná-lo, mesmo depois de várias relações com Ondina.

Ele falou novamente sobre a comida, o André, mas só viu mudança nela quando falou no combate. Ela ouvira falar, pergunta se foi perigoso, pegou-lhe na mão. Os olhos dela brilharam. O Comissário sentiu um calor subir-lhe pelo corpo e toda a amargura desapareceu. Beijaram-se. Mas ele precisava partir. A voz saiu triste: – *Ondina, tenho de ir. (...) Os camaradas têm fome... – Logo venho.* (p.82)

E saiu, a raiva toda concentrada em André, que o obrigava a correr-lhe atrás, o homem que tinha o dinheiro da comida. André chegou. Alto, ar de intelectual-aristocrata. Agarrou o Comissário pelo braço, levou-o para a varanda, confidenciando que estava com alguns problemas graves com os congolezes, e que não havia dinheiro. Mas arranjaría qualquer coisa aquela tarde. Comissário quis tratar do problema do Ingratidão, mas André adiou, dizendo que também queria tratar de outros assuntos. Meteu a mão no bolso e deu-lhe uma nota de 500 francos, dizendo que era para tomar uma cerveja com Ondina, e que agora iriam almoçar, aproveitar que uns congolezes ofereceram uma galinha. O Comissário vai ao almoço aborrecido, fica sempre calado, pensando que é fácil enfrentar o inimigo! Mil vezes mais fácil que certos problemas políticos. André promete arranjar ainda esta noite comida e um pessoal para ajudar a levar, mas que Comissário deve ficar, para que tratem de outros assuntos.

Depois do almoço, cruzou com Verdade, que acompanhava uma mulher e avisou que ele deveria partir ainda no mesmo dia para a base com um grupo de reabastecimento. Verdade vai-se, furioso, e Comissário fica se criticando: *Que direito tenho de mandar o Verdade para a Base, se, pela mesma razão, eu não vou?* (p.84)

Ondina recebeu-o a princípio com hostilidade, mas depois enterneceu-se. Saíram abraçados e entraram pelo capim, longe da escola. Pararam em baixo duma mangueira majestosa, onde fizeram amor uma, duas vezes, ele sempre desajeitadamente. Não conseguiam uma boa relação, e ela achava difícil tratar desse assunto com o noivo. Por isso, enveredava as suas relações para o lado intelectual. Ela inicia uma discussão sobre o modo como ele fala de André, ele fala dos 500 francos para cerveja. Ela diz que ele está sendo ingrato. Ondina julga

¹⁵⁷ Compactamos, mas preservamos a grafia, estilo e foco narrativo em primeira pessoa.

¹⁵⁸ O mesmo que prostituta.

que o André é um bom responsável. Sempre a preocupar-se com as necessidades dos militantes, mas o Comissário diz que ele só se preocupa com certas pessoas, não com os militantes. Ondina diz que a ela nunca faltou nada. Então tem uma ideia e diz ao Comissário: *Tu não gostas do André porque ele me trata sempre bem. Tens ciúmes dele.* (p.85) Ele nunca havia pensado nisso, mas agora sim, e diz a ela: *Pode ser que se interesse. Aqui não há muitas como tu, com estudos, bonita...*(p.86) Ondina diz que o que dizem de André sobre mulheres é calúnia e acaricia-o para apagar a ruga que se cavara na sua fronte. Por fim, para mudar a conversa, ela pede para falar do combate. O Comissário obedeceu-lhe, contando o que se passara.

Depois de contar, começa a ficar preocupado, porque havia dito antes, que ficaria uns dias, mas agora resolvera por problema de consciência, partir com o grupo que levaria comida. Ela percebeu sua cara de preocupação e perguntou o que era. Quando ele contou, ela soergueu-se e protestou, mas não adiantou.

O Comissário teve de esperar pelas oito horas, para poder avistar André. Este chegou no jipe com dez quilos de fubá e outros tantos de arroz e um pouco de peixe seco. Alegou que não conseguira mais. Falou que dentro de dois dias arrumaria mais e o Comissário levaria, mas este diz-lhe que não vai esperar, que partirá no mesmo dia. André se espanta, fala que já haviam combinado que ele ficaria, mas Comissário não admite. André convida para jantar e ele ríspido diz que não precisa jantar, e que com os 500 francos, vai comprar comida para os guerrilheiros. E sai, batendo a porta. Às quatro da manhã, quando se preparavam para partir, o Comissário fica sabendo que Verdade não iria com eles porque tinha autorização do camarada André para ficar. Teve vontade de arrancar André da cama e esbofeteá-lo. Ele não autorizara Verdade a ficar e André fizera-o. Ele partia para não dar um exemplo de abuso e o responsável encorajava os abusos. Quase com lágrimas nos olhos deu a ordem de partida. O cortejo de cinco homens meteu-se na mata, em passo acelerado, ritmado por um Comissário que fugia, para não desesperar, correndo para a sua Base, onde as coisas eram normais. O dia rompeu e o Comissário não parou. À frente do grupo, e o percurso durou só cinco horas e meia, quando geralmente eram necessárias oito. Ao ouvir o relato do Comissário, Sem Medo riu dele. Diz-lhe que tinha o direito de ficar uns dias em Dolisie, pois há meses que não saía e na Base não havia nenhum trabalho urgente.

Para piorar o estado emocional do Comissário, o Chefe de Operações pede a palavra e diz que não havia risco de morrer de fome, pois ele conseguira caçar uma cabra-monte, portanto teriam carne para uns dias. Diz que foi uma pena o Comissário ter-se esquecido de trazer mais óleo e sal, para se preparar a carne. Sem Medo elogia e diz que vai nomeá-lo caçador oficial da Base.

O Comandante pergunta sobre o Ingratidão e é informado de que ficou na cadeia de Dolisie. O Comissário foi tomar banho no rio. Sem Medo o acompanha e ouve a história de sua situação com Ondina.

Sem medo revela que há qualquer coisa que o choca, quando os vê juntos. É como se se vigiassem constantemente, uma espécie de desafio entre eles. Diz que eles ainda não se fundiram um no outro, nenhum dos dois se deixou fundir. Outro problema que Sem Medo percebeu, mas não diz ao amigo, só pensa, é que Ondina aos vinte e dois anos era uma mulher, sentimentalmente muito mais velha que o noivo, adolescente de vinte e cinco anos. Por fim, aconselha: *Vocês os dois podem completar-se, pois têm muito para ensinar um ao outro. Mas tu fechas-te no teu complexo, na consciência da tua incultura que, afinal, é só aparente; ela sente isso e considera-se intelectualmente superior, daí até ao desprezo só vai um passo. És tu que a levas a dar esse passo.* (p.92)

O Sol tinha se posto. O Comissário vestiu-se. Atendendo a pedido do amigo, Sem Medo dá-lhe alguns conselhos sobre o relacionamento: *Posso dar-te uma orientação, mas não os detalhes do procedimento. Há mulheres que amam a violência, que amam ser violadas, outras preferem a violação psíquica, outras a ternura, outras a técnica. Tens de estudar a Ondina, saber qual é o seu gênero e então traçar o teu plano.* (p.92/3)

Nesse momento passou Ekuikui, que voltava da caça, sem nada. Foram para a casa do Comando, onde se encontravam vários guerrilheiros, discutindo sobre o último jornal do Movimento que chegara de Dolisie. Fumando, alheio ao que acontecia Sem Medo relembra quando viu Ondina pela primeira vez.

Ela chegara à véspera a Dolisie. Ele vinha de Kimongo. Foram apresentados por um amigo. Ela enfrentara o olhar apreciador que ele lhe pusera, convidou-o para tomar um café no seu quarto. Ela sentou-se na cama, a saia curtinha subira e as coxas ficaram à mostra. Ele olhou-as e levantou o olhar lentamente do joelho à ponta da calcinha, depois continuou a subida até aos olhos que brilhavam, desafiadores, olhos de onça. Ela susteve o

olhar, esperando o resultado do exame. Ele voltou os olhos para a xícara. Ela esperava a reação. Sem Medo por vezes perdia-se na contemplação das coxas, era o que ela tinha de mais excitante. O que o fizera desinteressar de Ondina fora a certeza de que ela lhe teria sido uma presa fácil, demasiado fácil, nessa tarde em que se conheceram. Estava o Comandante nestas reflexões, quando Vewê entrou na casa e se sentou na sua cama. Ele reparou que o moço não pedira licença, era uma familiaridade rara, inédita em Vewê. O gesto agradou-lhe. Perguntou se ele havia perdido o medo. O rapaz disse que fez isso porque achou normal. Como o Comandante poderia também sentar na cama dele sem pedir autorização. Sem Medo sorriu. O ar tímido de Vewê enganava: tinha caráter, começava a mostrar as unhas. Não era cágado, era gato ou leopardo. Quem sabe se leão? Ia se tornar um bom guerrilheiro.

Quando Teoria entrou na cabana do chefe de grupo Kiluanje, estavam lá Milagre, Pangu-A-Kitina, Ekuikui, outros guerrilheiros e o jovem Vewê. Teoria notou que Kiluanje silenciara, mas voltou a falar: *O problema que há aqui é que o Comandante não tinha razão e o Vewê é um guerrilheiro, antes de ser primo dele.* (p.97) Pangu-A-Kitina era da opinião de que por ser primo podia lhe bater mesmo. Quem é kikongo defende o Comandante enquanto os que são quimbundos criticam. Teoria manda parar a discussão, mas ninguém liga. *Camaradas, parem por favor* – gritou Teoria, metendo-se no meio.

A discussão pega fogo, há ameaças de vários lados, relembra-se de tudo que houve de conflito entre as tribos, Teoria tenta várias vezes colocar um fim naquilo, mas nada consegue, até que a briga atrai mais gente e até o Chefe de Operações, que manda dispersarem. Ao se deitar Teoria se questiona se sua atitude teria sido a mais correta.

EU, O NARRADOR, SOU MUNDO NOVO.

Assistimos neste momento a qualquer coisa de novo na Base: o Comissário ousa afrontar o Comandante. O Comandante não passa, no fundo, dum diletante pequeno-burguês, com rasgos anarquistas. Formado na escola marxista, guardou da sua classe de origem uma boa dose de anticomunismo, o qual se revela pela recusa da igualdade proletária. Não é de bom grado que aceita a democracia que deve reinar entre combatentes e, por vezes, tem crises agudas e súbitas de tirania irracional. Defensor verbal do direito à revolta, adepto da contestação permanente, abusa da autoridade logo que a contestação se faz contra ele. O caso de Vewê pôs a nu toda a sua mentalidade de ditador. Este flagrante caso de abuso do poder levou o Comissário, que tem uma formação ideológica bem mais clara, a tomar posição a favor da linha de massas. Agora talvez vejamos a desejada união entre o Comissário e o Chefe de Operações fazer-se contra o Comandante, defensor do niilismo pequeno-burguês. Não há que lamentar divisões entre os responsáveis: elas são uma necessidade histórica. Por quê Sem Medo perdeu a cabeça? Falei com Vewê, soube da aposta que tinham feito, das palavras murmuradas pelo Comandante. Este fez uma ideia superior de Vewê, que o ousava desafiar, e ficou desiludido, ao verificar que a ousadia de Vewê era fruto duma aposta. Reagiu subjetivamente ofendido porque a ideia que fizera de Vewê era falsa. Como poderemos confiar num homem tão pouco objetivo? A Revolução é feita pelas massas populares, única entidade com capacidade para a dirigir, não por indivíduos como Sem Medo. O futuro ver-me-á apoiar os elementos proletários contra este intelectual que, à força de arriscar a vida por razões subjetivas, subiu a Comandante. A guerra está declarada. (pp.101/2)

No outro dia, esperaram, mas até meio-dia nada viera do exterior. A comida só daria para esse dia. O Comandante acordara mudo e não saíra da casa do Comando. Depois do almoço, a esperança de ver chegar um grupo de Dolisie acabou. Sem Medo chamou Lutamos e Muatiânvua e andaram até às três horas sem encontrar caça. Sem Medo ouviu uma conversa entre Lutamos e Muatiânvua sobre o que gostariam, ou seja, se fossem unidos e tivessem um comando unido, poderiam acabar com esse André. Fingindo-se alheio, o Comandante ordena avançarem. Andaram mais meia hora e saíram da mata, para uma montanha só com capim. A isso chamavam deserto. Acaba questionando os dois guerrilheiros sobre o que estavam conversando. Muitos acreditam numa rivalidade entre os superiores, mas Sem Medo garante aos dois que o que os une, a ele e ao Comissário, é muito forte. Calou-se, porque a voz lhe saía dificilmente, pela contração da garganta. Voltaram e no caminho apanharam chuva. Para piorar, foram surpreendidos pela noite. Sem Medo está ansioso para chegar e tomar um café fresco. E não era pelo café em si, mas porque era preparado pelo Comissário para ele, especialmente. Chegaram. O Comissário tinha mesmo preparado o café e encheu-lhe a lata que servia de caneca. Sem Medo bebeu o café e acendeu um cigarro. O Comissário pede para saírem, para

conversar, estava nervoso. Sem Medo pensa que discutir não adianta nada, é desenterrar o que já morreu, incapacidade de colocar uma pedra sobre o fato e caminhar para o futuro.

Sentaram-se sobre um tronco caído, à entrada da Base, o Comissário inicia pedindo desculpas pela crítica que fez ao Comandante, na frente dos outros. Diz que poderia ter feito, mas quando estivessem sós. Sem Medo também se desculpa pelo que disse a Vewê, mas discorda que não possam discutir e, principalmente, não possam fazer isso na frente dos subordinados. Crê que se isso fosse mais praticado, seria natural e ninguém ficaria como agora, crendo em desavenças, rompimentos.

Muatiânvua observa-os de longe. Ekuikui aproxima-se e pergunta se estão discutindo. Muatiânvua diz que estão apenas conversando. Continuam a falar sobre o partido e sobre as dificuldades que com certeza enfrentarão quando vencerem a luta e assumirem o poder. Entre suas ideias e princípios, o Comandante acredita que é demagogia dizer que o proletariado tomará o poder. Para fazer parte da equipe dirigente, é preciso ter uma razoável formação política e cultural. O operário que consegue, é o que passou muitos anos na organização ou estudando. Logo deixa de ser proletário, torna-se um intelectual. Sem Medo é contra o princípio de se dizer que um Partido dominado pelos intelectuais é dominado pelo proletariado. Acredita que essa é a primeira mentira, depois vêm as outras. Julga que se deve dizer que o Partido é dominado por intelectuais revolucionários, que procuram fazer uma política a favor do proletariado.

Continuando seu raciocínio, Sem Medo diz que tentar tornar o país independente é a única via possível e humana. Concorda que para isso, têm de se criar estruturas socialistas. Mas não devemos chamar a isso de socialismo, porque não é. Não se deve também dizer Estado proletário, porque não é verdade. Ele crê que não haverá democracia, mas fatalmente uma ditadura sobre o povo.

O silêncio ia invadindo a Base, era hora de recolher. Da casa do Comando saíam risos abafados dos guerrilheiros que escutavam a rádio. Muatiânvua e Ekuikui, sentados longe dos dois homens, tentavam perceber se o clima de confiança fora restabelecido. Comissário fala de quando conheceu o Comandante. Estava ele num bar a beber uma cerveja. Era um bar barulhento, como são os bares congolezes. Havia uma orquestra, entrara o Comissário com vários camaradas. Num canto, sozinho, estava Sem Medo com uma garrafa de cerveja à frente, garrafa vazia. Disseram-lhe que era o chefe de secção Sem Medo. Pensaram em sentar-se à mesa com ele, mas o Comissário em respeito a seu aspecto pensativo não permitiu. Sem Medo diz que gosta de estar assim, seja no isolamento da mata ou no meio de uma multidão de cidade grande.

Muatiânvua toca na perna de Ekuikui e sussurra que é melhor irem se deitar porque os dois se acertaram e estão de conversa mole. Sem Medo acende um cigarro. O Comissário diz ao amigo que acha que ele tem um segredo, uma coisa que o faz ser um solitário e que se quiser contar, sua boca não o revelará a ninguém. Ele diz que o fará mais tarde, mas acaba dizendo algo, aquela mesma história da briga com o garoto mais velho, que já contara ao Teoria. Acaba dizendo que se tornou um ser muito independente: *Tornei-me demasiado independente.*

Comenta o Comissário que o Das Operações está trabalhando na sombra. Toda a tarde esteve em conferência com os kimbundos, até mesmo com o Teoria... Chamou-o a sós! E garante que faz isso não por tribalismo, mas por ambição! Sem Medo aprovou com a cabeça. O Comissário disse: *Falou também a sós com o Mundo Novo, que depois me veio sondar.* (p.118) Sem Medo acredita que Mundo Novo não se meterá nessas coisas, desde que perceba que é por tribalismo. Ele é um teórico, mas tem estofo, e Sem Medo gosta dele por isso.

Comissário e Comandante acreditam que uma missão serveria para uni-los, mas como preparar a missão, se não há comida? Precisam resolver isso em primeiro lugar. Decidem que nenhum deles dois abandonará a Base. Resolvem enviar o Das Operações a Dolisie. Tranquilizados, Muatiânvua e o companheiro foram se deitar. Logo soava o toque de silêncio.

EU, O NARRADOR, SOU MUATIÂNVA

Meu pai era um trabalhador bailundo da Diamang, minha mãe uma kimbundo do Songo. O meu pai morreu tuberculoso com o trabalho das minas, um ano depois de eu nascer. Nasci na Lunda, no centro do diamante. O meu pai pegou com as mãos rudes milhares de escudos de diamantes. A nós não deixou um só, nem sequer o salário de um mês. Nasci no meio de diamantes, sem os ver. O mar foi por mim percorrido durante anos, de norte para sul, até à Namíbia, onde o deserto vem misturar-se com a areia da praia, até ao Gabão e ao

Ghana, e ao Senegal. Cheguei até à Arábia, e de novo encontrei as praias amarelas de Moçâmedes e Benguela, onde cresci. Até que, um dia, estava eu nos Camarões, ouvi na rádio o ataque às prisões, no 4 de Fevereiro. Onde eu nasci, havia homens de todas as línguas vivendo nas casas comuns e miseráveis da Companhia. O primeiro bando a que pertenci tinha até meninos brancos, e tinha miúdos nascidos de pai umbundo, tchokue, kimbundo, fiote, kuanhama. Querem hoje que eu seja tribalista! De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como de África? Não falo eu o swahili e o haussa? Qual é a minha língua? E agora, que utilizo o português? A imensidão do mar que nada pode modificar ensinou-me a paciência. O mar une, o mar estreita, o mar liga. Eu, Muatiânvua, de nome de rei, eu, ladrão, marinheiro, contrabandista, guerrilheiro, sempre à margem de tudo, eu não preciso de me apoiar numa tribo para sentir a minha força. (pp.119/20)

Capítulo III – ONDINA

A comida acabara, até a caça do Chefe de Operações. Os homens iam cada vez mais longe apanhar frutas e precisam marchar duas horas para chegar aonde havia comunas, que eram repartidas por todos. Havia muitos com diarreia, causada pelo óleo do fruto. Ekuikui passava a noite procurando caça. Ekuikui emagrecia a olhos vistos. Há quatro dias que o Chefe de Operações partira. Tinha enviado um mensageiro, avisando que a comida chegaria logo. Mas nada. Sem Medo dissera ao Comissário para evitar castigos em caso de conflitos tribais, pois a fome acentuava o nervosismo e o tribalismo. Tornou-se um mediador entre os adversários, em vez de juiz. Mundo Novo notou a mudança de atitude do Comissário e pediu para lhe falar. Mundo Novo crê que por ser Comissário, deveria ser inflexível. O Comissário encerra a conversa agradecendo: *Obrigado pelo conselho, mas conheço o meu trabalho. E peço a opinião a quem quiser... Até sou obrigado a ouvir as opiniões que me querem impor, como a sua...* (p.127)

O Comissário virou-lhe as costas e foi para a Base. O Comissário foi diretamente à casa do Comando. Estavam lá Teoria e Sem Medo. Os guerrilheiros, de fora, chamaram Teoria. Estava na hora das aulas, que eram seguidas com pouca atenção. Mas o Comando e o Professor insistiam nelas, pois, de qualquer modo, ajudavam a passar o tempo e a esquecer a fome. Teoria se foi. O Comissário e Sem Medo ficaram sós. Sem Medo percebendo o estado do amigo, perguntou o que havia. Conta ele a conversa que teve. O Comissário deitou-se perguntando o que deveriam fazer.

O Comandante diz que nada. Só esperar. O Comissário tem uma ideia, que é mudar a Base para perto daquela aldeia em que estiveram na última missão, eles poderiam abastecer o grupo. Falam do André. Ele deve ter dinheiro, mas nega por sabotagem. Comissário diz que não sabe, mas há vários motivos. Talvez porque a guerra leva à formação de mais quadros, que um dia o podem substituir. Comentam que André gasta com mulheres, mas não pode ser só isso. Aparece a ideia de provocar um levante. Seria fácil levar os guerrilheiros até Dolisie e o prenderem.

Sem Medo diz que toparia fazer o levante, se ele nascesse numa reunião de militantes e se a maioria o exigisse. Lembra que a última ação mostrou que há condições para a luta alastrar na região em que estão, falta apenas organização. E conclui: *O André está pois a sabotar o desenvolvimento da guerra. É um direito dos militantes o de o varrerem. Mas tinha de ser uma decisão tomada pela grande maioria dos militantes.* (p.131)

Lutamos entra bruscamente pedindo para caçar e o Comandante permite. Lutamos sai e o Comandante liga o rádio. A Emissora Oficial dava música de dança. Comissário volta a falar do levante. Sem Medo diz é capaz de suportar a fome facilmente, mas quanto menos se come, mais vontade de fumar se tem. Comissário pergunta como farão se o Das Operações não chegar? Comandante responde que terão mesmo de marchar sobre Dolisie, e brincando afirma: *Aí já terei um motivo sério que me fará esquecer os escrúpulos.* (p.132)

Sem Medo foi treinar os novos recrutas, que se queixavam de fraqueza, mas ele fez-se surdo aos protestos, obrigando-os a fazer os exercícios habituais, sem insistir tanto nos mais difíceis. Vewê continua a fugir ao seu contato, mas o Comandante colocava-o sempre perto de si e escolhe-o como parceiro nos exercícios de pares. Vewê obedecia, mas sem abrir a boca. Ofendido ou envergonhado? Certamente as duas coisas.

O treino é interrompido pelo aviso de aproximação de um grupo de homens. Os guerrilheiros correram para a entrada do caminho, só podia ser o grupo de reabastecimento do Chefe de Operações. O Chefe de Operações trazia novidades. Chamou o Comandante à parte e contou que André anda se escondendo, um escândalo, foi apanhado com a camarada Ondina... no capim!

Comentário: Provavelmente o leitor já previa isso, quando leu o diálogo dela com o Comissário.

O Chefe de Operações traz uma carta da Ondina que é entregue ao Comissário. E todos que ali estavam viram o Comissário passar do estado de deleite à estupefação, para terminar na apatia. Ondina na carta tinha explicado tudo, era evidente. Sem Medo sentiu admiração por Ondina, que tinha sido capaz de utilizar a primeira oportunidade para contar o que se passara.

O Chefe de Operações informa que a Direção já fora avisada e vão substituir o camarada André. Diz ainda que o Comandante tem de ir lá, assim como o Comissário. André era kikongo e Ondina noiva dum kimbundo. O clima está tenso em Dolisie. Pouco depois, Sem Medo encontrou o Comissário preparando-se para sair. Embrulhou o cobertor, meteu-o no sacador e apertou as correias. Meteu o **sacador**¹⁵⁹ às costas, pegou na arma e no cantil. Comandante perguntou aonde ia, mas ele deu-lhe as costas e saiu. Sem Medo foi atrás dele. O Comissário caminhava rapidamente. Ultrapassou a sentinela, atravessou o rio, tomou o atalho para Dolisie. O Comandante seguia-o a dez metros de distância. Em certo momento param e conversam. Comissário insiste em ir, está emocionado demais para ouvir a razão, mas Sem Medo coloca todas as dificuldades, todo o absurdo da situação, pois ele está sem autorização para viajar, à noite o perigo é muito grande, e ele não vai conseguir resolver nada nesse mesmo dia. O melhor é ir no dia seguinte e Sem Medo garante que irá junto. Em certo momento, Comissário chora. Sem Medo deixou-o chorar. O Comissário finalmente se acalmou e caminhou em direção à Base. Sem Medo seguiu-o. Mais uma vez, Comissário tentou dirigir-se à cidade, mas o Comandante novamente o reconduz à Base. Mais tarde, saem da Base e Sem Medo se lembra de uma conversa anterior e pergunta se o Comissário ainda queria conhecer o seu segredo.

Então, conta que quando tinha vinte e quatro anos, em Luanda, vivia com uma moça que se chamava Leli, uma mestiça. Em 1960 foram viver juntos. Por azar, a Leli convenceu-se que **gramava**¹⁶⁰ um outro. Ele narra os seus conflitos, suas dores, mas não se separaram e mais tarde, a mulher voltou a repetir que ia ter com o outro. E saiu de casa. Nessa noite ele sentiu o mais atroz ciúme. Queria percorrer o **muceque**¹⁶¹ à procura dela, imaginava matar os dois. Depois compreendeu que a vida tinha ficado monótona, os rasgos de amor tinham acabado e Leli era insaciável. Decidiu que a devia reconquistar. Para isso, certo dia mandou-a embora, terminou tudo. E ela foi viver com o outro, enquanto ele tornou-se amigo dela, confidente, saindo com outras, mas sempre se encontrando com ela para conversar, acompanhando o desmoronamento da vida amorosa com o outro. Até que certo dia, quando ela revelou que estava pensando arrumar um amante. Nessa noite convidou-a para sua casa. Colocou discos, dançaram e, por fim, agarrou-a. Ela só tomou consciência depois de terem feito amor. Procurou ainda lamentar-se, mas ele disse-lhe que era natural, que nada tinha a reprovar-se. Fizeram amor durante a noite inteira. No dia seguinte, ela foi buscar as suas coisas à casa do outro. Continua narrando como seus sentimentos e personalidade foram mudando até que: *Decidi então acabar de vez. Entrei em casa e disse-lho. Ela não acreditou. Repeti-lho: «Acabou, já não gosto de ti, habituei-me a viver sem ti.» Ela compreendeu por fim.* (p.145)

Continuando, diz que quando o 4 de Fevereiro estourou ele estava na organização clandestina e passou para o Congo. Leli procurava por ele, tentando reconquistá-lo. Ela fugiu de Luanda e quando tentava chegar ao Congo, foi apanhada pela UPA e assassinada.

Por isso, revela, não pode amar nenhuma mulher, pelo medo de magoar a Leli. Partiu em 1962 para a Europa. Aí conheceu e dormiu com muitas estudantes, mas nada demais. Em 64 voltou para a luta. E encerra com essa lição ao Comissário: *Compreendi, em primeiro lugar, que o verdadeiro homem, aquele que não pode ser dominado, é o que pode calar a paixão para seguir friamente um plano. Todo o sentimento irracionaliza e, por isso, incapacita para a ação. Que todo o dominador é em parte dominado, é essa a relação dialética entre o escravo e o senhor de escravos. Que as relações humanas são sempre contraditórias e que as não há perfeitas. Que a sorte sorri a quem a procura, arriscando. Que não há atos gratuitos e que não existe coragem gratuita, ela deve estar sempre ligada à procura dum objetivo. E que, quando alguém quer fazer uma asneira, debes deixá-lo fazer a asneira. Cada um parte a cabeça como quiser! Depois de ter a cabeça partida, aceitará melhor um conselho. Só se pode provar que um plano é mau, quando ele não atingir o objetivo proposto.* (p.146)

¹⁵⁹ Um tipo de mochila.

¹⁶⁰ O que no Brasil dizemos gamar, apaixonar-se.

¹⁶¹ Seria algo como favela, lugar de moradia dos mais pobres.

Comentário: Após essa, segue-se uma longa e fastidiosa conversa sobre o relacionamento amoroso, os tipos de mulher, a influência do mundo capitalista patriarcal. Isso faz lembrar *Canaã*, romance de Graça Aranha, em que a discussão ideológica entre Lenz e Milkau leva leitores interessados em ação a abandonarem o livro.

No outro dia partem da Base às sete da manhã, com mais três guerrilheiros. Meia hora depois subiam o Cala-a-Boca. Todos os lugares tinham nomes curiosos. Venceram o Cala-a-Boca e logo estavam no Congo. Chegadas a Dolisie, o Comissário partiu para a escola e Sem Medo foi ao escritório. O André ainda não aparecera e o membro da Direção tinha saído. Chegou um carro, trazendo um membro da Direção e um André amarrotado. André foi para seu quarto, vigiado por dois guerrilheiros armados. O dirigente mandou chamar Sem Medo e fala sobre André e o tribalismo, que segundo ele existe em todo o canto. Sem Medo revela que, sem saber o que se passava, estava para marchar sobre Dolisie e prender André, porque estavam famintos e a comida não chegava. Discutem sobre a atuação demorada da direção. O dirigente declara que precisam arranjar um substituto para o André. Vão almoçar, o que fazem em silêncio. Terminando, fumam em silêncio, observando-se. Só então o dirigente diz que foi bom Sem Medo ter vindo, pois é preciso colocar alguém no lugar de André. Enquanto não vem o novo responsável, encarrega Sem Medo de se ocupar de Dolisie. Não aceita protesto e diz que é necessário, mas promete que não será mais do que uma semana.

Sem Medo então fala de seus subordinados e suas competências: Mundo Novo, Teoria, quase prontos para quadros políticos; e Muatiãnvua, o Chefe de Operações, Milagre, Verdade que são os melhores combatentes. O dirigente pergunta se ele acha que o Mundo Novo serviria para Dolisie. Sem Medo termina o cigarro, pensa e diz que gostaria de ficar mais um pouco com ele na guerrilha para saber se é realmente um duro como parece. Admite que é sujeito decidido, tem boa formação, conhecimentos de organização e é dinâmico. Levantaram-se da mesa. Encostaram-se à varanda. Pediram um café e Sem Medo é informado de que será transferido, mas não se sabe ainda para onde, mas será para lugar em que vai abrir uma nova Frente. O café chegou, finalmente. Tomaram-no em silêncio e Sem Medo se lembra do Comissário, então exclama: *Olha, aí está quem me pode substituir.*(p.162)

O Comissário encontra Ondina, faz com que conte o que aconteceu, não admite separação, apesar de ela dizer que não o ama mais. Em toda a conversa ela o chama pelo seu verdadeiro nome, João. Ele atira-a a cama, transa com ela, depois se põe a chorar. Isso a comove. Acaricia-o e transam de novo com mais tranquilidade e sensualidade. Ele sai contente e procura Sem Medo a quem narra tudo que aconteceu, dizendo que a perdoa e pretende ficar com ela. Ele a deixa e vai até Sem Medo, que o aconselha a terminar com Ondina, compara o relacionamento ao vício de fumar: *Liberta-te, João, salta no abismo, recusa o último cigarro.* (p.168)

EU, O NARRADOR, SOU ANDRÉ.

Eis-me no comboio, a caminho do desterro. Todos aqueles que me lisonjeavam, que andavam à minha volta fugiram com medo dos kimbundos. Não conseguiram eles libertar o Ingratidão? Sem Medo conseguiu o que queria. Sempre desejou o meu lugar. Ingratidão escapou da cadeia. Sem Medo e o seu grupo planejam então o golpe da Ondina. Foi no bar que o desejo veio. Ela olhava-me a desafiar. E depois, no jipe, as suas coxas a abrirem-se. E ela aprestou-se ao complô, porque é uma vaca que gosta de homem e porque assim o seu Comissário vai subir. Em Brazzaville não me liquidarão. Sempre tenho os meus apoios, não da plebe. Tenho apoios bem colocados, que têm influência. Farei a minha autocrítica para desarmar os adversários e isso dará possibilidades aos meus amigos para me defenderem. (Compactado p.168 a 171)

Comentário: O leitor já deve ter percebido que cada confissão dessas intercalações de narradores procura mostrar a visão relativa e subjetiva, muitas vezes, como nesse caso, enganando a si mesmo com uma mentira.

No dia seguinte pela manhã. Sem Medo, já como responsável de Dolisie, acompanhou André ao comboio. O Comissário dirigira-se para a escola. O dirigente determinou que Ondina morasse no bureau, enquanto o seu caso não fosse resolvido. O Comissário foi ajudá-la na mudança. Na estação souberam da fuga do Ingratidão do Tuga. O dirigente disse ao Comandante que ele teria que resolver isso. O comboio desapareceu na curva. Sem Medo sentiu-se só. Entrou no jipe e foi até a cadeia.

Sem Medo interrogou a todos sem conseguir qualquer informação útil, então Sem Medo mandou que Mata-Tudo e o Katanga fossem presos, porque um deles ajudara o Ingratidão a fugir. Vão cumprir a pena dele,

enquanto não se souber o que aconteceu. E determinou que se algum deles fugisse, ficaria responsável o Chefe do Depósito. Todos murmuram, e o Comandante discursa: *O Ingratidão é kimbundo, a maioria de vocês também o é. Algum malandro aproveitou a confusão de Dolisie para o libertar. Pensaram que se não tomariam medidas porque, como o André é kikongo e cometeu crimes, ninguém ousaria tomar uma medida contra um kimbundo. Pois eu tomo!* (p. 173)

O Chefe do Depósito aprovou com a cabeça, mas os outros guerrilheiros protestavam contra a arbitrariedade. Sem Medo encontrou o Comissário no bureau, e este lhe pediu para conversar com Ondina, que se recusa a continuar com ele. O Comandante vai, mas nada consegue porque ela resiste e justifica que precisa encontrar um homem que se não deixe dominar. Diz que respeita muito o João para abusar dele. Sem Medo pensara que ela era apenas uma personagem de mulher livre, criada por si própria. Viu que se enganara. Saiu do quarto, pensando em como falar ao Comissário. Acabou sendo direto e franco: *Nada a fazer, João.* (p.176)

O Comissário, revoltado, procura ofender Sem Medo, chama-o de ciumento e diz que chega a pensar que ele é homossexual, que queria vê-lo solitário como o próprio Sem Nome. Para que só tivesse a ele como protetor. Sem Medo dá-lhe um bofetão. Ele não revida, diz que não vai lutar e sai, batendo a porta. Sem Medo deixa-se cair na cadeira. O Comandante foi para um bar e bebe. A mão ardia-lhe com a violência da bofetada. Ao voltar ao bureau encontrou Ondina, que lhe conta que o Comissário fora ao quarto dela dizer que ambos não iriam destruí-lo, que vai mostrar do que é capaz; *Disse também que partia imediatamente para a Base. Tu ficavas aqui como responsável, ele ia comandar a Base.* (p.180)

Sem Medo julga que tudo isso é bom, indica amadurecimento. Convida Ondina para almoçar, mas ela recusa e ele almoça sozinho. No dia seguinte, um velho pediu para falar ao responsável. Vem avisar que os tugas fizeram um acampamento no Pau Caído, lugar que lhes permitiria facilmente vigiar as entradas e saídas. E estavam a um dia de marcha da Base, com um caminho quase direto. O velho encontrara o Comissário e avisara, sem que este lhe pedisse para avisar o Comandante, que logo pensou: *o Comissário quis assumir sozinho a responsabilidade.* (p.182) O Chefe do Depósito chegou, sabia do problema dos tugas. Sem Medo pediu para que o Depósito ficasse de prevenção. Ninguém pode sair e devem preparar as armas. O Chefe do Depósito saiu e entrou Ondina.

EU, O NARRADOR, SOU O CHEFE DO DEPÓSITO

É a segunda noite que não vou dormir, por causa dos presos, para que não fujam. Fui combatente na Primeira Região, servi de guia aos grupos que do Congo entravam em Angola ou saíam para o Congo. Doente, fiquei a trabalhar no Depósito. A saúde não me permite estar na guerra e sofro. Mas tomar conta do material de guerra também é fazer a revolução. Lá em Quibaxe, eu já era homem e casado, quando começou a guerra. Entrei na guerra, sabendo que tudo o que fizesse para acabar com a exploração era correto. Os traidores impediram a luta de crescer. É mentira dizer que são os kikongos ou os kimbundos ou os umbundos ou os mulatos que são os traidores. Estão em todo canto. Por isso, Sem Medo tem razão. Por isso não durmo, para que haja justiça. Aprendi que as palavras só valem quando correspondem ao que se faz na prática. Sem Medo fala como age. É um homem sincero. Eu aprecio-o e não desconfio dele. (pp.184/5)

Comentário: Novamente percebemos a função dessa intercalação, mostrando aqui a visão que tem um personagem aparecido há pouco e que, também, prepara a ação que se prenuncia. Continuamos compactando sem mudar o foco narrativo nem o estilo.

Capítulo IV - A SURUCUCU

Sem Medo espera notícias da fronteira ou da Base. Outro dia passa e a preocupação diminui. Talvez fosse apenas engano ou exagero do mujimbo. Ao jantar, só havia Ondina. Depois de comerem, foram para a varanda, deserta e escura. Sentaram-se no chão de cimento se puseram a conversar. Falaram do problema da traição, do comportamento sexual e amoroso dos outros e de si mesmos. Contam casos passados, o Comandante fala de um amigo seu que era libertino. Ondina pede um cigarro e diz que é uma libertina. *Não acredito numa palavra – disse Sem Medo.* (p.195) A certa altura o desejo entrou a sério nela. Sem Medo

deixou-se penetrar aos poucos pelo desejo dela. Depois puxou-a para si. Ondina ofereceu os lábios e foram para o quarto. Abraçou-a. Beijaram-se longamente. Só então ele a levou para a cama. Transaram. Fumaram. Voltaram a conversar. Ondina oferece-lhe o peito. Sem Medo morde levemente o bico da mama e ela torce-se para trás, entregando-se. Ele afasta-se.

– *Porque não vens?* – disse ela.

– *Ainda não acabei o cigarro.*

– *És odioso!*

Ele sorriu. Afiagou-lhe as coxas com a mão livre e ela apertou-lhe a mão.(p.198)

– *O passado não se apaga, Sem Medo.* (p.199)

Voltam a falar do Comissário, Sem Medo crê que ela poderia voltar a viver com o João, mas ela confessa que gosta de conhecer novos homens. Ela, depois, afirma que com o Comandante, sim, ficaria, com ele viveria. Ele pede para ficarem apenas naquela noite, inesquecível. E conclui: *Para que estragar tudo, procurando a continuidade impossível? Há coisas feitas para serem únicas, tal esta noite.* (p.200)

Foram acordados por batidas na porta. Ondina escondeu-se atrás da porta, coberta pelo lençol. Sem Medo perguntou o que era e a voz gritou que a Base fora invadida. Sem Medo atrapalhou-se a vestir as calças, abriu a porta. Vewê estava do outro lado, cansado repetiu:

– *Os tugas atacaram.*

– *O Comissário?*

– *Não sei. Eu estava no forno, ouvi as rajadas, vi os camaradas a correr, a fugir, fui à minha casa buscar a pistola que tinha deixado lá. Os camaradas fugiram para o sítio onde estava o inimigo.* (p.200)

Sem Medo procurou as botas, enfiou-as, vestiu uma camisa de farda, passou a cartucheira à volta da cintura e pegou na AKA. Avisou Ondina que iria buscar gente no Depósito. Ela apertou-lhe as mãos, suplicando: *Tens de o salvar. Por esta noite, por mim, tens de o fazer.* Comandante exclamou: – *Afinal gostas mesmo dele! Ondina deixou-se cair, soluçando, sobre a cama.* (p.201)

No jipe, a cem por hora para o Depósito, Vewê contava: *O camarada Comissário trouxe a notícia que os tugas estavam no Pau Caído. Mandaram um grupo patrulhar a montanha à frente do Pau Caído. Afinal o inimigo já tinha avançado, porque nos atacou.* (p.201) O Chefe de Operações liderava o grupo. Chegaram ao depósito. Sem Medo comunica ao Chefe que a Base fora atacada. Ordena que levem o caminhão para recolher todos os civis que possam dar tiros. Ele levaria os guerrilheiros no jipe. Os homens subiram para os dois carros e estes arrancaram a grande velocidade. Atravessaram a cidade adormecida e meteram-se pelo mato, a caminho da fronteira. Ao lado do Comandante, que continuava a guiar o jipe, ia Vewê.

O Chefe de Operações tinha ficado à espera deles na cascata, segundo Vewê, que completou: *Ele disse logo que o camarada Comandante ia vir com um reforço, não se ia deixar ficar em Dolisie à espera do mujimbo.* Comandante, orgulhoso, complementa: *E que reforço! Viste como todos se ofereceram? Esqueceram as tribos respectivas, esqueceram o incômodo e o perigo da ação, todos foram voluntários – bateu na perna de Vewê. – É por isso que faço confiança nos angolanos.* (p.203) O jipe continuava correndo, lançando uma nuvem de pó, que até provocou atraso ao caminhão.

O dia já nascia e a fronteira estava diante deles. Pararam os carros. Camuflaram-nos com ramos e capim. Puseram-se em coluna. Sem Medo disse: *Vamos encontrar o grupo do Chefe de Operações na cascata.*(p.204) O Chefe do Depósito vinha logo a seguir ao Comandante. Cansado pelas noites sem dormir, doente, escondia o esforço para acompanhar o ritmo de Sem Medo. Os guerrilheiros que formavam o grupo do Chefe de Operações vieram ao seu encontro; entre eles, Mundo Novo. Abraçaram-se. Eram nove. O Comandante trouxe trinta. Gente suficiente para atacar a Base, se o inimigo ainda estivesse lá. Partiram, Das Operações à frente por causa das minas, vários guerrilheiros se puseram entre Sem Medo e o Chefe de Operações, que abria a mata à catanada. Marcharam todo o dia, sempre pelo mato, evitando o caminho. Às seis da tarde, exaustos, chegaram a quatrocentos metros da Base. *Não podemos avançar mais – disse Sem Medo. – Atacaremos de madrugada.* (p.206)

Havia cerca de 24 horas que nenhum deles comia, pensou Sem Medo, e ninguém parecia pensar nisso. Alguns

guerrilheiros adormeceram, mal se deitaram. Sem se conter, o Comandante e o Das Operações descalçaram as botas e avançaram cautelosamente, evitando pisar os ramos secos. O Chefe de Operações ia à frente, caminhando como um gato. Ao fim de meia hora, chegaram ao rio. Tinham andado cem metros. Aproximaram-se da Base e ouviram vozes abafadas. Havia gente. Mantiveram-se deitados uns quinze minutos. Não conseguiam perceber nenhuma palavra, nem distinguir uma voz conhecida. Sem Medo decidiu voltar. Refizeram o mesmo caminho, agora mais depressa. Mesmo assim, levaram meia hora a atingir os outros guerrilheiros.

EU, O NARRADOR, SOU O CHEFE DE OPERAÇÕES.

Não durmo, nesta noite que não acaba. Sem Medo, a meu lado, também não dorme. Mas não posso falar com ele. Nunca pudemos conversar. Ele é um intelectual, eu um filho de camponês. Nos Dembos¹⁶², os homens viviam miseráveis no meio da riqueza. O café estava em toda a parte, abraçado às árvores. Mas roubávamos nos preços, o suor era pago por uns tostões sem valor. E as roças dos colonos cresciam, cresciam, atirando as nossas pequenas lavras para as terras mais pobres. Massacramos os colonos, destruímos as roças, proclamamos território livre. Éramos livres. Vim para o Congo e no MPLA aprendi a fazer a guerra, uma guerra com organização. Também aprendi a ler. Aprendi sobretudo que o que fizemos em 61, cortando cabeças de brancos, mestiços, assimilados e umbundus, era talvez justo nesse momento. Era uma necessidade histórica, como diz o Comissário Político. Percebo o sentido das palavras, nisso ele tem razão. Só não tem razão em estar do lado do Comandante, que é kikongo. Perdida a guerra de 62, os kikongos infiltraram-se no MPLA. O Comissário diz que, se avançarmos a luta em Cabinda, as outras regiões estarão aliviadas, porque o inimigo terá de dividir forças. É verdade. Por isso, luto aqui. Mas não por Cabinda, que não me interessa. Luto aqui para que a minha região tenha menos inimigos concentrados nela e assim possa ser livre. Mas Sem Medo é um homem. Quando combate, tem o mesmo ódio ao inimigo que eu. As razões são diferentes, mas os gestos são os mesmos. Por isso o sigo no combate. O mal dele é ser um intelectual, é esse o mal: nunca poderá compreender o povo. (pp.209/10)

Finalmente cinco horas. Foram despertando os homens, que foram divididos em dois grupos de cerca de vinte homens cada: um, comandado por Sem Medo, que avançaria pelo rio para assaltar a Base, outro, comandado pelo Chefe de Operações, que deveria dar a volta à Base e apanhar o inimigo por trás, quando este tentasse fugir pela montanha.

Sem Medo fez aos homens o sinal de avançar. Deu ele próprio o exemplo, refazendo o caminho da véspera. Avançava de cócoras, limpando o terreno com as mãos, evitando assim que um guerrilheiro pisasse em pau seco. Ao fim de certo tempo, as coxas e os músculos das nádegas doíam atrozmente. Mas era o único processo. Se aparecesse uma cobra? Só faltava mais essa, pensou ele. Chegaram ao rio em vinte minutos. Pararam na última curva do rio. Já perto, Sem Medo segredou aos homens: *Um de cada lado do rio, com dez metros de intervalo. Sem Medo viu Mundo Novo colocar-se na primeira posição, do outro lado do regato. É corajoso, vai dar um bom responsável de Dolisie. (p.214)*

Sem Medo e Mundo Novo fizeram a curva. Estacaram de repente. A quinze metros deles estava um homem claro, lavando-se no rio. Se um tuga se lavava, outros viriam a seguir. Aproximaram-se sem ruído. Cinco metros de distância. O soldado estava completamente ensaboado. Se pudesse chegar até ele e apunhalá-lo, tudo estaria salvo. Se o soldado se virasse, ele matá-lo-ia. Depois correria, sozinho, para comandar o assalto e fechar a saída do inimigo. O mulato ouviu o barulho duma pedrinha e virou-se: viu os guerrilheiros, viu a AKA de Sem Medo apontada para ele e ficou apático, as pernas afastadas, no meio do rio. Os braços foram-se afastando do corpo, até ficar na posição de Cristo na cruz. Sem Medo reconheceu Teoria. Segundos de hesitação. Os guerrilheiros aproximavam-se do alto da falésia. Sem Medo avançou para Teoria.

Conversam. Teoria nada sabe de português ou invasão à base. Nada disso aconteceu. O Comandante fica confuso. Sem compreender nada, avisa seus homens que na Base estão só os companheiros. Os guerrilheiros da base saem as armas na mão. Viram os outros que chegavam de armas na mão. Passados os primeiros momentos de surpresa, os guerrilheiros correram uns para os outros. Abraçaram-se. Os que ficaram na Base eram só doze, ficaram felizes de receber mais companheiros. Os que chegavam riam de os ver vivos. A

¹⁶² Etnia do norte de Angola.

confusão de gritos e risos e abraços foi tumultuosa.

Os responsáveis foram para a casa do Comando. O Comissário explicou que Teoria tinha ido ao rio, de repente viu avançar uma surucucu. Deu-lhe uma rajada e logo uma outra. Depois, quando o Teoria veio explicar o que se passara, notaram a ausência de Vewê e do camarada que estava de guarda. Os guerrilheiros que acabavam de chegar ouviram, espantados. Ao ouvir isso, Vewê, desamparado, exclamou: *Então estraguei tudo*. A explicação do mal-entendido é que o Comissário gritara «apanhem os abrigos» e ele pensou ouvir «apanhem vivos».

O Comandante ri alto e o Comissário não acha graça. Vewê encolhia-se num canto, fascinado pelo Comandante, que se justifica: *prefiro que tenha sido uma surucucu que o tuga a invadir a Base*. Sem Medo considera que ter conseguido reunir todo esse grupo em pouco tempo, foi o mais extraordinário sinal de solidariedade coletiva que já viram. Decidem fazer uma reunião para julgar Teoria e Vewê pelo que provocaram. Depois de almoço, houve a reunião geral. Vewê não foi castigado, por votação da grande maioria dos guerrilheiros. Teoria teve a atenuante de afirmar que a surucucu o ia atacar. Foi castigado a fazer guardas suplementares durante um mês. Na manhã seguinte, houve reunião do Comando. Decidiu-se atacar o Pau Caído, para obrigar o inimigo a retirar o acampamento. Aquele acampamento era uma espada colocada atrás da Base guerrilheira. Sem Medo e o Comissário despediram-se com um frio aperto de mão.

EU, O NARRADOR, SOU O CHEFE DE OPERAÇÕES.

Mais uma vez Sem Medo provou ser um grande comandante. Mais uma chapada no orgulho do Comissário, que pretende opor-se ao Comandante, e acaba por cair no ridículo. Os guerrilheiros perceberam e admiraram Sem Medo. Ele é assim: quando há que defender um camarada, esquece tudo e atira-se para a frente. E aquela gargalhada? Não é mesmo de rir que uma surucucu tenha provocado tudo isso? Hoje, Sem Medo ganhou o apoio dos guerrilheiros da Base e dos de Dolisie. Não se fala de outra coisa, só se fala do Comandante. Esqueceram que ele é kikongo, só vêem que ele é um grande Comandante. Se todos assim pensam, sobretudo o Chefe do Depósito que já é um mais velho, talvez então seja verdade. Começo a pensar que fomos injustos para ele. (p.220/1)

Capítulo V - A AMOREIRA

Sem Medo voltou a Dolisie, acompanhado pelos civis. Os guerrilheiros que tinham vindo em reforço aceitaram ficar mais uns tempos na Base, para participarem no ataque. Ficou combinado que as suas coisas seguiriam imediatamente para o interior: cobertor, mochila, etc. O Comandante estava maravilhado com o entusiasmo dos combatentes. O Chefe do Depósito queria ficar, mas Sem Medo insistiu com ele para voltar a Dolisie.

No caminho, Sem Medo sentiu alegria por ir reencontrar Ondina. Há muito tempo que se não fazia uma ação tão importante e fora ele que comandara. Ao chegarem à cidade, Sem Medo encontrou logo o envelope com aviso da Direção: Mundo Novo era nomeado provisoriamente responsável de Dolisie. Sem Medo retomava imediatamente as suas funções de Comandante, e devia preparar a sua transferência para o Leste. Ondina quer ir encontra-lo no Leste. Sem Medo saiu e despachou um camarada para a Base, a convocar Mundo Novo. Em seguida, correu à cidade, escolhendo os poucos guerrilheiros que restavam, preparando os morteiros e as armas, comprando conservas para a missão. Quando voltou, Ondina quis ficar com ele, mas mandou-a para o quarto dela, mas a noite foi povoada por sonhos com ela. No outro dia, levantou-se com o Sol que raiava, os olhos pesados e a cabeça doendo. Ao fim da tarde, chegou Mundo Novo. Prepararam a missão em conjunto: obtiveram mais vinte guerrilheiros; o efetivo seria de cinquenta. A partida era para o dia seguinte de manhã.

Pouco depois de se deitar, Sem Medo ouviu o velho Kandimba chamá-lo de fora. Ele trouxe alguém que se apresentava como voluntário. Era o mecânico que estava na turma que cortava árvores. Veio para trabalhar no Movimento. O Comandante depois de hesitar, abraçou-o. O mecânico disse que foi motivado por, aquela conversa que os camaradas tiveram com eles. Concluiu: *Mas o que me convenceu mesmo foi quando os*

camaradas se arriscaram tanto para me devolver o dinheiro. (p.229) Continua dizendo que há mais que querem vir, outros querem ficar lá e ajudar os camaradas. Sem Medo diz que, também é muito importante, camaradas que fiquem nos kimbos, para darem informações e para ajudarem em tudo o que for preciso.

Sem Medo arrumou algo para que ele comesse, indicou-lhe onde dormir. Pediu que no outro dia falasse com Mundo Novo, que era o responsável dali e foi-se deitar sorrindo. Não conseguia dormir, pensando em Ondina. Foi ao quarto dela, que estava à sua espera. Fizeram amor. Desesperadamente. Sem Medo sabia que era a última vez: depois da missão, só voltaria a Dolisie quando recebesse a ordem de partida para o Leste. Conversaram mais um pouco, e amaram-se de novo. Ela pergunta se ele sabe para onde vai, mas ele não tem certeza, acha apenas que o objetivo será a Serra da Cheia, na Huíla. Ou o Huambo. Ela fala em pedir transferência para o mesmo lugar, mas ele insiste mais uma vez, que não quer e que ela deve ser do João, um João diferente, que ela ainda não conhece.

Às quatro horas, Sem Medo levantou-se. A longa comitiva de guerrilheiros, mulheres e pioneiros chegou à Base ao meio-dia. Sem Medo viu o Comissário ficar descontente ao vê-lo. Queria comandar o ataque sozinho. Levou-o ao rio, onde sempre conversavam. Sem Medo então lhe diz: *Vou ser transferido para a Frente Leste, possivelmente para a Huíla. É para abrir uma nova Região. Tu substituir-me-ás aqui. É possível que esta seja a minha última operação em Cabinda.* (p.234) Continua, dizendo que não comandará porque Comissário tem competência para fazer isso e deve ganhar experiência.

O Pau Caído ficava ao lado dum morro acessível, no qual se podiam instalar os morteiros. O grupo de assalto ficaria no único lugar possível de fuga para o inimigo, do lado oposto ao morro dos morteiros. O objetivo era liquidar o inimigo, obrigá-lo a abandonar o Pau Caído. O Muata comandará a artilharia, dez homens. O Comissário comandará o grupo de assalto, trinta homens. O Comandante participará do grupo de assalto, mas sob o comando do Comissário. Partiriam no dia seguinte. O ataque seria de madrugada.

EU, O NARRADOR, SOU LUTAMOS.

Vamos amanhã avançar para o Pau Caído. Missão arriscada, pois ou são eles ou somos nós. O Pau Caído ocupado pelo inimigo representa mais um punhal no povo de Cabinda. E onde está esse povo? Deixa-se dominar, não nos apoia. A culpa é dele? Não, a culpa é de quem não soube convencê-los. Amanhã, no ataque, quantos naturais de Cabinda haverá? Um, eu mesmo. Um, no meio de cinquenta. Como convencer os guerrilheiros de outras regiões que o meu povo não é só feito de traidores? Como os convencer que eu próprio não sou traidor? As palavras a meia voz, as conversas interrompidas quando apareço, tudo isso mostra que desconfiam de mim. Só o Comandante não desconfia. Entrámos no mesmo ano na guerrilha. Eu era o guia, ele era o professor da Base. Não queriam que ele combatesse, davam-lhe os comunicados de guerra para escrever. Até que um dia ele exigiu que o deixassem combater. Nunca mais escreveu os comunicados de guerra, passou a vivê-los. Estivemos sempre juntos, ele sabe que não trairei. Depois de amanhã, no combate, serei como o Sem Medo. (pp.235/6)

A progressão até ao Pau Caído passou-se normalmente. Por vezes, viam novos trilhos, abertos pelo inimigo, procurando a Base. As patrulhas de reconhecimento iam e vinham, estudando minuciosamente o terreno. Qualquer choque prematuro estragaria o efeito de surpresa. O grosso da coluna avançava em etapas curtas, de uma hora de marcha. Às três da tarde estavam a quinhentos metros do acampamento. Ouviam-se vozes, gritos e gargalhadas. O grupo de artilharia separou-se, foi ganhar o morro onde pernoitaria. O fogo começaria exatamente às seis da manhã.

Comeram às cinco horas. Nessa altura, deslocou-se o grupo de bazukeiros, comandado pelo Chefe de Operações. Tomariam posições à noite, antes de dormir, e às seis menos dez progrediriam para o acampamento. Teoria comenta com Sem Medo: *É pena ir embora. Fazes falta aqui. Agora que isto tinha possibilidades de crescer...*(p.237). Sem Medo conta que o mecânico que tinham apanhado está em Dolisie para integrar-se no Movimento. Deitaram-se. No dia seguinte seria o combate, o seu instante supremo de medo e, em seguida, quando o fogo começasse, a libertação. Virou-se para Teoria. Este ainda não dormia. Sem Medo segredou-lhe: *Os problemas do Movimento resolvem-se, fazendo a ação armada.*(p.237)

Levantaram-se às cinco e um quarto. O Comissário aproximou-se e sugeriu:

– *Camarada Comandante, não é melhor dividirmos dois grupos? Um comandado por mim e outro por si? Mas que fiquem próximos um do outro. É mais fácil.*

– *De acordo. Mas quem dá as ordens és tu. (p.238)*

Avançaram como gatos. Os sacadores tinham ficado no ponto de recuo, onde tinham dormido. A progressão fez lembrar a Sem Medo a marcha de madrugada para atacar a Base. Muito diferente. Agora avançava, seguro que o inimigo estava lá, mas só com os seus fantasmas. Chegaram a cinquenta metros do acampamento. Os dois grupos dividiram-se, fechando completamente a fuga do inimigo. Se os morteiros e as bazukas trabalhassem bem, os tugas fugiriam. Só poderiam fazê-lo pela esquerda, onde se encontrava o grupo do Comissário. Desde que os obuses começassem a cair, os dois grupos avançariam mais para preparar o assalto. O plano não podia falhar, o inimigo ia perder uma companhia no combate. Sobretudo, o povo saberia e diria que realmente o Movimento era muito forte. Isso era o fundamental. Faltavam cinco minutos para o início do fogo. Faltavam dois minutos. E depois um. Os homens olhavam os relógios. Sem Medo observou-os. No seu grupo estava Verdade, calmo como sempre; Teoria, mordendo nervosamente um capim; Muatiânvua, olhando para ele, esperando as suas ordens; Pangu-A-Kitina sorriu-lhe. E depois já não faltava nada. Os primeiros obuses fizeram estremecer o deus Mayombe. Os macacos saltavam de árvore em árvore, guinchando. Muata era eficiente, os obuses caíam a um ritmo diabólico, bem no meio do acampamento. Os tugas gritavam, gemiam, insultavam. Depois Sem Medo ouviu a primeira bazukada. Fora Milagre. O primeiro grupo inimigo que compreendeu o que se passava precipitou-se para uma trincheira. Milagre levantou-se, avançou dois passos e lançou um obus que aniquilou os inimigos antes que se instalassem na trincheira. Os que corriam para a segunda trincheira ficaram estupefatos, inertes, vendo Milagre, de pé, o peito descoberto, carregando a bazuka. Mas foi outro guerrilheiro que colocou o segundo obus no meio do inimigo. Houve ainda um terceiro grupo que tentou progredir até aos abrigos, mas a AKA do Chefe de Operações e as Pépéchás cantaram alto e Milagre terminou com eles, mais uma vez. Só lhes restava a fuga. Sem Medo percebeu um vulto esguio que saltava no ar e rebolou, agachando-se. Era João, que avançava para o inimigo. Loucura, pensou Sem Medo. O Comissário levantou a cabeça e olharam-se. Sem Medo fez um gesto imperioso de parar. João encolheu os ombros e deu mais uma cambalhota, o que o fez desaparecer. Então, Sem Medo viu a cena. Como num filme. João avançou para ficar à frente do inimigo, mas não dera ordem aos seus homens para avançar. O inimigo tinha de avançar por ali, quarenta ou cinquenta homens avançariam pelo talude, e à sua frente encontrariam o Comissário. Era um filme. Lutamos, que estava no grupo do Comissário, também percebeu o que se passava. Saiu da sua posição, correndo para o Comissário. Seriam ao menos duas armas que conteriam a contra-ofensiva inimiga. Mas a sua corrida foi interrompida, a cabeça violentamente atirada para trás pela rajada da metralhadora, morreu instantaneamente. Em breve tudo estaria acabado, pois uma bazukada inimiga destruiria o refúgio precário de João. Sem Medo pensou: Era um filme. E ele espectador. E depois, como sempre, o formigueiro nasceu no ventre de Sem Medo. Gritou, saltando do abrigo: «MPLA avança!» Correu, atirando a primeira granada. Teoria seguiu-o, logo Verdade e Muatiânvua. E a seguir os outros. Sem Medo estava a dez metros do talude, quando a rajada da Breda o apanhou em pleno ventre. Caiu de joelhos, apertando o ventre. Teoria abaixou-se para ele. – Ao ataque! – gritou ainda Sem Medo, ajoelhado, apertando o ventre. O Pau Caído estava tomado. Os guerrilheiros recuperaram o que podiam carregar: as armas e munições em primeiro lugar. Depois se retiraram levando Sem Medo e o cadáver de Lutamos.

No ponto de recuo, Pangu-A-Kitina tentava estancar a hemorragia de Sem Medo. O sangue corria em abundância, era impossível estancar a hemorragia. João apertava a mão do Comandante a pedir perdão. Todos rodearam o corpo de Sem Medo. Os tugas atiraram morteiros para o Pau Caído. *A vida de Sem Medo esvaía-se para o solo do Mayombe, misturando-se às folhas em decomposição. Os obuses caíam agora a duzentos metros deles. (p.243)* A amoreira gigante à sua frente, com o tronco destacando-se, mas a folhagem dele mistura-se à folhagem geral e é de novo o sincretismo. Só o tronco se destaca, se individualiza. Tal é o Mayombe, os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. Os olhos de Sem Medo ficaram abertos, contemplando o tronco já invisível da amoreira gigante. O Comissário vê que Sem Medo morreu e ordena que o enterrem ali mesmo. O Comissário atira-se de joelhos no chão e o seu punhal mordeu com raiva a terra. Um a um, os guerrilheiros ajoelharam-se ao lado dele e imitaram-no. Puseram na cova os corpos do Comandante e de Lutamos e taparam-nos. O Chefe de Operações disse: *Lutamos, que era cabinda, morreu para salvar um kimbundo. Sem Medo, que era kikongo, morreu para salvar um kimbundo. É uma grande lição para nós, camaradas. (p.244)*

Milagre afastou-se dos outros e lançou um obus de bazuka que foi estourar no tronco da amoreira, a cem metros deles. *Dentro de dias, o lugar ficaria irreconhecível. O Mayombe recuperaria o que os homens ousaram tirar-lhe.* (p.244)

EPÍLOGO

O NARRADOR SOU EU, O COMISSÁRIO POLÍTICO.

A morte de Sem Medo constituiu para mim a mudança de pele dos vinte e cinco anos, a metamorfose. Dolorosa, como toda metamorfose. Só me apercebi do que perdera, quando o inevitável se deu. Sem Medo resolveu o seu problema fundamental: para se manter ele próprio, teria de ficar ali, no Mayombe. Eu evoluo e construo uma nova pele. Há os que precisam de escrever para despir a pele que lhes não cabe já. Outros mudam de país. Outros de amante. Eu perdi o amigo. Aqui, a mil quilômetros do Mayombe, rodeado de amigos novos, onde vim ocupar o lugar que ele não ocupou, contemplo o passado e o futuro. E vejo quão irrisória é a existência do indivíduo. É, no entanto, ela que marca o avanço no tempo. Penso, como ele, que a fronteira entre a verdade e a mentira é um caminho no deserto. Quantos há que sabem onde se encontra esse caminho de areia no meio da areia? Existem, no entanto, e eu sou um deles. Sem Medo também o sabia. Mas insistia em que era um caminho no deserto. Por isso se ria dos que diziam que era um trilho cortando, nítido, o verde do Mayombe. Hoje sei que não há trilhos amarelos no meio do verde. Tal é o destino de Ogun, o Prometeu africano. (pp.247/8)

DOLISIE, 1971

SÍNTESE DO ENREDO

Um grupo de guerrilheiros liderado pelo Comandante Sem Medo faz um ataque a um grupo de exploração de madeiras. A intenção fundamental é destruir as máquinas dos portugueses exploradores, mas preservar os trabalhadores explorados, que depois serão libertados logo que devolverem suas ferramentas e objetos pessoais, inclusive dinheiro, com uma explicação ideológica que visa cativar simpatizantes para a sua causa. Um português consegue fugir ileso com o caminhão. A potente máquina, espécie de trator e escavadeira, é completamente destruída e os trabalhadores são feitos prisioneiros. Um problema se instaura no momento de soltá-los; o guerrilheiro Ingratidão roubara o dinheiro que era de um trabalhador, mas só foi descoberto depois que eles já tinham partido. A segunda etapa dessa missão era emboscar os soldados que certamente seriam atraídos por causa do ataque. Resolve-se então, por influência e pedido do Comissário, que logo após o ataque, irão até a aldeia e devolverão o dinheiro. E assim foi feito. No final da narrativa, o dono do dinheiro, o mecânico, integra-se ao grupo guerrilheiro.

Os guerrilheiros são liderados por três elementos que cuidam, cada um, de um aspecto: Sem Medo ou Comandante, como o nome indica, é responsável pelo treino, pela luta; Teoria, é o professor que cuida da educação e da formação; Comissário, que é o responsável pela disciplina e ideologia.

André, o superior de todos, envolve-se com a professora Ondina que é noiva do Comissário e são apanhados em flagrante. O escândalo provoca a prisão e remoção de André que é substituído por Sem Medo. Pouco

depois, chega da Base um dos subordinados de Sem Medo com a história de um ataque dos inimigos. Foi um engano dele, Teoria tinha atirado em uma cobra surucucu, mas o resultado é positivo porque Sem Medo consegue a adesão e participação de um grupo grande e, sem ligarem para o tribalismo, vão corajosamente salvar os amigos em perigo. Lá chegando, encontram os amigos bem. Como agora são muitos e realmente há um grupo inimigo na proximidade, unem-se os da Base e os que chegaram da cidade, comandados agora pelo Comissário, por determinação do Sem Medo, atacam com sucesso o acampamento inimigo, mas perdem dois combatentes nessa luta: o guerrilheiro de nome Lutamos e o Comandante Sem Medo.

ESTILO DE ÉPOCA E ESTILO INDIVIDUAL

O romance *Mayombe* inicialmente era para ser um comunicado de guerra, da luta de que participara, conforme declarações do seu autor Artur Carlos Pestana dos Santos, o Pepetela. Segundo ele, achou aquilo um tanto frio, parecendo mais um trabalho de jornalista, então resolveu reescrever. Isso nos revela não apenas como nasceu o romance, mas já mostra que a obra é uma mescla das lembranças verídicas da guerra pela libertação de Angola com a ficção idealizada por Pepetela.

O Modernismo já está consolidado e nós, no Brasil, já estávamos na terceira fase do Modernismo quando Pepetela publica suas obras. Fica difícil encaixar um autor de fora em nossas medidas, mas podemos dizer, sem sombra de dúvida, que esse romance apresenta um traço estético característico do Modernismo de 30; a denúncia social, a simpatia pelos oprimidos, assim como a fuga da linearidade e busca de inovações estruturais e linguísticas que podem ser encontradas tanto na primeira fase do Modernismo quanto na terceira fase. Nossos maiores exemplos, respectivamente, seriam Oswald de Andrade e Guimarães Rosa.

Pepetela, ao inserir, no relato com foco narrativo em terceira pessoa, aquelas confissões de diversos personagens em primeira pessoa, causa inicialmente um estranhamento, seguido de curiosidade e pressentimento, que prendem o leitor, quebram a linearidade e conduzem a uma visão mais ampla das diferenças individuais. A sua maneira de tratar os acontecimentos e personagens ora é nitidamente cinematográfico, ora torna-se fortemente reflexivo filosófico, tanto para tratar do amor quanto da ideologia. O leitor pode desgostar de uma dessas técnicas, mas será pouco provável que não se apaixone pela leitura completa. Muitos se identificarão com as posturas ideológicas manifestas e com as maneiras de se encarar e viver o amor.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Sem Medo ou Comandante, estudou em seminário, sofreu com o rigor da disciplina imposta pelos padres, mas se revoltou e passou a negar a Deus. Sofreu por causa de um relacionamento amoroso de que não consegue se libertar. Envolve-se com a mulher de um grande amigo e não sente qualquer remorso por isso, nem sentimento de culpa. É corajoso, amigo, sincero, apaixonado pela luta, mas sem se sentir preso a dogmatismo, por isso chamado de anarquista.

Comissário, único na guerrilha de quem ficamos sabendo o nome, João. Maior amigo do Sem Medo, com quem sempre está conversando e fazendo confidências. Constantemente fica envolvido por dúvidas e por ser mais novo que Sem Medo, sempre consulta a opinião do amigo. Noivo de Ondina, com quem mantém um relacionamento insatisfatório. Cresce no final com a dor de ser traído pela noiva e com o desentendimento com o Comandante.

Teoria, pelo seu nível de estudo é professor, responsável pela educação formal e ideológica, auxiliando o Comissário. Sofre complexo racial, sente-se discriminado por ser mestiço, por isso fica se oferecendo para todo trabalho difícil ou perigoso: *Os outros podem esquivar-se, podem argumentar quando são escolhidos. Como o poderei fazer, eu que trago em mim o pecado original do pai-branco?*

Ondina, tem 22 anos, professora, mulher sensual e experiente sexualmente, muito mais do que seu noivo, o Comissário, que tem 25 anos. É ousada, gosta de enfrentar e conquistar os homens. Embora ame o Comissário, enfastia-se de sua insegurança amorosa e se envolve com André e com Sem Medo.

André, típico dirigente burocrata, irresponsável, egoísta e mentiroso. Ao ser flagrado no mato com Ondina, perde o cargo, é preso, mas sente-se seguro de que vai ser libertado e ainda vai subir nos quadros governamentais graças aos seus contatos e influência.

Lutamos, discriminado pela sua etnia, demonstra dignidade e valentia, morrendo no final exatamente por isso. Vai dar proteção ao Comissário e é atingido pelo inimigo.

BIBLIOGRAFIA

1972 - *As Aventuras de Ngunga*, 1978 - *Muana Puó*, 1979 - *Mayombe*, 1985 - *O Cão e os Caluandas*, 1985 - *Yaka*, 1990 - *Lueji*, 1992 - *Geração da Utopia*, 1995 - *O Desejo de Kianda*, 1997 - *Parábola do Cágado Velho*, 1997 - *A Gloriosa Família*, 2000 - *A Montanha da Água Lilá*, 2001 - *Jaime Bunda, Agente Secret*, 2003 - *Jaime Bunda e a Morte do Americano*, 2005 - *Predadores*, 2007 - *O Terrorista de Berkeley, Califórnia*, 2008 - *O Quase Fim do Mundo*, 2008 - *Contos de Morte*, 2009 - *O Planalto e a Estepe*, 2011 - *A Sul. O Sombreiro*, 2011 - *Crônicas com Fundo de Guerra*, 2013 - *O Tímido e as Mulheres*, 2015 - *Crônicas maldispostas*, 2016 - *Se o Passado Não Tivesse Asas*.

Teatro

1980 - *A Revolta da Casa dos Ídolos*

|

Crônica

2011 - *Crônicas com Fundo de Guerra*

2015 - *Crônicas Maldispostas*

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Pepetela. *Mayombe*. Ed. LeYa, SP, 2013.

MINHA VIDA DE MENINA

Helena Morley



Cartaz do lindo filme feito a partir do diário de Helena Morley.

APRESENTAÇÃO

Este livro não permite a mesma sistemática feita nos demais livros em virtude do seu gênero; que é o diário. Procurei selecionar e condensar o que pude, mas confesso que foi um martírio para mim, porque tudo é tão belo, sincero e puro, que cada corte doía muito em mim. Por isso, peço a todos que leiam primeiramente o original da Companhia das Letras e, só depois, estudem por esse condensado. O que não sucede com os demais trabalhos, que tanto podem ser lidos antes ou depois da leitura dos originais. Já o livro *Sagarana* estava oferecendo muita dificuldade aos estudantes de um cursinho preparatório para o vestibular, que após lerem nosso trabalho, retomaram a leitura com facilidade e prazer.

É bastante conhecida a trajetória do livro *Minha Vida de Menina*; escrito no final do século XIX como um diário, em que a autora registrava, ainda quentes, os acontecimentos verídicos da vida de Helena (pseudônimo de Alice Caldeira Brant) durante os anos de 1893 a 1895. Esse diário foi refeito e publicado somente em 1942. A obra repercutiu positivamente e arrancou elogios de nossos maiores escritores: Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa.

CONDENSADO

1893

Quinta-feira, 5 de janeiro (na íntegra) – Hoje foi nosso bom dia da semana. Nas quintas-feiras mamãe nos acorda de madrugada, para arrumarmos a casa e irmos cedo para o Beco do Moinho. É o melhor recanto de Diamantina e está sempre deserto. Mamãe chama Emídio, da Chácara, e põe na cabeça dele a bacia de roupa e um pão de sabão. Renato leva no carrinho as panelas e as coisas de comer. Mamãe e nós duas, eu e Luisinha, entramos debaixo da ponte para lavar a roupa. Emídio, o crioulo, vai procurar lenha. Renato vai pescar lambaris; nunca vi tanto como ali. Nhonhô põe o visgo e fica de longe à espera de passarinhos. Cai um, ele

Geraldo Chacon

corre, limpa o pé do pobrezinho com azeite e mete na gaiola. Nós ficamos lavando a roupa e botando pra corar, enquanto mamãe faz o almoço de tutu de feijão com torresmos e arroz. Depois disso batemos as roupas na pedra, enxaguamos e pomos nos galhos para secar. Agora é só procurar frutas no campo e ninhos de passarinho. Na volta, Renato enche o carrinho de lenha, por cima das panelas, e Emídio também ainda traz um feixe de lenha em cima da bacia; a roupa fica dobradinha embaixo. Que economia seria para mamãe, agora que a lavra não tem dado nada, se pudéssemos ir à ponte todos os dias, pois Renato e Nhonhô vendem tudo que trazem, no mesmo dia.

Comentário: A narradora revela, com sua linguagem coloquial e suas frases curtas, não só um dia de sua vida, mas vários hábitos e costumes de seu tempo que ainda eram cultivados nas cidades do interior nas décadas de 1950 e 1960, conforme podemos comprovar com pessoas septuagenárias.

Quarta-feira, 18 de janeiro – Conta que sua família foi à casa de uns amigos que eram muito bons e que sempre os recebiam muito bem. Sua mãe ganhava frutas, ovos, frangos e verduras. A dona da casa, Mariquinha, dizia sempre que sua irmã era muito parecida com a filha dela, que estudava fora. Mas quando a menina voltou e a viram, ela era tão diferente que todas se puseram a rir. Não conseguindo se conter, saíram todas para rir lá fora. Só o pai ficou dando explicações para a coitada da Mariquinha. Até sua mãe saiu dando risada e ela comenta: “É dela que puxamos esse riso solto”.

Sábado, 21 de janeiro – Conta o caso da menina Arinda que com ela e outros brincando na lavra encontrou um diamante, recebendo por ele cinco notas de cem mil-réis. Ela levou o dinheiro para o pai. Ele disse que aumentaria o dinheiro, explorando um lugar em que havia diamante. Quando chega em casa ela conta ao seu tio e a seu pai, que comenta: *Que idiota! Eu sei onde ele vai enterrar o dinheiro; é naquela gupiara¹⁶³ do Bom Sucesso que nós já lavramos.*

Comentário: Ela inicia com um dito de sua avó sobre a sorte e conta esse caso para ilustrar, pois a pessoa teve um momento de sorte e não soube aproveitar.

Quarta-feira, 15 de fevereiro – Anota nesse dia que já terminou o período de carnaval e ela não pôde aproveitar, porque sua vó não permitiu. Diz que a vontade de participar foi despertada por sua tia Quequeta, que contou um caso ocorrido em sua juventude. Uma amiga dela colocou máscara e disfarçando a voz, provocou seu pai no baile durante toda a noite, deixando-o apaixonado. Quando a vó recusou, Helena saiu batendo o pé, chorando. Sua avó lhe deu duas chineladas, e disse: *Então chore com razão.*

Comentário: Já devem ter notado que a linguagem dela é bem coloquial e apropriada, nem precisamos ficar indo ao dicionário e colocando notas de rodapé para explicar. Além disso, algumas falhas gramaticais sempre aparecem, mas sem prejudicar o entendimento do conteúdo, como a ausência de vírgulas nesta frase: *Bati com as pernas mas não me levantei.* Além de repetições e erros gramaticais: “a ponto ~~de~~ ficar”, a forma gramaticalmente correta seria: “a ponto de ele ficar”.

Sábado, 18 de fevereiro – Anota que começou seus estudos na Escola Normal. Comprou os livros e pensa começar vida nova. Comenta que o professor de Português aconselhou todas a escrever, todo dia, sobre algo que lhes aconteça. Registra também que sua Tia Madge disse que Mestra Joaquininha lhe falou que ela era uma aluna inteligente, mas vadia e faltava muito. Acrescenta que não gosta de estudar, nem de ficar parada prestando atenção. No entanto, não sente dificuldade em escrever, porque seu pai já lhe fizera criar o hábito. Encerra se revelando: *Dois coisas eu gosto de fazer, escrever e ler histórias, quando encontro. Ainda não comecei a estudar e já estou pensando nas férias.*

Comentário: Ela não faz figura, pelo contrário, revela-se inteira todo o tempo. Fica claro aqui que ela é hiperativa e a escola ainda não estava preparada para alunos assim.

Sábado, 25 de fevereiro – Conta um caso interessante. Sua avó, aos sábados, manda um de seus irmãos ao Palácio, trocar uma nota em **borrusquês**¹⁶⁴ do Bispo. Põe numa caixa de papelão e fica sentada na sala de

¹⁶³ O mesmo que grupiara; amontoado de cascalho em lugar elevado, acima do nível das águas.

¹⁶⁴ Regionalismo de Minas, nome de um tipo de vale criado por empresário ou autoridade para solucionar falta de troco. O introdutor

jantar, à espera das pobres dela. Nesse dia, quando sua vó ia dar dois desses vales a Siá Fortunata, mãe de Bertolino, ela recusou, alegando que não precisava mais, porque seu filho achara um protetor. Sua vó, então deu os borrusquês dela às outras. A vó pede a Fortunata que lhe explique o que houve. Ela então contou que Bertolino ajudara dois falsários a escaparem de serem presos, recebendo muita nota falsa como recompensa.

Comentário: Dois aspectos curiosos; primeiro é que já naqueles anos iniciais do processo republicano os golpistas andavam à solta e segundo, vimos recentemente uma reportagem mostrando uma cidade pequena em que a prefeitura estabeleceu um dinheiro próprio, uma espécie de “borrusquês” que só vale dentro do seu município.

Quinta-feira, 2 de março – Registra que fizeram no fundo da horta uma casinha de capim para teatrinho de bonecos. Cada um fez um boneco e ficaram tão malfeitos que todos riram bastante. Comenta que esperavam ganhar dinheiro com teatro, mas descobriram que não era **possível**¹⁶⁵.

Comentário: Ainda hoje é muito difícil ganhar dinheiro com teatro. Há dezenas de grupos e centenas ou milhares de atores que já descobriram isso, mas é difícil se livrar dessa doença contagiosa. Ganhar dinheiro com teatro, só se antes ganhar fama na televisão.

Sábado, 11 de março – Comenta que por iniciativa de seu pai foram visitar os tios Henrique e Julião que há muito tempo não viam. Explica que Henrique é tio de sua mãe e tem mais de oitenta anos. Julião, que é menos velho, é primo longe de sua mãe. Ele é engraçado e distrai as visitas com suas histórias. Henrique passa o dia inteiro bebendo e comendo petiscos. O pai dela aconselha Henrique a beber menos, mas ele contesta: *Qual! Alexandre; eu bebo desde rapaz e estou com oitenta e dois anos; outros que só bebem capilé¹⁶⁶ estão indo antes de mim.*

Terça-feira, 14 de março – Todos da cidade comentam o caso do ladrão misterioso; na Chácara só se fala nisso. Helena conta que Emídio e José Pedro chegaram espantados contando uma história desse ladrão. Segundo eles, o ladrão roubara uma venda do Rio Grande e quando o dono chegou, ele fugiu. O dono apitou e todo o povo do lugar saiu correndo atrás. Quando o ladrão já estava quase sendo apanhado, transformou-se em um cupim. Helena diz que não acreditou na história, porque eles podiam pegar o cupim e trancar na cadeia. Quando ele virasse homem outra vez, já estaria preso.

Quinta-feira, 23 de março – Helena registra em seu diário que observou que a conversa de velhos é sempre a mesma. Seu pai, se não fala do serviço que está fazendo, conta os casos de outros conhecidos. Lembra que seu Tio Conrado conta o caso do homem que achou uma pedra e um amigo dissera que era diamante. Por ser pedra muito grande para ser diamante, o homem meteu o machado em cima, para provar que não era. A pedra saltou longe e ficou uma lasca. O homem levou a lasca a Diamantina e constataram que era diamante. Conrado levou o homem ao lugar onde isso acontecera e procuraram muito, mas não acharam a pedra. (Em outro registro ela revela que sempre fica muito ligada nas conversas e fofocas das pessoas mais velhas.)

Domingo de Ramos, 26 de março – Narra que sua Tia Carlota comprou uma vaca com cria, para vender o leite e sua mãe **tomou freguesia** com ela. Com o tempo, observam que o leite está se tornando aguado, então sua mãe diz à pretinha esperta, que traz o leite: *Maria, você diga a Carlota que o leite está vindo muito aguado; que ela precisa dar mais fubá ou feijão branco à vaca, para engrossar o leite.* A menina responde: *Aguado? O leite de lá é tão forte que Siá Carlota precisa pô água nele, todo o dia, pra destemperá.*

Comentário: Interessante observar que falam em pessoa “alugada” como se fosse ainda no período da escravidão. Ela emprega uma expressão “tomou freguesia” que não se usa mais, o comum é dizer “ficou freguesa”. O final parece uma piada, não é mesmo? A negrinha, com sua inocência, denuncia a safadeza da fornecedora.

desse vale em Diamantina foi o negociante francês Barrusque.

¹⁶⁵ Isso também acontece até hoje, sei disso pela encenação custosa que fiz de *Os Lusíadas* e nada de retorno.

¹⁶⁶Refresco ou xarope feito de produtos naturais, notadamente da avenca. Parece ter surgido no século XVIII.

De 12 de abril a 11 de maio – Conta que desapareceu sua galinha carijó e ela procurou a vizinha que tinha fama de ser ladra de galinhas, lançando uma praga contra quem roubava galinhas. A mulher perguntou se estaria insinuando que ela havia roubado, então Helena diz que havia rogado praga para o ladrão, mas se a carapuça lhe servia, que a vestisse. Comenta que, na Chácara de sua avó, moram ainda muitos negros e negras que foram escravos e não quiseram sair quando foi assinada a Lei de 13 de Maio. Declara que sua avó ainda sustenta a todos. Narra acontecimento ocorrido quando foram à casa da sua tia Agostinha, que fazia aniversário. Nessa noite, sua tia mandou ralar milho verde para fazer pamonhas e “**corá**”¹⁶⁷ para o jantar. A negrinha Jovina pegou o bagaço de milho, pôs numa panela, acrescentou rapadura e sal, ferveu e comeu tudo. Mais tarde, entrou a negrinha correndo, em gritos de aflição: *Me açode! Me açode! Estou cheia! Me açode!* Todos correram atrás dela que continuava gritando: *Me açode! É bagaço de milho!* Com uma pena de galinha na goela foi provocado vômito e a menina lançou muito bagaço de milho. Passado o sufoco todos se puseram a rir.

Comentário: Atenção à linguagem coloquial e emprego de regionalismo, como ela mesma destaca em outro dia, não se preocupa com dicionário, mas emprega a linguagem que lhe é familiar. Outra característica que se faz presente é o humor e o prazer que alguns sentem com os infortúnios dos outros. Em uma dessas noites ela escreve: *Não posso continuar porque meu pai já está reclamando que são horas de dormir.* Essa frase pode ser empregada em uma questão como exemplo de metalinguagem.

Quinta-feira, 1º de junho – Conta que sua tia Madge fez com que lesse *O Poder da Vontade e O Caráter*. Além de ler, precisa contar à tia tudo em detalhes. Diz que essa leitura ensinou-a a ser econômica. Isso fez com que sua mãe tentasse fazer Renato ler. Ele tentou, mas desistiu, justificando-se: *Mamãe, os dedos da mão não são iguais. A senhora preste atenção se Helena não parece até filha desse tal Smiles. Eu sou o contrário, se gostasse de ler, não ia perder tempo com Samuel Smiles; leria Júlio Verne, que é muito melhor e mais divertido.*

Sábado, 17 de junho – Era aniversário de sua tia Aurélia e as primas quiseram festejar com um teatro. Fizeram um palco de verdade e elas e os irmãos recitaram como se fossem atores. Representaram muito bem e com muita graça. Seu tio Conrado ficou muito orgulhoso com o teatrinho dos meninos. Ela ficou com pena foi da tia Agostinha, cujo filho, Lucas, também improvisara um teatro, mas inferior ao dos primos: *A tia Agostinha ontem viu que o teatro dos outros primos era muito mais importante e ficou com inveja. Tia Aurélia vive fazendo inveja às outras.*

Quarta-feira, 21 de junho – Conta que no “ano da fome” ela era muito pequena, mas mesmo assim se lembra ainda de algumas coisas. Recorda que não havia nada na cidade para se comprar, que os negociantes compravam dos tropeiros o pouco que eles traziam e vendiam pelo dobro ou triplo. Lembra que chegavam todo o dia notícias de gente morta na redondeza. E conta que toicinho era uma raridade. Quando sua avó, soube que Seu Marcelo tinha matado um porco, mandou pedir a ele para ceder uma **arroba**¹⁶⁸ por qualquer preço. Não conseguiram, mesmo assim ficaram muito alegres quando um crioulo da Chácara entrou com um prato com toicinho.

Quinta-feira, 6 de julho e Segunda-feira, 24 de julho – Ela e Luisinha passam na casa da tia Aurélia. Comenta que suas primas brincavam de fazer comidinha de boneca, mas que aos treze anos, já não gosta mais dessa brincadeira. Cada dia vê mais razão no conselho de seu pai para escrever no caderno o que pensa ou acontece. Assim poderá no futuro preservar essas recordações.

Quarta-feira, 26 de julho – Conta o que já fez e ainda fará neste dia, como passar a roupa da casa a ferro e ainda ajudar Luisinha, sua irmã. Planeja o dia seguinte: “Já estou escrevendo a carta e se tiver tempo ainda copiarei o exercício hoje. Passei roupa até agora e não acabei tudo. Amanhã vou me levantar cedinho, arear meu quarto, terminar a roupa e deixar tudo prontinho. Mamãe não gosta de ter criada porque diz que nós precisamos de trabalhar”.

¹⁶⁷ O mesmo que curau, comida doce e pastosa feita com milho verde e leite.

¹⁶⁸ Medida de peso antiga, equivalente a 15 quilos.

Comentário: É lindo como essa menina de treze anos tem o poder de síntese, de economia. O emprego da linguagem coloquial, neste diário, não ocorre como nos escritores que dominam a linguagem culta e buscam a coloquial por opção. Nada disso, ela é natural, original e impensada.

Quinta-feira, 27 de julho – Foram à chácara de Seu Ricardo. Comenta que sua mãe gosta muito das donas de lá e que sempre compram fruta ali. Hoje foram comprar “limõezinhos; é uma fruta ótima”. Diz que comeram muito, encheram o cesto e elas não aceitaram dinheiro. Conclui: *Quando a gente vai com mamãe é que é esse agrado todo. Sozinhas, nada.*

Quinta-feira, 10 de agosto – Foram à chácara depois de ser trancada com chave pelos negros, ao terminar o serviço. Ela e as primas se lembraram das ameixas e ajudaram a ela e Glorinha a saltar o muro para apanhá-las. Saltaram, apanharam as ameixas e atiravam para as que ficaram do lado de fora. Helena pulou outra vez o muro para fora, mas Glorinha, que era mais “**arada**”¹⁶⁹, ainda ficou comendo. Quando saltou, escorregou e caiu sentada num espinheiro. Gritou de dor, fazendo os adultos socorrerem. Glorinha foi carregada para dentro e teve os espinhos arrancados sob forte dor. Conclui: *Felizmente não se falou em ameixa e ninguém soube por que foi a coisa; senão vinha logo a lengalenga: “Foi castigo que Deus deu, e bem merecido!”.*

Segunda-feira, 14 e Terça-feira, 29 de agosto – Mudou-se para a vizinhança uma família muito grande, cuja mãe tem um defeito que para Helena é horrível. Vai acabando de jantar, assenta na porta da rua com a filharada e acha para catar piolho nos filhos. Comenta que ganhou dessa dona um pé-de-moleque, mas não comeu porque ficou com nojo.

Comentário: Helena, apesar da idade, é questionadora e analítica. Veja sua indagação filosófica: “Por que todo o mundo gosta de reprovar as coisas más que a gente faz e não elogia as boas? Eu e minha irmã somos muito diferentes. Eu sou impaciente, rebelde, respondona, passeadeira, incapaz de obedecer. Luisinha é um anjo de bondade e ninguém elogia Luisinha”.

Sábado, 2 de setembro – Helena conta que Cesarina curada da tuberculose, voltou hoje e foi recebida com muita alegria. Conta que Mãe Tina quando morreu deixou dois filhos com sua mãe: Cesarina e Emídio. Cesarina é muito boa, mas Emídio deu para levar seu irmão Renato para roubar fruta; então pediram a sua vó para ficar com ele na Chácara, assim ele parava de influenciar Renato.

Segunda-feira, 11 de setembro – Comenta que sua avó tem um ditado muito ruim que diz: *Remenda teu pano, que durará um ano. Remenda outra vez, que durará um mês.* Ontem ela estava com um antigo vestido branco. Rasgou-o mais e mostrou a sua avó, para ver se ganhava outro para ir à casa do seu tio Geraldo. Sua avó repetiu o ditado, coseu o vestido todo e ela teve de sair com o vestido cosido nas rendas. Como ela não gosta de ir jantar em casa de seu tio e já estava “**enjerizada**”¹⁷⁰, não se incomodou de ir com as rendas remendadas.

Quarta-feira, 13 de setembro – Conta que neste dia fez uma coisa malfeita, mas não se arrepende porque não se considera culpada. Como a casa estava cheia e não tinha lugar para estudar, por acaso, descobriu na amoreira do quintal um trançado de erva-de-passarinho que parecia um colchão. Fez um arranjo que lhe permitia sentar, para estudar, ou deitar para descansar. Acabou dormindo e acordou muito mais tarde. Todos andavam desesperados porque não a encontravam. Quando entrou na sala e viu a sua avó com o rosário na mão, compreendeu o que havia feito sem querer. As tias dispararam numa ralhação que fez a vó gritar: *Chega! Basta de tanto falar! Deixa a menina comer em paz.*

Comentário: Mais um acontecimento que mostra o traço de originalidade e independência dessa garota que, por várias vezes, demonstra o quão adiantada está de seu momento histórico.

Sábado, 23 de setembro – Helena se declara feliz com a notícia que sua mãe está de volta. Ela tinha ido a Santa Bárbara, para cuidar de seu pai. Ao pensar que vai deixar sua vó em paz, tem uma sensação de alívio. Sua vó gostaria que ela ficasse morando lá, mas Helena não quer porque não gosta que tenham cuidado demais com ela. Reclama que, na casa da vó, há um homem que gosta de pôr a sua mão entre as dele para

¹⁶⁹ O mesmo que faminta, gulosa.

¹⁷⁰ Palavra derivada da forma incorreta de ojeriza, que mineiro adulterou. Significa irritada, incomodada.

agradar a sua avó. Ela não gosta e assim declara: *Que horror eu tenho! Fico tão arrepiada que parece que minha mão está em cima da barriga de um calango. Graças a Deus ele já não está fazendo isto mais; parece que já viu que eu não gosto.*

Quarta-feira, 27 de setembro – Catarina chegou de Santa Bárbara, jantou na Chácara e foi para casa com os filhos. Trouxe uma rapadura muito grande de doce de cidra, uma lata de doce de leite, um cacho de bananas-da-terra, e muita coisa boa.

Sexta-feira, 6 de outubro – Renato amanheceu com febre de caxumba. Ficou com a cara inchada. Tio Geraldo lembrou-se de dar um primeiro presente a Renato agora, quando ele está com quinze anos. A narradora comenta que todos costumam ganhar presente dos padrinhos no seu aniversário. (Conta isso para denunciar a sovínice do tio.)

Segunda-feira, 9 de outubro – Conta que a vizinha, Mestra Joaquininha, sempre deixa os cachos de banana amarelar para apanhar. As bananeiras dão para o quintal da narradora. Neste dia, logo que chegam da escola, Helena e Renato são informados pela mãe que o macaco Chico apanhou e atirou bananas maduras no seu quintal. A mãe pensa devolver as bananas para a vizinha, mas os filhos aproveitam e comem tudo que podem.

Quarta-feira, 11 de outubro – Comenta que precisa passar roupa, mas está sem ânimo para isso, então decide escrever: *Como só de escrever eu nunca tenho preguiça, venho aqui contar a história do tempo antigo, para o futuro, como diz meu pai. Quem sabe lá se no tal futuro não haverá ainda mais novidades do que hoje? José Rabelo vive pensando urubu na balança para inventar máquina da gente voar. Que coisa boa não seria isso! Mas, melhor ainda seria inventar a gente não morrer.* (Isso nos faz pensar, a nós professores e pais, que devemos perceber as vocações de nossos pupilos para não forçar atividades que a eles desagradam ou para as quais não têm talento.)

Segunda-feira, 23 de outubro – A narradora admira-se de o professor Sebastião não ler alto o que ela escrevera ontem, porque crê que as colegas iam rir muito, como no dia que ele perguntou o sexo de boneca e ela gritou: *Boneca fêmea, boneco macho.* Ontem ela escrevera na redação: "Hoje foi um dia **em águas** para mim". Hoje ele devolveu com uma grande anotação em tinta vermelha: "**aziago**"¹⁷¹.

Quarta-feira, 1º de novembro – Conta que foi para a Escola deixando Luisinha doente. A causa disso foi sua gula. No dia anterior, ambas comeram muita goiaba. Helena, comeu aos poucos e sem as sementes, mas Luisinha comia tudo e uma depois da outra até acabar. A isso Helena atribui a cólica de sua irmã: *Hoje cedo, tomou purgante e pôs uma quantidade de caroços*¹⁷² *de goiaba que mamãe ficou pasma.*

Domingo, 5 de novembro – A narradora diz que na Cavallhada só os homens tinham relógio. Quem morava na cidade não sentia falta porque quase todas as igrejas tinham relógio na torre. O relógio da sua mãe era o galo, que não era muito regular. Conta que sua mãe chamou para a missa matutina. Ela reclamou que não podia ser, que nem dormira direito, mas sua mãe respondeu: "O galo já cantou duas vezes". Ela já estava com o café coado. Tomaram café e saíram. Foram andando as duas pelo braço da mãe. Passando perto do quartel, o soldado que estava de ronda perguntou: *Que é que a senhora está fazendo na rua com essas meninas, a estas horas?* A mãe respondeu: "Vamos à missa da Sé". O soldado disse: "Missa à meia-noite? Não é véspera de Natal; que história é essa?". "Meia-noite? Eu pensei que eram quatro horas".

Domingo, 12 de novembro – Confessa que gostou muito do que aconteceu hoje a Emídio. Tio Joãozinho mandou-o levar uma carta ao Dr. Pedro Mata e ele voltou de cabeça quebrada. O tio pergunta o que aconteceu, ele explica que foi agredido pelo homem. Descobrimo que a causa foi o tratamento empregado por Emídio, tio Joãozinho disse que o tabefe foi merecido. Emídio protestou: *Como é que o senhor queria que eu falasse? Não sou livre e tão bom como ele?* Tio Joãozinho disse: *Foi muito bem merecido esse tabefe. Com mais alguns você aprenderá a dobrar a língua para os brancos, negro sem-vergonha.*

¹⁷¹ Nesse trecho ocorre o predomínio da metalinguagem, isto é, quando a linguagem é empregada para falar de si mesma. *Aziago* é termo erudito para dizer *azarado* ou ruim, que ela disse "em águas".

¹⁷² Pôs é um eufemismo de vomitou e caroços está no lugar de sementes.

Comentário: Já vimos sinais de preconceito e racismo em outras partes do diário, mas aqui parece-nos ter sido a evidência mais forte, principalmente por estar demonstrando a consciência que o negro tem de sua libertação, de seus direitos perante a lei, e também porque o desrespeito à lei está sendo aprovado e confirmado pela narradora, que por suas ideias várias vezes mostrou mais liberdade de pensamento e consciência do que as demais pessoas de sua convivência.

Terça-feira, 5 de dezembro – Helena confessa que tem inveja é da chácara de uvas do Professor Sebastião. Quando é tempo de uvas, passa o dia inteiro uma procissão de mulheres com cestos de uvas na cabeça para a casa de Seu Sebastião, para fazer vinho. Conversa com uma colega e acha graça no que ela diz: *Não seria bom que Seu Sebastião bebesse do vinho dele bastante no dia do exame e na hora nos deixasse passar?*.

Sábado, 9 de dezembro – Helena conta que preparou para a prova de Geografia uma cola com formato de sanfoninha, mas despertou suspeitas. Os supervisores vieram vigiá-la, o que permitiu que as outras colassem sossegadas. Conclui: Tive de entregar a sanfona. *Depois desse exame, os outros foram na mesma toada. Vinham os professores se distrair comigo e as outras colavam descansadas. Foi minha sorte*¹⁷³. *Que fazer?*

Domingo, 24 de dezembro – Fala de seu pai e da causa de serem pobres. Quando seu pai foi convidado por Geraldo para ser sócio no serviço do Santo Antônio, sua mãe fez uma novena a Santo Antônio para que ele a avisasse se isso seria bom, e um velho mineiro disse que aquela mina estava esgotada. Seu pai desistiu da participação e a mina foi um sucesso. Sua mãe conta o sofrimento dela e de seu pai, quando o serviço foi aberto e os diamantes começaram a aparecer em grande quantidade. Helena conclui: *Eu não sei como mamãe ainda pode acreditar em Santo Antônio.*

1894

Domingo, 7 de janeiro – Helena e a mãe visitaram a professora de Bom Sucesso, Júlia, que sempre dizia: *Estou só guardando a escola para Helena.* A narradora, ouvindo isso, já se via na escola dando aula. Nesse dia, para sua surpresa, Júlia disse: *Os planos de Helena já se vão por água abaixo, Dona Carolina. A senhora já soube que vou me casar breve? Já arranjei até substituta.* Helena falou que talvez ela também encontrasse um rapaz de quem gostasse e não iria precisar lecionar. Júlia concordou com ela.

Quarta-feira, 10 de janeiro – Sentaram à frente do rancho, a família toda. Cada um com uma atividade. Certa hora, Helena pergunta: *Vocês não pensam para que a gente vive? Não era melhor Deus não ter criado o mundo? A gente trabalha, come, trabalha de novo, dorme e no fim não sabe se ainda vai parar no inferno.* A mãe fica chocada com o que ela diz e insiste que se deve amar a Deus. Renato disse: *Sabem o que estive pensando? Não há esse negócio de céu nem de inferno nada; isso tudo é conversa de padre. Eu penso que a vida é como um punhado de fubá que se põe na palma da mão; quando se assopra vai embora e não fica nada.* Mamãe ficou horrorizada e perguntou: *A quem você saiu com estas ideias?*

Domingo, 14 de janeiro – Comenta que a vó é muito inteligente. Ela e o marido começaram a vida na Itaipava muito pobres. O avô vivia de mineração; um dia ele tirava um diamante; outro, um pouco de ouro. Nesse tempo a mineração era proibida. Depois veio licença para mineração. Quando houve uma guerra na Serra do Mendanha o avô foi, contrariado, porque ele estava de um lado e os irmãos de sua mulher do **outro**¹⁷⁴. Quando acabou a guerra ele voltou para a Itaipava. Numa ocasião em que o avô foi abrir um serviço na lavra da Lomba, a avó fez uma novena a Nossa Senhora e ela lhe atendeu. Quando começou o serviço, descobriu um **caldeirão**¹⁷⁵ virgem. Ficou rico.

Domingo, 18 de fevereiro – Uma moça, de nome Bela, ficou como morta. O marido disse que foi feitiço de um rival. Como ela não deu mais sinais de vida, fizeram o enterro de Bela. Todos na Chácara se convenceram

¹⁷³ Sorte está aqui no sentido de destino, fado.

¹⁷⁴ Alusão provável a um encontro entre forças do governo e os liberais na Serra do Mendanha durante a revolução de 42.

¹⁷⁵ Caldeirão: concentração de diamantes formada nas depressões do leito do rio, nas regiões diamantíferas.

de que ela estava morta, menos Helena, que nem quis vê-la cair na cova e jogarem terra em cima. Glorinha assistiu tudo e disse que ouviu Bela soltar um ronco quando jogaram terra em cima.

Quarta-feira, 28 de fevereiro e Quinta-feira, 1 de março – Conta que nesse dia teve pena de Leontino na Escola. Diz que ele é muito acanhado e ficou encabulado com a vaia que lhe deram. Explica que o motivo da vaia foi porque Leontino estava com gravata que tinha sido feita com retalhos. Seu pai veio da Boa Vista com tio Joãozinho para votarem no Presidente da República e no Dr. João da Mata para **deputado**¹⁷⁶. É muita a animação na cidade que parece coisa que a todos interessa. Comenta que, acabada a eleição, ninguém mais se lembra. Confessa que gosta de ver a animação da cidade mas não acredita que isso possa adiantar nada para **nós**¹⁷⁷.

Domingo, 4 de março e Terça-feira, 6 de março – Helena critica a mania que temos de achar tudo que é de fora melhor do que o que é nosso. Doutor só tem valor vindo de fora. O que é nosso não presta, só de outras terras é que é bom. Ela confessa que também era assim, mas promete que não vai mais pensar assim. Conta que teve uma grande tristeza. Isso porque sempre vendia os ovos de suas galinhas, mas resolveu chocar a última dúzia. Diz que fez um ninho e cuidou de tudo, mas quando os pintinhos nasceram, foram comidos pela gata. Se tivesse coragem, revela, teria enforcado a gata, como as vizinhas Correias fizeram.

Sábado, 10 de março – Seu pai tinha ido segunda-feira para Bom Sucesso, onde está fazendo um **serviço**¹⁷⁸. Ele estava com muita esperança na apuração, mas anda tão azarado que ninguém mais espera sorte na família. Só ele é que diz sempre: "O dia há de chegar". Helena declara que hoje foi dia de festa, porque ele voltou com vários diamantes pequenos. Porém, não conseguiu muito dinheiro, porque as pedras não eram de boa qualidade. Assim mesmo ele espera salvar o prejuízo do ano passado.

Sábado, 24 de março – O pai de Helena acha muita graça dos negros da Chácara não saírem do fundo do quintal senão para verem enforcar o judas. Era Sábado de Aleluia e a família tinha acabado de almoçar quando foi passando a negrada toda de roupa limpa. A Avó perguntou: *Que é isto? Aonde vão todos assim?* Benfica respondeu: *Giniroso e nós tudo vão vê inforcá o juda que vendeu Nossinhô?* Vovó respondeu: *É isso mesmo, têm toda a razão, podem ir.* E lá foram eles, cada um com sua **manguara**¹⁷⁹ para esbordoarem o judas.

Comentário: É gracioso o modo como ela registra as festas e costumes populares assim como o modo de falar dos incultos.

Quinta-feira, 5 de abril e Sexta-feira, 6 de abril – Descreve um dia de lavagem de roupa no Rio Grande e quão divertido é para ela: *Para nós, descer para o Rio Grande, o Beco do Moinho ou a Palha é o mesmo que subir para o céu. Fomos encontrar Cesarina já com a roupa quase toda estendida para **quarar***¹⁸⁰. *Depois tomamos banho no Glória e subimos já com as roupas enxutas.* Comenta Helena que não entende a razão de se dar presente aos ricos. Aos pobres é que se deve dar. Helena conta que gostaria de ficar invisível para entrar nas casas dos ricos e roubar o seu dinheiro para repartir com os pobres. Diz ainda que sempre divide sua merenda com duas crianças negras que encontra no caminho da escola. (Essas duas crianças terão um fim trágico, patético.)

Segunda-feira, 9 de abril – A mãe da narradora foi com seus irmãos passar três dias na Boa Vista, e ela, para não perder as aulas, ficou no Jogo da Bola. Comenta que se já gostava de tia Agostinha, agora passou a estimá-la ainda mais. Sente forte desejo de ajudá-la, porque vê a dificuldades de sua tia e o modo fervoroso e otimista com que ela lida com as situações.

¹⁷⁶ Conselheiro João da Mata Machado, que foi Ministro de Estrangeiros na Monarquia e era Presidente da Câmara dos Deputados por ocasião da revolta de 93, tendo sido preso por Floriano.

¹⁷⁷ Caro leitor eleitor, você julga que algo mudou?

¹⁷⁸ Já vimos outras vezes esse termo "Serviço" ser em pregado para designar a mineração.

¹⁷⁹ Bengala, cajado ou bastão.

¹⁸⁰ O mesmo que "corar", isto é, deixar a roupa estendida para receber os raios e o calor do sol.

Quinta-feira, 12 de abril – Comenta que contou ao Padre Neves a tese, que ouvira de um rapaz, que o homem veio do macaco. O sacerdote lhe disse que era um grande pecado ouvir essas coisas. Ela comenta que se Padre Neves conhecesse o macaco que existe na vizinhança, até ele era capaz de acreditar. Helena recorda do macaco da mulher que rouba galinhas e conta todos os furtos que ele fez.

Segunda-feira, 23 de abril – Conta como seu irmão Renato chegou da escola e foi logo correndo atrás dos ovos das galinhas dele. O irmão não encontrou os ovos e nem conseguiu descobrir se foi a gata ou algum teiú. Sua mãe sugere que pode ter sido algum moleque. Renato viu que o portão estava aberto. Ficou desconsolado com o furto dos ovos que contava comer no jantar.

Quinta-feira, 26 de abril e Terça-feira, 1º de maio – Helena diz que não sente mais inveja. Diz que vê a diferença da sua vida e das outras e não as inveja. Helena conta todos os serviços que faz em casa e diz que gosta disso. Não entende, diz, por que até hoje todo o mundo tem pena dos escravos. Revela que ser obrigada a ficar à toa é que seria castigo para ela. Às vezes fica pensando o que seria de si se tivesse que passar uma semana inteira inativa em casa. Helena recorda o desapontamento que teve quando Naná adoeceu e Inhá mandou lhe chamar para lhe fazer companhia. Comenta que quando está com Naná em casa de sua avó, Iaiá fica comparando-a com a Naná, para aborrecê-la. A vó para defendê-la faz muitos elogios. *"Vovó, não gosto de ouvir a senhora falar assim, porque sei que a senhora pensa que eu tenho inveja. Pode ter certeza, vovó, que eu só tive inveja das outras quando era pequena. Deixe Iaiá falar."*

Sexta-feira, 4 de maio – A narradora vai passar uns dias com a família de Jeninha na Palha. Para ela são os mais divertidos. Em seguida, comparando, Helena reclama de sua vó e família que parece só saberem rezar. Critica sua avó por gastar muito dinheiro encomendando missas. Diz que estava falando da Palha e tomou outro rumo. Fala de festas religiosas de que participou e gostou. Comenta que este ano a festa de Santa Cruz foi excelente. Fala de sua participação: *Eu ajudei bastante e diverti-me com tudo. Levantamos o mastro com música e fogos, pulamos a fogueira, tiramos muita sorte.*

Sábado, 5 de maio – Conta que na terça-feira foi visitar Cecília e como tinha de voltar para fazer a redação, disse: *Não posso me demorar, porque ainda não fiz a minha redação e amanhã cedo eu vou para a Palha, e não terei tempo.* Cecília lhe propôs: *Por isto não. Eu lhe empresto meu livro você copia uma carta num átimo e leva.* Era um livro com muitos modelos de carta. Ela pega o livro emprestado e copia uma delas, já imaginando o professor elogiando, mas não foi o que aconteceu. Quando entrou na sala, o professor estava com a **ruma**¹⁸¹ de redações em cima da mesa. Quando chegou a minha vez, olhou para o meu lado e gritou: *Onde é que você descobriu o manual?* Os alunos caíram na gargalhada. Que maldade de Seu Sebastião!

Quinta-feira, 24 de maio – Helena conta que quando seu pai teve aquela sorte no serviço do Bom Sucesso, sua mãe fez que ele abrisse uma venda, para o dinheiro render. Convidaram Seu Zeca para tomar conta. (Aguarde só para ver.)

Sábado, 2 de junho e Segunda-feira, 25 de junho – Comenta que uma das coisas melhores para ela é a ceia na porta de Dona Juliana à noite. Raquel junta a comida que sobra do jantar numa panela, mexe com farinha e é sempre Helena que busca a travessa de mexido para a porta da rua. No dia 25, diz que não pode se deitar sem escrever o susto que tomaram naquele dia. Conta que estavam sentados na frente da casa e ali rezaram. Sua avó tirou o terço e quando acabou enrolou-o no braço. Depois ficaram conversando e apreciando o luar. Sua avó, sentindo que o terço estava muito frio, olha, dá um grito e sacode o braço, atirando uma coisa para longe: *"É uma cobra!"* Foram ver: era mesmo uma cobra.

Quinta-feira, 28 de junho e Quinta-feira, 5 de julho – Foi toda a família para a lavra, antes mesmo de acabarem o rancho grande, porque era aniversário de seu tio. Estavam todos na frente do rancho, quando seu pai, que não larga a **manguara**¹⁸², estava sentado em frente de Ester. Sem chamar atenção, levantou-se calado e deu uma bordoadá na cabeça de uma jararaca que estava armando o bote para o pé de Ester. Comenta que seu pai, por ser calmo, foi certo à cabeça da cobra e matou. No dia 5, a mãe de Helena e suas tias combinaram

¹⁸¹Monte, montão, pilha, grande quantidade.

¹⁸²O mesmo que bastão, bengala ou cajado.

irem todos à Pedra Grande almoçar lá. As meninas ficaram tristes ao ver os meninos lavarem os pés na água, pois era a mesma que elas bebiam na cidade. Ficaram sabendo também que morreu um burro dentro do rego e ficou lá até apodrecer. Diz que acha aquela água muito porca e declara que se ficasse pensando nisso não beberia dela nunca.

Sábado, 4 de agosto – Nesse dia a família conversou a respeito da falta de sorte deles. Todos que abrem negócio têm êxito. Helena observa que a venda deles vem se esvaziando e Seu Zeca nem a sortia, nem mandava dinheiro para sua mãe. Seu pai disse que confiava nele, mas ia ver o que havia. Seu Zeca disse-lhe que tinha muito dinheiro para receber no fim do mês e prestaria contas logo que recebesse. Havia vendido tudo fiado, mas ninguém pagou. E lá se foi o dinheiro e a venda. Seus pais decidiram nunca mais abrir negócio.

Sábado, 18 de agosto – Seus pais sempre conversam sobre a mania de sua avó e Dindinha nunca passarem sem um crioulinho para criar e gostarem tanto como se fosse branco. Helena confessa que também gosta dos negrinhos, mas não quando crescem e reclama de Nestor, um negrão muito entrão, que foi criado pela vó, e que a incomoda com a liberdade que toma em tudo. Fala com a vó que procura acalmá-la: *Mas de uma hora pra outra ele sai de casa e nos deixa em paz. Eu já estou ouvindo falar que ele quer assentar praça de soldado de polícia. Deixe as coisas como estão. Tudo passa.*

Quinta-feira, 23 de agosto – Siá Ritinha veio conversar com sua mãe. Helena se liga mais na conversa do que nos estudos. Ouve Ritinha contar que o macaquinho de sua filha Inhá foi escaldado e chegou em casa mansinho e triste. Ritinha se ressentia por não saber ao menos quem foi, porque gostaria de se vingar.

Quinta-feira, 30 de agosto – Helena comenta que a reza é muito útil para sua família. Sempre rezam e funciona, mas notou que com pessoas muito boas como Seu Juca das Neves, Deus atende sem nem ser preciso rezar. Conta que certo dia faltava a ele dinheiro para comprar toucinho, mas não se aborreceu, falou que Deus mandaria e pouco depois apareceu com dinheiro. Quando a filha dele perguntou: "Donde veio papai?" Ele respondeu: "De Deus". Helena quis saber: *Onde o senhor encontrou Deus para Ele lhe dar o dinheiro?*. Seu Neves disse que Ele mandara por linhas travessas. Um homem estava lhe devendo uns atrasados de aluguel e Deus o fez pagar naquele dia.

Comentário: Ao contrário de muitos jovens de sua idade, retraídos e temerosos com relação aos adultos, vejam que essa menina pergunta e contesta os adultos, sejam seus pais, sejam conhecidos ou estranhos. Neste caso, podemos até ver uma certa ironia nesse "Onde encontrou Deus", porque implica em duvidar e solicitar que se explique.

Sábado, 8 de setembro e Quarta-feira, 12 de setembro – No primeiro registro fala da festa de Nossa Senhora do Amparo e de um acidente. Quando acenderam os foguetes, um deles, em vez de subir, deu uma volta e se enfiou no corpo de um menino. Uns homens carregaram o menino para a farmácia de Chico Lessa. A mãe acompanhou chorando como louca. Ela não soube o que aconteceu depois, mas diz que não teve prazer o resto do dia. No segundo registro, Helena questiona-se porque suas colegas se incomodam com sua vida. Ela fala do aborrecimento que lhe causa, o fato de suas amigas quererem que ela namore, falando que ela vai ficar para tia, vai virar "facão". Ela garante que não quer nem pensar no assunto e afirma: *Casamento e mortalha no céu se talha.*¹⁸³

Quinta-feira, 20 de setembro – Conta que visitou as Pitangas, moças simpáticas e alegres. São recebidas na sala de jantar, onde as galinhas andam por toda a parte. Helena senta-se no banco e vê em cima da mesa dois sujos de galinha e no meio estava a farinha. Jacinta tira uma colher de farinha e cobre os sujos, fazendo dois montinhos. Helena sente vontade de rir, mas se contém. Jacinta sai e entra Miloca, que ao ver os dois montinhos pegou na colher, apanhou a farinha e pôs de novo na farinha. Helena conclui: "Jurei não voltar mais ali porque penso que riso comprimido deve fazer mal".

¹⁸³ Dito popular muito usado no passado.

Segunda-feira, 8 de outubro – Helena se pergunta como pode alguém pegar um vício. Mas diz que há na família um vício de que também gosta, e está ansiosa para crescer e adotar, apesar do seu pai achar feio. É o rapé. Acha bonito uma pessoa encontrar com outra, abrir a caixa de rapé e oferecer uma pitada. Revela que na família só Dindinha e tio Geraldo têm caixa de rapé, de ouro. Conta que na igreja, Dindinha colocou a sua no chão, na hora de levantar o Santíssimo. Uma mulher que estava perto jogou um lenço em cima e puxou-a para si, mas Jucá Boi viu, tomou da mulher e a devolveu.

Sábado, 13 de outubro – Pergunta-se como é que uma pessoa que gosta muito de outra tenha jeito de aborrecê-la? Cita como exemplo sua tia Madge que por gostar dela, sempre incomoda. Conta a seguir que sua tia, incomodada de vê-la exposta ao sol, providenciou umas sombrinhas. Os colegas, por não terem esse hábito, fizeram muita gozação, aborrecendo-a. Ao saber do caso, a tia e seu pai acharam que não era motivo para não usarem mais os chapéus-de-sol. Conclui: “Se a gente pudesse pensar como os mais velhos, a vida para os moços seria muito melhor”.

Sábado, 27 de outubro e Quarta-feira, 7 de novembro – Helena pensa que seria bom se houvesse ainda adivinhadores de sonhos, como no tempo de José do Egito. Conta os sonhos que tem tido e as interpretações que Mãe Tina fazia. Fala das costumeiras interpretações populares e termina comentando seu último sonho. Sonhou que tinha virado macaca. Confessa que poderia se resignar em ser macaca, mas sem rabo; e o seu rabo no sonho era enorme! Diz que se Mãe Tina fosse viva, não precisaria pedir explicação desse sonho, pois acredita que foi por ter falado do macaco de Siá Ritinha. Fala sobre as coincidências que se dão com ela. Conta que certo dia mentiu para Luisinha que tinha manchado um tecido dela de tinta e quando ela foi ver, o corte de tecido estava mesmo manchado. De outra feita, na igreja, porque o sermão estava se tornando muito longo, pensou “e se meu pai cair aqui agora?” Não tinha acabado de pensar e seu pai caiu no meio do povo. Questiona: “Não são estas coisas um mistério?”

Segunda-feira, 12 de novembro – Joviano, que já é normalista contratou com o pai de Helena para lições de inglês. Tem vindo todas as tardes das cinco às seis, e tem atrapalhado-a em seus estudos. O pai proibiu-a assim como sua irmã de rirem ou falarem durante as aulas, para não atrapalhar. Claro que elas não conseguem. Comentam isso com a irmã do Joviano, Maricas, que revela saber que seu irmão está apaixonado por Helena.

Quinta-feira, 15 a 22 de novembro – Comenta que seu pai ficou, como todos da cidade, satisfeito com a posse do Prudente de Moraes, mas que ela não crê que isso possa ter alguma influência para Diamantina. Conta as diversas atividades que sua mãe desenvolveu para ganhar dinheiro, mas que nada deu certo. Diz que há dias encontrou-se com Padre Neves em casa das tias inglesas e viu que ele teve prazer em vê-la. A tia Madge disse a ela: *Padre Neves disse que você é uma das meninas mais simples, melhores e mais inteligentes com que ele tem lidado.*

Domingo, 25 e 27 de novembro – Conta que queria uma roupa nova para comparecer aos exames finais. Então Helena decide vender um broche de ouro, guardado pela mãe numa gaveta, e que o pai disse que era para ela. No dia seguinte vendeu o broche e com o dinheiro contratou uma costureira para fazer o vestido.

Sábado, 1º e 3 de dezembro – Helena conta que ao revelar a mãe tudo que fez, ela não disse nada, mas chamou Renato, deu-lhe dinheiro e mandou recomprar o broche. Mas o comprador recusou-se alegando que já havia desmanchado a joia.

Segunda-feira, de dezembro – Foi com o vestido novo à Escola. As colegas disseram: *Isso nunca foi uniforme nem aqui nem na China. O diretor devia ver isso e suspender.* O vestido foi criado por ela, sem ver figurino algum. Conclui: *Como eu podia ter tido uma ideia tão boa! Estou gozando a inveja que causei às colegas quando passei na loja do Mota, na vinda para o almoço e na volta, e eles vieram para a porta me olhar. Foi um sucesso!*

Quinta-feira, 13 de dezembro – Sua mãe e tia Agostinha combinaram visitar Dona Elvira, no Burgalhau. Conta Helena que Dona Elvira era muito asseada, a casa toda limpa, mas na hora de servir a comida, usou

urinóis¹⁸⁴. Helena alegou falta de apetite e nada comeu por nojo. Quando saíram, Naninha lhe disse: *Boba, você perdeu. Você não viu que ela pensava que aquilo é vasilha de comida? Se ela pensasse que é para outra coisa não punha na mesa. Ela é muito asseada.*

Domingo, 16 e 20 de dezembro – Foi a um jantar na casa das Amarantes na Rua da Romana. Sua tia Madge diz que ali, no passado, seu avô trouxe um **inglês**¹⁸⁵ que ficou impressionado por encontrar um lugar tão civilizado embora longe do Rio de Janeiro. De volta para a Inglaterra ele escreveu um livro onde contava a história da festa de que participou ali e falava dos seus parentes. Helena encerra o diário desse ano comentando que se saiu muito bem no exame de música.

1895

Quinta-feira, 2 de janeiro – Helena não crê que haja outra mulher tão disposta como sua mãe para andar e trabalhar. E também faz os demais trabalharem, principalmente os filhos. Comenta que seus irmãos não têm folga. Descreve as atividades dos irmãos. Renato é de uma pachorra incrível, mas faz tudo direitinho. Sempre vai para Diamantina vender suas coisas. Arruma vassouras, gaiola de passarinhos e vende tudo, quando volta à tarde só traz o dinheiro.

Terça-feira, 5 de fevereiro – Carolina, a mãe, põe Helena e Luisinha no Colégio das Irmãs. No dia marcado para a entrada das meninas, Helena resolve não entrar e deixa suas primas e Luisinha entrarem e, disfarçando, sai por outra porta. Quando a mãe a encontra diz: *Quem vai perder é você mesma, quando vir sua irmã muito estudiosa, com bom modo.* Helena matricula-se no segundo ano da Escola e decide estudar. Dois dias depois vai com sua mãe ao Colégio visitar Luisinha. Descreve os sofrimentos e maltratos que as meninas sofrem no Colégio, desde passar uma hora ajoelhadas no chão duro, banho frio e uma comida insuportável. Helena se felicita por não ter entrado!

Comentário: Os colégios de freiras e padres eram famosos pelo rigor com que tratavam os estudantes e isso era muito valorizado pela maioria dos pais e pela sociedade daqueles tempos.

Domingo, 17 a 23 de fevereiro – Começam as aulas da Escola Normal. Helena reclama que sua mãe compra um só livro para ela e Renato estudarem. Brigam muito pelo livro até que ela desiste de estudar. Além disso, tendo a Chácara para ir todos os dias e os serviços de casa para fazer, não encontra muito tempo para estudar. Seu pai lhe diz que se prestasse atenção às aulas ela aprenderia. Comenta que sua Tia Carlota é a mais engraçada e diferente das outras tias. Acrescenta que suas tias, assim como usa mãe, só se ocupam dos maridos e dos filhos. Quando comenta com sua mãe, esta diz: *Você não sabe o ditado: 'Desde que filhos tive nunca mais barriga enchi?'* Helena observa que sua tia Carlota é muito diferente. Ela cuida de si e até nega o de comer para ela e outras pessoas. Na Escola há uma tal de Zinha que dizem ser maluca. Helena julgava que diziam isso porque a menina não se arrumava, mas um dia em que Luísa aconselhou a Zinha para não andar com o cabelo tão emaranhado, Zinha desandou numa bronca explosiva que não acabava mais, convencendo a narradora de que era maluca mesmo. Então ela pensa: *Não haveria meio de impedir os doidos de serem professores?*

Quarta-feira de Cinzas, 27 de fevereiro – Helena gostou muito do carnaval deste ano, mas todo ano ela sempre acha que foi o melhor. Avalia que foi Seu Luís de Resende quem deu maior animação ao carnaval por ter trazido do Rio muita fantasia e enfeites bonitos. Ela diz que só se aborrece no carnaval quando chega a noite, porque as primas vão para o baile e ela não.

Sexta-feira, 1º de março – Conta que neste dia terminou a tradução da fábula de La Fontaine sobre a rã que queria ficar do tamanho do boi. Por isso, não teve tempo para as outras lições. Questiona a necessidade de La Fontaine para quem vai ser professora naqueles lugares atrasados como Bom Sucesso ou Currallinho.

¹⁸⁴ Urinol ou penico era um antigo recipiente com formato arredondado e fundo chato, mantido no quarto sob a cama e usado como vaso sanitário à noite.

¹⁸⁵ Alusão provável ao Capitão Richard Burton, que nas *Explorations in 'Highlands of Brazil'* realmente descreve uma reunião festiva de que participou.

Terça-feira, 5 de março – Diz que neste dia passou ali uma pretinha de Boa Vista, sua afilhada. A mãe dela trouxe-a para visitá-la. Comenta que ao batizar essa menina teria uns dez anos, e mamãe ficou muito entusiasmada e admirada porque ela mesma resolveu fazer o enxoval da menina, porque não tinha nem um real. Pegou então umas roupas velhas e foi desmanchando e fazendo o enxoval. Gastou um bom tempo, fazendo tudo à mão, pois não tinham máquina de costura. Sua avó mostrava a todos o seu trabalho e falou-se algum tempo, no seu capricho e força de vontade.

Quinta-feira, 7 de março – Nesse dia, depois do almoço, com a tia Aurélia e tio Conrado foram ao Colégio e constataram que as primas já estão acostumadas, mas Luisinha se queixa de dor no estômago e parecia mais magra. Helena insiste com a mãe para trazê-la para casa para consultar com Dr. Teles e planeja dizer a seu pai para permitir Luisinha deixar o colégio.

Segunda-feira, 11 de março – O pai de Helena iniciou um serviço novo e escreveu à mulher que não poderia ir para casa. Helena convence a mãe a ir e ficar com o pai no final de semana, que ela tomaria conta de tudo na casa. Com essa experiência como dona de casa, por dois dias, Helena descobre como a vida é fácil, sabendo levá-la. Dividiu bem as obrigações, de modo que bem cedo acorda com Renato rachando lenha para fazer café. Luisinha, que já está boa, arruma a casa. Helena faz suas obrigações em meia hora e conclui: *Tenho estudado e escrito como nunca.*

Sexta-feira, 15 de março – Comenta que inauguraram em Diamantina uma administração dos correios com muitos fogos e muitos empregados, mas diz que seria melhor que pusessem luz nas ruas e encanassem a água. Conclui: *Isso também não seria mais útil? Sem carta ninguém morre, mas a água que corre descoberta tem matado tanta gente que podia estar viva.*

Domingo, 24 de março – Reclama dos primos que vêm visitá-la tiram a concentração nos estudos e da mãe, que não faz nada para interferir. Gostaria que ela agisse como a mãe de sua amiga que assim lhe diz perto de amigas: *Clélia, você é estudante, peça licença a suas amigas e vá estudar; elas ficam na prosa comigo.* Diz que nunca viu alguém se aborrecer com Dona Gabriela por isso.

Sábado, 6 e 9 de abril – Nesse dia, Helena entrou em casa e viu em cima da mesa uma coisa tapada com um lençol. A mãe disse: "É o Zezinho, coitadinho!" O morto era um menino bonzinho e muito estimado por ela. Conta que o garoto era filho de Mãe Tina, que fora escrava de sua mãe e amamentara a ela e aos irmãos, porque sua mãe não tinha leite. Quando Tina morreu, uma tia adotou o menino, que, segundo ela, sofria de **fome canina**. Conta que os rapazes da Escola puseram apelido nas alunas do segundo e terceiro ano. O de Maria Antônia é "Tortura", o de Elvira, "Bolacha" e ela ficou com o mesmo do ano anterior: "Tempestade".

Comentário: Se fizerem questões de outra matéria com os livros da lista, esse "fome canina" pode aparecer em questão sobre verminose.

Quinta-feira, 18 e 23 de abril – Conta que sua mãe nunca adoecera, mas acordou com febre e dor no corpo e muita tosse. Siá Ritinha ao saber disso veio cuidar de sua mãe, só deixando-a quando chegam da escola. Diz que nunca pensou ficar gostando de Siá Ritinha. Ninguém na vizinhança gosta dela porque vive se ocupando com a vida dos vizinhos e roubando as galinhas de todos. Comenta que seu pai diz que ninguém é bom nem ruim para todos. Conclui dizendo: *Tudo na vida pode acontecer. Estou mesmo convencida disso.* Conta que conversou com Luisinha e concluíram que foi preciso a mãe adoecer para reconhecerem a maldade delas com Siá Ritinha. Foi bom sua mãe ter sido boa para ela porque agora ela tem sido boa para sua mãe. Confessa que agora não acha mais que Siá Ritinha seja horrorosa. Conclui: *Mamãe diz que um pecado que ela nunca levou ao confessionário é falar da vida alheia. Eu tenho sempre que levar esse, porque, se não falo, gosto às vezes de ouvir falar. Vou agora me corrigir desse defeito.*

Sábado, 4 de maio – Conta que a quieta Luisinha fez uma coisa malfeita, que nem ela faria igual. A colega Anita levava à Escola uns cravos vermelhos que deixou em cima da mesa. Correu logo pela Escola que Anita tinha dado falta de um cravo. Anita com uma navalha dizia que iria cortar a mão de quem roubara. Helena fica sabendo que foi sua irmã, então vai até ela e arranca-lhe do peito o cravo, devolvendo à sua dona. Depois

correu à Secretaria e contou a história da navalha. O diretor subiu e tomou a navalha da colega, mas diz que ficou por isso mesmo porque ela era filha de um professor.

Domingo, 12 de maio – Foram visitar Siá Germana e Seu Ferreira, que estão bem de vida, e Helena ficou feliz de ver o ceguinho que ajudou a carregar, e que já está grandinho. Recorda quando esse menino apresentara um problema nos olhos e seu pai alertou os pais da criança que deveriam levar ao médico, senão ficaria cego. O Ferreira não deu a mínima e disse que só água de rosas iria curar, e quando enfim levou ao Dr. Teles, era tarde demais. Helena chora se culpando por não ter feito nada. Culpa também seu pai, mas sua mãe o defende: *Receita de médico custa vinte mil-réis, minha filha. Você pensa que seu pai tem dinheiro certo, como Seu Ferreira, que é relojoeiro?*

Terça-feira, 28 de maio – Nesse dia, Helena achou graça num parente bêbado que veio a sua casa. Américo é parente distante e vive faiscando sozinho nos córregos por perto. Quando ele acha ouro ou algum diamante, vem para a cidade e bebe até o dinheiro acabar. Comenta que nesse dia, o parente, João Felício, estava com eles e seu pai aconselha-o a ter força de vontade e parar de beber, que Seu Antônio Eulálio pode protegê-lo, mas o bêbado responde: *Se eu tivesse força de vontade para não beber, não precisava de proteção de Seu Antônio Eulálio! Eu é que podia proteger você e ele e muita gente.*

Terça-feira, 4 de Junho – Conta que Lucas é espirituoso e mau. Nesse dia Helena vai com a família para um jantar na casa do Lucas, para comer paca. Ela disse: *Que bom! Paca é para mim a melhor caça que há.* Foram ao jantar de Lucas. Ele recebeu todos com uma cara de safado que Helena bem conhece. Veio a sopa, o feijão, arroz, carne. . . mas nem vez da paca o que serviram era algo estranho, parecia mais um menino. Era um macaco. Encerra dizendo: *Ninguém mais pôde acabar de jantar porque parecia um crioulinho assado e nos fez nojo.*

Comentário: Vemos aqui, como em várias outras oportunidades, que não havia naquele tempo a consciência ecológica que temos hoje. Assim como os indígenas, muitas pessoas matavam e comiam animais como macaco, cotia, gambá, tatu e muitos outros.

Sábado, 8 de junho – A família de uma colega de Helena veio morar perto da sua casa. Em pouco tempo, começaram provocações de todo tipo, como atirar pedras, quebrar objetos, tentar envenenar animais e agressões físicas. Lalá, na escola, provoca Helena e as duas se enfrentam violentamente. Os colegas de Helena ajudam. Foram levadas para a Secretaria e repreendidas, mas ficou por isso mesmo.

Quinta-feira, 13 de junho – Conta que uma família que veio de fora mudou-se há pouco tempo para a rua de tia Agostinha. Passando por ali uma tarde, viram uma armação de defunto em casa e os portais cobertos de pano preto com galão dourado. Entraram e viram a velha gorda e rica estendida no caixão, com um semblante de quem dormia. Conta que no dia seguinte, passaram e não viram nem sinal de enterro. Investigam e descobrem que quando pegaram o caixão para levar, deixaram-no cair e a defunta levantou brigando, porque não se mexia, mas ouvia as duas irmãs discutindo pela herança. A ressuscitada mandara o pai levar as irmãs para a casa dele e ela decide viver sozinha.

Domingo, 14 de julho – Helena foi à Bênção do Santíssimo com Catarina. Entraram duas mulheres que não eram suas conhecidas e se sentaram perto. As duas começaram a conversar sobre doença e uma falou sobre um chá, cujas folhas só podiam ser encontradas na casa do pai de Catarina. E acabou dizendo a outra que Seu Neves era muito miserável e que ninguém conseguia nada com ele sem dinheiro. Catarina virou para trás e disse: *Os trabalhadores, os mantimentos, tudo que entra lá também é com dinheiro.* As mulheres desapontadas mudaram de lugar.

Quinta-feira, 15 de agosto – Helena fala com grande empolgação do seu “vestido de fustão branco” pelo qual tem grande afeição por ter sido o primeiro que projetou sem figurino, ela mesma escolhendo a fazenda e o feito.

Domingo, 18 de agosto – Conta que sua tia Madge a colocou como substituta sua em uma classe, mas não soube lidar e nem suportou a indisciplina dos alunos. Por não saber como lidar com isso, desespera-se e decide que jamais será professora.

Segunda-feira, 26 de agosto – Comenta que no dia anterior encontrou a Escola ainda fechada. Viu no relógio da Sé que eram seis e meia. Subiu para tomar café na casa de sua avó e a encontrou sentada na cama, cansada. A vó pede que procure o médico. Ela traz o dr. Alexandre. Diz que está muito aborrecida porque a vó piorou. Conclui: *Todas rezamos o dia inteiro, muitas velas acesas dia e noite nos altares e muita promessa também.*

Quarta-feira, 28 e 31 de agosto – Helena completa quinze anos, mas diz que é um aniversário triste. Recorda os modos de sua avó e a bondade que tem para com ela. Comenta que sua avó está doente há sete dias e dizem que se melhorar de hoje para amanhã estará salva. Confessa que agora dá razão a sua mãe quando ela diz que a vida é sofrimento, porque com a doença da vó só consegue pensar em sofrimento, em mais nada.

Terça-feira, 3 de setembro – A avó morreu! Põe-se Helena a lamentar e a dizer todo o seu amor, como se fosse diretamente para a sua vó. *Agora que estou aqui me desabafando é que me vem à memória toda a sua ternura, toda a sua bondade para comigo.* Lembra-se do dia em que se escondeu chorando e sua vó a consolou.

Domingo, 15 de setembro – Comenta que sua mãe em toda situação se lembra dos santos. Pergunta-se por que ninguém pede as coisas a Deus, sendo ele o soberano? Fala que sua mãe sempre invocava os santos, principalmente se houvesse algum santo novo. Lembra-se por isso de uma menina, Cacilda, que após morrer, invocavam como santa. Só se falava nos milagres de Cacilda. Lembra-se que, por tê-la conhecido, não teve a mesma fé. Luisinha adoeceu e sua mãe pediu a Cacilda por ela. Daí a pouco Luisinha melhorou e ela acabou tendo confiança nos milagres de Cacilda.

Domingo, 29 de setembro – Vindo da missa Helena se põe a recordar a bondade da vó, que lhe fez um vestido branco ao ver o quanto ela invejava as primas quando se vestiam de virgem. Mais do que isso, foi procurar uma amiga e pediu que um filho dela desse a mão para Helena na procissão.

Quarta-feira, 2 de outubro – Conta que seu irmão Renato entra em casa nervoso dizendo que brigou com um português que se referiu a Helena como rapariga. Ela diz que ele foi tolo e explica: *Seu Ramos, que é português, só chama as cunhadas de raparigas e ninguém acha nada de mais.*

Segunda-feira, 14 de outubro – Chegou de Montes Claros uma parenta bonita de Helena, simpática e bem vestida. Além disso, falava muito corretamente: “Dizia ‘você’ em vez de ‘ocê’”. Todos ficaram de boca aberta quando ela falou: *Aprecio sobremaneira um cacho de uvas.* Iaiá dizia: *Vocês não tiveram inveja de ver uma moça de lugar menos civilizado que Diamantina, falar tão bonito?* Na hora do jantar Helena e as primas passaram a dizer, para irritar Iaiá: *Aprecio sobremaneira as batatas fritas, aprecio sobremaneira uma coxa de galinha.*

Quarta-feira, 30 de outubro – Reclama da inspetora Siá Balduína e diz que não há necessidade dela, já que o diretor resolve tudo. Além disso, considera-a antipática e conta um bate-boca entre elas.

Domingo, 10 de novembro – Conta que neste dia morreu o último africano de sua avó. Serviu a ela até o fim com dedicação. Na morte de sua vó é que ela viu como ela era querida pelos ex-escravos. Este preto no dia da morte de vovó chorava de fazer pena, como todas as negras da casa.

Quinta-feira, 14 de novembro – Comenta que desde que a vó morreu, sua família foi morar com Dindinha na Rua Direita. Acharam conveniente, por ficar perto da Escola e dos outros parentes. A casa de sua família, foi alugada. Tudo ia em paz até o dia em que trataram de fazer o inventário, quando a casa virou um inferno. Helena pega as tias tramando e vendo que elas estavam querendo se juntar para tomarem de sua mãe o dinheiro a que ela tinha direito, entrou na conversa. Iaiá gritou: *Sai já daqui, lombriga-solitária, se não eu te pego e é de chicote!.* Correu e foi contar a sua mãe, que não resistiu e foi brigar com Iaiá.

Domingo, 17 de novembro – O inquilino saiu e a família de Helena voltou para sua antiga casa. Confessa que está fraca em várias matérias, mas não se esforça para estudar. Conforta-se com o ditado que diz: *Mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga*. E conclui: *Até agora Deus tem me ajudado*.

Quarta-feira, 20 de novembro – Helena conta que na vizinhança morava uma lenheira numa casinha em ruínas. Ela ia buscar lenha e deixava os dois filhinhos na porta, morrendo de fome e tremendo de frio. Recorda que, quando menina, ao passar para a Escola, dava a eles parte da sua merenda. Acabou se afeiçoando aos meninos. Conta como os laços de amizade foram se estreitando, troca de gentilezas, até que um dia, seu irmão Renato recebe-a com ironia, dizendo-lhe que a lenheira havia deixado dois leitões assados para ela. Helena entra e sua mãe lhe diz que eram as duas crianças da lenheira que tinham morrido carbonizadas no rancho. Helena toma iniciativa para o enterro das crianças e consegue um lugar para os sobreviventes da família se alojarem.

Sexta-feira, 22 de novembro – Nesse dia começam os exames. No exame de História, Helena estava colando quando o professor Dr. Teodomiro viu. Ela se assustou e ele, percebendo, tapou a cara com um jornal. Ela pensa em seu pai que diz que gente escura não presta, mas ela nota que na Escola os melhores são eles e os brancos são ruins.

Terça-feira, 3 de dezembro – Helena conta que no exame final, sua grande preocupação com física foi atenuada com o auxílio de Antonico Eulálio que simplificou os pontos de exame de um jeito que decorando tudo daria para fazer a prova. O professor Artur a elogia e diz que gostaria de lhe dar uma distinção na prova oral. Pergunta-lhe se está preparada em “Bombas Hidráulicas”. Ela mente que sim e pergunta: *Por que há de sair esse ponto? São tantos!* No entanto, quando enfiou a mão na urna para sortear seu ponto, saiu o quê? Bombas Hidráulicas.

Terça-feira, 10 de dezembro – No exame de Geometria ela teve mais sorte. Principalmente na prova oral. Sua colega Clélia explicou com tanta clareza o assunto, que ela conseguiu explicar os três teoremas. Acabada a exposição o professor virou para os outros examinadores e perguntou se queriam fazer alguma pergunta, mas ninguém perguntou nada.

Segunda-feira, 16 de dezembro – Helena recorda que neste dia sua avó faria oitenta e cinco anos. Recorda que era muito boa e só vivia fazendo o bem, assim como as comemorações de aniversário feitas até pelos negros da Chácara.

Quinta-feira, 19 e 21 de dezembro – Receberam hoje recado de seu pai avisando que o rancho está pronto. Sua mãe arrumou tudo e deixou com Siá Ritinha a chave da casa para ela vir dar comida aos bichos. Renato matou os frangos para a **matalotagem**¹⁸⁶. Helena se pergunta; o que seria delas se não fosse o Renato? Confessa que não seriam capazes de matar um frango. Com tudo preparado, a família está pronta pra partir amanhã, de madrugada. Saíram de Diamantina às sete horas. Almoçaram no caminho, andaram com calma, apreciando tudo e chegaram ao rancho por volta do meio-dia. Com tudo arrumado, olham da porta o serviço e os trabalhadores lavando o cascalho. Seu pai trouxe umas tábuas e arranjou uma mesa para ela escrever. Ele gosta muito quando a vê de pena ou de livro na mão.

Terça-feira, 24 de dezembro – A família toda estava debaixo de um pequizeiro, felizes da vida, quando passa uma mulher pedindo esmola. Renato diz por que ela não vai trabalhar e Helena a defende, dizendo que ali não há trabalho para ela. Então sugere à mulher para ficar com eles ajudando no que for preciso em troca de comida. Conclui: *Não tenho pena da pobreza de ninguém; só tenho dó é de quem não trabalha. Se alguém quiser me dar um castigo é me obrigar a ficar à toa*.

Quinta-feira, 25 de dezembro – Hoje, quando se levantou, já viu a mãe com tudo pronto para irem lavar roupa no rio. Chegando lá, elas ficaram na praia e os meninos entraram no mato. Helena e Luisinha encheram a bacia de roupa e se puseram a ensaboar. Depois, deixam as roupas ao sol e entram na água, catam caramujos e

¹⁸⁶ Provisão de alimentos para uma viagem.

cativos¹⁸⁷. Helena entra na água e vê muitos lambaris. Foi correndo buscar arroz e farinha, voltou, sentava-se no poço, punha a comida na saia e logo ela se enchia de lambaris. Helena ia levantando e virando-os na bacia até apanhar uma porção.

Sábado, 28 de dezembro – Helena conta que há poucos dias Renato foi contratado pelo negro Salomão, que tem oito filhos, para dar aula para os meninos dele a dez mil-réis por mês. Ele aceitou. Ela diz que é uma família de negros limpos e bem-educados, melhor e mais bem-educada do que muitos brancos que ela conhece. Como para exemplificar, ela conclui: *Margarida estava com um filho ainda no braço e a barriga muito grande esperando outro. Hoje Renato chegou e a encontrou no mesmo lugar, mas já sem barriga e com o pretinho novo nos braços. Se fosse mulher branca, tinha de ficar deitada na cama oito dias tomando caldo de galinha.*

Terça-feira, 31 de dezembro – Neste último dia do ano, Helena lembra de sua vó e sente que a alma dela os tem protegido desde que morreu. Diz que o dinheiro que a vó deixou foi pouco e seu pai pagou todas as dívidas, continuando na mineração. Encerra: *Mas logo as coisas mudaram e nossa vida tem melhorado tanto, que eu só posso atribuir à proteção da alma de vovó.*

FIM

GÊNERO DIÁRIO

Os principais gêneros literários são: lírico, épico, satírico e dramático (em versos); conto, crônica, romance e drama (em prosa). O diário normalmente não entra na lista com esses outros gêneros por ser algo pessoal e sem grandes pretensões, a menos que o gênero tenha sido uma ficção criada propositadamente para um determinado efeito, de que é exemplo *Memorial de Aires*, de Machado de Assis.

CONCLUSÃO

Não cabe neste caso falar em escola literária ou estilo de época. Podemos comentar que a autora escreve seu diário quando vigorava no Brasil a poesia parnasiana e simbolista e a prosa realista, mas seu estilo não é próprio de uma filiação a qualquer escola, mas resultado natural de sua vivência, como ela mesma diz, quando seu professor, ao corrigir uma de suas redações, escreveu com tinta vermelha a palavra “aziago” sobre sua expressão “dia de água”, para expressar um dia de azar. Revela que não se preocupa com palavras, que não consulta dicionário, mas fala do jeito que sabe e da forma que falam as pessoas de sua convivência. O que nos atrai e extasia o tempo todo é sua linguagem simples, sua confissão sincera, assim como sua postura divertida e franca.

BIOGRAFIA

No caso do gênero diário é fundamental conhecer pelo menos um pouco da vida da autora.

Helena Morley é o pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, que nasceu em 28 de agosto de 1880, em Diamantina, Minas Gerais. Estudou na Escola Normal da cidade e casou-se, em 1900, teve seis filhos e faleceu no Rio de Janeiro em 1970. Seu livro, *Minha vida de menina*, foi publicado em 1942, repercutiu logo na intelectualidade brasileira e foi traduzido para o francês por Marlyse Meyer e para o inglês por Elizabeth Bishop.

A escritura do diário aconteceu na sua puberdade, na Diamantina do final do século XIX (1893 a 1895). Entre

¹⁸⁷Pedras e minerais que indicam presença de pedras e metais preciosos.

os doze e os quinze anos, registrava seu dia-a-dia na família e sua vivência na escola, e fazia comentários sobre a maneira e os costumes de seus parentes e conhecidos. Em alguns casos ela tem visão crítica e contesta os hábitos de então (denunciando as contradições sociais), mas em algumas situações, podemos ver que ela não se libertou de todo de alguns preconceitos. Naquele tempo a escravidão havia terminado, mas o trabalho livre ainda não tinha leis que o regessem, e muitos ainda viviam como escravos. Havia também, como podemos perceber, negros que embora libertos, não se vão, e ficam no sossego, trabalhando com pouco esforço, como os da chácara da vó de Helena. A qualidade literária e o registro histórico chamaram a atenção de escritores como Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa e Elizabeth Bishop. O livro foi adaptado para o cinema, sob a direção de Helena Solberg, com trilha sonora de Wagner Tiso, com Ludmila Dayer interpretando magistralmente a protagonista e narradora.

.....

QUADRO SINÓPTICO

MODERNISMO 3ª FASE

I – DATAS INICIAIS

Portugal – 1940, publicação de *Gaibéus* de Alves de Alves Redol.

Brasil – 1945, publicação de *O engenheiro*, de João Cabral de Melo Neto.

II – CONTEXTO HISTÓRICO

- Fim do conflito mundial e início da guerra fria.
- Queda de Getúlio Vargas
- Início da redemocratização do país.
- Revolução chinesa (1949)
- Suicídio de Getúlio Vargas (1954)
- Revolução cubana (1959)

III – CARACTERÍSTICAS

- Retomada do regionalismo, mas sem conotação política.
 - Universalização do regional e particular.
 - Abordagem do físico, mas com intenção metafísica.
 - Renovação da linguagem.
 - Introspecção, investigação profunda do “eu”, valorização do espaço interior e dos anseios existenciais. (Clarice Lispector)
- * *Mayombe* e *Minha vida de menina* não devem ser rotuladas, nem enquadradas em qualquer vertente. A primeira por se tratar de literatura africana que é novidade em nossos estudos e a segunda por ser um diário, de uma garota, no final do século XIX, sem preocupação estética.

IV – AUTORES

Portugal: Ferreira de Castro, Alves Redol, Fernando Namora, Vergílio Ferreira, Carlos de Oliveira, Agustina Bessa-Luís.

Brasil: Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto.